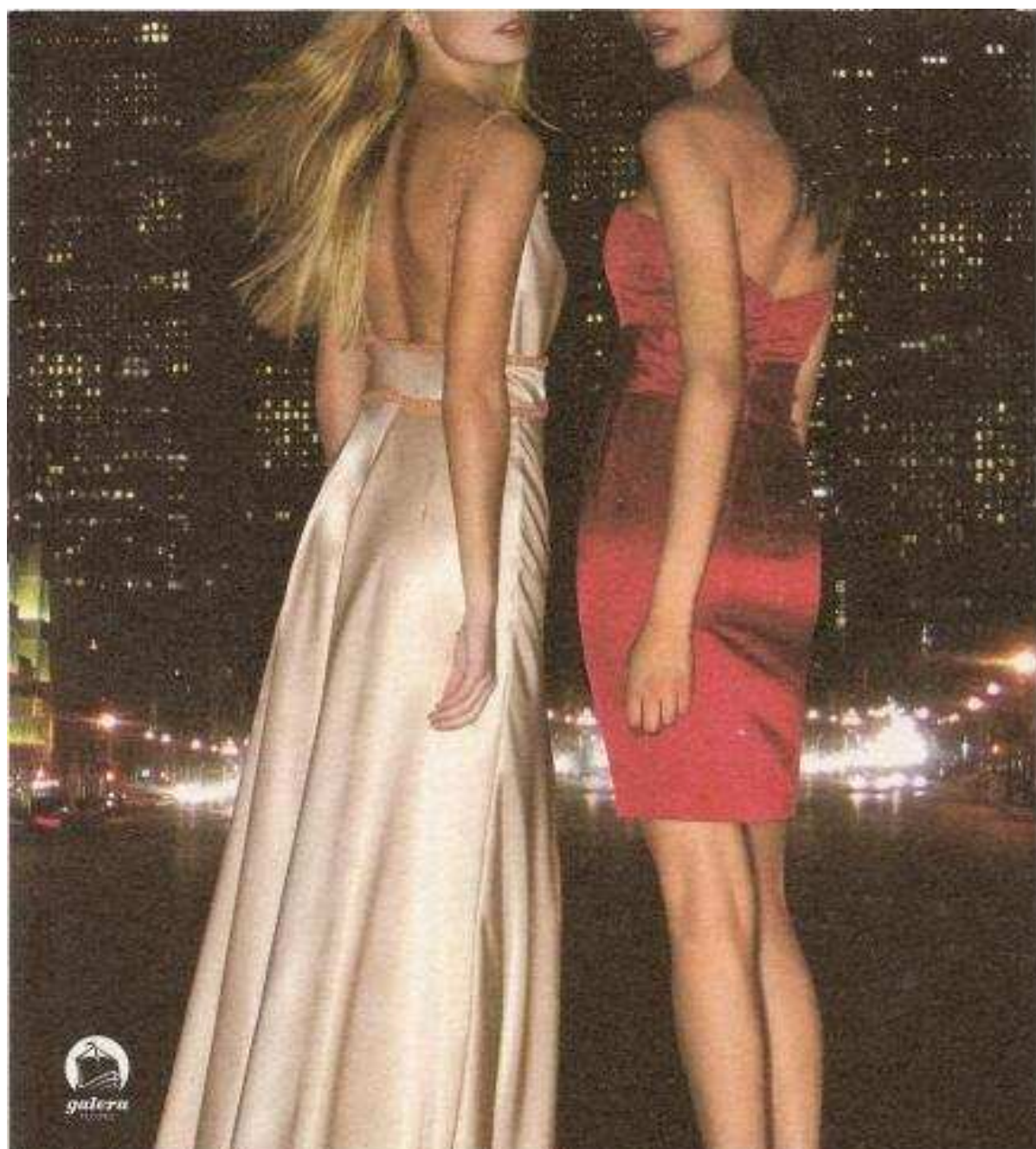




só podia ser você

gossip girl

O INÍCIO

Cecily von Ziegesar



A photograph of two women standing on a city street at night. The woman on the left is wearing a short, red, strapless dress and black heels. The woman on the right is wearing a long, light-colored, strapless dress and white heels. They are both looking away from the camera. The background shows city lights and a blurred street scene.

VOCE OLVIU
OS RUMORES

Finalmente, *Gossip Girl*
revela o que de fato
aconteceu antes do
começo da série
best seller do
New York Times.



Abas:

Desde cedo aprendemos que toda história tem um começo, certo? Isso é óbvio. Mas todo começo de história merece ser contado? Alguns são tão entediantes e sem graça, que merecem ficar para sempre na gaveta. Outros como os nossos amados personagens do Upper East Side merecem ser contados e recontados, principalmente com os detalhes picantes da nossa querida fofqueira Gossip Girl.

Como sempre, tudo começa com um garoto e uma garota, oops, quer dizer, um garoto e duas garotas. Amigos de infância, Nate, Serena e Blair são inseparáveis. Estão sempre juntos, vão a todas as festas que importam, sabem tudo um do outro, e dormem juntos como três irmãozinhos fofos. O único probleminha é que Blair e Serena estão perdidamente apaixonadas por ele — e uma não sabe o que a outra sente! Serena dá o primeiro passo e beija Nate escondida de Blair. Ele retribui e, nesse momento, tem certeza de que Serena é a garota dos seus sonhos. Mas no dia seguinte, nenhum dos dois consegue contar a novidade a Blair. Para piorar, os pais dela estão se separando e, dramática como só Blair consegue ser, isso se torna o maior problema do universo. Com pena da amiga, Serena guarda segredo e mesmo sofrendo permanece ao seu lado. Mas a temperatura sobe em uma festa na suíte de Chuck, quando Blair finalmente se declara para um confuso Nate — que corresponde com, digamos, muita empolgação. Será o fim de uma amizade? Ou o início de um triângulo amoroso? Façam as suas apostas...

Mas não é só nosso trio preferido que recebe a atenção de nossa Gossip Girl. *Só podia ser você* está cheio de surpresas: Por que Dan era tão obcecado por Serena? Como ele e Vanessa tornaram-se amigos? Começou como amizade ou pegação? Chuck sempre foi um babaca? E Jenny? Algum dia ela foi uma menina boazinha? E o que ela faria para ter um corpo perfeito? Ficou curioso? Então comece a ler agora este esperado "o início" e prepare-se para muitas revelações!

Um dos motivos que torna a série Gossip Girl tão real é que a autora, Cecily von Ziegesar, foi criada na alta-rodada nova-iorquina e aluna de um dos mais chiques colégios da cidade, convivendo com pessoas tão requintadas, elegantes, fúteis e divertidas como os personagens que criou. Ela mora no Brooklyn com o marido, o filho, filha e um gato quase sem pelos chamado Pony Boy. Atualmente, ela escreve os livros de sua nova série.

"Gossip Girl seria mais uma história de amor e intrigas entre adolescentes não fosse a dose cavalaresca de sarcasmo que contém."

— O ESTADO DE S.PAULO

"Os livros são gostosos de ler, divertidos e ao mesmo tempo cruéis."

— JORNAL DO BRASIL

"Vai resistir?"

— CAPRICHÔ

"As altas doses de humor dessa autora ferina permitem a seus leitores a oportunidade de ver o próprio mundinho com uma saudável distância crítica."

— O GLOBO

www.galerarecord.com.br

www.gossipgirl.com.br

For nobody else, gave me a thrill —with all your faults, I love you still. It had to be you, wonderful you, it had to be you.

— Como cantou FrankSinatra,

"Ninguém mais me emocionou — com todos os seus defeitos, eu ainda te amo. Só podia ser você, tão maravilhosa, só podia ser você."

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Já tiveram a sensação totalmente bizarra de que alguém está ouvindo suas conversas, espionando você e seus amigos enquanto bebem cafés lattes na escadaria marfim do Metropolitan Museum of Art, seguindo vocês a estreias e festas, basicamente te perseguindo? Bom, e estão fazendo isso mesmo. Quer dizer, eu estou. E a verdade é que eu estive aqui o tempo todo, porque eu sou uma de vocês. Uma entre os Eleitos.

Você não sai muito? O cabelo está tão processado que fritou seu cérebro? Talvez você não seja um de nós e não faça ideia do que estou falando ou de "quem" somos. Somos um grupo exclusivo de pessoas indescritivelmente lindas que por acaso moram naqueles prédios majestosos de toldo verde e porteiro de luvas brancas perto do Central Park. Frequentamos as escolas particulares mais elitistas de Manhattan. Nossas famílias têm iates, casas de campo e vinhedos em vários lugares exóticos de todo o mundo. Vamos às melhores praias e aos resorts de esqui mais exclusivos na Áustria e em Utah. Conseguimos de imediato as mesas nos melhores restaurantes nos bairros mais chiques sem precisar fazer reserva. Nós chamamos atenção. Mas não nos confunda com atores de Hollywood, modelos ou astros do rock – essa gente que você acha que conhece porque lê tanto sobre elas nos tabloides, mas que na verdade são completamente chatas se comparadas aos personagens que interpretam ou às baladas que cantam. Não há nada de tedioso sobre mim ou meus amigos, e quanto mais eu falar disso, mais você vai ficar morrendo de vontade de saber. Ficamos em silêncio até agora, mas aconteceu uma coisa e, se eu não partilhar isso com o mundo, vou explodir.

a maior história de todos os tempos

Aprendemos esta semana, em nosso curso de redação criativa do segundo ano, que a maioria das grandes histórias começa de uma das seguintes maneiras: alguém desaparece misteriosamente, ou um estranho chega à cidade. A história que estou prestes a contar é do tipo "alguém desaparece misteriosamente".

Para ser específica, **S** sumiu. A escadaria do Met não é mais agraciada com seu esplendor louro. Não somos mais distraídos na aula de latim pela visão de suas mechas claras se enrolando em seus dedos longos e magros enquanto ela pensa em certo menino de olhos esmeralda.

Mas segure a onda aí, vou chegar lá daqui a pouquinho.

A questão é que **S** desapareceu. E para resolver o mistério de por que ela foi embora e para onde foi, vou ter que voltar ao último inverno – o inverno de nosso segundo ano no colégio - quando o creme de rosto LaMer bateu no ventilador e a nossa linda bolha pink com aroma de rosas explodiu. Tudo começou com três amigos inseparáveis, perfeitamente inocentes e überlindos de 15 anos. Bom, agora eles têm 16, e digamos que dois deles não são assim tão inocentes.

Um épico como este exige uma escriba observadora e de raciocínio rápido. Que seria eu, uma vez que eu *realmente* estava na cena de todos os crimes e por acaso tenho um

olhar impecável para os detalhes mais ultrajantes. Então, sente-se, enquanto revelo o passado e os segredos de todos, porque eu sei de tudo e o que eu não sei vou inventar com muitos detalhes.

Admita, você já está caidinho por mim.

Pra você que me ama,

gossip girl

como a maioria das histórias picantes, esta começou com um garoto e duas garotas

- Trégua - gritou Serena van der Woodsen enquanto Nate Archibald cobria seu corpo em um monte de neve branca de um metro de altura. Fria e úmida, a neve entrava pelas orelhas e descia pelas calças. Nate mergulhou em cima de Serena, com todo o seu 1,77m de masculinidade perfeita, de cabelos castanhos dourados e olhos verdes cintilantes. Ele tinha cheiro de Downy e de sabonete de sândalo L'Occitane que a empregada estocava no banheiro. Serena ficou deitada ali, tentando respirar com Nate por cima. - Minha cabeça está gelada – implorou ela, pegando um punhado dos cachos divinos e molhados de neve de Nate enquanto falava.

Nate suspirou com relutância, como se pudesse passar o resto da manhã ao ar livre, no frigorífico gelado que era em fevereiro o jardim dos fundos da casa de sua família na rua 82, perto da Park Avenue, em Manhattan. Ele rolou de costas e se esfregou como Guppy, o golden retriever de Serena, que tinha morrido há um tempão, quando ela costumava deixá-lo solto na grama verde do Great Lawn no Central Park. Depois ele se levantou, limpando desajeitado as bem-passadas calças cáqui Brooks Brothers. Era sábado, mas ele ainda estava com a mesma roupa que usou a semana toda como aluno do segundo ano da St. Jude's School for Boys, na East End Avenue. Era o uniforme extraoficial do Príncipe do Upper East Side, o mesmo uniforme que ele e os colegas de turma usavam desde que começaram o maternal juntos na Park Avenue Presbyterian.

Nate estendeu a mão para ajudar Serena a se levantar. Atrás dele, assomavam os luxuosos prédios de calcário pré-guerra da Golden Mile da Park Avenue e suas coberturas com varanda e janelas de vidro laminado. Ainda assim, nada superava morar numa casa de verdade, com toda uma ala só dele e um jardim de fundos com uma fonte e cerejeiras, à distância de uma ida a pé da casa de uma das melhores amigas, da Serendipity 3 e da Barneys. Serena franziu a testa cautelosamente para Nate, preocupada que ele só fingisse para ela e estivesse prestes a atacá-la de novo.

- Eu estou com frio de verdade - insistiu ela.

Ele agitou a mão para ela, impaciente.

- Eu sei. Vem.

Ela fingiu tirar meleca do nariz e pegou a mão dele com o falso ranho.

- Obrigada, amiguinho. - Ela ficou de pé aos tropeços. – Você é um amigo de verdade.

Nate entrou primeiro. Por trás, suas pernas estavam molhadas e ela podia ver o contorno de suas coxas. Linda visão! Ele segurou as portas francesas para ela passar e se colocou de lado. Serena tirou as Uggs azul-bebê e pisou descalça - as unhas pintadas com esmalte Urban Decay Piggy Bank Pink - pelo longo corredor até a cozinha imensa, toda

branca, no estilo italiano moderno, que mal era usada na casa. O pai de Nate, o capitão Archibald, era um ex-capitão da marinha que virou banqueiro e a mãe era uma socialite francesa. Eles basicamente nunca estavam em casa e, quando estavam, iam para a ópera. - Está com fome? - perguntou Nate, seguindo Serena pelo reluzente piso de mármore branco. - Estou tão enjoado de pedir comida pelo telefone. Meus pais foram à Venezuela, ou a Santo Domingo ou sei lá onde por duas semanas, e eu ando comendo pizza ou sushi toda noite. Pedi a Regina para comprar presunto, queijo suíço, pão branco Pepperidge Farm, maçãs Grammy Smith e manteiga de amendoim. Só quero a comida que eu comia no jardim de infância. - Ele mexeu ansiosamente numa mecha de cabelo castanho-dourado e ondulado. - Talvez eu esteja passando por um tipo de crise de meia-idade ou coisa assim.

Como se a vida dele fosse estressante.

- É *Granny Smith*, seu bobo - informou Serena ternamente. Ela abriu o armário de vidro branco e encontrou uma caixa fechada de Pop-Tarts de açúcar mascavo e canela. Pegou um dos pacotes no interior, abriu-o com seus dentes bonitos e brancos e sacou uma massa com uma cobertura grossa. Comeu o canto doce e esfarelento do Pop-Tart e pulou na bancada, chutando os armários abaixo com os pés tamanho 38. Pop-Tarts na casa do Nate. Ela fazia isso desde que tinha 5 anos. E agora... E agora...

- A mamãe e o papai querem que eu vá para um colégio interno no ano que vem - anunciou ela, os enormes olhos azul-escuros ficando imensos e apáticos enquanto se enchiam de lágrimas inesperadas. Ir para o internato e deixar Nate? Doía demais só de pensar.

Nate se encolheu como se um ser invisível tivesse lhe dado um tapa na cara. Pegou outro Pop-Tart do pacote e pulou na bancada ao lado dela.

- De jeito nenhum - respondeu ele decisivamente. Serena não podia ir embora. Ele não ia deixar.

- Eles querem viajar mais - explicou ela, a curva rosada e perfeita de seu lábio inferior tremendo perigosamente. - Se eu ficar em casa, eles acham que precisam ficar mais tempo em casa também. Até parece que eu quero eles por perto, Mas então, eles marcaram para eu conhecer alguns diretores de admissão e essas coisas. É, eu meio que não tenho escolha.

Nate se aproximou alguns centímetros e passou os braços nos ombros bem definidos de Serena.

- A cidade vai ficar um saco se você não estiver aqui - disse ele com sinceridade - Você não pode ir.

Serena respirou fundo e trêmula, e pousou a cabeça louro-clara no ombro de Nate.

- Eu te amo - murmurou ela sem pensar. Os corpos dos dois estavam tão próximos que toda a lateral de Nate zumbia. Se ela virasse a cabeça e tombasse o queixo só um pouco, podia ter facilmente beijado seu pescoço lindo e quente. E ela queria isso. Ela estava morrendo de vontade de fazer isso, porque realmente o amava, de todo coração.

Amava mesmo? Peralá. Desde quando?!

Talvez desde o baile da escola na quarta série. Ela era alta para a idade e Nate foi um cavalheiro em relação a falta de ritmo dela, o modo como Serena pisava em seus pés e metia os cotovelos ossudos em suas costelas. Ele teve a delicadeza de pegar a mão dela e girá-la para que a saia de seu vestido de cetim cor de ostra Bonpoint rodasse de um jeito magnífico. A professora deles, a Sra. Jaffe, que tinha cabelo azul comprido que prendia com uma rede preta adornada com pérolas, venerava Nate. Assim como a melhor amiga de Serena, Blair Waldorf. E Serena também - mas só agora percebeu isso. Serena tremeu e sua pele perfeita e bronzeada do Natal no Caribe explodiu em arrepios.

Todo seu corpo parecia estar sofrendo uma reação adversa à ideia de revelar uma coisa que ela guardou tão bem até de si mesma por tanto tempo.

Nate passou os braços tonificados de lacrosse por sua cintura estreita e a puxou para mais perto, enfiando a cabeça dourada de Serena na curva de seu pescoço e massageando os vãos entre as costelas de suas costas com a ponta dos dedos. A melhor coisa em Serena era sua total falta de constrangimento. Todo seu corpo era longo, magro e tenso como as cordas de sua raquete de tênis Prince de titânio.

Doía ter uma amiga tão ridiculamente gata. Por que a melhor amizade dele não era um cara bundudo, cheio de espinhas e caspa? Em vez disso, ele tinha Serena e Blair Waldorf, tranquilamente as garotas mais lindas do Upper East Side e talvez de toda Manhattan, ou até do mundo todo.

Serena era uma deusa absoluta - todo cara que Nate conhecia falava dela - mas causava perplexidade de tão imprevisível. Passaria horas rindo se visse uma nuvem com formato de privada ou coisa igualmente ridícula, e no minuto seguinte estava pensativa e triste. Na maior parte do tempo, era impossível saber o que estava pensando. Às vezes Nate se perguntava se ela ficaria mais à vontade num corpo que fosse um pouco menos perfeito, que lhe desse mais *estímulo*, para usar uma palavra pomposa. Como se ela não tivesse certeza do que desejar, uma vez que basicamente tinha tudo o que uma garota podia ter. Blair era mignon, com uma linda carinha de raposa, olhos azul-cobalto e cabelo castanho ondulado. Na quinta série, Serena tinha dito a Nate que Blair meio que empinava o peito quando percebia que alguém estava olhando, e ela sempre ou estava mandando nele ou ajeitando o cabelo dele. É claro que Blair jamais admitiu que gostava de Nate, o que fazia com que ele gostasse ainda mais dela.

Nate soltou um suspiro fundo. Ninguém entendia como era difícil ser amigo de duas meninas tão lindas e tão impossíveis.

Até parece que seria assim se elas fossem esquisitas e horrorosas.

Ele fechou os olhos e respirou o doce aroma do xampu clareador Frédéric Fekkai de cidra de maçã de Serena. Ele beijou algumas garotas e até avançou um pouco mais em junho passado, com L'Wren Knowes, uma terceiranista mais velha da Seaton Arms School que realmente parecia saber de tudo. Mas beijar Serena seria... diferente. Ele a amava. Era simples. Ela era sua melhor amiga e ele a amava.

E se você não pode beijar sua melhor amiga, *quem* você pode beijar?

estudante do upper east side descobre um escândalo sexual chocante!

- Ai - Blair Waldorf gemeu para seu reflexo no espelho de corpo inteiro atrás da porta do armário. Ela gostava de manter o armário organizado, mas não organizado demais. Brancos com brancos, creme com creme, marinho com marinho, preto com preto. Mas era só isso. Os jeans estavam atirados numa pilha no chão. E eram dezenas. Era quase um jogo fechar os olhos e tatear, pegando um par que antigamente era apertado demais na bunda, mas agora que ela cortou a rotina de leite e biscoitos Chips Ahoy depois do jantar, estava meio largo.

Blair olhou-se no espelho, examinando a roupa. Sua blusa Marc by Marc Jacobs de algodão rosa e simples era bonita, como o jeans Seven. O problema era o sutiã fúcsia La Perla. Aparecia tanto pela blusa que ela parecia uma stripper do Scores. Mas ela apenas ia à casa de Nate para ficar com ele e Serena. E Nate gostava de falar de sutiãs. Tinha uma curiosidade genuína, por exemplo, sobre o propósito da armação, ou por que

alguns sutiãs eram afivelados na frente e outros atrás. Evidentemente isso o deixava muito excitado, mas também era meio doce da parte dele. Nate era só uma criança solitária que ansiava por ter irmãs.

Ah, tá.

Ela decidiu usar o sutiã por causa de Nate, escondendo todo o conjunto por baixo do cardigã de cashmere preto acinturado Loro Piana, que ela tiraria no minuto em que entrasse em sua casa bem aquecida. Talvez, ao vê-la com um sutiã rosa e sensual, Nate percebesse que estava apaixonado por ela, como Blair era apaixonada por ele.

Talvez.

Ela abriu a porta do quarto e gritou para o longo corredor e pela vasta cobertura na 72 Leste com seus móveis de época, frisos e pinturas impressionistas francesas.

- Mãe! Pai? Vou na casa do Nate. Serena e eu vamos passar a noite lá!

Como não houve resposta, ela foi até a imensa suíte master dos pais com os tamancos Kors de pele de ovelha e saltos de madeira que comprou por impulso na Scoop, abriu a porta do quarto e foi direito à cômoda da mãe. Eleanor Waldorf guardava na gaveta de lingerie um bolo alto de notas de vinte dólares para as emergências, para Blair e o irmão de 10 anos, Tyler - para táxis, cappuccinos e, no caso de Blair, ,o ocasional par muito necessário de sandálias Manolo Blahnik. Vinte, quarenta, sessenta, oitenta, cem. Vinte, quarenta, sessenta, oitenta, duzentos. Blair contou as cédulas novas em folha, dobrando-as com cuidado antes de enfiá-las no bolso de trás.

- Se eu fosse um cabernet - a voz de advogado do pai, brincalhona e confiante, ecoou pelo quarto de dormir adjacente -, como descreveria meu aroma?

Excusez-moi?

Blair bateu os tamancos até a cortina de veludo chocolate que separava o closet da mãe do quarto do pai.

- Se vocês estão aí dentro, tipo assim, transando quando eu estou em casa, é um nojo - declarou ela categoricamente. - De qualquer modo, eu vou para a casa do Nate, então...

O pai, o advogado Harold J. Waldorf III, colocou a cabeça pela cortina de veludo, mantendo-a firme na mão para que Blair não a pudesse puxar. O único ombro que ela podia ver parecia estar vestido com o roupão de cashmere Paul Smith carvão preferido dele. Mas se ele não estava nu, por que não deixava que ela abrisse a cortina?

- Sua mãe está com Misty Bass organizando os pratos para a festa beneficente do Guggenheim - disse ele, com o rosto bronzeado e bonito meio corado. - Pensei que você tivesse saído. Aonde vai exatamente?

Blair olhou para ele e depois puxou a cortina, flagrando-o ao colocar no bolso do roupão o BlackBerry imenso e preto. Ela o empurrou de lado e ficou com as mãos nos quadris entre seus ternos Valentino e Dior. Com quem ele estava falando? A estagiária? A secretária? Uma vendedora da Hermes, a loja preferida dele?

- Que foi, Ursinha? - O pai sorriu tenso para ela, os olhos azuis cristalinos parecendo inocentes demais. O que ele estava escondendo?

Com o estômago revirando de fúria e os olhos azuis brilhando de lágrimas de raiva, Blair irrompeu para fora da suíte master e marchou pela cobertura até o saguão. Pegou a bolsa Hobo Jimmy Choo Treasure Chest vermelha e laranja e correu para o elevador.

Fevereiro tinha sido incomumente cruel. Do lado de fora, estava um frio de cortar o fôlego e enormes flocos de neve caíam aqui e ali. Em geral, Blair percorria a pé as 12 quadras até a casa de Nate, mas hoje não estava com paciência para andar. Estava louca para ver os amigos e lhes falar sobre o cretino do seu pai. Um táxi esperava por ela na rua. Ou melhor, um táxi esperava pela Sra. Solomon do 4A, mas quando Alfie, o porteiro de uniforme verde, viu como estava apavorante a normalmente linda cara de Blair, deixou que ela pegasse.

Além disso, chamar táxis na neve devia ser o ponto alto do dia dele.

Os muros de pedra que circundavam o Central Park estavam cobertos de neve. Uma mulher alta e idosa e seu Yorkshire terrier, com casacos Chanel de xadrez vermelho iguais e laço de veludo preto no cabelo e no pelo brancos, atravessaram a rua 72 e entraram na loja Ralph Lauren da esquina. O táxi de Blair disparava descuidadamente pela Madison Avenue, passando pela Zitomer, Agnès B. e pela cafeteria Three Guys, onde todas as alunas da Constance Billard se reuniam depois da aula, entrou na 82 e finalmente parou na frente da casa de Nate.

- Abre! - gritou ela pelo interfone do lado de fora da elegante porta de vidro e ferro batido da casa dos Archibald enquanto martelava a campainha sem parar com a mão impaciente.

Nate e Serena ainda estavam aninhados na cozinha quando a campainha tocou. Serena ergueu a cabeça que pousava nos ombros de Nate e abriu os olhos, como se saísse de um sonho. O beijo com que eles fantasiaram não aconteceu de fato e provavelmente era melhor assim.

- Acho que agora estou quente - anunciou Serena e pulou da bancada de mármore branco, compondo o rosto para que parecesse totalmente calma e fria, coisa que eles não foram em nenhum momento. E talvez não precisassem ser - ela nem tinha certeza disso. Ela sorriu para a imagem distorcida de Blair mostrando o dedo para eles no monitor.

- Entra, meu bem! - gritou ela, abrindo a porta para a melhor amiga.

Nate tentou apagar a ideia perturbadora de que Blair o flagrara com Serena. Eles não estavam juntos. Eram só amigos que ficavam juntos, como os amigos fazem. Não havia nada para flagrar. Era tudo da cabeça dele.

Era?

- E aí, manés. - Blair entrou na cozinha com flocos de neve derretendo no cabelo castanho na altura do ombro. Seu rosto estava rosado de frio, os olhos azuis meio injetados e as sobrancelhas castanhas cuidadosamente modeladas pareciam desordenadas, como se ela tivesse chorado ou esfregado os olhos feito louca. - Tenho uma história bizarra para contar. - Ela botou no chão a bolsa laranja e respirou fundo, revirando os olhos teatralmente, estendendo ao máximo o momento. - Por acaso meu pai Sr. Advogado Totalmente Tedioso, Harold Waldorf, está tendo um caso. Há alguns minutos eu o peguei falando ao telefone no closet com uma mulher qualquer, dizendo, "Se eu fosse um vinho, como descreveria meu aroma?"

- Uau - responderam Serena e Nate em uníssono.

Blair abriu e fechou a torneira da cozinha. Seu rosto se retorceu numa careta horrível.

- Ele estava tão... *nojento!* - gemeu ela desanimada enquanto admirava o próprio reflexo na porcelana branca. Ela levantou a cabeça e colocou com cuidado o cabelo atrás das orelhas um tanto pontudas, esperando que os amigos dissessem alguma coisa tranquilizadora para que ela se sentisse melhor.

Como se isso fosse possível.

- Bom, talvez ele só estivesse falando sacanagem com a sua mãe - sugeriu Serena.

- Claro - concordou Nate. - Meus pais falam desse jeito o tempo todo - acrescentou ele, sentindo-se meio enjoado ao dizer isso. O pai ex-almirante era tão careta que provavelmente jamais *pensaria* em coisas *sexies* por medo de ir à corte marcial.

Blair fez uma careta. A ideia da mãe tonificada-de-tênis-mas-ainda-assim-rolíça com seu bronzeado de St. Barts e amante de joias em qualquer telefonema sobre sexo, ainda mais falando em cabernet, com o pai magro e mauricinho que usava meias com padrão de losangos era tão improvável e tão totalmente nojenta que ela se recusava até a pensar nisso.

- Não - insistiu ela, pegando a metade semidevorada do Pop-Tart de Serena bancada e engolindo inteira. - Era outra mulher. Quer dizer, vamos encarar a realidade - observou ela, ainda mastigando. - Papai é um gato e se veste bem, é um advogado importante e tudo. E minha mãe é totalmente biruta, não faz nada na vida e tem veias varicosas e uma bunda mole. É claro que ele está tendo um caso.

Serena e Nate assentiram as cabeças louras como se isso fizesse muito sentido. Depois Serena abraçou Blair com força. Blair era a irmã que ela nunca teve. Na segunda série, elas fingiram que eram gêmeas por um mês inteiro. A professora de educação física da Constance Billard, a Srta. Etro, que foi demitida no meio do ano por contato físico inadequado - o que ela chamava de "reconhecimento" - durante aulas de salto acrobático, até acreditou nelas. Elas usaram blusas Izod rosa iguais e cortaram o cabelo na mesma altura. Chegaram a usar brincos de argola Cartier iguais, até que concluíram que eram bregas e trocaram por diamantes da Tiffany.

Blair apertou o rosto na clavícula perfeita de Serena e soltou um suspiro trêmulo de exaustão.

- É uma merda tão grande que me dá vontade de vomitar.

Serena afagou suas costas e encontrou o olhar de Nate por sobre a cabeça castanha e reluzente de Blair, graças ao Elizabeth Arden Red Door Salon. De jeito nenhum ia levantar toda a questão de ser mandada-a-um-colégio-interno - não quando a melhor amiga estava tão triste. E ela também não queria que Nate falasse no assunto.

- Vem, vamos preparar uns martinis e ver um filme idiota ou algo do tipo.

Nate pulou da bancada, completamente confuso. De repente só o que ele queria era abraçar Blair e beijar suas lágrimas. Agora ele também era a fim dela?

Esse é o problema de ter amigos que por acaso são meninos. Não se pode separar o menino do amigo.

- Só temos vodca e champanhe. Meus pais guardam todo o vinho e o uísque bom no armário para quando têm visita - desculpou-se ele, tirando pela cabeça o moletom J. Crew cinza e provocando um ataque cardíaco nas duas meninas ao verem seu umbigo bronzeado.

Delícia.

Serena se separou de Blair e andou de bunda pela bancada até chegar ao cesto de pão, onde a maioria das famílias realmente guardava pão, mas a mãe de Nate guardava os maços de cigarros Gitanes que a irmã mandava duas vezes por mês da França por FedEx porque os que eram vendidos nos EUA simplesmente não tinham um sabor tão fresco. Ela abriu a porta e pegou o maço azul-rei.

- Acho que dá pra gente se virar com isso.

Ela abriu o maço e colocou dois cigarros na boca, imitando presas. Depois conduziu Nate e Blair para fora da cozinha, subindo à suíte master. Se havia alguém especializado em mudança de humor, esse alguém era Serena. Esta era uma das coisas que eles adoravam nela. - Vou mostrar a vocês como se divertir - acrescentou ela de um jeito bobalhão.

Ela sempre conseguia.

O quarto enorme dos Archibald foi decorado pela mãe de Nate no estilo Luís XVI, com um espelho imenso de moldura dourada acima da cama gigantesca de baldaquino com desenhos vermelho e dourado, e pesadas cortinas douradas nas janelas. As paredes eram adornadas com papel de flores-de-lis vermelhas e douradas e representações artísticas do *château* de verão da família da Sra. Archibald, perto de Nice. No chão havia um tapete persa dourado, vermelho e azul resgatado do *Títanic* e comprado num leilão pela Sra. Archibald na Sotheby's como presente ao Sr. Archibald pelo aniversário de dez

anos de casamento. A única exceção moderna na decoração histórica do quarto era a claraboia circular de vidro acima da cama, uma vigia para as estrelas.

- *Nunca fui santa? Quanto mais quente melhor?* Ou a versão remasterizada de *Quanto mais quente melhor?* - perguntou Serena, vasculhando a limitada coleção de DVDs dos pais de Nate. Obviamente o capitão Archibald gostava de filmes de Marilyn Monroe, e muito. É claro que Nate tinha sua própria coleção de DVDs no quarto, inclusive uma narração detalhada dos últimos vinte anos das regatas da America's Cup. Não, obrigada. O gosto dos pais dele era mais feminino – Ou a gente pode ver Nate jogar Xbox, o que sempre é demais – brincou ela, embora meio que estivesse falando a sério.

- Só se ele jogar pelado - brincou Blair, cheia de esperança. Ela se sentou e quicou na beira da luxuosa e imensa cama.

Nate corou. Blair adorava fazê-lo corar e ele sabia disso.

- Tudo bem – respondeu ele com ousadia, sentando-se ao lado dela.

Blair pegou um Kleenex na caixa de lenços prateada na mesa de cabeceira da mãe de Nate e assou o nariz. Ela só precisava de uma distração para o impulso dominador de agarrar Nate e arrancar as suas roupas. Ele era tão incrivelmente lindo que ela achava que podia explodir. Meu Deus, ela o amava.

Nunca houve uma época em que ela não o amasse. Ela amou o short idiota cor de lagosta que ele usou no clube em Newport quando os pais dos dois jogavam tênis no verão, quando eles tinham o quê? Cinco anos? Ela amou o fato de ele sempre ter um Band-Aid do Homem-Aranha em alguma parte do corpo até pelo menos os 12 anos, não porque tivesse se machucado, mas porque achava que era legal. Ela amava o modo como sua cabeça refletia o sol, cintilando dourada. Ela amava seus olhos verdes reluzentes - olhos que eram quase bonitos demais para um menino. Ela amava o fato de ele tão obviamente saber que era um gato, mas não entender bem o que fazer com isso. Ela o amava. Ah, como Blair o amava.

Oh, oh, oh!

Blair assoou o nariz feito uma trombeta e depois pegou no chão a caixa de DVD rosa-choque que parecia brega. Virou a caixa, examinando-a. *Bonequinha de luxo.*

- Nunca vi, mas ela é tão linda. - Ela ergueu a caixa para que Serena pudesse ver Audrey Hepburn com o vestido preto longo e as pérolas incríveis. - Não é?

- Ela é bonita - concordou Serena, ainda vasculhando os DVDs.

- Ela é parecida com você - observou Nate, tombando a cabeça de lado e examinando Blair de um jeito tão lindo que ela precisou fechar os olhos para não cair da cama.

- Acha mesmo? - Ela atirou o lenço de papel sujo na direção do cesto de lixo de porcelana branca dos Archibald e olhou a foto na caixa do DVD. Começava a passar um filme em sua cabeça e nele ela *era* Audrey Hepburn. Uma megaestrela fabulosamente vestida, magérrima, perfeitamente penteada, linda e misteriosa. – Talvez um pouco - concordou ela, retirando o cardigã de cashmere preto para que O sutiã fúcsia ficasse claramente visível sob a blusa.

Ela virou a caixa do DVD e olhou as fotos no verso. Audrey Hepburn parecia a mulher mais estilosa e mais sofisticada do mundo, mas também parecia meio afetada e formal, como se usasse lingerie sexy mas não deixasse que um homem visse, a não ser que ele se casasse com ela. Blair vestiu de novo o cardigã e fechou o primeiro botão. De agora em diante, a missão de sua vida seria imitar Audrey Hepburn de todas as maneiras possíveis. Nate podia ver seu sutiã, mas só depois que ela tivesse certeza de que um dia eles iam andar juntos até o altar da catedral de St. Patrick com alianças de casamento nos dedos e confetes voando pelo ar.

Isso fazia sentido - para ela.

- Eu vi esse filme com a minha mãe - confessou Nate, fazendo com que o coração das duas meninas derretesse em poças pegajosas no chão. - Na verdade, é meio estranho. Acho que devia ser romântico, mas não sei bem se entendi.

Era disso que as meninas precisavam. Blair colocou o DVD no aparelho enquanto Serena preparava martinis no bar vintage de aço batido na biblioteca adjacente. Isto envolvia servir Bombay Sapphire em taças geladas de martini e agitar com um abridor de cartas de prata. Era só meio-dia - não era exatamente hora de um coquetel - mas Blair estava em crise e Nate tendia a tirar a camisa quando ficava bêbado. Além de tudo, era sábado.

- Pronto - anunciou Serena, como se tivesse acabado de dar os últimos toques numa receita muito complicada. Ela entregou as taças. - A nós. Porque nós merecemos.

- A nós - entoaram Blair e Nate em coro, erguendo as taças.
Saúde!

até as cowgirls de vermont ficam melancólicas

- De quem foi a ideia de me mandar para a Constance? - perguntou Vanessa Abrams, de 15 anos, à irmã de 19, Ruby.

- Sei lá, porra. - Ruby estava na banheira, lavando o suor e o fedor do show no Pete's Candy Store da noite anterior. Ela era baixista da banda SugarDaddy, a última sensação dos bares de Williamsburg, no Brooklyn, e ficou acordada a noite toda, se divertindo. - Faz diferença?

Vanessa estava parada na soleira da porta do banheiro enquanto a irmã boiava nua na água morna com poucas bolhas, as mechas pretas e grossas de alternativa de Williamsburg coladas na testa branca e pegajosa.

- Existe algum motivo para que eu não vá a uma escola mais conveniente, menos materialista e menos cheia de cretinas, digamos, no Brooklyn, que por acaso é o bairro onde moro? - reclama Vanessa.

- Você sabe como é. - Ruby abraçou seus joelhos brancos e molhados. - Papai leu um artigo sobre aquela mulher que recicla objetos pessoais para fazer arte na *Atlantic Monthly* e a biografia da artista dizia que ela foi aluna da Constance Billard. Ele ficou tão impressionado, que quando você disse que queria vir morar comigo, ele simplesmente matriculou você lá. Ele não liga para a chatice que é estudar lá. E faz bem a ele que você esteja nessa escola de luxo o dia todo. É como se ele pensasse que a escola pode ser mãe substituta, porque está acostumada a lidar com famílias em que os pais sempre estão em Gstaad, Cannes ou sei lá onde. - Ruby se deitou de bruços, de modo que sua bunda rosa e achatada ficou em plena vista. Do lado de fora da janela encardida do banheiro, um caminhão rugiu rumo à fábrica de doces a três quadras dali. Essa era uma das coisas que Vanessa adorava em morar na áspera Williamsburg: o ar sempre tinha cheiro de algodão doce.

- Legal - murmurou ela com severidade. Vanessa virou-se para o espelho da pia, pegou uma escova verde de Ruby e começou a passar em seu cabelo naturalmente preto e na altura da cintura. Seis meses antes, em seu primeiro dia de aula na Constance Billard, todas as meninas da oitava série ficaram loucas com seu cabelo, alisando-o e penteando-o, como se Vanessa fosse uma dessas cabeças de Barbie num salão, um pônei novo ou algo do tipo. Foi claramente a única coisa de que gostaram em Vanessa. - Tá legal, então ele leu o artigo tipo vinte anos atrás. As meninas da minha turma não dão a

mínima para reciclagem nem arte. Só o que fazem é luzes no cabelo e trocar o brilho labial que ganham nas bolsas de brinde de todas as festas chiques a que vão. Além disso, você se formou na White River High e está ganhando uma boa grana sem ter que ir à faculdade.

- Eu sou uma exceção - respondeu Ruby secamente, sentando-se para espremer o xampu de bebê Johnson na palma da mão. Se eu tivesse ido para a Constance em vez de uma escola de merda em Vermont, provavelmente agora seria a primeira mulher na Presidência da República.

Vanessa examinou os poros no espelho do banheiro. A banheira era bege e a pia era amarelo-ovo - típica de Williamsburg - mas ela adorava a simplicidade do esfrangalhado apartamento de quarto e sala. Se ao menos a escola a que ela ia cinco dias na semana, o dia todo, fosse igualmente simples. Na véspera, ela passou a hora do almoço sozinha, tomando chá gelado e comendo Saltines enquanto do outro lado da mesa Kati Farkas, uma das colegas de turma de cabelos brilhantes e boca com gloss, reclamava de ter de ir velejar de novo nas Ilhas Gregas nas férias de primavera com os pais. *"Mas eu já fui a Corfu. Tipo assim, será que eles não podem levar a gente para velejar na Grécia onde tenha compras melhores, tipo Milão?"*, queixouse Kati, ignorando alegremente a geografia, a topografia e tudo no mundo, apesar dos esforços da Constance Billard de educá-la.

Não é que Vanessa tivesse toneladas de amigos em Vermont. Ela passou tantos anos sonhando em se mudar para Nova York e se tornar uma cineasta de vanguarda no estilo de Ingmar Bergman, que nem teve tempo para fazer social. Agora que os pais finalmente cederam e deixaram que ela se mudasse para a casa de Ruby, ela estava meio... entediada. Ou talvez a palavra *vazia* fosse mais adequada. Não era uma sensação nova, mas ela pensou que desapareceria quando chegasse a Nova York e não sumiu, não mesmo. Nem quando ela comia falafel feito uma porca.

- Você precisa de um projeto - observou Ruby da arranhada banheira de louça bege. O periquito de Ruby, Tofu, entrou voando no banheiro e pousou na saboneteira, onde fez cocô e começou a mergulhar o bico verde na água turva.

Vanessa pegou a filmadora digital e deu um zoom em Tofu.

- É tão bonitinho quando ele faz isso - ela riu.

Ruby revirou os olhos e afundou na água.

- Você é relativamente nova na cidade, precisa se estabelecer e fazer alguns amigos para poder ter alguma coisa para fazer além de me filmar nua na banheira, o que é totalmente pervertido e irritante, em especial quando passei metade da noite me arrebitando de tocar - ela bocejou - Por que não cria um blog ou coisa assim? Tipo assim, enche a página de imagens de cocô de periquito ou coisa parecida tem muita gente que gosta disso. Pense em todos os amigos que pode conhecer. Você podia até conhecer seu primeiro namorado assim.

Vanessa esticou o pé e chutou a saboneteira na banheira. Tofu voou para o suporte da cortina do boxe com um grasnado. O cocô flutuou na banheira como um pedaço de chiclete Juicy Fruit mastigado.

- Piranha - murmurou Vanessa antes de sair no banheiro com as botas de combate Doc Martens pretas de ponta de aço que ela usava como um grande "foda-se" à regra de "sapatos escuros simples" da Constance Billard. Não havia nada de complicado em botas de combate, mas Vanessa tinha certeza de que a escola estava pensando em alguma coisa mais na linha de um mocassim ou sapatilha de balé. Até parece. Que se fodam.

Ela se jogou de cara pra baixo nos lençóis brancos do futon desarrumado no quarto pequeno e todo branco, pretendendo engolir a irritação e o ressentimento até que Ruby

arrastasse a bunda molhada da banheira e colocasse um filme ou coisa assim. Mas o comentário de Ruby lhe deu uma ideia. Vanessa passava a maior parte do tempo livre em casa, folheando publicações de fotografia e arte alternativas e separando distraidamente as pontas do cabelo preto e longo. O estúdio fotográfico da Constance Billard era ridiculamente bem abastecido e totalmente subutilizado, e a escola devia ter milhões de dólares em orçamento. Por que não aproveitar os recursos da escola e criar uma revista de arte só dela? Ela podia pedir contribuições de suas colegas da Constance e publicar uma de suas próprias fotos sombrias e brilhantes na capa da engenhosa edição. Ela não conseguiria um namorado assim, não que se importasse, mas isso a manteria ocupada e podia até ajudar a colocá-la dentro da NYU, a Universidade de Nova York.

É claro que ela provavelmente teria de publicar um monte de fotos imbecis de pés bem-cuidados e poemas sobre bichons frisés mortos, mas também podia deformá-las eletronicamente na privacidade de seu lar. Talvez a mãe de uma das meninas, uma dona de galeria, descobrisse seu olho primitivo e intuitivo por trás da câmera e ela comesse a carreira no cinema antes até de terminar a escola de cinema da NYU. Talvez Ruby tivesse razão - ela precisava de um projeto. Criar sua própria revista de arte seria a maneira ideal de se estabelecer na cidade e mostrar a todos que ela era mais do que uma recém-chegada de Vermont, uma garota pálida, um tanto gorducha, que se vestia de preto e usava Doc Martens. E já que estava nessa, talvez ela fizesse alguma coisa diferente com o cabelo, algo inesperado.

Vamos rezar para que o que quer que ela faça não envolva cocô de periquito.

os perseguidores psicóticos podem ser mirins

- Mas você se lembra dos da mamãe, não é? Eles não são pequenos - lembrou Jennifer Humphrey, de 12 anos, ao irmão mais velho, Daniel, enquanto se sentavam à mesa de fórmica cor de banana e rachada da cozinha para tomar o *brunch* de sábado. Com o corpinho de 1,50m enfiado no mesmo pijama de fleece com pezinhos que ela usava desde que tinha 10 anos, Jenny cavoucava o recipiente gigante de iogurte de soja sabor pera na esperança de que o estrogênio natural da soja aumentasse o tamanho de seus peitos. Todo mundo na turma do sétimo ano da Constance Billard estava florescendo (Luna Skye tinha crescido dois tamanhos desde setembro!). Todo mundo, menos Jenny.

- É, mas talvez sejam falsos. Quer dizer, a gente nem sabe nada da mamãe - assinalou Dan, desganhado com uma calça de veludo cotelê marrom e suja. Neste inverno ele só usou duas mudas de roupa: calça de veludo coletê marrom e uma camisa polo preta com uma camisa branca e puída de gola rulê por baixo, tudo da Old Navy, ou calça Levi's desbotada com um casaco de capuz mostarda que ele comprou num brechó no East Village. Ele fez o rodízio das duas mudas de roupa até que elas ficaram cinzentas e Jenny finalmente cedeu, levando-as na lavanderia do porão de seu prédio. Era isso que acontecia quando não se tinha a mãe por perto para lavar a roupa, pensou Jenny com tristeza. Era irmã mais nova que tinha de fazer.

Dan colocou outra colherada de café instantâneo Falgers na caneca de plástico verde do Ursinho Puff onde ele tomava café desde que tinha 6 anos. Falar na mãe sempre lhe dava mal-estar e, como o pai dos dois, Rufus, estava fora desde a noite anterior, comparecendo a um recital que durava a noite toda com os camaradas poetas anarquistas, Jenny estava falando na mãe ainda mais do que o normal.

- Não eram falsos. Nós dois mamamos no peito, então...
- Será que dá para parar de falar nas... *partes* da mamãe? – interrompeu Dan, amuado, sentindo-se culpado quase de imediato. Jenny era a única menina que vivia numa casa com um pai imundo e esquisito e um irmão imundo e esquisito. Tinha todo o direito de falar na mãe ausente. Era um tormento a falta de feminilidade ou até de normalidade no decadente apartamento alugado no Upper West Side. Jeanette Humphrey deixou Rufus e os dois filhos quando Dan tinha 8 anos e Jenny ainda não tinha nem 6, para "se descobrir" com um lindo conde na República Tcheca. Dan preferia pensar na mãe como uma babá que cuidou deles por alguns anos e depois conseguiu outro emprego. Ele nunca parou para pensar se parecia com ela. Claramente Jenny pensava muito nisso. Ou pelo menos continuaria a pensar nisso até que enfim tivesse peitos e começasse a pensar em outras coisas. Não é que ela sentisse falta da mãe. Quem sentiria falta de alguém que abandonou os filhos, nunca escreveu, nem telefonou e mandou a cada um deles peças de roupa íntima tamanho infantil por dois Natais seguidos?

A única coisa em que Dan pensava obcecadamente era Serena van der Woodsen. *Serena van der Woodsen*. Só de pensar em seu *nome* fez com que ele agarrasse a caneca de café com os dedos suados. Serena era tão linda que ele tinha vontade de vomitar toda vez que permitia que seus pensamentos vagassem até ela; tão perfeita que era difícil acreditar que existia; tão inteiramente inatingível que podia muito bem ser um fantasma, uma fada ou coisa igualmente etérea. Serena van der Woodsen era e sempre seria a garota dos sonhos de Dan, sua musa - embora ele não fizesse nada criativo que exigisse uma musa.

Nunca diga nunca.

Dois anos antes, numa crise de compaixão insana pelo filho sem mãe, Rufus deu uma senhora festa de aniversário de 13 anos para Dan. Tinha um globo de discoteca, gelatina, uma banheira cheia de cerveja St. Pauli Girl, e sorvete de café Häagen Dazs e pipoca de micro-ondas Newman's Own suficientes para alimentar toda a lista de alunos do oitavo ano da escola dele, a Riverside Prep. Como Rufus era notoriamente liberal e certamente não teria problema em embebedar um bando de garotos do oitavo ano, toda a turma de Dan apareceu, inclusive Zeke Freedman com seus quadris de mulher, o único amigo de verdade de Dan. Mas os alunos da turma de Dan na Riverside não foram os únicos que souberam da festa regada a álcool. Os do primeiro ano pareceram e os do último ano também. E também vinte garotos que moravam do outro lado do parque e souberam da festa pelo altamente desagradável colega de turma de Dan e morador de Park Avenue, Chuck Bass. Alguns das penetras eram meninas - graças a Deus - e Serena era uma delas.

Ela ficou bêbada e Dan também - todos ficaram. Mas a versão oitavo ano de Dan era ainda mais introspectiva e insegura do que a versão do segundo ano, então ele não teve coragem de falar com ela. Só ficou sentado no sofá de couro marrom surrado do escritório, olhando pela porta enquanto Serena participava de um jogo bizarro de bêbado com os amigos no corredor da sala de jantar, envolvendo um livro de latim, um pincel atômico e o peito nu de um menino. Foi Jenny quem disse o nome dela. Jenny devia estar na cama - ah, tá - mas ela se esgueirou para a sofá de couro ao lado dele com um pote de sorvete e duas colheres e cochichou palavras mágicas no ouvido de Dan: "Essa é Serena van der Woodsen. É da minha escola. Ela não é divina?"

Absolutamente divina.

Jenny era ainda mais obcecada por Serena do que ele. Ela recortava fotos de Serena nas páginas de colunas sociais e fazia desenhos dela nas margens do seu diário da Hello Kitty. Ela decorou o horário de Serena - que ficava colado do lado de fora do armário da própria e a seguia pela escola. Jenny ouvia suas conversas na hora do recreio, na hora do

almoço e no banheiro. Nos fins de semana, ela navegava pela internet atrás de fotos dela. Só nesta manhã Jenny tinha baixado uma foto dos arquivos de um minúsculo jornal de Ridgefield, em Connecticut, de uma Serena de 8 anos comendo um sorvete de chocolate com menta na casquinha. Faltavam quatro de seus dentes da frente, mas ela ainda estava gloriosa.

- Eu andei pensando. Por que não fazemos uma colagem? - sugeria Jenny agora. - Tipo assim, da vida toda dela, como imaginamos que seja.

- Quer dizer da mamãe? - perguntou Dan, a testa enrugada de preocupação. Que péssimo que seu pai fosse totalmente contra terapia. A irmã meio que parecia precisar disso.

- Não, seu bobo. De Serena - esclareceu Jenny, erguendo a foto do sorvete.

Como se isso fosse *menos* louco.

- Como é? - Dan se recusava a admitir que essa era a ideia mais empolgante que ele já ouviu na vida. - De jeito nenhum. - Ele foi até a pia e encheu a caneca do Ursinho Puff com a água meio quente da torneira, mexendo o pó do café instantâneo com uma colher de plástico. Tomou um gole. Perfeito.

Perfeitamente nojento?

Jenny digitou no MacBook branco da família, ignorando os protestos do irmão. Ela aprendeu que Dan era completamente inútil quando se tratava de Serena van der Woodsen.

- Ah, caraca - murmurou ela enquanto a nova foto que tinha baixado começava a aparecer na tela. Ela girou o laptop para que Dan pudesse ver. - Olha só isso. Ela deveria estar na capa da *Bride* ou coisa assim.

Dan queria fingir desinteresse, mas era impossível. Serena tinha um daqueles rostos extraordinários que mesmo quando distorcidos e reticulados reluziam uma beleza que não podia ser arruinada. Jenny podia ter desenhado um bigode, sobrancelhas imensas e um nariz peludo na imagem e ainda assim o efeito teria sido o mesmo: ele mal conseguia respirar.

Serena usava um vestido frente-única longo com contas prateadas no corpete e parecia mesmo uma noiva, mas não uma modelo de vestido de noiva. Ela era linda demais para ser modelo. Sua beleza era tão extraordinária, genuína e inestimável que era impossível imaginar alguém usando-a para vender alguma coisa,

A não ser, talvez, o MasterCard.

- E agora, quer fazer a colagem? - insistiu Jenny, digitando no teclado. - A gente pode fingir que é tipo a foto do anúncio do seu casamento na seção Styles do *New York Times* e escrever a coluna. - Ela abriu um novo documento no Word. - Serena Antoinette van der Woodsen e Daniel Fartbreath Humphrey, 12 de julho na catedral de St. Patrick na Quinta Avenida. A noiva conheceu o noivo quando eles foram à Universidade de Columbia juntos. Ele era obcecado por ela há anos, mas intimidado demais para falar até o dia em que ela deslocou o tornozelo na biblioteca depois de tropeçar na antologia de Shakespeare de Daniel. Ele a carregou para seu alojamento fedorento, colocou seu pé no frigobar e leu livros existencialistas chatos em voz alta até que ela começou a chorar. A partir daí, eles se tornaram inseparáveis. Ele até começou a cheirar melhor. A voluptuosa irmã mais nova de Daniel, Jennifer, está noiva do irmão mais novo da noiva, Miles, e eles vão se casar no Dia de Ação de Graças.

Dan estava acostumado com a tagarelice de Jenny e teria se desligado se não fosse pelo fato de que o que ela dizia era muito parecido com os devaneios que ele se permitia ter toda noite quando ia dormir.

- Antoinette é mesmo o segundo nome dela? - perguntou ele, desconfiado.

Jenny deu de ombros. Não fazia ideia do segundo nome de Serena ou se tinha ou não um irmão mais novo chamado Miles, ou Michael, ou Morry. O nome do meio não devia ser Antoinette, mas era sem dúvida uma coisa igualmente glamourosa. Scarlett? Jessamine?

- Acho que você devia dizer a essa menina como você é apaixonado, assim não tenho que ouvir você devanear sobre ela o dia todo - a voz do pai, Rufus Humphrey, surgiu da porta da cozinha. O cabelo grisalho, comprido e crespo de Rufus estava num rabo de cavalo frouxo e baixo preso com o arame amarelo de plástico que ele tirou de um saco de lixo. Ele vestia o seu melhor "visual sem-teto": o moletom roxo e manchado de café preferido, com as mangas cortadas na altura dos cotovelos e QUESTIONE A AUTORIDADE escrito em preto no peito; calça de esquí vermelha que a mãe de Jenny e Dan deixou no armário; e sandálias de borracha preta Birkenstock que faziam maravilhas com seus tornozelos peludos. Na verdade, um tornozelo estava inexplicavelmente escondido numa meia de lã laranja, enquanto o outro pé estava nu. Evidentemente Dan e Jenny estavam acostumados com o pai, mas ainda era meio chocante vê-lo depois de uma boa noite de sono, e era sempre, sempre constrangedor quando ele ia às escolas dos filhos. O pai de ninguém parecia ou agia como Rufus. Mas eles ainda o amavam tremendamente, independente de como se vestisse.

- Calça legal, pai - observou Jenny. - Se um dia me deixar fazer *snowboard*, vai me emprestar?

Rufus sorriu para o elogio.

- Elas são isolantes! - trovejou ele. - Dá para fazer xixi nessa merda e ainda assim não vaza!

Dan ainda estava fixado no que o pai acabara de dizer. Dizer para Serena que ele a amava? Impossível. Apavorante. Inescrutável.

Rufus bateu um caderno com capa de couro preta na mesa da cozinha diante do filho.

- Escreva uma carta ou um poema para ela. Diga o que sente. Depois Jenny pode colocar no armário dela. Ela vai adorar. Todo mundo vai adorar. - As enormes sobranceiras eriçadas de Rufus se ergueram na ponta. Ele estava ficando animado. Como se fantasiasse ser o próximo Cyrano de Bergerac, que por acaso era uma das tragicomédias preferidas de Dan. - Até pensei no primeiro verso. Pensei nele quando estava colocando os sapatos hoje de manhã e só consegui encontrar uma meia. *Eu estava perdido como uma meia, mas agora encontrei você. Nós somos um par.*

Dan revirou os olhos. Não era surpreendente que o pai nunca tivesse publicado nenhum de seus escritos. Mas talvez ele conseguisse um emprego na Hallmark escrevendo versos para cartões e finalmente poderiam contratar uma empregada. Dan abriu o caderno de capa preta e pegou um toco de lápis mastigado na mesa. Sem pensar, começou a escrever.

Nada doeu até você me empurrar, com força, e eu caí.

Eu sangro. Estou sangrando.

E ainda estou caindo. Ainda caio.

Não me vê daí de cima? A água está clara.

Rufus olhou por sobre o ombro dele e franziu a testa.

- É um tanto sombrio.

Jenny arrastou a cadeira para ver.

- O que é um tanto sombrio? O que você escreveu?

Dan fechou o caderno num baque. Ele nunca escreveu um poema na vida, só deixou que as palavras saíssem dele. Era meio excitante.

- Vou mostrar a vocês quando terminar. Talvez. -Ele já pensava em outro verso. Na verdade era só uma palavra. Transformar. Ele se transformava em um poeta e Serena se transformava em sua musa. Mesmo que ele nunca falasse com ela pessoalmente, podia escrever para ela, ou pelo menos sobre ela. E depois, se ele morresse num incêndio terrível tragicamente em idade precoce e sua poesia fosse proclamada como inovadora de torcer o coração, ela ficaria famosa por ser sua inspiração.

Até parece que ela já não era famosa.

toda produzida e sem ter aonde ir

- A vida não é perfeita? - perguntou-se Serena enquanto fumava na piteira ridiculamente comprida e laqueada de preto que ela descobriu na gaveta mínima da mesa de cabeceira dourada da Sra. Archibald, junto com frascos de comprimidos e um pequeno diário com capa de camurça vermelha cheio de garranchos ilegíveis em caneta azul num francês de bêbada. *Zut alors, je déteste Misty Bass! J'adore mon nouvel chauffeur!*

- *Merveilleux* - concordou Blair, ajeitando no nariz os enormes óculos de sol Chanel da Sra. Archibald.

As meninas estavam deitadas de costas na cama dos pais de Nate, vendo as estrelas começarem a aparecer na claraboia. Nate estava deitado entre elas, os olhos verdes fechados. A gravata-borboleta de seda roxa e preta do pai e o cinto de mesma cor estavam amarrados em sua camisa Polo branca.

- Humm - observou ele meio bêbado. Nate ficava meio tonto quando bebia gim, mas até bêbado e vestido como um babaca ele era um gato.

- Acha que ela usava pijama para dormir? - refletiu Serena. - Ou uma camisola?

- Pijama - respondeu Blair categoricamente. - Pijama de cetim com detalhes de veludo preto. - Elas viram *Bonequinha de luxo* duas vezes seguidas e nenhuma das duas conseguia parar de falar nisso. Estavam obcecadas.

- Se um dia eu dirigir cinema, é esse tipo de filme que quero fazer - declarou Serena sonhadoramente enquanto um avião voava alto no céu, suas luzes piscando. - E vocês dois podem ser os astros.

- Eu não - Nate bocejou. Atuar não era a praia dele. Decorar todas aquelas falas? Não, obrigado. Ele era um marinheiro. Sempre seria marinheiro. Não que velejasse muito durante o ano letivo, mas ele e o pai estavam trabalhando no projeto de um veleiro incrível que iam construir na propriedade da família em Mt. Desert Island, no Maine. Um dia ele levaria Serena e Blair para velejar naquele barco. E um dia ele ganharia o America's Cup com ele.

Em sua cabeça, Blair já estava passando o filme que ia estrelar. Ela e Nate podiam não ser completos estranhos em seu filme, como eram Fred e Holly Golightly. Eles se conheciam desde sempre. Mas talvez, depois da faculdade, eles fossem morar por acaso no mesmo prédio do Upper East Side, como Holly e Fred. E um dia, quando os dois estivessem correndo para pegar o mesmo táxi, eles se esbarrariam na chuva. Blair estaria segurando um gato, eles se beijariam e perceberiam que na verdade se amaram a vida toda. Depois correriam para o apartamento dela e fariam um sexo louco e apaixonado.

Ou talvez isso acontecesse agora mesmo.

Blair virou um pouco a cabeça para olhar Nate. Havia um tufo de penugem dourada em seu rosto que ele deixou escapar com o barbeador elétrico. Seus cílios castanhos claros

se curvavam tão dramaticamente que pareciam falsos. Era quase doloroso estar tão perto e não tocar nele. Com ousadia, ela colocou a cabeça em seu peito e sussurrou sonolenta, no melhor estilo Audrey Hepburn:

- Graças a Deus existem camas king size. .

Do outro lado de Nate, Serena apagou o cigarro numa taça vazia de martíni, desabotoou o jeans Earl ainda molhado de neve e deslizou para fora dele. Depois rolou, passando a perna perfeita e sempre bronzeada pelas calças cáqui de Nate. Ele era um ursinho de pelúcia muito fofo, perfeito para se aconchegar. E um dia ela criaria coragem para passar as mãos por baixo da camisa dele e beijá-lo, beijá-lo de verdade.

Um dia em breve, por favor.

Era uma glória que ele estivesse bêbado, ou Nate nem teria sido capaz de suportar. Mesmo com três martínis girando pela barriga, a calça cáqui estava ficando cada vez mais apertada numa certa área com zíper. Ele amava Serena e Blair, amava de verdade, e as duas eram tão lindas. Ele até gostou um pouco mais de *Bonequinha de luxo* na segunda vez em que viu. Mas uma coisa ocorreu a ele enquanto via o filme de novo: todo mundo parecia tão reprimido. Todas as meninas usavam maquiagem e os caras usavam chapéu e todos estavam totalmente vestidos o tempo todo. Isso fazia com que ele quisesse... quisesse...

Nate tinha quase 16 anos e estava cansado de ser virgem. Ver-se de recheio de sanduíche entre Serena e Blair não ajudava em nada – só o deixava tremendamente excitado. Mas como ele poderia escolher entre as duas? As duas faziam parte dele e parecia um erro imaginar uma delas nua. Ele cruzou os tornozelos, afastando-se da perna de Serena. Talvez fosse melhor se continuasse sendo amigo delas, como um cunho assexuado - pelo menos para suas duas melhores amigas - enquanto encontrava outra garota para finalmente transar. Só para tirar isso de sua cabeça.

Humm, não era exatamente o que as duas tinham em mente.

- Vamos ficar assim para sempre - murmurou Serena sonolenta, remexendo o nariz no pescoço quente de Nate. Depois ela se lembrou de que os pais queriam mandá-la para o colégio interno no ano seguinte. Ela fechou os enormes olhos azuis, mas não se sentia mais cansada. Os cílios longos e quase pretos tremularam no pescoço de Nate quando ela voltou a abrir os olhos. A respiração reduzia enquanto ele resvalava para o reino dos sonhos. Blair já estava ressonando, como sempre fazia quando bebia e fumava. Serena levantou a cabeça para olhar os dois que dormiam rápido em um monturo adorável e confortável, como filhotinhos que brincaram demais.

Na aula de inglês da Sra. Warwick, eles estavam lendo *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Nele, um cara chamado Dorian fica jovem e bonito enquanto um retrato que pintavam dele envelhece e enfeia. Serena pôs as mãos em concha nos olhos e estalou a língua, fingindo tirar uma foto dos amigos para que os congelasse assim, juntos e sempre perfeitos. Ela se curvou e deu um beijo de leve na testa de Nate, respirando o cheiro maravilhoso de sabonete de sândalo e molhando sua pele com as lágrimas. Ela chorava porque amava Nate e Blair, e nunca era mais feliz do que quando estava com eles. Como deixaria os dois melhores amigos?

Talvez ela chorasse porque a ideia de Blair e Nate aninhados na cama dos pais dele *sem* ela fosse demais para suportar.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

se cuida, Liz Smith

Para minha grande surpresa, este negócio de fofocar acontece naturalmente. A única coisa que não posso contar é minha identidade. Muitos de vocês já estão clamando por ela, mas aí de mim, eu opero sob uma política estrita de não-pergunte-que-eu-não-conto, então nem se deem esse trabalho. Vocês podem querer me contar todo tipo de *outras* coisas picantes e isso é muito bem-vindo. Sou facinha quando se trata de fofocar - vou ouvir tudo. Afinal, descendo de uma longa linhagem de fofoqueiras e colunistas glamourosas que inclui Dear Abby, Hedda Hopper, Simon Doonan e Liz Smith. Não que eu realmente tenha parentesco com qualquer um deles, mas posso senti-los em minhas veias. Então mandem um furo para mim!

flagras

B brigando com o pai na Ferragamo da Quinta com a rua 52. Ela fica apavorante quando está com raiva, mas finalmente se acalmou o suficiente para experimentar e obrigar o pai a comprar seis - eu contei, seis - pares de sapatilha de balé em cetim em tons de pedras preciosas. **S** com a mãe na Frette comprando lençóis de flanela italiana tamanho extralongo. Aonde ela vai, a uma colônia de férias? **N** dando mole para um grupo de meninas da L'École na frente daquela pizzaria na 86 com a Madison. *Pardonnez-moi*, mas tira as mãos daí - ele já está prometido para mais de uma garota.

quatro letras e começa com a

Somos jovens, ainda não estamos pirando com a faculdade e ainda cometemos grandes micos da moda e gafes sociais e nos safamos totalmente disso. Por que nos incomodar com o amor, agora que somos tão livres e independentes? A resposta óbvia: tédio. Precisamos agitar um pouco as coisas e, porque estamos entediados, mas não somos um tédio, não temos escrúpulos de contar a nossos melhores amigos que depois de todos esses anos de amizade só conseguimos pensar neles... nus. Eu sei, eu sei. Já posso ouvir você gritar, *Eca!* Mas imagine que seu melhor amigo seja **N** - quem *não* pensaria nele sem camisa e tirando a sua blusa com ele? Quer dizer, tenha dó! Pronto, já disse. Estou apaixonada por ele também, *Et vous?* Ou eu basto para você?

Você sabe que não se cansa de mim,

gossip girl

mais um dia insano na escola

- Rapazes, preciso lembrar vocês de que o inverno está quase acabando e que logo estaremos competindo? Não me importa que estejam com frio. Corram! Batam nessa merda! Levantem os bastões! – gritava o treinador Michaels para a equipe de lacrosse do St. Jude's School for Boys. Os meninos treinavam no canto do Sheep Meadow no Central Park sob um céu cinzento e sem sol. Bolas congeladas de gelo eram esmagadas por seus pés com trava. A maioria dos meninos estava de short, como que para provar como eram durões e impermeáveis ao frio.

E por falar em impermeabilidade. O treinador Michaels vestia o mesmo blusão verde Lands' End que usou em todo o outono e a primavera. Ou ele tinha uma boa ceroula de polipropileno ultraquente e ultrafina por baixo, ou era totalmente insensível ao calor, ao frio ou ao que fosse, o que era mais provável.

- Archibald, só porque você é meu jogador mais novo não quer dizer que possa ser o mais maricas. Goodred, pegue Archibald e faça alguns revezamentos. Enfia seu bastão na bunda dele!

Os outros meninos riram. O treinador Michaels era famoso pela boca suja e pelas ordens absurdas. Nunca dizia o que queria, ou, se o fizesse, não havia como os meninos realmente fazerem o que ele mandava. Mas eles entenderam a mensagem. Ele queria que corressem pra valer, tomassem a bola, passassem precisão e fizessem gol. Era um bom treinador e eles geralmente venciam. Além disso, ele sabia reconhecer talentos. Nate era só um segundanista, mas o treinador Michaels o tirou do time de juniores "para ele ter mais culhões".

Luke Goodred, o capitão do time, colocou o cesto da ponta do bastão de lacrosse Brine na virilha de Nate e fingiu atirar as bolas crescentes de Nate por sobre as árvores que cercavam o parque e estavam em todo Central Park West.

Splat!

Luke era alto e magro, com cabelos castanho-arruivados e crespos, boca de Mick Jagger e nervosos olhos castanhos. Ele teria sido rotulado de nerd se não fosse tão confiante e um jogador de lacrosse tão bom.

- Você está de moleto - observou ele obliquamente. – Aposto que ainda é virgem. Meu Deus, Archibald. Como pode passar todo seu tempo com aquelas duas gatas e ainda ser virgem? - Luke tinha muito orgulho de saber o status sexual de cada jogador de seu time e fazia o máximo para ajudar os virgens a se desvirginizarem. – Não falou mais com L'Wren?

Nate deu de ombros.

- Ela está na faculdade - respondeu ele antes de correr atrás da bola.

Luke correu atrás dele.

- Bom, ela vem para a minha festa amanhã. Você vai?

Normalmente seria estranho um veterano convidar um segundanista para sua festa, mas alguma coisa em Nate transcendia hierarquias de turma. Talvez fosse o fato de que ele nunca fosse a lugar nenhum sem as duas lindas amigas, Blair Waldorf e Serena van der Woodsen, tornando-o bem-vindo em basicamente todo lugar. Ele ainda tentava entender exatamente quem era, como os demais meninos de 15 anos, mas não era nenhum imbecil. Na verdade, já era meio evidente que parte dos veteranos de sua escola se esforça muito para imitar *ele*.

- As meninas que estão de fofoquinha aí! – gritou o treinador Michaels para eles do outro lado do gramado. – Querem que eu pegue um chá com biscoitos? Isso não é a porra de um jogo de ríquete, seus retardados!

Lake riu.

- Ei, treinador, vou dar uma festa amanhã à noite, quer ir? Vai ser uma orgia daquelas, vou te contar!

O treinador Michaels enfiou as mãos nos bolsos do blusão.

- Não, obrigado. Vou ter minha própria orgia em casa! – Todo o time estremeceu, a cara enrugada numa careta coletiva. O treinador sempre falava dele e da mulher como se fossem o casal mais quente do mundo. Os meninos viram a foto da Sra. Michaels na parede da sala do treinador no ginásio e todos concordaram que ela era meio parecida com Jennifer Aniston. O cabelo ruivo pintado era comprido e ondulado, tinha olhos castanhos sorridentes e um sorriso bonito. Mas usava uma tonelada de maquiagem e exibia um blusão cor-de-rosa para combinar com o verde do treinador. O veredito oficial do time era de que o casal Michaels ficava de blusão quando transava.

Que lindo.

Assim que o treino terminou, Nate mandou uma mensagem de texto para Serena e Blair, que estavam do outro lado do parque, na escola, curtindo Fotografia em Dupla. A Fotografia em Dupla era a matéria favorita de todas. Uma hora e meia para andar pela cidade sem supervisão com o pretexto de tirar fotos, quando o que elas realmente faziam era ir a liquidações de grife, cortar o cabelo, comprar sapatos ou fazer as sobrancelhas. Por que perder um fim de semana precioso fazendo todas essas coisas quando tinham a Fotografia em Dupla?

As luzes estavam acesas no quarto escuro e o laboratório tinha cheiro de fixador e do eterno café expresso do Sr. Beckham. O professor examinou sua folha de frequência, preparando-se para dispor as meninas em pares para a aventura ao ar livre com suas Nikons. O celular de Serena zumbiu na bolsa Lambertson Truex azul. Ela levou a mão às costas e disfarçadamente leu a mensagem de Nate.

VAMOS A UMA FESTA AMANHÃ A NOITE? É NA CASA DO MEU CAPITÃO DE LACROSSE, ENTÃO TENHO QUE IR.

Nate era tão lindo e indefeso - jamais conseguia fazer nada sem elas.

TÁ, GATO, CLARO QUE VAMOS, digitou Serena em resposta. NÃO SE ESQUEÇA, AMANHÃ É DIA DOS NAMORADOS.

- Não se mexa - sussurrou Blair para ela, pegando o braço de Serena. - O Sr. Tédio está formando as duplas. Temos que ficar juntas - acrescentou ela, como se fosse questão de vida ou morte.

- Kati Farkas e Vanessa Abrams - disse o Sr. Beckham com o sotaque arrastado e monótono do Meio-Oeste.

- De jeito nenhum, porra - sibilou Vanessa, a estranha, com botas de combate e cabelo preto na altura da cintura que chegou em setembro de sei-lá-onde e se recusava a falar com tudo mundo. – Se acha que vou andar por aí tirando fotos com Catinga Farsa, você enlouqueceu - declarou ela num tom de voz bem alto.

Serena e Blair explodiram em uivos de riso. Catinga Farsa? Ora, por que elas não pensaram nisso antes?

Vanessa vestia uma calçola xadrez azul-marinho e branca - sim, calçola - obrigatória para as meninas das primeiras séries na aula de educação física, por cima de leggings pretas, como uma modelo da Anna Sui que perdeu a saia.

Bom, pelo menos ela ainda estava de uniforme.

- Com licença? - gemeu Kati, colocando as mãos nos quadris brancos e expostos. Kati preferia usar camisas Polo ou Lacoste em tons pastel combinadas com a mesma saia de uniforme diminuta que usava desde a sexta série. Ela deixou a saia desabotoada e a dobrou na cintura, para ficar superbaixa e supercurta. - Sr. Beckham? Ela não devia ser, tipo assim, expulsa por me dizer essas coisas?

O Sr. Beckham a ignorou. Vanessa era a fotógrafa mais talentosa de sua turma e ele não ia expulsá-la e nem suspendê-la quando um dia ela podia fazê-lo famoso.

- Tá bom - suspirou ele, como se a depravação das alunas não o incomodasse mais. - Vanessa, você vai com Blair, e Serena, você vai com Kati.

- Não! - gemeu Blair, atirando os braços em Serena, abraçando-a com força.

- Está tudo bem - cochichou Serena, livrando-se do aperto mortal de Blair. Ela pensou que podia usar os próximos dois tempos de aula para finalmente contar a Blair sobre o internato no ano seguinte, mas como Blair estava toda sensível desde que ouviu o pai falando obscenidades com alguém no closet, Serena não podia perturbá-la ainda mais.

- Tenho que ir na Barneys de qualquer forma, e você já foi duas vezes esta semana - lembrou-lhe ela com delicadeza. Blair tinha o hábito horrível de ir à Barneys na hora do almoço e imediatamente depois da aula, mesmo que isso significasse chegar atrasada para todas as atividades extracurriculares que elas deviam fazer para ela entrar para Yale, como o Clube de Francês, tênis, a Princeton Review e o novo conselho juvenil do museu Guggenheim. Além disso, Serena odiava fazer compras com Blair porque Blair era competitiva demais. Antes de pagarem a conta, ela precisava comparar o que estava comprando com as roupas de Serena e se Serena tivesse uma saia a mais do que ela, ou um vestido de uma estampa incomum, Blair vasculhava as prateleiras atrás de uma compra igualmente fabulosa. Hoje Serena queria comprar uma coisa bonita para vestir na festa a que Nate acabara de convidar as duas para a noite de manhã, e ela não queria que Blair visse o que ela ia escolher. Além de tudo, era bom ter Kati por perto para carregar suas coisas.

As macacas de imitação têm lá suas utilidades.

- E não se esqueçam de apresentar suas fotos para a nova revista de Vanessa – lembrou-lhes o Sr. Beckham. –É uma maneira maravilhosa de mostrar seu talento - acrescentou ele friamente.

Vanessa revirou os olhos. Esta manhã ela colocou dois sacos de papel pardo na parede do refeitório da Constance Billard. Um dos sacos tinha o rótulo ARTE e o outro ESCRITOS, com uma placa no alto que dizia TRABALHOS DE ARTE PARA A REVISTA DA ESCOLA. Até agora os sacos continuavam vazios, o que para ela era ótimo. Vanessa tinha muitas fotos para preencher a revista e talvez pudesse espalhar umas citações aleatórias, como aquela rabiscada na parede do banheiro de seu restaurante preferido de falafel em Williamsburg: *A juventude é um desperdício dos jovens*.

As meninas dispararam escada acima a seus armários no terceiro andar para pegar os casacos. A Constance Billard recentemente redecorou seus corredores em ouro e prata - paredes douradas e armários prateados, carpete dourado e pintura prateada no teto. A ideia era que as meninas perdessem menos tempo com a aparência e mais tempo com os estudos se a escola fosse mais glamourosa do que todas elas.

Valeu a tentativa.

Um pedaço de papel cuidadosamente dobrado estava enfiado em uma das fendas do metal prateado do armário de Serena. Ela pegou o papel e o abriu, lendo apressadamente enquanto lutava com o novo casaco de lã marrom Burberry que a mãe tinha comprado para ela em Londres um mês antes.

Nada doeu até você me empurrar, com força, e eu caí.

E ainda estou caindo. Ainda caio.

Não me vê daí de cima? A água é clara.

Está se transformando - não, eu estou me transformando

Mais claro e ainda mais claro.

Não pode me ver?

- O que é isso? - Kati espiou ruidosamente por sobre o ombro de Serena para a folha de papel enquanto abotoava o novo casaco de mohair laranja que era idêntico ao casaco de cashmere laranja Marni que Serena usou na primeira parte do inverno. - Você escreveu isso?

- Não - respondeu Serena, relendo o poema. - Acho que alguém deixou aqui para mim.

- Eca! - guinchou Kati, enfiando o cabelo louro-arruivado patentemente tingido atrás das orelhas proeminentes - Isso é assustador. Se eu fosse você, eu superpassaria a andar com um segurança.

Serena deu de ombros. Estava acostumava a ser admirada e era meio lisonjeiro ter um poema escrito expressamente para ela, mesmo que o poema fosse meio sombrio, mórbido, bizarro e ela não fizesse ideia de quem tinha escrito. Ela colocou a folha de papel no bolso e passou a alça da câmera Nikon no pescoço. Depois dobrou a cintura da saia de uniforme preguçada azul-marinheiro, encurtando ainda mais, de forma que a saia agora mal cobria a bunda com leggings azuis. Uma coisa de que não ia sentir falta quando fosse para o internato eram os uniformes horrorosos da Constance.

- Vem, Kati, vamos encontrar alguma coisa bonita de veludo roxo. Toda garota deve ter algum veludo roxo, não acha?

Os olhos vagamente castanhos de Kati se iluminaram de empolgação.

- É mesmo? - exclamou ela.

Sem dúvida nenhuma.

v ajuda b a perceber as pequenas coisas

- Isso é tão rosa - observou Vanessa, ajoelhando-se no gelo sujo para fazer outra foto em close do chiclete mastigado que foi cuspidado bem em frente às imensas portas de madeira azuis da Constance Billard.

Ela estava fotografando o chiclete há quase meia hora e Blair queria estrangulá-la. Blair nem acreditava que fosse andar em público com alguém que usava calçola, que era basicamente roupa íntima bufante, em xadrez azul e branco.

- Nossas fotos são todas em preto e branco mesmo, lembra?- rebateu ela. - Será que a gente pode ir agora?

É claro que Vanessa sabia muito bem que tipo de filme estava na câmera.

- Eu só queria pegar de mais um ângulo - respondeu ela distraída, deitando-se de costas na calçada e erguendo a câmera de cabeça para baixo sobre o chiclete. Ela reprimiu uma gargalhada. Caraca, era divertido irritar Blair.

Mas será que ainda vai ser divertido quando sua câmera for atirada na Quinta Avenida?

- Meu Deus - murmurou Blair, pegando o celular que vibrava no bolso do casaco verde Marc Jacobs Jackie O com os botões imensos de tartaruga. - Oi, mãe - disse ela friamente. - Que bom que encontrou tempo para retornar meus telefonemas. - Blair tinha deixado quatro recados para a mãe desde a véspera, depois de decidir na noite anterior que tinha de falar com ela sobre o incidente no closet. É claro que ela via os pais quase toda manhã antes de ir para a escola, o pai insistia em cafés da manhã em família durante a semana, mas ela precisava falar com a mãe a sós.

- Desculpe, querida, mas sabe como ando ocupada este ano. A primavera está chegando e há tantas festas beneficentes para planejar. Eu queria ser três! - exclamou Eleanor.

Blair revirou os olhos. Já havia três dela. No último mês a mãe ficou extremamente gorda com uma ridícula dieta francesa que exigia que comesse um bife por dia e uma rodela inteira de brie por semana. Blair semicerrou os olhos para a calçada e vasculhou a bolsa em busca do cachecol de cashmere TSE branco. Ela não estava de leggings e a sua bunda congelava.

- Só pensei que você devia saber que na semana passada eu peguei o papai escondido no closet dele, tendo uma conversa nojenta com outra mulher enquanto você estava provando comida para a festa do Guggenheim - soltou Blair. - Ele está tendo um caso. Eu tenho certeza disso.

Como a maioria das mães e filhas, elas tinham uma complicada relação de amor e ódio. Blair achava que a mãe tinha o direito de saber o que ela viu e ouviu, mas contar a ela era uma espécie de desafio, como se dissesse, "O negócio é o seguinte, bundona. E agora, vai fazer o que com isso?" Não que Blair realmente quisesse que os pais brigassem, se separassem nem nada disso, mas certamente daria mais drama a sua vida. E todos nós precisamos de drama.

- Ah, tenho certeza de que você ouviu mal, querida – respondeu Eleanor com o tom chilreado de "esta informação não computa". Era o que Blair não conseguia suportar nela. - Seu pai anda trabalhando muito ultimamente. Ele devia estar praticando para um processo ou coisa assim.

O pai de Blair era um advogado de patentes especializado em produtos farmacêuticos e calçados. Blair tinha certeza absoluta de que ele não estava trabalhando em nenhum caso para a Ernest & Julio Gallo.

Ela achou o cachecol e o enrolou no pescoço, descobrindo que Vanessa tinha ido embora. Ela girou, a voz abertamente petulante da mãe ainda tagarelando ao fundo.

- Pensei que talvez nós pudéssemos ir à Bergdorf's depois da aula - dizia ela. - Não vou lá há semanas e você precisa de um novo casaco de primavera.

Era um dia cinzento e úmido de fevereiro e o ar tinha cheiro de purê frio. Uma lama de neve suja enchia os meios-fios e até os táxis amarelos pareciam frios. Era o tipo de dia que fazia Blair querer colocar seu biquíni Missoni preferido e escapar com Nate para St. Barts.

Do outro lado da Madison Avenue, Blair viu a bunda larga com calçola de Vanessa descendo a 93 na direção da Park Avenue, o cabelo preto ondulando atrás no vento úmido e gelado. Blair partiu para segui-la, andando rapidamente. O telefonema com a mãe parecia totalmente irrelevante, uma vez que a mãe não a ouvia mais. Era muito mais importante que Vanessa soubesse que *ela* é que devia decidir aonde iriam. Ela queria tirar fotos dos patinhos novos que nadavam na represa do Central Park, mas Vanessa andava para o leste, afastando-se do parque.

- Tenho que ir, mãe. A gente se vê mais tarde, se você não sair.

- Seu pai vai me levar a uma ópera de Wagner. *Um tédio*.

- Tudo bem. Tchau! - Blair desligou e disparou pela Park Avenue atrás de Vanessa. Suas botas Prada cinza-escuro não eram exatamente calçados de corrida e estavam ficando totalmente sujas de lama. – Mas que merda! - disse ela ofegante, alcançando a colega de turma.

- Achei que sua conversa era particular - explicou Vanessa sem reduzir o ritmo. – E eu tinha terminado de tirar fotos do chiclete.

- E agora nós vamos aonde? - Blair estava irritada que estivesse seguindo Vanessa quando o que realmente queria fazer era entrar na Starbucks e comprar um chocolate quente com uma dose extra de chantilly.

- Tenho que passar rapidinho num lugar - anunciou Vanessa vagamente enquanto localizava o que procurava. Ela entrou na Lexington Avenue, andou meio quarteirão e abriu a porta de uma barbearia minúscula.

- Mas o que... - Blair hesitou e a seguiu para dentro. A barbearia tinha cheiro de aromatizante de ar e cano de descarga de ônibus, e o barbeiro estava usando imensos sapatos brancos de enfermeiro e um cinto de couro vermelho, como um *serial killer* que fazia serão como palhaço. Ele colocou uma coisa que parecia uma toalha de mesa de poliéster nos ombros de Vanessa e a sentou em uma das duas cadeiras de barbeiro de couro sintético marrom e puído.

Com relutância, Blair se empoleirou na outra cadeira para esperar. Não havia revistas na loja, nem mesmo uma *Sports Illustrated*. Só um exemplar de um jornal qualquer chamado *Il Recordo* que nem era em inglês. Era melhor que isso fosse rápido.

- Seu cabelo é tão saudável - observou Blair, tentando uma conversa amistosa para não enlouquecer de tédio. - Estava pensando que você deve cortar a cada poucas semanas para manter esse visual.

Mas num chiqueiro como esse?

Vanessa ignorou a colega de turma e olhou a parede espelhada com um sorriso malicioso nos lábios vermelhos e finos. O barbeiro acionou uma alavanca com o pé para levantar a cadeira e passou as mãos pelo cabelo grosso e preto na altura da cintura.

- Só uma aparada, senhorita? Talvez 5 ou 7 centímetros? - perguntou ele educadamente. Vanessa respirou fundo.

- Na verdade, gostaria que raspasse, por favor - ordenou ela. - Raspe tudo.

Pode repetir, por favor?

Ela pegou o olhar chocado de Blair no espelho. Com as mechas castanhas e luxuriantes bem-cuidadas, casaco verde de grife, botas de couro cinza-escuro e biquinho rosa com gloss, Blair parecia completamente deslocada na barbearia mínima e masculina. Até Vanessa parecia deslocada. Mas não por muito tempo.

O barbeiro assentiu e cortou o ar com a tesoura algumas vezes orno se estivesse louco para retalhar todo aquele cabelo. Pegou as pontas e se preparou para atacar.

- Pare! - Blair arfou, como se fosse o cabelo dela. - Não pode fazer isso!

Vanessa virou-se na cadeira.

- E por que não? O cabelo é meu.

Corta, corta! Um maço enorme de fios pretos e grossos caiu no piso de linóleo cinza.

Não era mais seu cabelo.

Blair encarou o cabelo, numa pilha desordenada perto da ponta do feio sapato branco do barbeiro. Ela nem conseguia imaginar cortar todo seu cabelo daquele jeito, em especial se fosse tão comprido e abundante como o de Vanessa. Parte dele ainda devia ser cabelo de quando era bebê!

- Devia pelo menos guardar - aconselhou ela, cruzando e descruzando as pernas, pouco à vontade. - Ou doar para a caridade. Serena e eu demos mechas ao Kute Kuts da Madison no quarto ano, e se você tiver pelo menos 10 centímetros de cabelo, eles doam a uma organização de caridade que faz perucas para crianças com leucemia. Acho que se chama Braid Aid. É uma causa muito boa.

O sorriso de Vanessa se enrugou no espelho. Doar o cabelo não era má ideia, mas eliminava parte do choque de raspar a cabeça. A não ser que ela conseguisse que Blair raspasse a *dela* também. Mas por que não a turma toda, melhor, toda a escola raspava a cabeça para essa porra de boa causa? Ela já podia imaginar as manchetes na Page Six do New York Post: "Altruístas da Constance Billard raspam cabeça por crianças doentes!"

Como se isso um dia fosse acontecer.

O barbeiro borrifou água na cabeça de Vanessa e começou a zumbir o barbeador elétrico no cabelo preto da nuca.

- Você bem que podia tirar umas fotos disso - sugeriu ela a Blair. - Tudo em nome da arte.

Blair pegou a Nikon de Vanessa. Ela não precisava documentar o evento. Não era exatamente uma coisa que fosse esquecer. Mas tinha de admitir que Vanessa era dona de um cabeça bonita - sem manchas, marcas, ou cicatrizes. Raspada, ela quase ficava... *bem*. E os olhos ficaram maiores, mais castanhos, e de certo modo mais bonitos. O barbeiro borrifou talco em seu pescoço pálido e recém-raspado e o espanou com uma escova gigante exatamente igual à que Blair usava com seu pó facial Chanel preferido para oleosidade da pele.

- Ficou bom? - perguntou ele, como se pudesse ter feito alguma coisa diferente. Ela estava basicamente careca.

Vanessa ponderou seu reflexo no espelho. Ela certamente não parecia mais uma aluna da Constance Billard. Era só ela mesma – totalmente sem acessórios, sem maquiagem e sem enfeites. Que golpe ter criado sua própria revista de artes e criado sua própria imagem alternativa num dia só.

- Está perfeito. - Ela desceu da cadeira marrom e ficou de pé. O barbeiro tirou o manto escuro, enfiou-o sob o braço e escovou as costas de seu suéter com uma escova dura. - Poderia colocar meu cabelo num saquinho ou algo do tipo? - perguntou ela educadamente. - Minha amiga aqui quer doar para a caridade.

A boca de Blair se abriu. Quem Vanessa pensava que era? O barbeiro rapidamente varreu o monte de mechas pretas, pegou um saco plástico grande de freezer e enfiou o Ziploc na bolsa Jimmy Cho laranja escura e imensa de Blair como se estivesse fazendo um enorme favor a ela.

Blair seguiu Vanessa para fora da barbearia e colocou o saco plástico na lixeira mais próxima. *Eca, eca, eca!* Parecia um bicho morto. Ela pegou na bolsa um frasco de gel higienizante Purell para mãos.

- Está tudo bem - Vanessa a tranquilizou. - Eu tomei um banho no mês passado, então os piolhos não devem ser muitos.

Ela riu e passou a mão na careca recente, adorando senti-la limpa e eriçada. Blair a fuzilou com os olhos e Vanessa retribuiu o olhar. Fazer com que as colegas da Constance a odiassem era parte intrínseca da imagem que estava cultivando e, de todas as pessoas de sua turma, era muito importante para ela que Blair Waldorf fosse a que mais a odiasse.

Bom, digamos que ela começou de um jeito brilhante.

p-e-i-t-o-s - descubra o que significam para mim!

Eles eram tão perfeitos. Mesmo que ela finalmente conseguisse os dela, talvez jamais fossem assim. Bronzeados e redondos com um tom dourado. Tá legal, então agora ela parecia a maior perversa do universo, mesmo que ninguém pudesse ouvir seus pensamentos. Mas ela não conseguia esconder, estava totalmente obcecada. Se ao menos houvesse uma coisa que pudesse tomar para aumentar só um pouquinho os dela...

Jenny deu uma última olhada demorada na foto de Serena que tinha descoberto no site chamado Model Shoppers, que exibia polaroids de modelos saindo de salas de prova em

lojas como a Barneys e a Bendel's. Serena não era modelo, mas certamente enganou os fotógrafos. Usando só um biquíni branco e simples, tudo nela era impecável, especialmente os seios de tamanhos perfeitos.

Apressadamente, Jenny digitou "seios maiores" na ferramenta de busca no alto da página. A foto de Serena desapareceu, substituída por 2.407 resultados de busca. *Seios maiores e uma libido aumentada em apenas três semanas. Sinta-se melhor e tenha uma aparência melhor sem ganhar peso. Baixo risco de efeitos colaterais. A alternativa à cirurgia!* Ignorando os links totalmente pornográficos como vejaminhastetonas.net, Jenny passou os olhos pela lista parando para ler as palavras *totalmente natural, sem riscos* com um link para um site chamado *sempeitos.com*. Era um nome idiota, mas parecia seguro. Ela clicou no link e leu a lista de ingredientes de um suplemento para aumento dos seios, 100% orgânico e totalmente natural, chamado MammaGro. Inhamo, feno grego, uma coisa chamada raiz de kavu da Tailândia, cevada. Eles pareciam mesmo totalmente inofensivos, mas o MammaGro custava 300 dólares para um mês de suplementos, tempo que, segundo o site, era necessário para que os comprimidos tivessem total efeito. Nos testemunhos na base da página, algumas mulheres afirmaram ter obtido bons resultados em menos tempo. *De P a M em duas semanas! Estou tão animada. E meu namorado também!*

Os dedos de Jenny pairaram sobre o teclado. Ela precisava fazer o pedido em nome do pai, porque era necessário ter mais de 18 anos, e ela precisava usar o número do cartão de crédito dele, que ela decorou, porque não tinha o dela. O cartão Discover devia ser só para emergências, mas a verdade era que ausência completa de qualquer sinal de peitos atingira proporções emergenciais.

Ela preencheu o formulário com as informações necessárias e clicou em "Pedir agora".
Obrigado!

- Jenny, posso falar com você um minuto? - sussurrou alguém bem atrás dela, fazendo com que Jenny saltasse constrangida da cadeira. A mão voou para o botãozinho na base do monitor, desligando-o antes que alguém pudesse ver o que ela estava fazendo. Jenny tinha se esquecido totalmente de que estava no laboratório de computação da escola, presumivelmente baixando fontes para a equipe do anuário que gostava de usar alunas inteligentes do sétimo ano como mão-de-obra barata.

Jenny girou e viu a professora de artes, a Srta. Monet, que ela menosprezava, embora artes fosse sua matéria preferida. Ela estava convencida de que a Srta. Monet tinha se tornado professora de artes simplesmente por causa do sobrenome, provando que não tinha imaginação nenhuma. O caso era que a Srta. Monet não sabia nada de arte. Ela fazia as alunas pintarem as naturezas-mortas mais chatas e previsíveis de bananas e ameixas e se recusava a usar a palavra *azul*, preferindo a palavra *azure*. Ao que parecia, azul era só azul para ela, enquanto para Jenny azul era tão ilimitado e excitante quanto seu futuro.

Ou era o azul-esverdeado claro da bolsa Balenciaga do último catálogo da Barneys.

Jenny se empoleirou na mesa do computador e cruzou os braços, fingindo a completa inocência de alguém que não tinha acabado de encomendar na Internet suplementos para aumentar os peitos.

- Sim? - respondeu ela, lamurieta.

A Srta. Monet lhe entregou uma folha de papel amarelo-mostarda. CONCURSO DE DESIGN DO HINÁRIO DA CONSTANCE BILLARD, estava digitado em caracteres grandes no alto.

A VENCEDORA TERA O CRÉDITO DE DESIGNER DE NOSSOS HINÁRIOS EXCLUSIVOS A SEREM USADOS NAS REUNIÕES SEMANAIS DA ESCOLA E

APRECIADOS PELAS GERAÇÕES FUTURAS. ILUSTRE E DESENHE AS PÁGINAS DE CADA HINO. PARA PARTICIPAR, ESCOLHA SEU HINO PREFERIDO, ILUSTRE E COMPONHA NA FORMA DE SUA PREFERÊNCIA.

ALUNAS DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL AO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO. PRAZO DE ENTREGA, 1º DE MARÇO. OS RESULTADOS SERÃO ANUNCIADOS EM JUNHO.

BOA SORTE, MENINAS
SRA. MACLEAN, DIRETORA

O cartaz estava pendurado desde que as meninas voltaram das férias de inverno mês anterior. Como só estava no sétimo ano, Jenny o ignorou.

- De imediato eu vi que era perfeito para você - disse-lhe a Srta. Monet com um sussurro audível. A diminuta professora vestia uma camisa de homem branca e suja de tinta por cima de calça de smoking preta e botas sem salto. Usava óculos RayBan de aro preto e lentes verdes e mantinha o cabelo louro-acinzentado num corte severo na altura do queixo. Provavelmente pensava que parecia moderna e artística, mas Jenny desconfiava que ela só copiou o estilo de alguém.

Uma mistura de Meryl Streep em *O diabo veste Prada* com Bono?

Jenny franziu os lábios. Havia uma regra estrita de não falar no laboratório de computação e o inspetor - um professor de matemática com um basto bigode castanho - franzia a testa para elas.

- Aqui diz alunas do oitavo ano ao terceiro ano - respondeu ela em voz baixa. - Eu estou no sétimo.

A Srta. Monet tirou os óculos do nariz bulboso e comprido e sacudiu a cabeça.

- Não se preocupe com isso. Você é a artista mais talentosa desta escola.

- Vou pensar no assunto. - Jenny colocou o cabelo castanho crespo atrás das orelhas na mesma atitude tão-equilibrada-mas-natural que vira Serena van der Woodsen empregar quando falava com os professores. É claro que ela estava morrendo de vontade de entrar no concurso, mas de jeito nenhum ia admitir isso.

- Que bom. - A Srta. Monet colocou os RayBans no alto da cabeça como quem sugere que o que tinha a dizer era importante demais para óculos. - Inscreva um daqueles anjos maravilhosos que você desenhou nas margens daquele questionário sobre Dalí que passei na semana passada. E uma página de caligrafia. Sua caligrafia é extraordinária.

Jenny a fitou. Anjos? Anjos? Ela nunca desenhou anjo nenhum. A sineta tocou de repente e as meninas nas mesas ao redor começaram a guardar seus pertences e sair. Jenny abaixou-se para pegar a mochila de nylon rosa Le Sportsac. Anjos. Que anjos? E então ela se lembrou. Não eram anjos, eram representações de Serena, tão loura, dourada e perfeita que é claro que parecia um anjo.

- Tenho que correr para minha aula da turma do quinto ano. - A Srta. Monet deu um sorriso falso, os lábios rachados sem batom deslizando por cima dos dentes manchados de café. - Estou torcendo por você!

Embora estivesse atrasada para a aula de inglês, Jenny voltou a se sentar diante do computador. Os hinários eram distribuídos na cadeira de todas as meninas antes das reuniões, para que elas pudessem ler ou cantar com a Sra. McLean o Pai Nosso ou hinos como *Hark! The Herald Angels Sing*. Era impensavelmente bizarro pensar que os rabiscos que fez de Serena podiam ser impressos centenas de vezes nos mesmos hinários que todo o corpo discente via quase todo dia.

Mas então um tremor súbito de empolgação se esgueirou pelos punhos virados do suéter Old Navy de lã preta e gola em V e subiu por seus braços, chegando ao peito. Talvez ela

vencesse. E com isso, e peitos maiores, um dia podia ser alguma coisa - algo mais do que só baixinha, de cabelo crespo e esquecível.

Bem, não se esqueça de ambiciosa. Não vamos a lugar nenhum sem ambição.

os idiotas só prestam para uma coisa

- É melhor pegar uma cópia enquanto eu ainda tenho – sussurrou audivelmente Chuck Bass no espaço entre sua carteira e a de Dan. Ele estendeu para Dan uma foto em preto e branco de sua cabeça e o torso nu. – Voltei de Berlim ontem à noite, onde fiz esse anúncio de colônia, entendeu? As mulheres alemãs são demais, cara. – Charles Bartholomew Bass, filho único de Bartholomew e Misty Bass e herdeiro fortuna de artigos de luxo e couro dos Bass, era alto e bonito, do tipo modelo de propaganda de loção pós-barba ou de cueca. O cabelo escuro cuidadosamente cortado era espesso e sedoso, ele exibia um bronzeado que parecia falso, o rosto era hidratado demais e os olhos azuis vítreos cintilavam de lascívia. Chuck usava um anel com monograma rosa e, no inverno, um cachecol de cashmere azul-marinho com um monograma em ouro, como que para demonstrar a todos que ele estava apaixonado por cada aspecto de si mesmo, inclusive suas iniciais.

Em geral Dan era um cara muito legal, mas, particularmente, quando este colega da Riverside Prep falava com ele, sua reação física automática era torcer o nariz de completo nojo. Ele fingiu estar perdido em pensamentos, sonhando com a estrofe seguinte do novo poema que escrevia para Serena, embora eles estivessem na aula de geometria, mas seus olhos não conseguiram deixar de vagar para a cabeça irritante de Chuck.

- É sério, cara, pegue enquanto ainda está fresca.

Dan abriu um meio-sorriso rápido de afronta e enfiou a foto na bolsa de carteiro preta e suja.

- Obrigado. - Ele voltou a devanear com a beleza inacreditável de Serena, a caneta Bic azul roída postada sobre uma nova página de seu caderno com capa de couro preta.

Chuck não entendeu a dica.

- Acha que se eu distribuir isso naquela festa de amanhã à noite, Serena van der Woodsen finalmente vai ceder e me deixar vê-la nua? Afinal, amanhã é Dia dos Namorados.

Dan pestanejou. De repente não se importou com o ridículo fedor de perfume masculino de Chuck.

- Que festa?

Chuck apoiou os cotovelos na mesa de Dan.

- Já que estou aqui, você tem as respostas para a planilha que a Srta. Porquete passou ontem? Tive de ir a um almoço, mas depois meu agente ligou para perguntar se eu podia fazer umas fotos para a Axé em Reykjavik neste domingo. Como se eu precisasse trabalhar tanto a ponto de estar disposto a congelar meu pau.

A professora de geometria, a Srta. Pohrbet, sempre deixava a sala por cinco minutos e voltava, ou para testá-los ou porque tinha algum problema de bexiga e tinha de ir muito ao banheiro. No momento ela estava fora da sala. Dan passou sua planilha completa. Dizer não e depois discutir com Chuck exigiria muita energia - e, além de tudo, era só matemática.

- Que festa? - repetiu ele, insistente.

Chuck pegou a planilha.

- De algum veterano do St. Jude's - explicou ele vagamente enquanto copiava as respostas às pressas. - Mas todo mundo vai.

Todo mundo. Tradução: Serena.

Dan assentiu.

- Acha que seria estranho se eu fosse?

Chuck devolveu a planilha a ele.

- E quem disse que eu ligo? Você pode ir, ou pode não ir - rosnou ele com desprezo, indicando que não estava mais interessado em conversar com Dan. - Mas se você for, talvez possa experimentar não usar calças que neguinho doa ao Exército da Salvação.

Dan olhou a calça de veludo cotelê desbotada. Era da Old Navy e um dia foi nova- em algum momento no ano passado. Além da calça de veludo cotelê marrom e da calça do agasalho que usava de vez em quando para jogar basquete no parque, esta era a única que ele tinha. Rufus não era de fazer compras e embora Dan tivesse de seguir o código de vestimenta de calça azul-marinho, cinza, preta ou caramelo e camisa lisa de gola, ele gostava de como ficava meio retrô e mais desleixado do que os colegas que usavam cáqui. Mas será que Serena ficaria revoltada com suas roupas desbotadas e em geral de aparência descuidada? Talvez ele só estivesse começando a descer a ladeira. Quando se desse conta, estaria prendendo o cabelo com arame de pão ou pedaços de saco de lixo, como o pai fazia.

É melhor ir a uma loja de departamentos *tout de suite!*

Dan sacou o celular da bolsa e digitou discretamente uma mensagem para o único amigo no mundo além da irmã mais nova.

VOU NA GAP DEPOIS DA AULA, QUER IR COMIGO?, digitou ele rapidamente. O uso de celulares era estritamente proibido na escola - não que todo mundo e o irmão mais novo com idade de jardim de infância não quebrassem essa regra diariamente.

TÁ LEGAL, VOSSA VIADEZA, digitou Zeke Freedman do outro lado da sala. QUAL É A OCASIÃO?

Dan estava prestes a convidar Zeke para ir à festa com ele, mas o fato era que outros meninos da turma chamavam o fera do basquete e da física cheio de acne e quadris largos de Zeke, o esquisito. Talvez fosse melhor não anunciar a amizade dos dois quando sua meta de vida era falar com Serena.

MINHA BUNDA CRESCER, digitou Dan, sentindo-se culpado - mas não tão culpado assim - por deixar de falar na festa ou em seu motivo para ir. Ele preferia evitar ser censurado por Zeke por cortar o cabelo, fazer a barba e comprar jeans novos por causa de uma menina que nem sabia que ele existia. Se Serena se aventurasse a sorrir para ele ou, melhor ainda, se dissesse alguma coisa, Zeke seria esquecido com tanta rapidez que seria como se nunca tivesse existido.

Mas isso é que se chama lealdade.

Dan abriu o caderno enquanto uma lufada de palavras inundava sua mente.

Não é a ideia de mim. Sou eu. Quer me conheça ou não,

Temos a mesma identidade.

Então finja. É só fingir. Finja que me conhece.

Que nos amamos. Finja. A ideia é essa.

Só isso.

Corando enquanto a caneta voava pelo papel, Dan sentiu as palmas das mãos ficarem cada vez mais molhadas e mordeu o lábio inferior. Ele era o próximo e.e. cummings! O próximo Robert Frost! O próximo Wallace Stevens. É claro que ele jamais permitiria

que Serena lesse este poema. *Finja que nos amamos?* Ele preferia ser atirado num poço cheio de víboras. Mas ele podia fingir que ela leu quando a visse na festa. Seria o presente de Dia dos Namorados para ele mesmo. O que é meio triste, mas também muito lindinho.

não existe festa sem uma penetra careca

Já se perguntaram o que acontece depois que morre um bicho de estimação? Bom, a pointer de pelo curto alemão de minha família morreu na semana passada de câncer de estômago e foi muito triste. Eu sei que parece idiota, mas eu acredito no céu dos cachorrinhos. Stella me visita em sonhos e lambe minha mão. E depois eu dou a ela uma de suas guloseimas preferidas: caviar numa tigela de água. Ela também adorava vinho branco e costumava comer as pontas do cinzeiro do meu pai, e foi assim que teve câncer de estômago...

De início Vanessa ia descartar a história, mas depois decidiu manter na pilha do "sim". Afinal, a menina que escreveu era a única do oitavo ano. E até agora era a única a apresentar um texto, além de um poema de uma caloura, que ela se recusava terminantemente a publicar.

Meu Namorado

*Ele me faz rir e diz que sou bonita
E eu me sinto mais bonita a cada vez
Ele é tão engraçado que não paro de rir
Estou rindo ainda agora
Fomos à praia e ele disse que eu era linda
Fomos patinar no gelo e ele disse que eu era linda
Ele caiu e depois eu caí
E nós ficamos rindo e ele me beijou*

Ela não conseguia decidir se a dita poeta era uma total idiota ou extraordinariamente profunda. Apesar disso, o poema era tão irritante que foi o começo perfeito para o que estava se transformando numa grande pilha de rejeitados. Vanessa atirou o poema na pilha do "não", por cima de um ridículo desenho do pé de uma menina, que mais parecia uma perna de galinha. Ela se levantou do chão empoeirado do quarto e abriu a janela encardida, deixando entrar uma rajada fria do ar da fábrica de doces. Besteirada bobalhona e feliz como desse poema fazia seu sangue ferver. Ela se sentia totalmente cheia de... rancor. A penugem de bebê em sua cabeça recém-raspada se eriçou e um sorrisinho se espalhou pela boca amarga. *Rancor*. Era um nome perfeito para a revista - raivoso, incomum e um tanto intimidador.

Parece alguém que conhecemos.

Ela colocou a pequena pilha de papéis na mochila de lona preta e foi para o banheiro. Mas por que estava trabalhando numa sexta à noite quando tinha uma festa para ir?

Parada diante do espelho sujo de sabonete e cuspe no banheiro, ela espremeu na mão o gel antifriz Bed Head e passou na cabeça quase careca só por diversão. Ela odiava o Dia dos Namorados e não pretendia ir a nenhuma festa esta noite, mas ontem Blair recebeu cinco mensagens de texto sobre as festividades de hoje enquanto elas tiravam fotos na Fotografia em Dupla, e a ideia de aparecer inesperadamente só para chocar e

irritar as colegas de turma mais descoladas era tão deliciosa que ela não conseguia resistir.

Tecnicamente, Vanessa nunca foi a uma festa na cidade. As festas em Vermont consistiam em um bando de manés com camisa de futebol bebendo cerveja Busch choca de um barril no porão mofado da casa de alguém ou num campo. Uma festa de escola particular de Manhattan, no Upper East Side, devia ser exatamente a mesma coisa, exceto pelo ambiente, as roupas e a cerveja. Na verdade, não devia ter cerveja nenhuma, só scotch vintage e vodka pura. Mas Vanessa não era muito de beber mesmo. Só tinha ficado bêbada uma vez, com a irmã, e ela acabou dormindo na banheira, de cara para uma poça do próprio vômito.

É claro que ela ia com a desculpa de que estava levando a câmera. Ela faria uma fotomontagem para a revista - "Babacas no Paraíso". Um perfil dos excessos adolescentes.

E, vamos ser francos, quem não ia querer estrelar isso?

a gente sabe que o drink é bom quando não sente o álcool

- Qual é a graça? - perguntou Nate no elevador muito iluminado a caminho do loft da família de Luke em Tribeca, no eminente Elmer Building. Antigamente um armazém da cola Elmer, o prédio ainda cheirava ligeiramente a cola, apesar do granito polido, das superfícies cromadas e do porteiro vestido de Armani. Mas os eflúvios não tinham nada ver com a gargalhada incontrolável de Blair e Serena.

Serena colocou as mãos com luvas de cashmere cinza na boca com gloss, os olhos azul-escuros imensos e brilhantes. Ela fitou sugestivamente a virilha de Blair e cruzou os tornozelos, que estavam encerrados num par de botas de cano alto, cinza e pontudas, cortesia de Miu Miu.

Vrum, vrum.

- Para com isso! - gritou Blair alegremente. - Pelo menos estou usando uma roupa mais comprida. - Não que 35 centímetros pudessem realmente ser classificados como comprido. Seu vestido pinafore Marc Jacobs malva parecendo gasto mal cobria as coxas. - E meia-calça.

- Isso porque você é uma covarde - declarou Serena, puxando a bainha do casaco Burberry de xadrez marrom e revelando os joelhos sempre bronzeados. A túnica de veludo Marni roxa pendia no alto de suas coxas uns bons 45 centímetros acima das botas. Esta noite elas decidiram experimentar um novo visual e um novo esquema de cores com roxo, marrom e preto. Também estavam experimentando não usar calcinha.

É claro que foi ideia de Serena. Blair só concordou porque nunca deixou Serena pensar que ela era mais atrevida, mais criativa ou mais louca do que ela. Qualquer coisa que Serena fizesse, Blair podia fazer também, embora ela insistisse em usar meias pretas, para pelo menos dar a ilusão de que todo seu corpo estava coberto e para se aquecer. Serena levou tudo a extremos, usando o vestido mais curto, o que na verdade significava cobrir as partes e mais nada. A ideia era que se alguém percebesse que elas não estavam de calcinha, estava olhando demais e assim se degradaria ao status de babaca. Também era uma pegadinha com Nate. Fazê-lo corar era uma fonte constante de diversão e excitação. Hoje era Dia dos Namorados e este era seu presente divertido para Nate, completo com tatuagens temporárias de coração nas nádegas.

Ai, meu Deus!

- Está com vontade de fazer xixi ou coisa assim? – perguntou Nate a Serena, provocando outro surto de gargalhadas nas meninas.

O elevador chegou no décimo andar e abriu-se diretamente para o loft, que era pavimentado de lajotas de mármore pretas e brancas e vibrava com o som do velho e turbinado James Brown. Uma morena de cabelos crespos da L'École dançava na mesa de centro cromada de 6 metros, as pernas compridas dispostas numa espécie de pose de stripper que ocorria naturalmente a francesas piranhudas. Na cozinha aberta, Luke servia alguma coisa verde de uma coqueteleira Mielc vermelha em copo de cristal cheio de gelo.

- Nós estamos sem calcinha! - guinchou Serena enquanto passava correndo por Nate e jogava o casaco na pilha no chão da imensa entrada. Ela não estava exatamente paquerando, só contando a verdade.

Uma história plausível.

- Achei que não era para contar - rebateu Blair, lançando o novo casaco de camelo Max Mara na direção da pilha de casacos. Era bom para Nate descobrir isso quando eles estivessem a sós, arrancando as roupas um do outro, mas ela não pretendia exatamente anunciar o fato de que estavam sem suas Hanros. Que coisa constrangedora.

- Eu também não estou usando - confidenciou uma garota alta com cabelo escuro na altura do ombro e luzes numa voz rouca do outro lado da entrada. As unhas dos pés, pintadas de Chanel Jet, projetavam-se por baixo da batinha de um tubinho preto e longo. O decote drapeado era tão largo e tão fundo que ela podia ter levado um yorkshire terrier com muito conforto ali. Blair, Serena e Nate a encararam, cada um deles experimentando seu próprio coquetel de ressentimento, inveja e desejo. A menina pôs as mãos nos quadris e fez um biquinho para Nate com a boca vermelha. - Lembra de mim?

- Oi, L'Wren - ele mal murmurou. Nate queria parecer um pouco mais surpreso para Blair e Serena não pensarem que só queria vir à festa para ver L'Wren, mas ao ver seu corpo incrivelmente gostoso, esqueceu. Só o que ele precisava fazer era desamarrar o nó em sua nuca, o vestido cairia e ela ficaria nua. Uau.

Blair pegou o cotovelo de Serena e cravou as unhas nele. *Quem era essa L'Wren, porra?*

- Vem, Natie, vamos pegar uma bebida - ordenou Serena severamente. Aqueles coquetéis verdes que Luke preparava pareciam saborosos. O plano dela era se acomodar numa das banquetas altas de couro do bar junto à bancada da cozinha e beber o bastante para não ligar mais para quem visse sua bunda.

Entre outras coisas.

- Na verdade, estive preparando uma coisa especial para você no quarto de Luke, *Natie*. - L'Wren ergueu as sobrancelhas pretas que mal existiam e estendeu a mão. - Vem ver. Nate a seguiu obediente pelo corredor, deixando Blair e Serena para trás.

Respira, respira, respira.

- Que merda é essa? - murmurou Blair, furiosa. Nate era delas, quer ele soubesse disso ou não. Será que ele podia já conhecer uma piranha de nome L'Wren quando ela nunca colocou os olhos na garota? Ela puxou o vestido para baixo e marchou para a cozinha. - O que é isso, afinal? - perguntou ela, apontando para o líquido verde na coqueteleira da bancada.

Luke sorriu. Ele adorava quando as meninas apareciam em festas na casa dele. Fazia com que se sentisse um completo sucesso.

- Experimente o meu - ofereceu ele, levando um copo de cristal aos lábios de Blair.

Ela engoliu metade do preparado verde, respirou e terminou o resto. Tinha gosto de detergente, mas ela não deu a mínima.

- Prepara um pra gente? - perguntou ela, enxugando a boca. Kati e Isabel Coates estavam do outro lado da sala, fumando como loucas perto da janela aberta. Ela ficou na ponta dos pés e acenou justo quando Chuck Bass apareceu atrás, presumivelmente para pegar mais gelo na gaveta da Sub-Zero.

- Eu sabia que você era uma garota boazinha - comentou ele jogando um cubo de gelo no vestido de Blair. - Isso é uma tatuagem?

Blair o fuzilou com os olhos, colérica. A família de Chuck e a família dela moravam a apenas quatro quadras de distância e eram amigas há gerações. Ele era um completo imbecil, mas não havia como escapar dele. É claro que Chuck estava destinado a ser o primeiro a descobrir que ela não estava de calcinha por baixo das meias. Ele ia contar ao mundo todo e aí seria o fim. É assim que acontecia com fofocas idiotas, o tipo preferido de Chuck.

- Mané - declarou Serena terminantemente, bebendo o drinque verde-néon. Tinha gosto de soda misturado com terebintina e hortelã. Excelente para a digestão. Ela pegou mais dois e gesticulou para Blair segui-la. Elas iam tomar um porre, fumar cigarros e Serena finalmente contaria tudo sobre os pais quererem que ela fosse para um colégio interno no outono. Blair ia pirar, mas pelo menos ia pirar menos com toda essa coisa verde no sistema. O que era isso, afinal - absinto? Serena colocou os dois drinques no parapeito que tinha sido plantado com grama. Depois abriu a bolsa e pegou um maço novo de Parliaments, o único cigarro que podia fumar sem ficar com dor de garganta. Ela colocou um nos lábios e girou outro entre os dedos, esperando que Blair terminasse sua briga com Chuck para elas poderem conversar sobre assuntos sérios.

Mas então a música que era a preferida de Blair no momento começou a tocar - aquele rap idiota de Natal com Beyoncé, Jay-Z e todos os outros rappers. Blair segurou Chuck pelos quadris e começou a dançar com ele. Serena apagou o cigarro e secou o segundo drinque. Discutir o seu futuro apavorante não era exatamente uma ideia divertida. Dançar sem calcinha com um pervertido como Chuck seria muito menos estressante. Mas é por isso que ela é convidada a todas as melhores festas.

n aprende a tragar, entre outras coisas

- Assim que te vi, achei que você não se lembraria de mim – murmurou L’Wren antes de enfiar metade da cara em um cachimbo de vidro rosa. Ela estava sentada de pernas cruzadas no chão, riscando o isqueiro Bic amarelo para acender o cachimbo e tragar profundamente enquanto a água do cachimbo borbulhava e se agitava. Lançando a cabeça para trás, ela parou para curtir o tapa antes de exalar um fino jato de fumaça cinza. - Mas você parece o tipo de cara que quer terminar o que começou - acrescentou ela, a voz falhando.

Ela passou o cachimbo e o isqueiro a Nate, que os colocou desajeitado no colo. Já recebera ofertas de baseados em festas dezenas de vezes, mas ele não fumava e, talvez porque não tragasse corretamente, nunca sentiu nada. Ainda assim estava disposto a agradecer L’Wren.

De mais de uma maneira.

- Esse é do bom. Alguns tapas e serei toda sua - disse ela, esfuziante. – O bagulho me deixa excitada.

O que não deixa?

Nate acendeu o isqueiro e experimentou. Fechou os olhos e a boca com força, tentando prender a fumaça enquanto tossia e espirrava. Meu Deus. Ele não fazia ideia de como era um cachimbo - nem que não tragar não era uma opção. Nate exalou e deu outro trago, decidido a não parecer um imbecil desta vez. L'Wren o olhava com um sorrisinho na cara, como se estivesse tão orgulhosa de seu pequeno prodígio fumante de maconha que quisesse apertá-lo, beliscá-lo e beijá-lo aos pouquinhos.

E quem não quer?

- E aí. - Nate colocou o cachimbo no espaço entre eles, sempre com o cuidado de não derramar nada no tapete de alga orgânica caribenha que cobria a maior parte do quarto de Luke. Inexplicavelmente, todo o quarto tinha um tema caribenho moderno, com paredes em cor de dunas, cortinas de painel de seda cor do mar e mobília de bambu. Nate riu suavemente consigo mesmo. Que quarto mais bobo.

- E aí, quem são aquelas meninas que vieram com você? – perguntou L'Wren, continuando de onde ele parou. Ela estendeu as mãos para ajeitar as alças do vestido, empurrando os peitos para frente e quase esbarrando no cachimbo com eles.

Meninas? Que meninas?

Nate deu de ombros.

- Só umas amigas. - Ele sorriu maliciosamente para o peito de L'Wren, todo o corpo zumbindo. - Vamos tirar seu vestido – acrescentou ele, como se fosse a sugestão mais lógica que fez na vida.

L'Wren pegou o cachimbo e deu um longo trago. Ela prendeu a fumaça na boca e se inclinou para Nate, pegando sua nuca e colocando os lábios nos dele. Uma onda de fumaça de maconha entrou pelo esôfago de Nate com a língua quente e escorregadia de L'Wren. *Demais*, pensou Nate, chapado. *Que demais, porra*.

Ele desamarrou o vestido dela, que caiu no chão, chocando-se no cachimbo, derrubando-o, molhando e fedendo todo o chão. Ela mentiu - ela *estava* de calcinha, mas era tão minúscula que mal parecia existir.

- Está vendo o que andou perdendo? - sussurrou L'Wren, desabotoando a camisa dele. Do lado de fora do quarto, uma menina gritou e alguma coisa se espatifou com ruído no chã de lajotas. Nate riu de novo enquanto L'Wren o beijava. Cara, isso era divertido. Quase não importava que menina estava com ele. Pelo menos não quando ele estava tão doidão e quando o corpo dela era tão quente. Agora não havia nada melhor do que abraçar essa gostosa quase nua que provavelmente nem sabia o sobrenome dele ou que ele chupava o polegar e tinha língua presa até fazer 7 anos. Não importava que ele não conseguisse se lembrar da faculdade de L'Wren ou por que ele se confundia com a grafia de seu nome.

Ou que ele provavelmente não se lembraria de nada disso amanhã?

careca como um peixe fora d'água

Vanessa já odiava a festa antes mesmo de sair do elevador ofuscante. Que tipo de babaca tocava rap de Natal numa festa - em qualquer festa, em especial uma em fevereiro? Idiotas. Ela mal conseguia criar coragem para agraciá-los com sua presença quase careca.

Depois de atirar a jaqueta militar de lona preta no alto da pilha de casacos de grife no imenso hall, ela entrou na cozinha e pegou um copo de água quente na torneira. Seu nariz escorria e ela estava ficando resfriada. Certamente não estava interessada em

beber aquela merda revoltante e verde que todos viravam para dentro. Ela preferia chá preto, mas quando estava sob pressão só bebia água quente pura.

- Que corte de cabelo incrível! - guinchou Serena van der Woodsen, lançando a überlourice na direção de Vanessa. Talvez fosse imaginação de Vanessa, mas o ar em volta de Serena sempre parecia cheirar a algodão-doce e a menina parecia flutuar a uma fração de centímetro do chão, mesmo quando usava os Jimmy Choos que eram quase impossíveis de usar. Vanessa parou pacientemente de beber a água enquanto Serena afagava sua cabeça. - Eu adorava seu cabelo. Quer dizer, quem tem cabelo preto e natural assim *tão* saudável e brilhante? Mas isso é pra lá de descolado. Você é muito corajosa - derramou-se Serena, abraçando-a.

Vanessa despejou o resto da água quente na pia. Ela gostava mais de Serena do que de Blair. Serena parecia menos calculadamente na moda, parecia fazer menos esforço e era provavelmente por isso que as outras meninas da turma - não, a escola toda - não gostava dela. Ainda assim, era impossível ter uma conversa com alguém que sabia muito bem que era loura, alta e linda mas fingia ser como qualquer pessoa.

- Posso tirar uma foto sua? - perguntou Vanessa, erguendo sua Nikon diante da cara.

Serena fez um biquinho com os lábios cheios de gloss lavanda como uma modelo profissional.

- *Mais nono* - Ela deu uma risada embriagada e girou o corpo, fazendo voar a batinha do minúsculo vestido de veludo roxo e expondo a base da bunda nua com o coração vermelho.

Feliz Dia dos Namorados!

Blair Waldorf aproximou-se dançando para se unir à amiga.

- O formato da sua cabeça é mesmo perfeito - disse ela bêbada enquanto Vanessa fazia as fotos. As duas meninas pegaram outro par de drinques verdes na bancada, viraram na garganta de cisne, depois ficaram de costas e levantaram as saias simultaneamente para que Vanessa pudesse ter uma foto superespecial. Embora nenhuma delas admitisse isso em voz alta, a única razão para estarem bebendo tanto e agindo de forma totalmente desagradável era porque Nate as ignorava. Ele estava muito ocupado com L'Wren, que nem o amava como Blair e Serena. Ela só o estava usando e ele a usava também.

Pensando bem, não é um mau negócio.

Vanessa sentia-se a dublê de fotógrafo em uma seção da *Playboy*. "Babacas no Paraíso" adquiriu todo um novo significado. Ela pessoalmente preferia morrer do que mostrar a bunda para a câmera, mas havia alguma coisa atraente na completa confiança das lindas colegas de turma. Elas eram de uma raça superior, tão impecáveis que pareciam não ter nada a esconder.

Nem mesmo uma bunda trêmula.

- Mandem ver, garotas! - Um cara com a aparência de comercial de creme de barbear e um sorriso arrepiante gritou para elas do outro lado da sala.

- Eu te contratei? - Um sujeito que parecia nerd com boca de Mick Jagger e cabelo castanho arruivado comprido demais sussurrou babão no ouvido de Vanessa. - Você é o cara da *Vanity Fair*? - Ele empirrou um drink verde para ela, errando a câmera por pouco.

Começou outro rap horroroso, desta vez de Diddy ou Daddy ou sei lá a porra do nome do cara - o sujeito que usava pelo de cachorro nas roupas de sua linha de moda.

Legal.

- Ei, eu adoro essa música! - Blair pegou o braço de Vanessa. - Vem, dança com a gente!

Vanessa odiava rap e odiava dançar. Balançar os quadris em batidas repetitivas não era a praia dela. E o sujeito do bocão a havia chamado de "cara".

- Você sabe que quer. - Serena soltou o bafo de álcool em sua cara, mexendo as sobrancelhas perfeitamente cuidadas e louras como se estivesse fazendo uma oferta que Vanessa não podia recusar de jeito nenhum.

Vanessa tinha de ir embora naquele momento, ou pelo menos tomar um ar. Uma placa de SAÍDA piscava em vermelho numa porta cromada com um vigia e parecia levar a algum lugar. E talvez esse lugar tivesse uma hidro e vista para o Hudson, e todo mundo na festa estivesse bêbado e idiota demais para ter descoberto.

- Só vou fazer umas fotos cênicas - murmurou ela e foi para a porta de SAÍDA. Ela empurrou a porta e deixou que batesse depois de passar.

- Porra! - Ela arfou enquanto o ar gélido do lado de fora quase congelou suas orelhas. Vanessa empurrou a porta cromada com o ombro, pensando se devia voltar, pegar o casaco e ir para o elevador. Mas a porta não cedeu. Ela estava presa do lado de fora sem celular, só com uma camiseta preta fininha e jeans pretos, numa saída de incêndio a dez andares do estacionamento escuro, entre os fundos de dois armazéns convertidos. Sem hidro. E sem amigos lá dentro.

E sem cabelo para mantê-la aquecida, coitadinha.

entrando por uma porta e saindo por outra

Dan estava apavorado de chegar na festa, não conhecer ninguém e se mandado embora na frente de Serena van der Woodsen, que, a partir daí, pensaria nele como um mané patético. Ele decidiu ir a pé até Tribeca a partir do Upper West Side, pensando que uma caminhada animada no ar frio da noite lhe daria um surto de confiança. Quando chegou e entrou no elevador tremendamente iluminado, seu corpo supercafeinado e exausto estava rígido de frio e o cabelo castanho-claro e desgrehado estava colado na testa com o seu suor de nervoso. As portas se fecharam e o chão sob seus pés começou a subir. Logo o elevador se abriu para a sala de estar do loft de um cara chamado Luke Goodred e Serena estaria bem ali diante dele, vendo-o pingar suor frio.

Como se ela não tivesse coisas melhores para fazer do que ficar na frente de um elevador.

As portas se abriram. O piso preto e branco vibrava com o rap. Uma pilha imensa de casacos estava em seu caminho. Dan ficou com o casaco como uma armadura e não tirou os olhos das lajotas pretas e brancas enquanto andava se esquivando para a origem da música. O apartamento de Luke Goodred era um espaço imenso em preto, branco e verde com janelas retangulares enormes, uma cozinha americana e uma mesa de centro de cromo polido que tinha, tipo, um quilômetro de extensão. Um grupo de meninas dançava em cima da mesa com uma bebida verde-néon nas mãos. Elas reboavam e sorriam uma para outra como se todas tivessem ouvido um ótimo segredo. Dan bateu nos bolsos e fingiu estar procurando as chaves enquanto continuava a varrer o ambiente com os olhos em busca de Serena. Havia dois veteranos da escola dele, fumando perto das janelas, com duas meninas de cabelos cacheados que pareciam francesas e usavam idênticos batons vermelhos escuros. Havia Chuck, o Babaca, usando um blazer risca de giz preto por cima de uma camisa branca, jeans escuro apertado e mocassins de couro marrom sem meias, parecendo o garoto-propaganda de tudo o que Dan odiava e jamais seria. E dançando com Chuck estava Serena e aquela amiga bonita e morena dela. Suas cabeças lindas se lançavam para trás e as bundas sem calcinha podiam ser vistas

abaixo da bainha da roupa roxa e supercurta. As mãos de Dan começaram a tremer e ele desviou os olhos. Ela era boa demais para ele.

- Humphrey! Meu salvador! - Chuck rugiu pela sala quando localizou Dan. - Eu tirei 10 no meu trabalho de matemática. Cara, nunca consegui nem um 9, que dirá um 10! Vou sentar do seu lado todo dia!

Parecia a Dan que ele estava ouvindo o ataque de Chuck através de uma parede. Por mais que tentasse não encará-la, tudo o que ele via, ouvia, provava, era Serena. Até que Chuck se virou para ele e lhe bateu na cabeça,

- Cara, está doidão ou coisa assim? Eu paro o que estou fazendo para ser legal com você e você nem olha pra mim?

Dan piscou com um sorriso bobo nos lábios. Nunca havia visto Serena dançar. O corpo longo e magro ondulava com a música de um jeito furtivo, mas desajeitado, como se ela fosse uma puro-sangue jovem que ainda não sabia usar os membros perfeitamente formados. A sua notável amiga morena, porém mais baixa, era mais *cool* e mais calculista. Os imensos olhos azuis de Serena estavam fechados, como se seu corpo e a música estivessem numa espécie de diálogo maravilhoso.

Batida tântrica - um ritmo ou uma náusea.

O que se apodera de mim?

O que será de mim?

A cada vez que Dan punha os olhos em Serena, versos de poesia atravessavam sua consciência, pedindo para serem escritos.

- Nossa, você quer que eu chame uma ambulância? – gritou Chuck, cuspiendo nas pálpebras de Dan. Serena abriu os olhos e olhou para Dan, que chamava a atenção graças à performance de Chuck.

Será que ela me reconhece? Ela sabe que estive na minha casa? Ela sabe que fui eu que escrevi aquele poema? Ela sabe o quanto eu penso nela?

Esperemos que não!

Dan acenou timidamente para Serena, os dedos entorpecidos ao perceber que finalmente estava fazendo contato - finalmente estava acontecendo. Mas o que ia fazer agora? Se apresentar? Só ficar ali, olhando? Convidá-la para dançar? Vomitar em projétil e sair, esperemos que não nesta ordem?

- Sei do que você precisa. - Chuck pegou as pernas de Dan e o içou para o ombro. Ele era muito forte, de tanto levantar peso enquanto via pornografia em vez de fazer o dever de casa. Dan tentou se libertar, mas Chuck era muito mais forte do que ele, e ele se recusava a se meter numa briga e se fazer de imbecil na frente de Serena. Em vez disso, ele se permitiu ser carregado pela sala feito um saco de roupa suja, passando pela porta de SAÍDA

Chuck estava às gargalhadas quando a porta bateu às suas costas e o ar gelado atingiu os pulmões de Dan, quase o sufocando.

- Babaca - exclamou ele, batendo infrutiferamente o corpo na porta.

- Pelo menos você tem uma merda de um casaco – resmungou alguém atrás dele.

Dan se virou e viu uma menina pálida e quase careca de camiseta preta fininha, jeans pretos e botas de combate agachada perto da grade da saída de incêndio, os braços nus e não muito magros envolvendo o corpo trêmulo.

Instintivamente, ele tirou o casaco de lã preto e o colocou nos ombros da garota. Ela se aprumou, passando os braços nas mangas e fechando o casaco. Dan percebeu que eles eram da mesma altura.

- Cabe perfeitamente - disse-lhe ela com gratidão, estendendo a mão. - Ah, o meu nome é Vanessa Abrams. Feliz Dia dos Namorados. - Ela sacudiu com firmeza a mão ainda suada de Dan com a sua mão congelada e branca. Havia alguma coisa sólida e tranquilizadora em seus grandes olhos castanhos, a cara redonda e pálida sem maquiagem e a cabeça raspada. Ela era a antítese de Serena van der Woodsen. Tão atipicamente feminina e feia que era quase bonita.

Era para ser um elogio?

- Dan Humphrey - ele se apresentou. - Não me pergunte por que estou aqui. Nem conheço o cara que está dando a festa. Ele bateu nos bolsos da calça de veludo cotelê azul-marinho, como se procurasse por cigarros, embora não fumasse. Apenas parecia a coisa certa a fazer.

- Então, por que você *está* aqui? - perguntou Vanessa com curiosidade. A festa estava cheia de babacas, ela estava trancada do lado de fora e seu casaco, que esteve usando o inverno todo, ainda estava lá dentro. Mas aqui estava esse cara descuidado que parecia perdido com olhos castanho-claros e grandes como de um filhote de cervo pego nos faróis de um carro. Ele vestia calça de veludo azul-marinho que pareciam tão novas que a mãe deve ter comprado para ele na Gap hoje de manhã. Mas ele claramente não era um babaca - todos os babacas ainda estavam lá dentro. Ela franziu a testa, percebendo que já esquecera o nome dele. Doug? Brad? Ned? Ela era péssima com nomes. No momento em que alguém lhe dizia seu nome, ela já havia esquecido.

Dan não ia admitir que tinha vindo à festa por causa de Serena, apesar de ela nem saber que ele existia, ou que Chuck Bass o atirou pela porta de saída só para se divertir. Mas o que ela estava fazendo aqui fora no frio? Será que ela veio à festa por um motivo igualmente ridículo? Mas que casualidade conhecer outra penetra numa festa desse jeito! Ou talvez essa menina nem existisse. Talvez ela tivesse sido conjurada por sua imaginação desvairada poética, uma fada madrinha fantasma, vinda para guiar sua existência condenada de volta a um rumo mais sensato do que o que ele tomou esta noite.

Vanessa foi até a beira da saída de incêndio e espiou a escada de metal que descia por ali.

- Acha que a gente pode descer, espertinho? - perguntou ela em voz alta.

Dan deu de ombros. Ele preferia tentar do que se humilhar batendo na porta por tempo suficiente e alto o bastante para que alguém como Serena finalmente o deixasse entrar. Além de tudo, ele não queria voltar lá para dentro.

Ele foi na frente, descendo devagar os nove lances de escada. Eles desceram sem falar nada, concentrando-se na tarefa apavorante que tinham. O último degrau da escada precipitava-se a dois metros e meio acima da calçada escura. Dan fechou os olhos e pulou. Seus joelhos doeram com a queda, mas ele estava bem. Ele olhou para cima, preparado para Vanessa a descer com uma conversa mansa, mas ela se soltou no último degrau e cambaleou para ele, agarrando seus cotovelos enquanto recuperava o equilíbrio. Não, ela não era um fantasma.

- Epa. Desculpe, Pete - ela riu, soltando-o. Vanessa bateu as botas de combate e limpou os vestígios de ferrugem das mãos. - Pra falar a verdade, isso foi meio divertido.

Dan sorriu, aos poucos percebendo que *foi mesmo* meio divertido. Ele nunca fez nada com ninguém além de Jenny e seu amigo da Riverside Prep, Zeke, que não contava porque (a) Dan conhecia Zeke desde o jardim de infância e nem o escolhera com amigo - Zeke meio que o adotou - e (b) Zeke se tornou uma pessoa socialmente inaceitável. De qualquer forma, brincar de Homem-Aranha com Vanessa era muito melhor do que ser humilhado por Chuck Bass diante de Serena van der Woodsen.

As paredes de tijolos dos armazéns deram lugar a prédios luxuosos que assomavam dos dois lados. Um táxi solitário demorou-se na esquina e depois acelerou. A Vastrey Street estava num silêncio mortal e quase apavorante de tão escura. O frio era tanto que todas as pessoas de juízo estavam dentro de algum lugar, enroscadas em cobertores, tomando chá de camomila.

Mas todos nós sabemos que J-U-Í-Z-O = C-H-A-T-O.

- Você não fuma, não é? - perguntou Dan, batendo nos bolsos de novo.

Vanessa sacudiu a cabeça.

- Não, sinto muito, Charlie.

- Nem eu. - Dan se perguntou se ela realmente esqueceu o nome dele ou se só estava sendo engraçada. A garota tinha um senso de humor distorcido e espertinho, disso ele já sabia. - Mas acho que posso começar.

- Vamos, Sam - Vanessa passou o braço no dele. - Vou comprar um para você.

Alguma coisa me diz que este é o começo de uma bela amizade.

era uma vez uma sexta à noite

Uma menina tímida sem amigos a não ser o irmão mais velho, que estava festa a que ela não podia ir porque era só uma aluna desprezível do sétimo ano, pouco pode fazer em uma noite de sexta-feira a não ser ver filmes, ler ou tomar um banho de espuma. Como sempre, Jenny despejou quase um frasco inteiro de Mr. Bubble na banheira e abriu a torneira até que, quando ela entrou, a água quente transbordou e poças imensas se esparramaram no piso de ladrilhos brancos rachados. Tinha tanta bolha que ela não conseguia se ver, e era assim que ela gostava. Ela se deitou de costas na água quente, pousando a cabeça com sua massa molhada de cachos castanho-escuros na ridícula almofada inflável em forma de boca que a mãe deixara para trás.

- Jennifer? Saia daí... Estou experimentando uma nova receita de ovo à la diable e quero que você prove! - berrou Rufus da cozinha. Um dos motivos para Jenny ter escolhido tomar um bom banho quente era que o pai estava fazendo experiências com um maçarico e ovos cozidos enquanto tocava na cozinha às alturas uma ópera italiana. - Rápido! - gritou ele, como se fosse uma emergência de verdade.

- Pai, estou na banheira! - gritou ela. - Pensando! - acrescentou, na esperança de que isso calasse a boca dele.

- Pode esquecer - respondeu o pai do lado de fora da porta branca e lascada do banheiro. Ele a abriu um pouco e colocou a mão para dentro, brandindo alguma coisa na palma. - Não estou olhando. Experimente e me diga o que acha.

Jenny suspirou.

- Não pode esperar?

Rufus esticou o braço às cegas o máximo que pôde.

- Não. Não pode esperar.

Ela se curvou para fora da banheira e pegou a coisa na mão dele, já tendo certeza de que ia ser nojenta. Em sua mão pesava meio ovo cozido, a casca dura com veias pretas e cheia de alguma coisa que parecia manteiga de amendoim crocante misturada com cocô amarelo de cachorro. Estranhamente, tinha cheiro de pipoca doce.

- Coloquei umas amêndoas, mas depois decidi que as nozes deviam ser caramelizadas, então atirei uma xícara de açúcar e um pouco de xerez e meti fogo em tudo. Achei que o gosto ia ficar melhor, sabe como é, flambado com confeitos de nozes - a voz de Rufus

ecoou fora da porta. Sua abordagem à comida não era diferente de sua abordagem à moda: inventiva e completamente apavorante.

Jenny olhou a triste metade de um ovo.

- Mas pai, não está entendendo? Não é mais um ovo à la diable. É só... *nojento*.

- Aposto que você ainda nem provou. Anda. Prove, prove!

Jenny cheirou o ovo de novo e o atirou na pequena lixeira sob a pia. Colocou a cabeça novamente na boca vermelha e fechou os olhos.

- Humm. Humm. Caramba. Na verdade, pai, acha que eu podia levar uns desses para a escola amanhã, para dar a meus professores? Aposto que consigo um A em tudo se eu disser a eles que tenho de comer isso toda noite no jantar.

- Deixa pra lá - murmurou Rufus antes de se retirar para a cozinha.

Jenny abriu os olhos novamente para colocar mais água quente na banheira e ficou desanimada ao descobrir que as bolhas já estavam quase completamente evaporadas. Lá estava ele – seu peito pálido e côncavo com aquelas duas coisinhas rosadas que mais pareciam olhos de camundongo numa ilustração de Beatrix Potter, do que peitos. Até Marx, o gato preto e gordo dos Humphrey, tinha peitos maiores do que os dela, e ele era macho. Talvez ela devesse se acostumar com isso. Estava condenada. Ou talvez não. Segundo os folhetos que ela recebeu com os suplementos para aumentar os seios que chegou esta tarde por FedEx da *sempeitos.com*, no início era possível que ela não percebesse nada. Então, ela ia se medir e descobriria que aumentou pelo menos um pouco mais de meio centímetro. Se acontecesse duas vezes por mês, ela seria tamanho M até a primavera! Podia até usar um sutiã normal ou até um biquíni de tamanho de mulher normal em vez do tamanho infantil.

Ansiosa para medir seu progresso, Jenny saiu da banheira e enrolou no corpo o roupão rosa-chiclete desnecessariamente grosso de chenile. Andou pelo corredor até seu quarto, fechou a porta e empurrou a cadeira na direção da porta para travá-la. Depois se abaixou e puxou de lado a colcha rosa-clara para pegar a caixa de papelão branca embaixo da cama. Dentro dela havia um imenso frasco de plástico branco com uma ilustração de uma mulher ruiva com um decote perfeito. Jenny abriu a tampa, colocou dois suplementos orgânicos na palma da mão e os engoliu a seco. Depois abriu a fita métrica branca e elegantemente enrolada que veio dentro da caixa ao lado do frasco. Baixando os ombros do roupão de chenile rosa felpudo e gigante, ela passou a fita pelas costas e pelos dois olhinhos de camundongo. Teve o cuidado de não apertar demais e reduzir a chance de um aumento mínimo desde a última vez em que se mediu, que aconteceu esta manhã.

- Setenta e sete ponto oito - disse ela em voz alta. Ela verificou a fita de novo. Estava torcida? Não. Setenta e sete ponto oito. Esta manhã ela mediu exatamente 77,5. Ela só tomou uma dose. Seria possível que os suplementos já estivessem fazendo efeito? Ela correu para o armário e pegou uma coisa que a fazia corar de vergonha e culpa cada vez que tocava nela. O sutiã de Hanro de algodão azul-claro meio que pendia da única fenda acessível no armário de Serena quando Jenny precisou colocar o poema de Dan na véspera. Ela puxou o sutiã e ele caiu. O armário estava trancado, então em vez de simplesmente deixar o sutiã no chão, Jenny o substituiu pelo poema e enfiou o sutiã na bolsa. O que mais ela devia fazer, arrastar Serena da aula de francês e dizer que estava com seu *sutiã*? Ela um dia o devolveria.

Talvez.

A etiqueta dizia M. Não era grande demais, nem pequeno demais, simplesmente perfeito. Jenny o colocou pela cabeça e empurrou os braços pelos buracos. O bojo de tecido macio e azul ficou tão frouxo que ela parecia uma garotinha brincando de usar as roupas da mãe. Ainda assim, havia algo de tranquilizador em vestir o sutiã. Talvez, só

talvez, se ela continuasse tomando os suplementos, um dia coubesse nele. Talvez um dia ela não fosse só uma menina ratinha presa em casa numa sexta à noite com o pai maluco comendo ovos flambados com confeitos de amêndoas. Talvez um dia ela fosse a menina que usava sutiã, a menina que todo garoto queria ter e toda garota queria ser. Exatamente como Serena. Isso não seria ótimo?

a neve cai nos trapaceiros

- Cadê o Nate? – balbuciou Blair de porre no ouvido de Serena. As duas meninas estavam sentadas, costas com costas, no meio da mesa de centro de cromo polido, dividindo um cigarro. Em volta dela, os convivas se espalhavam pelo chão ou pela mobília, o cabelo colado de suor de dançar ou vomitar, os lábios sujos de gloss. Justin Timberlake cantava em câmera lenta no som, ou pelo menos assim parecia. É claro que Blair sabia perfeitamente que no momento Nate estava indisponível, porque ele estava ocupado perdendo a virgindade com aquela megaputa horrorosa da L’Wren, mas ela precisava dele *agora*. – Quero que ele me leve para casa.

- Eu também - concordou Serena. - Minha bunda está gelada – Ela estava louca para vestir uma calcinha de algodão confortável e se arrastar para a cama.

Com Nate.

- É, onde *está* o Nathaniel? - intrometeu-se Chuck, do chão. Ele ficou olhando embaixo das saias das meninas a noite toda, só esperando que uma delas ficasse bêbada o bastante para cair em seu colo e ele poder aproveitar.

- Acha que ele e aquela garota estão mesmo...? - A voz de Blair falho. A ideia de Nate com alguém que não fosse ela lhe dava náuseas.

Serena deu de ombros com tristeza. Como o cara que ela amava podia ser tão negligente e insensível? Será que ele não sabia que ela se deitava na cama toda noite imaginando como seria, os dois juntos, como uma propaganda do perfume Eternity, só que melhor? Eles até eram parecidos - mais ou menos. Será que ele não via?

Chuck de repente se colocou de pé.

- Sabe o que isso está pedindo?

As duas meninas sacudiram a cabeça. As ideias de Chuck geralmente eram terríveis.

- Montinho! - gritou ele pegando as mãos das duas. Ele as empurrou para frente, disparando pela porta fechada do quarto de Luke. E sem parar para bater ou se anunciar, irrompeu porta adentro, libertando uma nuvem pungente de fumaça de maconha.

Nate e L’Wren estavam deitados no tapete creme Flokati, ela com uma calcinha mínima de renda preta e ele com a samba-canção azul-rei, sorrindo para o teto no que só podia ser uma completa felicidade pós-coito.

Bom, pelo menos *elas* estavam de roupa íntima.

- Montinho! - gritou Chuck de novo, enquanto se colocava em cima dos dois. Era como se ele estivesse recriando uma cena de um filme de fraternidade universitária idiota que ele adorava, mas ninguém mais tinha visto.

Serena e Blair se penduraram uma na outra na porta, encarando os peitos que pareciam falsos de L’Wren. Eram redondos feito balões e bronzeados. Até os mamilos pareciam estar bronzeados. Eles luziam para o peito nu, musculoso e lindo de Nate. *Como ele pôde?*, perguntaram-se elas ao mesmo tempo. Com essa piranha de peito falso e calcinha fio-dental preta fosca Victoria's Secret!?

- Natie? - choramingou Serena, meio tragicamente demais. A Blair está passando mal. Precisamos ir para casa.

Obediente, Nate se sentou. Esfregou os olhos verdes meio fechados e sorriu para os joelhos nus. Chapado daquele jeito, vestir-se parecia uma tarefa monumental.

- Só um minutinho - murmurou ele, a língua pesada como chumbo. Ao lado dele no chão, Chuck fazia cócegas no pé descalço de L'Wren e ela ria alegremente, adorando. Nate não entendia. L'Wren parecia ficar cada vez mais excitada quanto mais eles fumavam, mas ele mal conseguiu fazer mais do que beijá-la algumas vezes antes de entrar num transe de maconha em que ele expôs numa voz monótona como a do pai como os carros deviam ser movidos a maconha e não a gasolina e depois não haveria aquecimento global e todos seriam felizes. Ele nem chegou perto de perder a virgindade.

E nós nos perguntamos por que o aquecimento global é tão sexy.

Ele conseguiu ficar de pé, cambaleando, e vestiu a camiseta cinza pelo avesso.

- Seu casaco está no hall - lembrou-lhe Blair, toda maternal. Ela pegou a mão dele, curvando-se para pegar os tênis Stan Smith brancos debaixo da panturrilha nua de L'Wren.

L'Wren se sentou. Com Chuck no colo, as costas dele nos volumosos peitos nus dela e um sorriso imenso de dentes cintilantes na cara estranhamente bonita, ela começou a recarregar o cachimbo rosa.

- Tchau, Natie - disse ela num tom de zombaria.

Serena foi na frente, puxando os casacos da pilha e entrando trôpega no elevador.

- Que festa de merda - declarou ela, embora tivesse se divertido um pouco.

Nate se atrapalhava com os botões do casaco de cashmere azul-marinho.

- Senti falta de vocês - admitiu ele pateticamente.

As duas meninas o encararam, os corações derretendo. Como ele conseguia ser tão enfurecedor de lindo e um babaca tão grande ao mesmo tempo? Elas se sentiam especialmente idiotas por terem ido à festa sem calcinha. Passaram a noite toda sentindo-se terrivelmente expostas e pouco higiênicas, e Nate nem percebeu. As portas se abriram para o lobby e Serena passou os braços em Blair numa solidariedade de bebum.

- Pare um táxi, amor - disse ela a Nate com um sotaque britânico imponente.

O táxi foi para leste, pela Houston, passando pelo Angelika Film Center, onde os três tinham visto seu primeiro filme perverso-demais-para-ser-proibido juntos quando tinham 11 anos, tendo implorado a uma dupla de mulheres grisalhas que pareciam boêmias que dessem as mãos a eles, fingindo que eram trigêmeos adotivos. O filme foi *O último tango em Paris*, com Marlon Brando e Maria Schneider, exibido numa retrospectiva. Os personagens ficavam se agarrando num apartamento em Paris, transando em posições estranhas que eram totalmente constrangedoras. Era tão sujo que eles saíram antes de terminar. Mas as suas duas mães ficaram até o fim.

Agora eles estavam na autoestrada FDR Drive indo para a parte residencial da cidade. As luzes da ponte de Williamsburg cintilavam como o Natal à direita e atrás deles. À esquerda, os imensos prédios do Centro Médico da Universidade de Nova York cortavam a vista do Empire State, que na última semana fora iluminado de vermelho para o Dia dos Namorados. Do outro lado do rio, a famosa placa vermelha do Silver Cup Studios brilhava promissora enquanto uma leve neve começava a cair. Flocos brancos e pequenos dançavam no feixe amarelo dos faróis do táxi.

O motorista ligou o limpador de para-brisa. Serena pousou o rosto no ombro de Nate e afagou a cabeça de Blair, que estava em seu colo.

- Eu não quero ir embora - sussurrou ela audivelmente.

Nate passou o queixo no cabelo dourado e macio de Serena enquanto segurava a mão quente e pequena de Blair. Elas eram ótimas, suas meninas. Ele se sentia bem. Quente e bem. E chapado.

Pois é.

Obviamente, Blair queria evitar sua casa a todo custo e os pais de Nate ainda deviam estar acordados, recém-chegados de uma ópera interminável. Os pais de Serena estavam na casa de veraneio da família em Ridgefield, Connecticut, para um fim de semana de compras de antiguidades, então não era preciso dizer que todos dormiriam na casa dela. Blair teve que ser carregada para dentro do prédio. Ela não estava com sono, mas se recusava a andar. Serena enfiou Blair embaixo das cobertas e entrou em seu banheiro grande no estilo da antiga Nova York. A janela do banheiro estava um pouquinho aberta e a neve tinha se acumulado no peitoril, caindo no piso de ladrilhos hexagonais brancos, onde derretia de imediato. Serena vestiu uma camiseta branca e fina e uma sambacção de flanela vermelha que roubara de Nate anos atrás.

Quando voltou ao quarto, Nate estava deitado, ao lado de uma Blair adormecida por cima da colcha branca, piscando para o dossel branco no alto como se decifrasse as constelações. Serena subiu ao lado dele e se deitou, relutando em puxar as cobertas e colocar mais uma camada de separação entre o corpo dela e o dele. Em vez disso, ela passou as longas pernas em volta de Nate e colocou o rosto em seu peito.

- Feliz Dia dos Namorados - sussurrou ela, muito delicadamente.

Eles ficaram deitados assim por um minuto, acordados. De repente Nate mais excitado do que em toda a vida. Por que *agora*? Será uma espécie de reação retardada a ficar chapado com L'Wren? Em vez larica de comida, estava com larica de sexo? Na verdade, ele estava faminto. Mas podia passar fome se Serena só rolasse para cima dele e o beijasse.

- Nate? - Serena ainda estava bêbada e se sentia relaxada e ousada. Nate estava bem ali e ela estava bem aqui. Parecia a coisa mais óbvia do mundo. - Sei que isso pode ser estranho, mas... - Ela ergueu a cabeça e olhou para ele, que sorria para ela, em expectativa. Depois ela não disse mais nada, simplesmente fez. Ela o beijou.

Blair estava a centímetros dali, respirando profundamente, mas eles não conseguiam parar de se beijar. Nate nem estava pensando em Blair. Tudo o que pensava era como era bom beijar a garota quente, familiar e incrível em braços. Serena queria beijar Nate há tanto tempo que fazer para valer era uma experiência mística. Ela abriu os olhos, vendo-o beijá-la numa névoa de tontura. *Isso é loucura*, ela tentou dizer a si mesma, ainda beijando.

- Eu podia beijar você para *sempre* - murmurou ela delicadamente, os lábios roçando os dele. Nate abriu os olhos e sorriu em êxtase e o coração de Serena explodiu em mil estrelinhas cintilantes. Ela o beijou de novo, desta vez com mais fervor. *Eu te amo, Nate!* Seus pensamentos eram tão altos que ela estava certa de terem acordado Blair, mas talvez Blair entendesse. Afinal, elas eram grandes amigas. E a paixão de Blair por Nate era só uma coisinha de paquera infantil, não era amor verdadeiro, de adultos. Não era esse amor. Não para esses beijos.

Finalmente eles se desgrudaram, abraçando-se, os lábios rachados e crestados de tanto beijar. A neve agora era mais úmida, quase uma chuva. A luz do início da manhã se esgueirava pelas cortinas brancas e ônibus espirravam ruidosamente a lama da Quinta Avenida. Mas os três amigos dormiam, respirando suavemente no cabelo um do outro, os membros entrelaçados.

Tão inocentes... ou não.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Sair a “commando”

Tem uma coisa que precisamos muito discutir. Trata-se deste negócio de calcinha opcional que parece estar dominando a cidade, o país, a Terra e possivelmente até o universo. Olá, alienígenas de Marte. Vou mostrar a minha se você me mostrar a sua! As partes que todos nos acostumamos a manter seguras dentro de nossas roupas de baixo eram chamadas de "privadas" nos velhos tempos porque simplesmente não é educado colocá-las em exposição. Completos estranhos realmente não precisam ver as ditas partes, nem mesmo enquanto estamos saindo de um táxi e certamente não enquanto estamos jantando em restaurantes ou almoçando no refeitório da escola.

No que diz respeito ao termo *commando*, a expressão pode ter algo a ver com a falta de lavanderias ainda na guerra. Sou totalmente a favor da exibição e coragem. A audácia é uma coisa boa. Mas a verdade é que não estamos em guerra, não é? Temos empregadas para lavar nossa roupa suja e pilhas de calcinhas Hanky Panky Cosabella de renda e algodão, lindas. Então vamos usá-las - pelo menos em público.

flagras

C esbanjando um sorriso permanente e perolado enquanto beijava uma mulher mais velha de cabelos escuros que vestia só uma peruca branca que parecia de lã numa limo a caminho do Tribeca Star Hotel, onde eu por acaso sei que a família dele tem uma suíte na cobertura. **D** e **V** devorando Irish coffees na Ear Inn, uma espelunca minúscula no West Village que conhecemos bem por servir a menores e deixar que as pessoas fumem. Eu sei - é muito chocante, mas muito providencial. **B** com a cabeça para fora da janela de um táxi na 96 leste, respirando o ar não tão puro. Bebemos algumas a mais, não é? **S** e **N** carregando **B** para o prédio de **S** do outro lado do Met. A manhã está quase acabando e nenhum dos três saiu... ainda. **V** com a mão na nuca de **D** enquanto este examinava de perto a sarjeta na frente da já mencionada espelunca. Que lindo - para eles. Um conselhozinho: é melhor não fumar, mas se e quando experimentar pela primeira vez, não fume feito uma chaminé todo um maço sem filtros, ou você também vai colocar para fora seus biscoitos e seus Irish creams.

um novo adendo

Ora, ora, parece que não sou a única que não consegue ficar de boca fechada. Vocês andaram me inundando com e-mails recheados das mais recentes notícias e petiscos picantes de coisas tão idiotas que eu tenho que dividir, então decidi incluir uma amostra de suas cartas em cada postagem. Façam bom proveito, meus bichinhos.

seu e-mail

P: E aí, Gossip Girl?

Vc é demais. Né?

- bug'n

R: Caro bug'n,

É.

- GG

P: Minha querida Gossip Girl,

Você não sabe há quanto tempo estou planejando criar meu site ou blog ou o que for e agora que você fez eu não posso deixar de te dizer como você é maravilhosa porque eu conheço total todo mundo de quem você fala porque eles são totalmente meus amigos e às vezes bancamos os idiotas mas todos na verdade somos inteligentes só que somos competitivos e às vezes isso me deixa triste por não podermos ficar juntos e dizer o que pensamos na cara um do outro entendeu?

- candyc

R: Minha querida candyc,

Entendi. Também sei que você e seus amigos não são as pessoas sobre quem escrevo, mas se quer acreditar nisso, tudo bem. Tenho certeza de que seus problemas são válidos e me solidarizo com eles. Espero alcançar as suas expectativas no que diz respeito a esta página, mas por favor não permita que meus esforços a impeçam de escrever alguma coisa sua. Você tem uma voz, então use, de alguma maneira. Mas primeiro, um conselho: respire fundo, tome uma taça de Sancerre e use alguma pontuação. Pode parecer antiquado, mas seus amigos a admirarão por isso.

- GG

P: Oi, GG,

Porque você tem que ser tão piranha, despejando lixo sobre pessoas que mentem e fingindo que você não inventa essa merda?

- bobão

R: Caro bobão,

E de onde você tirou a ideia de me chamar de mentirosa? Seus amigos estão mentindo quando te chamam de bobão? Quem é o bobão agora?

- GG

É agora que eu vou me retirar para um longo banho de leite e mel, fazer uma pedicure francesa, comprar um linda bata, comer um pedaço mínimo de chocolate Payard, ceder e comer um pedaço bem grande de chocolate Payard, fazer alguma coisa com meus cílios e comprar um maravilhoso par de botas de pele de enguia Louboutin. Sei que vou esbarrar com um ou dois de vocês na Madison e vocês podem me contar o que eu posso ter perdido - como se eu perdesse alguma coisa. Mais tarde, você pode se esgueirar para baixo de seu cashmere preferido com um saco de Cheetos e uma frute de champanha Cristal e ler tudo aqui. Quem tem tempo para inventar histórias quando a verdade é muito mais interessante?

Teremos mais em breve. Até mais!

Pra você que me ama,

gossip girl

V não consegue tirar d do que restou de seu cabelo

Dan. Não era o melhor nome do mundo. Ela teria preferido se ele insistisse em ser tratado por Daniel. Dashiell teria sido muito mais excitante. Depois, o apelido, teria sido Dash, o que era muito sexy. *Dan.* Quem teria pensado que ela gostava de um cara chamado Dan? Dan era tão tedioso, como John, Bob ou Brad. Mas eram sete horas de uma manhã de sábado e ela estava acordadíssima, pensando em *Dan*.

Ele ficou tão lindinho quando vomitou. Seu corpo magrelo meio que murchou de nojo enquanto ele botava as tripas para fora. Ela tentou avisá-lo de que fumar cigarros era como sugar o cano de descarga de um carro e que o corpo dele ia rejeitar todo aquele monóxido de carbono, em especial combinado com a cafeína e a merda que eles puseram no Irish coffee - bala de menta alcoólica? Mas Dan não a ouviu. Ele era teimoso e seriamente ingênuo, mas tão inteligente. Hein? Alguém mais que ela conhecia citava Goethe, Proust e Joyce sem fazer força? Era evidente que ele nasceu no século errado. E era tão lindo com a pele branca, o cabelo sem cor e embaraçado, veludo cotelê largo e os olhos castanho-claros e comoventes. Ela só queria levá-lo por aí na bolsa para poder pegá-lo e brincar com ele sempre que quisesse.

Au, au!

Vanessa pegou a caixa de fósforos do Ear Inn com a palavra *Dan* e o número de telefone escrito em sua letra arrumadinha e toda em maiúscula. Antes que conseguisse se reprimir, ela pegou o telefone no peitoril atrás da cama e discou. Lá fora nevava e chovia ao mesmo tempo, e o cheiro de açúcar molhado da fábrica de doces permeava o ar. O radiador atrás da cabeça de Vanessa tossia e estalava, tentando aquecer o apartamento minúsculo.

- Meu Deus do céu, alô? - atendeu uma voz rude.

O coração de Vanessa acelerou. O pai de Dan? Que porra ela devia dizer?

- Ah, alô. Aqui é Vanessa Abrams, gostaria de falar com Dan. Sei que é cedo...

- É? Eu não uso relógio - explodiu a voz. Ela podia ouvir farfalhar de papéis e o tilintar de copos. - Só durmo quando estou cansado. Espere, quem você disse que era?

- Vanessa - disse-lhe ela novamente. - Dan e eu nos conhecemos ontem à noite. - Ela corou ao dizer isso, percebendo que parecia que ela e Dan tinham transado ou coisa assim. Ela cruzou as pernas toda pudica, embora estivesse usando ceroula cinza e toda coberta com o edredom branco.

- Até que enfim! - grunhiu a voz. - Não faz ideia de há quanto tempo existe essa fascinação. Ele andou impossível, no mundo da lua por sua causa. Mas você deve ser uma garota maravilhosa. Meio patricinha para o meu gosto, mas tenho certeza de que tem miolos por baixo de todas essas roupas caras.

Vanessa se sentou ereta na cama.

- É da casa de Dan Humphrey?

- Sim, eu sou o pai dele, Rufus. Então, quando é que aparece para jantar? Tenho muitas receitas novas e estou morrendo de vontade de experimentá-las com alguém que não seja completamente tendencioso!

Ela tentou imaginar como seria o apartamento de Dan. O pai evidentemente gostava de cozinhar, então devia ter cheiro de alho, molho marinara e pão assado o tempo todo. Todo o lugar devia ser forrado de estantes abastecidas de clássicos. Provavelmente havia um monte de sofás confortáveis para ler e uma boa luz natural e um ou dois cães. E flores - flores e livros em todo o lugar. Ela olhou o próprio quarto branco com o futon duro no chão e nada nas paredes.

- Me parece muito bom.

- Sabe de uma coisa, o Dan não sai muito, então foi uma sorte vocês finalmente se conhecerem. Ele é um bom garoto, mas tem problemas de confiança. Não quero generalizar, mas com uma garota bonita e charmosa como você nos braços dele, talvez ele saia um pouco da concha.

Vnessa corou novamente. Será que o pai de Dan sempre falava desse jeito constrangedor? Ela esfregou a mão livre na careca recente.

- Tudo bem. Bom, por favor, diga ao Dan que a amiga Vanessa ligou.

- Tudo bem, Vanessa, amiga de Dan - repetiu o Sr. Humphrey num tom de zombaria. - Agora vá fazer outra máscara facial de ovo ou as coisas que vocês, mulheres, fazem.

Vanessa desligou e abraçou no peito os joelhos com ceroulas. Então Dan já falara dela em casa! Será que ele passou o resto da noite pensando nela, como Vanessa pensou nele? Sua câmera digital estava no chão ao lado do futon. Ela pegou a câmera e repassou parte das fotos da noite anterior. Havia Serena dançando, vestígios de sua bunda nua e tatuada aparecendo na beira da foto. Com essa cortina de cabelos louros caindo pelo meio das costas e as pernas bronzeadas e intermináveis, ela era tão perfeita e estonteante que quase parecia falsa. Então apareceu Dan, tremendo de frio sob um poste em Tribeca, os dedos ossudos em volta de um Camel sem filtro enquanto sorria com timidez para a lente. Ela tombou a cabeça e beijou com cuidado a imagem, sem ficar nem um pouco sem graça.

E ela que diz que não precisa de namorado.

eram três na cama e o menor disse, “mas que @\$% é essa?”

Blair piscou para o dossel branco que assomava acima dela. Estava sonhando que beijava Nate numa praia em algum lugar do Mediterrâneo e parecia tão real que ela podia sentir o cheiro de bronzeador Bain de Soleil e o gosto salgado do mar.

Ou talvez fosse só o gosto de cabo de guarda-chuva da bebedeira e cigarros da noite anterior.

Ela virou a cabeça pesada. O rosto de Nate estava no peito de Serena. A camiseta cinza estava fora do corpo e ele parecia totalmente... feliz. Serena estava com uma camiseta branca fina e abraçava a cabeça de Nate. Blair se colocou ereta e afastou as cobertas com os pés, ao mesmo tempo retirando-os de seu sanduíche aconchegante e revelando as pernas longas dos dois, que estavam emaranhadas.

- Eu sei que você fez isso com Serena porque faz comigo quando eu durmo na sua casa - observou ela em voz alta. - Talvez devesse, tipo assim, arrumar um ursinho de pelúcia.

Os enormes olhos azuis de Serena se abriram e ela piscou os cílios escuros para Blair. O cabelo castanho-dourado de Nate estava praticamente em sua boca enquanto ela murmurou.

- Que horas são?

- Não sei. Dez, onze. - Blair levou a perna para trás e deu um chute de kung fu nas costelas de Nate. - Dá para acordar?

Os olhos dele se abriram e ele meio que se sentou, assustado. Raios da luz de inverno branca e inflexível brilhavam pela vidraça grande.

- Nossa - murmurou ele, deixando a cabeça tombar no suntuoso travesseiro de penas de ganso. - Blair, você realmente sabe como acordar um cara. Eu devia deixar você me acordar toda manhã.

A ideia é essa.

Blair o encarou, tão adorável agora que estava deitado no travesseiro e não nos peitos 38 de Serena. Ela se aninhou no lado em que Serena não estava e pôs no rosto a mão calosa de lacrosse de Nate, falando como fez mil vezes na vida.

- Temos que fazer alguma coisa ótima neste verão, gente - anunciou ela enfaticamente. De jeito nenhum ia ficar com a família maluca neste verão, testemunhando o pai escapulindo e a mãe ficando cada vez mais gorda, em especial quando não havia aulas e ela realmente podia fugir para um lugar distante, bem distante.

Tipo o Mediterrâneo?

- Verão - refletiu Serena em voz alta. Sem escola. Dias ensolarados cheios de beijos. Nadar nus. Nate. - Mal posso esperar. - Ela passou a mão no pulso de Nate e apertou a mão livre dele. Ele retribuiu o aperto e ela balançou os pés, feliz, sob o cobertor, gritando de emoção em silêncio. Era só o começo, o começo dela com Nate.

Nate abraçou as duas meninas, sentindo-se feliz e confuso. Ele se lembrava de beijar Serena na noite anterior, e se lembrava de beijar L'Wren também. As duas eram ótimas. Ele se lembrava de se sentir superchapado, o que também foi demais. Ele adorava segurar o rosto de Blair em sua mão como estava fazendo agora. Ele adorava como seus ossinhos ficavam sob a palma da mão dele e como os lábios macios de Blair roçavam nos seus dedos. As meninas eram ótimas. As meninas eram demais. Cara, ele tinha sorte.

- Ei, Nate. Por que não passamos o verão na casa da sua tia na França? - continuou Blair. - Ela não mora, tipo assim, na Provença ou coisa parecida? A gente podia até ter créditos em francês avançado por isso.

- De jeito nenhum - respondeu Nate rapidamente. - Ela é mais *prima donna* do que a minha mãe. A gente pode ficar lá, mas vamos virar escravos dela. Vamos ter que, tipo assim, levar seu almoço na cama e levar os cachorros para tomar banho na cidade ou levá-la nas consultas de cirurgia plástica.

Blair achou que isso era meio romântico. Ela e Nate podiam ser os caseiros da tia de Nate. Eles ajudariam na casa e fariam amor na varanda à tardinha, enquanto a tia estivesse dormindo, recuperando-se de uma de suas muitas cirurgias. E Serena podia dormir na casa de hóspedes com os cachorros. Ela sempre gostou de animais.

Ah, ela ia adorar isso.

- Então, em vez disso, a gente podia velejar no seu barco - sugeriu Serena.

Melhor ainda, refletiu Blair.

E Serena podia dormir, onde? No bote salva-vidas?

Nate e o pai estavam construindo um veleiro juntos na propriedade dos Archibald em Mt. Desert Island. Eles mesmos projetaram e já tinham construído boa parte do casco neste outono, antes que o clima mudasse. Nate tirou a mão do rosto de Blair.

- Ainda nem começamos a construção direito. Só vai ficar pronto daqui a pelo menos um ano.

Blair pulou para fora da cama, pegando o MacBook de Serena na mesa, e levou para a cama. Ela o abriu e procurou no Google, "retiros fabulosos na Europa". É claro que tudo

que apareceu era totalmente pornográfico. *Retiro fabuloso de nudistas! Jantar nudista à beira da piscina! Serviço de quarto nudista! Tudo incluído!*

Eu quero!

Nate se sentou e tirou o laptop dela, pretendendo olhar um site de viagens tradicional como o Lonely Planet. Por reflexo, ele verificou seu e-mail primeiro, onde uma mensagem de lwren@knowes.com com o assunto "Continua..." acenava da lista de "não lidas". Nate olhou para Blair e depois para Serena e, em seguida, sentindo-se particularmente macho e ousado, abriu o e-mail.

De: lwren@knowes.com

Para: narchibald@stjudes.edu

Data: Sábado, 15 de fevereiro, 08:45

Assunto: "Continua..."

Querido Natie,

Você é très adorable, mas acho que fiquei meio mal - nem terminamos o que começamos, *de novo!* Para sua sorte, vamos ter uma terceira chance. No fim de semana que vem vai ter um baile de debutante no St. Claire Hotel. Não tem naaaada a ver comigo, mas minha mãe e minha irmã mais velha vão, então eu tenho que ir. Mas então, preciso de um acompanhante bonito de uma família "aceitável", e é aí que você entra. Podemos começar no primeiro andar no baile e depois ir para meu quarto de hotel. O que acha disso? Estou pegando o trem para a UVA esta noite para fazer um trabalho chato. Já estou com saudade.

Você sabe que me ama,

- L'Wren

Nate desviou os olhos da tela, vendo Serena e Blair lendo o e-mail de L'Wren por sobre seu ombro.

Serena fechou a carranca.

- E aí, você vai? - disse ela em desafio, cruzando os braços por cima da camiseta branca e comprida, o cabelo louro-claro achatado de um lado e manchas escuras de maquiagem cercando os olhos. Ela parecia Edie Sedgwick, a musa magricela e drogada de Andy Warhol, em um dia bom.

Blair deu uma risadinha maliciosa e pegou o laptop. Clicou no botão de responder e rapidamente digitou, VC É TÃO GATA, ADOREI AS SUAS TETAS – N.

Ela clicou em "enviar" antes que Nate tivesse a oportunidade de ler o que escrevera.

- É, ele vai sim - anunciou ela triunfante. - Bobão.

- Ei! - Nate pegou o laptop de volta e clicou no botão "mensagens enviadas" para poder ler a resposta de Blair. - Meu Deus - murmurou ele, desanimado. Às vezes Blair era uma reclamonha encenqueira.

Mas não é que todos somos - inclusive ele - apaixonados por ela?

Serena não tinha certeza absoluta do *que* ia acontecer. Nate e Blair pareciam estar brincando da forma sedutora de sempre e Nate tinha acabado de receber um convite daquela vagaba com nome impossível. Onde exatamente ela ficava nessa história? Já não havia meio que acontecido uma coisa *grande* entre eles na noite anterior?

- Nate - arriscou-se ela -, posso falar com você um minuto, humm, no banheiro?

Blair se levantou da cama e ficou quicando. Ela ainda estava com o pinafore roxo Marc Jacobs da noite passada e sem calcinha. Epa! Ela se sentou novamente.

- Ei! Se vocês têm alguma coisa para falar, eu quero ouvir.

- É só que... humm... - Serena estava louca para contar à melhor amiga sobre ter beijado Nate, mas ela meio que queria falar com ele primeiro, em particular. Ela queria

principalmente ter certeza de que ele também estava muito excitado com tudo. Depois eles precisavam decidir como lidar com a reação de Blair, que tendia a ser espetacular. No mau sentido.

Nate não disse nada por algum tempo. Estava irritado com Blair por mandar o e-mail a L'Wren e, embora quisesse beijar mais Serena – e ele realmente queria – ele não queria fazer isso no banheiro com Blair espiando os dois pelo buraco da fechadura. Em vez disso, ele saiu da cama e vestiu a calça, depois calçou os sapatos.

- Aonde você vai? – perguntou Blair, protegendo-se sob as cobertas. Precisava pegar uma calcinha emprestada com Serena. E não devolver, é claro.

- Para casa - respondeu ele monotonamente. E talvez, no caminho, ele parasse na casa de Charlie Dern. O irmão mais velho de Charlie estava na Costa Rica em seu ano de intercâmbio no exterior e mandava constantemente a Charlie maconha escondida em artefatos locais dentro de latas de café. Agora que Nate sabia como era incrível ficar totalmente chapado, ele queria experimentar de novo.

- Tudo bem - disse-lhe Blair irritada e foi até a antiga e imensa cômoda de Serena para procurar uma calcinha.

- Me liga mais tarde - disse Serena com a voz fraca enquanto a porta do quarto se fechava nas costas de Nate. Será que ele realmente estava saindo sem um abraço ou um beijo de despedida?

- Ele não entende - observou Blair, revirando as gavetas bagunçadas de Serena.

- Entende o quê? - Serena puxou o edredom grosso até o queixo, tentando se decidir se ficava feliz, com raiva ou triste. Ela queria dormir o dia todo e acordar com o doce beijo de desculpas de Nate. O poema que alguém deixou em seu armário estava no chão, espiando por de baixo da colcha branca. *Finja que me conhece. Que nos conhecemos.* Pelo que ela sabia, Nate nunca escreveu um poema na vida. Ou talvez ele *tenha* escrito, pensou ela, animando-se.

- Nada. - Blair pegou uma calcinha Petit Bateau de algodão branco com bolinhas vermelhas e a levou ao banheiro.

Serena continuou debaixo das cobertas, criando coragem para contar à melhor amiga sobre a noite passada e sobre a ida para o internato - tudo. Ela não ia gostar - pelo menos não a princípio -, mas Serena precisava de conselhos e Blair era sua melhor amiga.

E se você não consegue romper a bolha da melhor amiga, então que outra bolha você vai romper?

nossos corpos, nós mesmos

- Jennifer! - berrou Rufus Humphrey de seu escritório essa manhã, acordando Dan. - Que diabos é sempeitos.com?

Os olhos castanhos e sonolentos de Dan se abriram uma fenda. Seus lábios estavam colados na velha fronha Calvin & Hobbes com uma mistura seca de baba com cheiro de vômito e Aquafresh. Ele se lembrava vagamente de ser colocado num táxi por aquela menina de cabeça raspada, Vanessa, com uma nota de vinte dólares e um maço quase vazio de Camels sem filtro. Ela era legal. E descolada. Ele tinha certeza de que se divertiu, a não ser pela parte de vomitar-Irish-coffee-na-sarjeta pouco antes de entrar no táxi.

Ai.

- Jennifer? Pode me explicar, por favor, como pode ter doado quase trezentos dólares do meu dinheiro a uma instituição de caridade do Tennessee o nome de Sempeitos? O que é isso? Alguma organização de birutas que ajudam meninas subdesenvolvidas a encontrar Jesus? Jennifer... Está me ouvindo?

Dan puxou as cobertas para cima e colocou o travesseiro na cara, enjoado com o fedor de cigarro nas mãos. Se ao menos ele tivesse tido a chance de falar com Serena ontem à noite. Só um oi teria sido incrível. Em vez disso, ele se tornou fumante. Ele apertou o travesseiro nos olhos fechados. E Serena sempre se lembraria dele como o nerd que apareceu na festa e foi atirado pela porta de incêndio por Chuck Bass, para nunca mais ser visto ou ouvido.

Jenny estava deitada de costas sob a colcha de chenile Pottery Barn Kids rosa-claro, sentindo o peito.

- É só um lugar onde eu compro roupa de baixo, está bem, pai? - gritou ela, esperando calar a boca dele. Eram uma família de berros, então não era o grito que a incomodava. Era a ideia de falar de peitos com o pai, o que evidentemente não ia acontecer, nunca. Mas seu peito definitivamente tinha mudado da noite para o dia. Havia *protuberâncias* - protuberâncias de verdade, palpáveis, do tamanho de damascos! Ela retirou as cobertas e saltou da cama, espalhando folhas de papel cobertas da arte para o concurso de hinário da Constance Billard, em que trabalhou na noite passada. Ela pegou a fita métrica da sempeitos e a passou no corpo mais uma vez, com o cuidado de não torcer. A fita dizia exatamente 80 centímetros. Jenny arrancou a camisola de algodão fino da Hello Kitty para que não tivesse nenhuma ruga e se mediu de novo. Sem dúvida 80. Era um *milagre*. Ainda assim, as instruções da sempeitos diziam que era muito difícil medir a si mesma e sugeria que uma amiga ou membro da família fizesse uma leitura mais precisa.

- Dan! - gritou ela. - Rápido, vem cá!

Dan retirou o travesseiro da cara e bocejou alto. Meu Deus, era crime dormir numa manhã de sábado? Ele devia ter dormido na casa daquela garota, a Vanessa. Ela disse que morava com a irmã mais velha que ficava acordada até tarde tocando com a banda. Eles provavelmente dormiriam até o pôr do sol em completa paz. Não que dormir na casa de Vanessa fosse uma opção. E não era que ele realmente pensasse nisso em seu estupor de bêbado nem nada.

Mas agora estava pensando?

- Dan? - gritou Jenny de novo. - Está vivo?

Dan se levantou aos trancos e se arrastou infeliz pelo quarto, andando pelo corredor com o piso de taco que estalava e a parede com a tinta branca lascada. A porta de Jenny estava um pouquinho aberta.

- Tudo bem, estou aqui - anunciou ele, abrindo a porta.

Jenny estava parada diante do espelho de corpo inteiro atrás da porta do armário, com a velha camisola Hello Kitty preferida rosa-claro. Ela tombou a cabeça.

- Percebe alguma coisa diferente?

Dan semicerrou os olhos.

- Você cortou o cabelo?

Ela revirou os olhos.

- Não, idiota, eu aumentei! - Ela pôs a mão em concha no peito e apertou um pouco. Depois pegou a fita métrica e passou a ele. - Pode me medir para eu ter certeza? Deve ser mais preciso se outra pessoa medir. - Ela estendeu os braços como as asas de um avião.

Dan olhou a fita branca laminada adornada com ilustrações de sutiãs com smileys sorridentes.

- Quer que eu meça você?

- Não fique sem graça. Quer dizer, eu é que devia estar sem graça – explicou ela, aturdida pela hesitação dele. - Por favor, meça e acabe logo com isso, sim?

Dan evitou ao máximo os olhos de Jenny enquanto passava a fita pelo tronco da irmã. Ele lembrou a si mesmo de que Jenny não tinha mãe para ajudá-la com essas coisas, caso contrário teria pedido a ela. *Eu sou tudo o que ela tem*, disse ele a si mesmo, cheio de importância. A fita grudava em seus dedos pegajosos, de ressaca e sujos de cigarro.

- Não aperte demais - lembrou ela, segurando a fita na frente enquanto ele a passava por suas costas. - Mas não coloque frouxa demais também. - Ela endireitou o corpo.

- Humm, parece 80 centímetros. Talvez um tracinho a mais.

Um tracinho *a mais*? Jenny arrancou a fita métrica e pulou corda com ela.

- Eu tenho 80! - gritou ela exultante. - 80! - Isso não significava que ela pudesse encher um sutiã M, mas quase. Em breve.

As folhas de papel espalhadas no chão atraíram a atenção de Dan e ele se curvou para olhar mais de perto. Os olhos azuis de Serena o fitavam com astúcia, o cabelo louro luxuriante derramando-se nas dobras do vestido branco. As palavras *Hark! The Herald Angels Sing* estavam impressas em negrito abaixo de seus pés descalços e perfeitos e as asas brancas e felpudas se abriam, como se ela estivesse prestes a alçar voo.

Asas?

Ele pegou um dos desenhos e o levou ao peito.

- Posso ficar com isso? - perguntou ele sem pensar em como parecia pervertido, perturbado ou biruta.

- Não, é meu, seu anormal - rebateu Jenny, passando os braços por seu imenso roupão cor-de-rosa. O que Dan podia fazer com este desenho na privacidade de seu quarto era nojento demais para se pensar. - Largue.

Com relutância, ele deixou o papel flutuar até o chão. Ele cruzou os braços e o olhou. Serena. *Serena, Serena, Serena.*

- Bom, quando os hinários forem impressos, eu vou fazer você roubar um pra mim.

Jenny se aproximou e olhou os desenhos com ele.

- Acha que posso vencer? Quer dizer, sou só do sétimo ano e tem, tipo assim, veteranas que são melhores artistas do que eu.

Dan revirou os olhos. Jenny nunca entendeu a artista dotada que era. Desde que pôde segurar um lápis, ela desenhava retratos de todos da família com a mais incrível precisão. Uma vez, ela se meteu em problemas por desenhar a diretora da escola, a Sra. McLean, durante a reunião de alunos. Mas quando a Sra. M viu com que precisão e vivacidade fora desenhada, descendo a detalhes como a cabeça estranhamente quadrada da diretora, ela perdoou Jenny. Agora o retrato estava emoldurado e pendia na parede da sala da Sra. M, para pesar de Jenny.

- Eu sei que você vai vencer - disse-lhe Dan, cheio de confiança. Ele estava prestes a lhe dar um abraço de irmão mais velho quando percebeu que Jenny estava com as mãos por dentro do roupão e sentia o peito novamente, desta vez examinando detalhadamente os seios.

Que legal.

- Tenho que ir agora. - Ele adorava a irmã mais nova, mas não ia ficar olhando seu desenvolvimento, por mais que ela sentisse falta de uma mãe.

Espere só até que ela o leve para comprar seu primeiro sutiã.

o que o amor tem a ver com isso?

Serena colocou o MacBook prata na mesa, afastando os quatro luxuosos catálogos de colégios internos que a mãe deixara ali com um bilhete escrito em sua letra cheia de voltas: *Sabe que seu pai e seu irmão ficariam felicíssimos se você fosse para a Hanover.* Como se Serena pudesse até *pensar* em colégio interno, agora que ela e Nate se beijaram. Ela pegou o controle remoto e zapeou pelos canais, procurando por alguma coisa que a absorvesse para passar o tempo em que Blair estava no interminável banho.

- Volta! - gritou Blair do banheiro. A porta se abriu, liberando uma nuvem de vapor e ela saltou na cama, totalmente vestida, o cabelo molhado pingando. Ela atirou a toalha branca e molhada na mesa, cobrindo os catálogos de internatos. - *Era Quanto mais quente melhor.* Eu reconheço a voz de Marilyn em qualquer lugar.

Por que é tão parecida com a dela?

As duas meninas viram o filme em silêncio. Marilyn Monroe beijava o cara charmoso que não era bom para ela e falava acelerado.

- É ótimo como todos eles beijam nesses filmes antigos, né? Tipo assim, beijar realmente significava alguma coisa - observou Serena, tristonha - É tão romântico dizer a um cara que você ama, "Me beije". - Ela sorriu consigo mesma, por um momento saboreando seu segredo até que soltasse e não fosse mais segredo. Na tela, Marilyn e o Sr. Charmoso olhavam-se com desejo. Ela lambeu os lábios, preparando-se para sua confissão.

- Já se perguntou como seria beijar o Nate? - disse Blair. Ela não podia ver ninguém beijar sem pensar em Nate.

Serena prendeu a respiração. Todo seu corpo parecia ter sido atirado em uma grelha.

- Humm... Na verdade eu...

- Às vezes eu imagino. - Os lábios finos e expressivos de Blair se curvaram num sorrisinho tímido. Ela suspirou e abraçou os joelhos, sentindo-se um pouco mais segura de si, agora que estava limpa e de calcinha. - Pra falar a verdade, acho que imagino o *tempo todo*. - Ela virou a cabeça, pousando a bochecha nos joelhos. - Sei que sempre sou uma cretina com ele e estou sempre dando mole, e você sempre me sacaneia por ser apaixonada por ele. Mas a verdade é que não é só uma brincadeira. Eu sou total e completamente apaixonada por Nate. Sou apaixonada por ele *desde sempre*. E acabo de chegar a um ponto em que vou *morrer* se não puder ficar com ele.

Serena se encolheu nos travesseiros fofos da cama e fitou a amiga mais velha e mais querida numa incredulidade muda. Todo o quarto estava nublado e Marilyn Monroe parecia falar a quilômetros dali.

- Sei que você acha que é tosco porque ele é quase um irmão ou coisa assim. Mas não consigo evitar. Eu o amo demais. - Blair se balançou de um lado a outro. - Eu até sonho acordada que nós dois somos casados - admitiu ela.

Serena engoliu o bolo enorme que tinha na garganta. Como poderia dizer alguma coisa sobre ter beijado Nate na noite anterior estar apaixonada pelo próprio Nate quando Blair falava de se casar com ele? Se ao menos ela tivesse tido alguma coisa certa quando eles acordaram. *Nate e eu nos amamos*, ela se imaginou dizendo enquanto Nate ainda estava deitado ao lado dela, e seu rosto corou. Ela meteu o polegar na boca e começou a roer a unha de manicure perfeita. Nunca foi de roer unhas, mas esta parecia uma boa hora para começar.

- E agora ele está com aquela piranha cafona da L'Wren - gemeu Blair. - Sabia que ela foi para O internato? Eu odeio meninas de internato. Elas fingem que são todas modernas, descoladas e relaxadas, mas na verdade são só umas imbecis. E você

percebeu que ela fala próprio nome *L* apóstrofe *W-R-E-N*? É tão retardada. Mas então, você tem que me ajudar.

Serena piscou os imensos olhos azuis. Podia sentir uma ressaca se aproximando e não era nada boa.

- Claro - ofereceu-se Serena, pressionando os nós dos dedos trêmulos nas têmporas. - O que você quer que eu faça?

- Você viu como eu respondi ao e-mail daquela cretina e basicamente disse a ela que Nate a acompanharia ao baile brega de debutantes, né? - Blair mordeu ansiosamente o lábio inferior e prendeu o cabelo escuro e molhado num coque firme. - Eu sou uma idiota. Não sei por que fiz isso. Ele não pode ir. Temos que impedi-lo. E depois tenho de dizer a ele... sabe como é... que sou apaixonada por ele.

Sempre que Blair dizia isso os braços de Serena eram tomados de arrepios.

- Não se preocupe - respondeu ela de um jeito tranquilizador, sentindo-se ao mesmo tempo uma traidora e uma mártir. - Vamos pensar em alguma coisa. - Ela passou os dedos longos e elegantes pelo cabelo louro embaraçado. É claro que Nate não tinha a intenção de acompanhar a *L'Wren* ao baile - não quando estava apaixonado por *ela* -, mas ela sabia que Blair gostava da ideia de que competia com *L'Wren* afeto de Nate e não teve coragem de corrigi-la.

Blair imaginou Serena de smoking e rabo de cavalo enquanto fingia que a acompanhava em um baile de debutantes. Serena colocaria alguma coisa na champanhe de *L'Wren* e depois Blair roubaria Nate numa daquelas carruagens puxadas a cavalo, galopando para uma suíte no Tribeca Star ou num hotel igualmente suntuoso no centro.

Bem no estilo de *Quanto mais quente melhor*.

Ela abraçou Serena e enterrou a cara no cabelo louro e bem condicionado da melhor amiga.

- Eu o amo tanto - desabafou Blair, aliviada que a informação finalmente tivesse saído e ela pudesse falar disso com Serena, sua fiel aliada.

Serena afagou as costas de Blair com os olhos na TV de tela plana. Marilyn e seus dois companheiros travestidos estavam num trem viajando para Miami. Embora estivessem de vestido, maquiagem e joias, os homens eram evidentemente homens e Marilyn era burra demais para não perceber.

- Sabe o que a gente devia fazer nesse verão? - refletiu ela em voz alta, desesperada para mudar de assunto. - Comprar passagens do Eurail e viajar de trem pela Europa toda, parando onde parecesse legal. Meu irmão fez isso no verão passado, lembra? Ele ficou bem magro e bronzeado. Seria tão romântico - continuou ela toda entusiasmada, soltando Blair para ver se ela estava ouvindo.

- É perfeito! Minha tia vai se casar na Escócia em agosto, então eu preciso mesmo ir para lá. - Agora os olhos azuis e brilhantes de Blair cintilavam. - Nate e eu podíamos dividir uma daquelas cabines minúsculas! Vamos viajar o tempo todo, pedindo o serviço de quarto, sem jamais sair do trem. E talvez você conheça um cara também - acrescentou ela generosamente para Serena.

Obrigada. Mas muito obrigada mesmo.

Serena assentiu com energia. Ela sempre foi uma atriz nata.

- Um, não... dez! cem! Vou pirar nos homens! - Ela ficou em pé na cama e quicou.

Blair riu.

- Você é uma puta.

Serena continuou quicando enquanto a semente terrível que plantou criava raízes e começava a se espalhar como uma erva daninha venenosa. Ela ainda não contara a Blair sobre os pais quererem manda-la para o internato no ano que vem e não contara a ela sobre ter beijado Nate. Sempre que seu pé fazia contato com a cama, ela sentia um peso

pavoroso. Ela mentira para Blair. Era uma amiga horrível. Depois estava no ar de novo, exultante. Nate a beijou! Eles estavam apaixonados! E mais uma vez seus pés tocavam as cobertas – ah, como pôde fazer isso? Blair ria alegremente, vendo a amiga quicar, sem saber do abismo que já se formava entre as duas, como uma rachadura na calçada. Serena fechou bem os olhos, ainda quicando. Como era possível ficar tão feliz, excitada e apaixonada e ao mesmo tempo tão magoada, triste, confusa e assustada? Isso é a vida, meu bem. Acostume-se com ela.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Ocorre-me que muitos de vocês sintonizados aqui não moram perto desta linda cidade e podem não ter a oportunidade de visitá-la. Permitam-me pintar um quadro mais nítido de meu modesto bairro, o diamante de 60 quilates de Manhattan. Quase todos nós moramos no raio de vinte quadras que vai da rua 68 Leste à 86 Leste, da Quinta Avenida a Park Avenue. Nós nos vemos na deli quando estamos comprando Trident de canela e Parliaments. Bebemos cappuccinos juntos na escadaria do Met, dividimos pratos de fritas na Jackson Hole ou lançamos olhares solidários a nossas mães durante o brunch no Payard. Então, aonde vamos quando não queremos que nossos pais ou os pais de nossos amigos nos vejam? Ao parque, é claro, ao Central Park.

Os guias daqueles apavorantes ônibus de turismo vermelhos de dois andares que rodam pela cidade podem tentar lhe dizer que Nova York é cheia de parques, mas para nós só existe um. Pode parecer meio estranho que a gente frequente tanto o parque com nossos uniformes pregueados e sapatos altamente cobiçados, mas aquele é nosso lar fora do lar. Os patos na represa nos conhecem pelo nome. Os sem-teto piscam para a gente. As pedras têm manchas de onde nos sentamos por horas, aproveitando o sol. E como nossos pais *jamaiz sonham* em sair de suas limos pretas e reluzentes para se aventurar no parque e não têm a menor ideia do que nos acontece por lá, eles não sabem o que fazemos enquanto estamos sentados em nossas amadas pedras.

Basicamente, tudo o que não podemos fazer em casa. É claro que nossos pais chegam em casa tarde e passam metade do tempo fora, mas precisamos de *um lugar* para ir quando eles estão em casa. Graças a Deus existe o Sheep Meadow. A Bethesda Fountain. A estátua de Romeu e Julieta. O zoológico. Nossas coberturas e casas podem ser lindas, e nossas casas de campo e de praia ainda mais, mas o Central Park é o lugar de que nos recordaremos quando nos lembrarmos de crescer.

flagras

N em nosso amado parque Sheep Meadow com colegas de lacrosse do St. Jude's, tomando aulas sobre a arte de comprar uma trouxinha. Parece que alguém tem um novo hobby. **B** numa loja de fantasias estranhas no NoHo experimentando um traje de porteiro. Já se preparando para o Halloween? **S** aparando as pontas no Bumble e Bumble da 56, parecendo incrivelmente deprimida. Anime-se, meu bem, a primavera logo vai chegar. **J** andando pela Broadway, parando diante de cada vitrine recém-montada para admirar os últimos acontecimentos. Você conhece aquela música: *All it takes is a rake and a hoe and a piece of fertile ground*. **D** na seção de poesia da livraria Strand no Village, lendo Keats por prazer. Logo ele vai começar a se vestir de meias até os joelhos e camisas brancas bufantes com babados e restringir o consumo, só para fazer efeito. **V**, seguindo-o com sua câmera digital. Ela daria medo se não estivesse uma gracinha de apaixonada. **C** fazendo seu desfile com capa em couro branco com

monograma de carro diante da embaixada da Itália. Ele está posando para a *Vogue* italiana ou está pensando em emigrar?

seu e-mail

P: Cara GG,

Tenho que ir a um baile de debutantes com uma menina porque ela me convidou e eu gosto dela mas (a) não sei dançar nada, a não ser ska; (b) eu me recuso a usar smoking; (c) eu tenho um piercing na língua que tenho certeza de que ela não sabe e (d) não sei por que eu disse sim.

- b-baca

R: Caro b-baca,

Você se chamou assim, não eu. Só o que eu posso dizer é que ela o convidou por um motivo e aposto que tem um monte de coisas que você também não sabe sobre ela. Por exemplo, ela deve ter mais piercings do que você, e outras coisas que você ficaria apavorado em descobrir. Então por que não descobri-las?

- GG

P: Prezada gossip girl,

Nem acredito que você está aqui e eu estou aqui e ai meu Deus a vida é tão doida. Você sabe que todos nós dançamos naquela festa no fim de semana e eu vomitei total no radiador? Ai meu Deus. Meu pai teve que, tipo assim, pagar por aquilo. Estou numa encrenca danada. De qualquer forma, obrigada por me mandar para casa no seu carro - foi um amor da sua parte. Eu te amo!

- cara

R: Prezada cara,

Ainda estou me recuperando daquela festa - feliz por saber que você chegou segura em casa. Mas cuide para colocar aquela blusa linda de seda Marc Jacobs lavanda de molho numa boa água morna com lava-roupas Woolite. Eu odiaria vê-la arruinada. Eu te amo também!

- GG

E por falar em partilhar amor, acho que está na hora de tirar minha bunda dessa pedra e andar devagar e sedutoramente para casa através da multidão de meninos adoráveis que jogam futebol ali. Alguns me parecem conhecidos. Mesmo que eu não os conheça, todos eles me conhecem. Ou logo conhecerão.

Pra você que me ama,

gossip girl

De: lwren@knowes.com

Para: narchibald@stjudes.edu

Data: Domingo, 16 de fevereiro, 14:45

Assunto: Re: Re: ...continua.

Querido Natie,

Obrigada por seu bilhete. Acho que vc sabe que te acho um gato. Tenho tipo oito namorados aqui, mas não consigo parar de pensar em vc. Por favor, vá até o final do e-mail p/ver a minha foto de calcinha de seda com estampa de leopardo Victoria's Secret que comprei para o baile a que vc vai me levar. Espero que goste! ;)

Morrendo de saudade,

L'Wren

De: bwaldorf@constancebillard.edu
Para: svanderwoodsen@constancebillard.edu
Data: Domingo, 16 de fevereiro, 17:17
Assunto: Eu e nate

oi,

Eu andei pensando, e se você se vestir de garçom, eu me esconder debaixo de uma mesa e quando ninguém estiver olhando, a gente amarra as mãos e os pés de L'Wren com o cachecol Hermes da minha mãe? Depois eu levo Nate para baixo da mesa comigo e, enquanto você inventa uma distração, a gente, tipo assim, sai engatinhando do salão e some dali. Pode dar certo, né?

Vou continuar pensando.

- B

hms chapadão

Nate estava na calçada da pizzeria na 80 com a Madison com um grupo meninas da L'École, impressionando-as com sua nova capacidade de comprar maconha, enrolar um baseado e ficar chapado em plena luz do dia. Depois da nevasca no fim de semana, a segunda-feira estava estranhamente quente e as meninas da L'École ostentavam o que restava do bronzado de St. Barts amarrando as fraldas das blusas da escola para revelar a barriga achatada e enrolando a cintura da saia de lã pregueada do uniforme até que mais parecia uma tanga do que uma saia.

Na véspera, os colegas de turma do St. Jude's de Nate, Charlie Dern e Jeremy Scott Tompkinson, apresentaram Nate a Mitchell, o cara pálido e alarmante de magrelo da pizzeria que vendia fatias de pizza e trouxinhas de cannabis tailandesa de primeira a quem sabia pedir "duas fatias de siciliana com orégano extra".

Arrá, a palavra mágica.

Nate se sentia um espião, mas ficou chapado de novo. Na verdade, como na véspera ele havia concluído que gostava muito da sensação de ficar doidão - como tudo ficava muito mais intenso e ao mesmo tempo muito mais fácil -, ele pretendia ficar doidão pelo resto da vida.

Não deixa de ser uma aspiração.

Ontem, na casa de Charlie, ele descobriu que os três colegas já fumavam maconha há anos. Anthony Avuldsen, o louro übermauricinho com cara de surfista da turma dele, roubava a maconha do pote de café guatemalteco especial do pai desde que tinha 10

anos. Jeremy, o magrelo com cabelo de Beatles do final dos anos 60 cujas calças estavam sempre caindo, fez o próprio cachimbo na aula de cerâmica, queimou no forno e tudo, e vitrificou com um desenho xadrez multicolor que parecia extremamente psicodélico depois de uns tapas. E havia também Charlie, cujo irmão mais velho, Tao, mandava maconha para ele o tempo todo. Os quatro meninos tinham fumado no cachimbo de Jeremy ontem. Foi muito intenso.

Uma das alunas da L'École beijou Nate no rosto antes de ir embora, sufocando-o com seu cabelo preto com spray.

Merci! Merci! *Muá! Muá!*

Nate deu um tapa no baseado e semicerrou os olhos para o sol amarelo, aquecendo-se nele. Ah, sim, sem dúvida era ótimo ser jovem, bonito, chapado e concorrido. L'Wren o queria, essas francesas todas o queriam, Blair sempre meio que o queria e Serena sem dúvida nenhuma o queria de verdade, ele estava prestes a pegá-la na escola para descobrir o quanto.

Serena estava com pressa. Sua reunião com o reitor de admissão da Hanover e seu pai ia começar em dez minutos no Vale Club na Vanderbilt Avenue, a mais de 50 quadras de distância. Madame Rogers a atrasou, dando a toda a turma uma aula em francês sobre por que o pretérito perfeito do condicional era o mais importante de todos, tagarelando que nenhuma pessoa inteligente podia passar sem ele porque permitia que a linguagem tivesse imaginação e inspirava cineastas franceses a investigar reinos românticos que de outra forma teria continuado inexplorados.

Tipo *O último tango em Paris?*

Quando a aula finalmente acabou, Serena voou pelas portas azuis da Constance Billard School for Girls, abotoando o casaco de veludo Agnès B. cor ele framboesa enquanto andava e acenava como louca para parar um táxi. Ela teve medo da reunião o dia todo mas, se chegasse atrasada, seu pai provavelmente a mandaria a uma escola militar em vez de um internato.

- Ei... peraí! - De repente a cabeça loura, linda e irresistível de Nate e seus olhos verdes cintilantes boiaram na frente dela. Ele se inclinou e a beijou direto na boca.

Olá.

- Pensei em você o fim de semana todo - disse-lhe ele, de repente percebendo que podia ter *beijado* Serena o fim de semana todo se não tivesse ficado alto com os amigos.

Dããã.

- Eu também - sussurrou Serena, o coração batendo como louco nas costelas. Será que ele veio se desculpar por sair da casa dela tão de repente na manhã de ontem? Será que ele veio dizer que a amava? Ela segurou a mão dele e a ficou balançando, o rosto adquirindo um rosa brilhante e feliz. Atrás, ela podia ouvir o zumbido da fofoca das alunas da Constance Billard.

- Peraí, eles estão juntos, ou só se beijam na boca quando se encontram ou coisa assim?

- Kati Farkas queria saber enquanto passava e aplicava gloss nos lábios num fascínio completo.

- Sei lá. Ela me parece bem confusa - observou Isabel Coates com uma precisão clássica.

- Nossa, ele é um gato. No lugar dela, eu o agarraria e arrancaria suas roupas - declarou Laura Salmon.

- Cadê a Blair? - perguntou Rain Hoffstetter.

Felizmente, Blair estava numa aula de tênis na Asphalt Green. Nate pegou na mochila o minúsculo veleiro azul que fez na aula de artes e deu a Serena.

- Fiz pra você - disse-lhe ele timidamente, parecendo ter uns 7 anos.

Serena passou a maior parte da véspera com Blair, fingindo estar animada com Blair e Nate. Agora mal conseguia resistir a agarrá-lo e beijá-lo todo. Ela avançou um passo e se encostou em seu peito musculoso. Ele tinha cheiro de fumaça e Nate, e era maravilhoso.

- Quando a gente vai contar a Blair? - perguntou ela.

Nate enterrou o nariz no cabelo claro de cheiro doce de Serena. Não lhe ocorreu que eles deviam contar alguma coisa a alguém. Afinal, eles ficavam juntos o tempo todo mesmo. Agora eles só se beijavam quando estavam juntos, e cedo ou tarde fariam mais. Mas as meninas eram assim - tinham de saber das coisas. Precisavam planejar.

- Você não contou? - respondeu ele. - Não é nenhum segredo nem nada disso.

Serena recuou um passo e examinou o barquinho de argila na mão. Suas colegas da Constance estavam reunidas tão perto, que ela baixou a voz para não ser ouvida.

- Eu não contei porque pensei que devíamos fazer isso juntos. - Ela olhou cheia de esperança para Nate. *Como namorados*, acrescentou ela em silêncio.

Nate deu um sorriso infantil. A coisa mais incrível em estar chapado era que ele podia pensar numa coisa completamente egoísta e irresponsável, depois dizer e não se sentir culpado por isso.

- Eu prefiro que você conte a ela. Não sou bom nessas coisas. E você conhece a Blair.

Serena revirou os olhos como se entendesse. É, ela conhecia a Blair. Blair ia decapitá-la com suas unhas perfeitamente pintadas. Mas um dia tudo seria perdoado - talvez.

- Tá legal. Bom, vou contar a ela logo - prometeu Serena vagamente. - Mas tenho que ir agora.

Nate avançou um passo e lhe deu um leve beijo na boca.

- Você está linda hoje - disse ele, querendo agora não estar tão doidão.

Serena riu e o afastou.

- Eu te ligo, tá legal? - disse ela rapidamente antes de disparar pela rua e entrar num táxi que esperava. Sentando-se atrás no banco de vinil pegajoso, ela pegou o barquinho de argila azul no bolso do casaco. Estava escrito no casco HMS SERENA, com um coração vermelho ao lado do seu nome. Eram quatro horas e a Quinta Avenida enxameava de estudantes de escolas particulares uniformizadas e suas babás a caminho das aulas de balé ou patinação no gelo no Sky Rink. O táxi parou no sinal na esquina da Quinta Avenida com a 93. Nate o alcançou e Serena baixou a janela, colocando a cabeça para fora.

- Ei, Natie. Não vai mesmo levar a L'Wren naquele baile de debutantes, vai? - gritou ela.

Nate colocou as mãos nos bolsos da calça cáqui. Blair tinha respondido ao e-mail de L'Wren com aquela réplica retardada e ninfomaníaca, então ele agora estava meio comprometido, não estava? Além disso, quando ele contou sobre isso a Charlie, Anthony e Jeremy, todos concordaram – *L'Wren é coisa certa, cara. Transa com a garota mais velha e acaba com isso. Se esperar para fazer com alguém que ama, será um virgem de 30 anos*. Essas palavras pareceram muito sensatas para ele.

- É. Acho que tenho que ir! - gritou ele, como se fosse um trabalhão daqueles.

Serena se recostou no banco enquanto o táxi entrava na Quinta, passando pelo museu Cooper-Hewitt, o museu Guggenheim e o Metropolitan num borrão de cinza. Seu celular zumbiu com outra mensagem de texto maluca de Blair.

A GENTE PODE BATER NA CABEÇA DE NATE E ELE DESMAIA E ESQUECE DE IR, MAS E SE ELE AMNÉSIA E NÃO SOUBER QUEM EU SOU? ENTÃO TALVEZ EU FINJA QUE JÁ SOMOS CASADOS!

Até agora, Serena ignorou os estratagemas malucos de Blair, tratando-os como isso mesmo – malucos. Agora que ela sabia que Nate ainda pretendia levar L’Wren ao baile, as coisas estavam diferentes. Ele não podia ir de jeito nenhum.

wimbledon pode esperar

Blair costumava fantasiar sobre rolar na areia com um biquíni de batik numa praia exótica com o instrutor de tênis, Duane, que tinha os músculos, o cabelo preto ondulado e os olhos turquesa mais incríveis e falava com sotaque australiano. Mas agora que verbalizara sua paixão por Nate a Serena, ela superou Duane. Toda sua *raison d’être* era Nate, Nate, Nate e ela não ligava mais para as coxas de Duane ou se o cabelo dele era preto, verde ou roxo.

Duane queria trabalhar os voleios de Blair e seu jogo de pés, mas Blair estava tão preocupada com a ideia de que precisava bolar um plano tirar-Nate-da-cama-de-L’Wren-e-botar-na-dela que fosse à prova de falhas que insistiu em só treinar os saques. Deste modo, a cada vez que Duane recarregava a máquina de bolas, ela podia pegar o celular e mandar outro plano diabólico para Serena.

A GENTE PODE DAR UM PORRE NELE, ENROLAR EM LENÇÓIS E TRANCÁ-LO NUM ARMÁRIO E SÓ SOLTAR QUANDO PROMETER NÃO IR.

Duane liberou a bola seguinte antes que Blair estivesse pronta e ela bateu em cheio em seu peito.

- Meu Deus! Vai se foder! - gritou ela, fuzilando-o com os olhos.

Ora, ora.

Num banco no meio da arquibancada central, uma menina do Sagrado Coração que esperava por sua aula escondeu o riso na mão. Usava um vestido de tênis Lacoste verde-limão e tinha os músculos dos braços muito impressionantes para uma menina que não passava de 11 anos. Blair pensou que a garota era meio parecida com ela alguns anos atrás - tão séria com o tênis e ainda sem pensar em homens. Agora as coisas eram diferentes. Ela só pensava em Nate. Era como se passasse um filme em sua cabeça o tempo todo, uma história de amor.

Ela e Nate finalmente declarariam sua paixão mútua depois de tantos anos de negação e iam passar os últimos anos do secundário grudados na boca um do outro. Ela passaria a maior parte das noites na casa dele, mas de vez em quando eles iam escapulir para a casa de verão da família dela em Newport, Rhode Island, quando os pais dela estivessem jogando golfe na Escócia, e iam fazer amor nos sofás sem tirar as capas que colocavam a cada inverno. Depois eles se formariam e iriam para Yale, onde os dois entrariam antecipadamente, porque, fala sério, se era para se candidatar, não havia outra universidade digna disso. Depois Nate se tornaria advogado e ela se tornaria alguma coisa viajada, glamourosa e divertida que envolvesse usar roupas incríveis e ter conversas inteligentes ao mesmo tempo. Eles teriam o casamento do século na catedral de St. Patrick, iam se mudar para um inacreditável apartamento em Park Avenue e transariam o tempo todo. Este filme estava em reprise constante em sua mente e era difícil pensar em outra coisa. Ela certamente não podia treinar seu saque.

O bolso da saia de tênis listrada de rosa e creme Lilly Pulitzer vibrou. Blair mandou um saque vigoroso na cabeça de Duane e sacou o celular. Serena tinha respondido.

E SE AGENTE PREPARAR O NATE PRO BAILE? DEIXAR O CARA BEM BEBUM. VC BEIJA ELE, ELE SE ESQUECE DE IR AO BAILE?

Blair respondeu rapidamente:

LEGAL! VAMOS PLANEJAR MAIS TARDE? TE ADORO11!

Duane soltou outra bola, que raspou no ombro de Blair. A bola seguinte quicou diretamente diante dela e quase atingiu seu olho. Ela afastou rosto do telefone. Duane estava do outro lado da quadra com as mãos na cintura atlética, os lindos olhos escuros vincados de impaciência.

- Se quer mesmo entrar no campeonato nacional este ano, sugiro que guarde esse telefone! - gritou ele com seu lindo sotaque australiano antes de se virar para acionar a máquina de bolas.

Blair tinha uma conspiração a tramar e a pequena performance de Duane com as bolas de tênis era totalmente irritante. Afinal, quem pagava era ela. Ele podia esperar enquanto ela digitava mensagens muito importantes. Ou podia ir se foder. Ela respondeu com um dar de ombros. Foi até a menina do Sagrado Coração e lhe entregou sua raquete de tênis.

- Acho que fiquei menstruada. Por favor, coloque isso no meu armário e diga a Duane que fui para casa - instruiu ela, indo despreocupadamente para a saída.

Bom *backhand*.

baixa em S a melhor atriz

A meia-calça creme Welford com padrão de renda de Serena coçava e seu pai a enlouquecia com suas perguntas intermináveis.

- Ouça, Serena é muito criativa. Ocorreu-me que ela pode atuar. Não consigo me lembrar... A Hanover tem um bom programa de teatro? Eu era de uma equipe de debates.

William van der Woodsen era alto e bonito, de olhos azul-escuros como os da filha, cabelo cinza alourado e uma tendência a usar plastron de seda em vez de gravatas. Ele era o epítome do almofadinha e por várias vezes Serena viu mulheres, de jovens comissárias de bordo a matronas diretoras de escola, praticamente desmaiarem na presença dele. Ele cruzou as pernas longas de jogador de squash.

- Acho que ela é uma boa contribuição para qualquer programa de teatro, não concorda? Serena sentiu o celular zumbir no bolso do casaco forrado de cetim. Por reflexo, ela olhou o aparelho e leu o texto de Blair. Curvando-se para que suas mãos ficassem escondidas pela mesa, ela digitou a resposta rapidamente.

O reitor de admissão da Hanover acabou sendo uma mulher de meia-idade chamada Candice Kaplan que parecia se esforçar muito para ser *cool*. Seu cabelo de corte curto era tingido de um âmbar escuro e ela vestia um terninho Chanel rosa angorá e botas Manolo de couro preto. Na verdade ela *era mesmo* meio *cool*.

- Eu interpretei Lady Macbeth em nossa produção das veteranas - disse esfuziante a diretora Kaplan com sua sedutora voz aveludada. - Conseguimos umas críticas boas e fizemos uma turnê pela Europa no verão. - Ela piscou como quem conspira para Serena e empurrou os óculos hexagonais rosa pelo nariz longo e ossudo. Uma imensa aliança de noivado de platina e safira cintilou no anular da mão direita. - Eu esperava que me fizesse umas perguntas, querida - disse ela incisivamente.

A sala de estar principal do Yale Club era do tamanho de um salão de baile, com janelas acortinadas de veludo azul-marinho do chão ao teto dando para a Grand Central Station. Garçons de gravata-borboleta entravam e saíam em meio aos grupos reunidos em silêncio em poltronas de couro marrom, servindo com eficiência coquetéis, chá e jornais. Era uma excelente opção para uma reunião como esta, uma vez que não havia possibilidade de aparecer alguém que Serena conhecesse. Ela respirou fundo, prestes a fazer a melhor representação de sua vida.

- Não sei no que sou boa - ela suspirou, cruzando os braços e fitando as botas Marni marrons. - Viajei pelo mundo todo e tive professores particulares de francês, latim e história mundial. Jogo tênis, hóquei sobre a grama, futebol. Nado, leio, escrevo. Sou péssima em matemática e sim, atuei um pouco. Mas, quando penso no futuro, eu talvez vá ser só... - Sua voz falhou dramaticamente enquanto ela puxava a cabeleira linda e loura para o alto da cabeça e fazia um beicinho com os lábios com gloss. Depois ela deixou o cabelo cair em cascata pelos ombros bem definidos. - Cabeleireira? Atriz? Quem sabe? Provavelmente vou aprender muita coisa, mas não farei nada muito bem.

Serena não sabia exatamente quem estava baixando nela – Liz Taylor como criança prodígio misturada com um pouco de Lindsay Lohan? -, mas sabia que estava dando certo. Candice tirou os óculos e examinou Serena, como se percebesse pela primeira vez que Serena podia ser uma puro-sangue, um espécime extraordinário de ser humano com uma conformação perfeita, mas também uma mimadinha.

- Quer dizer, eu só tenho 15 anos. Como posso saber de alguma coisa? - acrescentou Serena, olhando o pai. Ele tomou um longo gole do scotch e descruzou e recruzou as pernas longas e graciosas. Ela sabia que ele resistia a colocá-la sobre os joelhos e lhe dar umas palmadas. *Desculpe, papai*, disse-lhe ela em silêncio, *mas eu não posso ir agora. Simplesmente não posso.*

- Bom, certamente você tem a aparência para fazer o que quiser - observou a diretora Kaplan, os cantos da boca pintadas de fúcsia curvando-se de desprazer. Ela deu um pigarro e rapidamente empurrou os óculos para cima do nariz. - Mas você está se matriculando tarde, suas notas são apenas corretas e seus testes SAT deixam muito a desejar. Seu irmão, Erik, é um tesouro absoluto na Hanover... Que esquiador!... Mas receio que isso não seja o bastante para permitir seu ingresso assim tão tardiamente. - Ela franziu os lábios. - Serena, você precisa me provar que realmente quer ir.

Serena fitou as botas sem dizer nada. *Não, não, eu não quero ir!*

A diretora Kaplan se levantou e estendeu a mão para o Sr. van der Woodsen.

- Analisaremos a solicitação assim que a recebermos, mas lamento dizer que não posso prometer nada. Obrigada pelo chá.

Serena se levantou e apertou a mão da diretora, sorrindo feito uma idiota. Assim que a diretora Kaplan foi embora, o Sr. van der Woodsen sentou-se novamente, endireitando o plastrom de seda verde e girando o scotch no copo de cristal, visivelmente pesaroso,

- Perdi uma reunião do conselho por isso - observou ele com amargura. Ele fitou a filha, os olhos azuis frios de mágoa. - Se não quer ir para um colégio interno, por que não diz simplesmente?

Serena roeu a unha do polegar, sentindo-se totalmente envergonhada. O pai sempre lhe deu tanto apoio, aparecendo do nada em todas as suas apresentações e peças escolares quando ela sempre achou que ele não fazia ideia do que ela andava aprontando. Ela sorriu para si mesma, lembrando-se da vez na quarta série em que ela perdeu cinco dentes numa semana e estava fazendo a segunda filha de *A noviça rebelde*. Sua língua ficava saltando pelo buraco na boca e ela mal conseguia falar, que dirá cantar um yodel sozinha.

High on a hill was a lonely goatherd, Lay odl, lay odl lay hee hoo!!

Mas ela foi até o fim da apresentação, a cara quente e vermelha e os olhos molhados de lágrimas de constrangimento. Depois o pai lhe deu de presente um buquê imenso de margaridas japonesas do Takashimaya e a levou para o Serendipity para um sundae gigante de hortelã, embora sorvete e restaurantes cheios de crianças gritonas lhe dessem arrepios.

Ela olhou cheia de esperança para o pai do outro lado da mesa. Ele podia estar decepcionado, mas era o pai dela e Serena sabia que ele só queria que ela fosse feliz.

- Eu não quero ir, pai - disse-lhe ela, os grandes olhos brilhantes e azuis. - Não quero ir para o colégio interno.

O Sr. van der Woodsen baixou o drinque na mesa e abriu os braços. Ela disparou para ele, sentando-se em seu colo enquanto fungava em sua gola perfeitamente branca, sentindo-se de novo uma menina banguela de 9 anos. Ela adorava o cheiro do pai - de couro bem azeitado, limas frescas e scotch.

- Está tudo bem - disse ele tranquilizador, afagando suas costas. - Se não quer ir, então não irá.

Serena suspirou fundo e brincou com um dos botões dourados do paletó esporte do pai. Ela mal podia esperar para contar a Nate que ia ficar. Agora não havia nada que os separasse. Seu celular zumbiu onde ela o deixou, no encosto da poltrona de couro, e ela mergulhou para ele como se fosse um salva-vidas. *Natie?* Não, só outro texto da Blair.

Ah, ela.

PRECISO DE UMA CALCINHA LINDA PRA VC SABE QUEM. BARNEYS MAIS TARDE?

Serena atirou o telefone na bolsa Balenciaga preta xadrez e vestiu o casaco framboesa. Estava cansada de mentir. É claro que não queria que Nate fosse àquele baile com a L'Wren cara-de-pau, mas também não queria ler mais textos sobre Blair precisando de calcinha sexy para ele. Blair era sua melhor amiga. Estava na hora de dizer a verdade, de elas pararem com essa farsa, começarem a planejar o verão e encontrarem um namorado perfeito para Blair. Claro que ela ia ficar meio amuada, mas quando Serena contasse como os homens eram maravilhosos na Holanda, ela ia superar.

Claro que ia.

“é uma p... de pequeno príncipe”, disse a lagarta à borboleta

- Jenny, escute só isso. - Dan tirou um trago do quarto Camel sem filtro do dia e deu um pigarro. - *Seu cabelo é da cor do ouro. Pense como será maravilhoso quando você me cativar! O trigo, que também é dourado, me fará pensar de novo em você. E eu amarei ouvir o vento no trigal...* - ele parou de ler e olhou a irmã, que estava deitada de bruços na sala de estar empoeirada, desenhando num bloco com bastões grossos de carvão. - É o tipo de coisa que eu queria dizer. Eu sou tímido demais, mas num poema é diferente. É como se tudo fosse uma metáfora, e mesmo que você realmente diga o que quer, não há nada de constrangedor nisso, porque é o poema falando. Entendeu?

Jenny fitou o irmão por um segundo e voltou a borrar os olhos de anjo a carvão. Ela não fazia ideia do que Dan estava falando, mas sabia que ele se sentia melhor tagarelando daquele jeito, e assim não disse nada. Neste sentido, ela e Dan eram parecidos. Em público, eles pareciam tímidos. Em casa, não se conseguia fazer com que calassem a boca.

- Isso é do *Pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry. Ele é francês. Isso é uma tradução. - Dan deu outro trago no cigarro e folheou o livro fino de segunda mão com suas delicadas ilustrações em preto e branco. Ele agora fumava regularmente, cultivando sua imagem de um poeta angustiado. Até agora, o pai não falara nada sobre o assunto, mas ele precisava de muito tempo para perceber as coisas. - Parece um livro infantil, mas na verdade esta é uma obra existencial profunda. E também é romântico... Ele se apaixona por essa rosa, mas sabe que não pode ter um caso de amor com ela. Mas ele a ama. Não consegue deixar de amá-la.

Jenny mal escutava. Evidentemente tudo o que Dan dizia tinha alguma relação com sua obsessão por Serena. Ontem ela percebeu que parte dos desenhos de anjo não estava em seu portfólio. Ela irrompeu no quarto dele e os encontrou presos com tachinhas na parede. A falta de vergonha na cara dele era ridícula.

- Eu tenho orgulho do seu trabalho - disse-lhe ele na defensiva quando ela apontou o que ele pegou sem pedir.

Tá legal.

Jenny deixou que ele ficasse com os desenhos, embora se preocupasse um pouco que o irmão mais velho estivesse se transformando num psicopata e tivesse ilusões de que um dia Serena apareceria na cozinha e o convidaria para sair.

Ah, se fosse assim.

Dan continuou a ler. O Sr. Sohn, professor de história na Riverside Prep, passara *O pequeno príncipe* para ilustrar o que as pessoas criativas estavam fazendo e no que pensavam durante o regime nazista. O Sr. Sohn era gente boa. Sempre que podia, ele gostava de demonstrar que você não precisaria ser um advogado tedioso ou corretor de valores quando ficasse mais velho. Ele tentava introduzir modelos como este, de Antoine de Saint-Exupéry, que foi piloto da marinha e também um filósofo-escritor-ilustrador incrível. Ele parecia tão elegante – até o nome dele era elegante.

- Antoine de Saint-Exupéry - recitou Dan, rolando-o na língua com um sotaque francês teatral.

Jenny voltou a olhar do desenho para o irmão.

- Você precisa de amigos.

- É aí que eu entro - veio do corredor uma voz rouca de mulher. Rufus apareceu na soleira da porta da sala com a calça Adidas laranja e uma camiseta de flanela de xadrez verde e vermelho. Doía nos olhos de Dan olhar para ele.

- Acabo de voltar de minhas compras de açafrão para minha paella com tinta de lula e encontrei essa linda careca no saguão – disse ele a Dan com uma piscadela boba. - Ela não é loura, mas eu a convidei a ficar para jantar assim mesmo.

Dan fechou o livro e se levantou.

- Vanessa?

Rufus deu um passo para o lado, permitindo que Vanessa entrasse na sala.

- Oi - ela cumprimentou Dan e depois olhou para Jenny. – Oi. - Ela não sabia por que tinha vindo sem telefonar nem nada. Ela só andou pensando muito nele e desconfiava de que Rufus tinha se esquecido de dar o recado a Dan, uma vez que ele não retomou a ligação. Talvez ele só fosse supertímido.

Tudo isso é motivo para ser mais agressiva.

- Devo suportar a presença de duas ou três lagartas se quiser me familiarizar as borboletas - citou Rufus, apontando o livro de Dan.

Então foi daí que ele herdou, pensou Vanessa. O pai era um fã de literatura.

Jenny se sentou e cruzou as pernas. Ela ainda estava com o uniforme azul-marinho preguioso da Constance, mas tinha trocado a camisa pólo branca e sem graça por um

top preto que mostrava maravilhosamente seus novos peitos. O cabelo crespo e escuro fazia cócegas nos ombros nus, de modo que ela parecia uma espécie de Medusa púbere.

- Ei, você é da minha escola - observou ela com insolência. – É do segundo ano. Você conhece a Serena?

Vanessa se sentou no chão diante de Jenny e de costas para Dan, que ainda estava sentado no surrado sofá de couro marrom.

- Talvez você possa me dizer - começou ela num tom confidencial – por que todo mundo é tão obcecado por Serena.

Rufus parou na soleira da porta. Em silêncio, Dan rezou para que o pai não dissesse nada de constrangedor sobre Serena ser basicamente o único assunto de Dan e Jenny. Era meio estranho para qualquer um deles ficar falando de uma pobre inocente que morava do outro lado da cidade e nem fazia ideia de que eles existiam.

Mais ou menos.

- Ela é perfeita - respondeu Jenny por fim com sinceridade enquanto escolhia um novo bastão de carvão.

Vanessa revirou os olhos e Rufus pediu licença para se concentrar em sua paella.

- Muito bem, está na hora de mudar de assunto – declarou Vanessa, enfiando a saia marrom pregueada do uniforme por baixo dos joelhos amorfos e pálidos, que sem dúvida não eram seu melhor atributo. Ela apontou os desenhos a carvão de Jenny. – O que é tudo isso?

Jenny mordeu o lábio. Ela sabia que Vanessa era uma espécie de artista. Suas fotos arrepiantes e deprimentes em preto e branco das pessoas no metrô estiveram em exposição no corredor do laboratório de ciências o inverno todo.

- Entrei naquele concurso de projeto dos hinários. Aquele que a Sra. M colocou um aviso, sabe? Devia ser só para as meninas mais velhas, mas a Srta. Monet meio que me fez entrar. Sei lá. Acho que é uma boa prática.

Vanessa pegou um dos desenhos para ver mais de perto e o examinou. Jenny tinha a misteriosa capacidade de ser boa com o carvão. Suas linhas eram tão precisas que era como se ela estivesse copiando alguma coisa.

- Você vai vencer - garantiu-lhe Vanessa. - Vai vencer total.

Jenny gostou dela de imediato. Ela a havia percebido antes sempre teve um pouco de medo de Vanessa, em especial agora, que estava careca. Mas ela não era de dar medo, era só... confiante. E tinha peitos bonitos. Não eram imensos, mas sem dúvida se destacavam. Jenny empinou o peito e olhou para si mesma, procurando por sinais do colo.

- Não é lá um visual muito bom - observou Vanessa. – Os tomara que caias deviam ser ilegais.

- Obrigado - concordou Dan, unindo os joelhos nodosos e brancos. Era estranho o modo como Vanessa apareceu inesperadamente e depois passou o tempo todo falando com a irmã dele. Mas ele estava grato por ela não ter percebido que ele estava sentado ali só de cueca samba-canção branca Fruit of the Loom, que era o que ele sempre usava estava fazendo o dever de casa.

- Eu meio que estou fazendo um experimento com meus... peitos – explicou Jenny, puxando o top para cima. - Estou tomando uns suplementos e todo dia, quando chego em casa, coloco esse top e me meço. Está dando certo. Já passei de número nenhum para P, e estou só no quarto dia.

- Meu Deus. - Dan escondeu o rosto nas mãos.

- Silêncio aí, capitão Cuecas - rebateu Vanessa, rindo consigo mesma. O tempo todo em que esteve sentada ali, ela estava ciente da presença de Dan atrás dela. Fazia com que se

sentisse frívola, despreocupada e elétrica. - Jenny - disse ela, um pouco mais a sério – você tem o quê, 12, 13 anos?

Jenny assentiu.

- Estou no sétimo ano.

- Posso ver os suplementos que está tomando?

Jenny correu para pegar o frasco de suplementos escondido embaixo da colcha rosa Target Shabby Chic de sua cama. Ela nem acreditava que contou a Vanessa sobre os comprimidos para aumentar os seios, mas era meio legal compartilhar. Talvez a secundanista careca que usava Doc Martens pretos fosse a solução para seu vazio de não ter mãe nem irmã mais velha.

- Ainda não terminei de falar com você - informou Vanessa a Dan enquanto eles esperavam que Jenny voltasse. - No elevador, seu pai me disse que você escreve poemas. Estou criando uma revista de artes da Constance e você devia ver as porcarias que estão aparecendo. Se seus poemas forem bons, quero publicar.

A cara de Dan ficou vermelha feito uma beterraba. Todos os poemas dele eram sobre Serena.

- Aqui estão. - Jenny disparou de volta à sala e entregou o saco de plástico branco a Vanessa.

Vanessa o virou e leu o rótulo em voz alta.

- Inhamé, feno grego, raiz de macca, cevada, ginseng, biotina, alga marinha, gelatina. Parece muito saudável, mas eu não faço ideia do que seja raiz de macca. - Ela abriu a tampa e cheirou. - Até tem um cheiro bom. - Ela fechou a tampa e devolveu o frasco. – Não acho que essas coisas vão fazer mal a você. Os ingredientes parecem muito o que minha irmã maluca come toda noite no jantar. Ela é macrobiótica. Mas minha teoria é de que seus peitos vão continuar crescendo sem essas coisas. Pode acreditar, no final do sétimo ano passei de totalmente achatada a isso. - Ela ergueu a camiseta preta e revelou seus robustos peitos tamanho M encerrados num sutiã preto de algodão feito pela Playtex para a Kmart. - Sei que não são imensos, mas tenho certeza de que ainda estão crescendo.

Atrás dela, Vanessa praticamente podia ouvir o suor pingando das palmas das mãos de Dan. Meu Deus, ele era uma graça.

Dan não queria que Vanessa fosse embora, mas queria que eles falassem de outra coisa e que Marx, o gato, ou alguém pudesse causar algum distúrbio para ele poder ir correndo até o quarto, vestir uma calça, queimar o caderno preto, rasgar os desenhos de anjo e se livrar do cheiro de sei lá o que Rufus estava cozinhando. O ar fedia a cera de ouvido condimentada.

Jenny franziu a testa para o pote grande de suplementos.

- Então acha que devo parar de tomar? As instruções diziam que os resultados totais só vão ocorrer depois de você tomar por pelo menos três meses.

Vanessa a fitou, percebendo agora que Jenny falava a sério sobre os peitos. Obviamente ela pensou muito no assunto e fez muita pesquisa.

- Acho que devia parar de tomar por uma semana, mas continuar se medindo. Se continuar crescendo, vai saber que é você, não os comprimidos. Pode acreditar, o corpo é capaz de umas coisas bem doidas.

Dan se remexeu pouco à vontade no sofá. Ele não queria ouvir mais nada sobre os peitos da irmã.

- Já terminamos com essa discussão? - perguntou ele grosseiramente.

Jenny não tinha certeza.

- Vou pensar no assunto - concordou ela, insegura, e levou os suplementos para o quarto. Ela não gostava de ouvir o que devia fazer de alguém que mal conhecia, mas

Vanessa tinha plantado uma semente de dúvida. Afinal, em algumas fotos da família, sua mãe tinha um volume e tanto. Talvez, se ela esperasse que a Mãe Natureza fizesse sua parte, ela tivesse peitos ainda maiores.

- Tudo bem, senhor pelado. - Vanessa girou e bateu na coxa nua de Dan. - Me mostre suas coisas.

Corando violentamente, Dan pegou a mochila e com relutância lhe entregou o caderno. Se eles iam ser amigos, era inevitável que ela lesse os poemas dele. E descobrisse sua obsessão por Serena. Sua debilidade também ficaria evidente, mas isso também era inevitável.

Vanessa colocou o caderno de capa preta no colo e folheou as páginas. Ela se interessou por um daqueles posteriores ao Dia dos Namorados. Depois de eles se conhecerem.

Diga

Califórnia, nunca estive lá

Alguém fuma na Califórnia?

Eles são limpos, puros, eles beijam de língua?

Eles usam preto como você?

Você me conhece?

Acho que a conheço.

Acabamos de nos encontrar mas

Suspeito de que você sabe muito

Do que espreita por baixo

Desta pedra.

Ei, Viúva Negra,

Me pique.

Vanessa leu o poema todo duas vezes com uma certeza quase absoluta de que o poema era sobre ela. Ele até meio que se amoldava a ela. *Eles usam preto como você?* Ansiosa para ler mais, ela virou a página.

Vire seus olhos brilhantes

Eu sei que é

Uma música vagabunda dos anos 80

Mas combina com você

Posso até imaginar

Você com camiseta, arrastão anos 80

O cabelo louro todo estranho

Sentada na minha cama

Pintando minhas unhas

E mascando chiclete

Sobre uma grande bola

Me masque e me cuspa

Ela não tinha cabelo louro, mas talvez Dan tenha imaginado que seu cabelo era louro antes de ela raspar.

Uma cabeça raspada deixa muito para a imaginação.

Ela voltou ao poema anterior, de que gostou mais.

- Posso publicar esse? Eu não usaria seu nome, uma vez que devia ser só para alunas da Constance. Posso dizer que é Anônima. Você ficar famoso - prometeu ela com um sorriso tímido.

Dan retribuiu lentamente o sorriso. Vanessa basicamente estava lhe propondo uma forma segura de levar seu recado a Serena. Ela lia os poemas e aos poucos lhe ocorreria que foram escritos para ela. Depois, Jenny deixaria escapar que a Anônima era na verdade seu irmão mais velho poeta e lindo, e seu caso de amor dos sonhos começaria.

- Jantar! - berrou Rufus da cozinha.

- Vou fazer cópias e dar a Jenny para levar à escola. – Dan pegou o caderno de Vanessa e se levantou. – Pode ficar para jantar. Mas tenho que te avisar, a culinária do meu pai é totalmente biruta. Em geral Jenny e eu fingimos comer e depois compramos donuts ou coisa assim.

Vanessa olhou radiante para ele. O apartamento dos Humphrey não era tão elegante e cheio de livros como pensou que fosse. É claro que havia muitos livros, mas estavam empilhados no chão em montes poeirentos e não havia um único vaso de flores à vista. O lugar provavelmente não recebia uma limpeza há pelo menos dez anos. Ainda assim, ela estava apaixonada por toda a família, em especial por Dan. Tinha certeza de que podia comer qualquer coisa, se isso significasse ficar sentada ao lado dele, vendo o jeito lindo como as mãos de Dan tremiam enquanto ele lutava com o bife.

Ou com os ovos flambados com nozes carameladas e presunto.

b de barbarizar e p de purgar

As portas do elevador de painéis de carvalho se abriram para o foyer dos Waldorf. Bloqueando o caminho de Blair, havia um pequeno transportador de animais xadrez do qual emanava um miado melancólico. Blair atirou o cardigã TSE azul-marinho no guidom da scooter Razor prata do irmão Tyler e se curvou para examinar o transportador. Um minúsculo gatinho cinza-azulado a fitou de dentro com os olhos azuis cheios de esperança.

- Está tudo bem, gatinho - tranquilizou-o Blair. Ela abriu o transportador para soltar o gato e aninhá-lo nos braços. Uma folha de papel de carta Crane com listras douradas e creme do pai estava dobrada dentro do transportador. Ela a pegou e abriu o bilhete, lendo enquanto o gatinho amassava as patas em sua mão.

Minha querida Ursinha Blair,

Como sabe, sua mãe e eu estamos nos separando. Não deve ser surpresa que eu tenha decidido me mudar. Sei que será difícil, e assim estou lhe deixando este lindo gatinho Russian Blue para lhe dar algum consolo. Ele é muito bonzinho. Abrace-o e pense em mim.

Eu te amo, minha Ursinha. Ligarei em breve.

- Papai

Blair releu o bilhete, apertando tanto o gatinho que ele se espremeu para sair. *Não deve ser surpresa... ?* Que porra era essa?! É claro que sua família nunca foi de dizer o que tinha em mente, mas o pai simplesmente se levantou e *foi embora*? Mudou-se, como se não fosse grande coisa, abandonando suas responsabilidades para com a família, os filhos, a primogênita? Será que a mãe dela percebeu que ele foi embora?

Blair ficou tentada a atirar o gatinho na parede, mas seu corpinho cinza era tão peludo e inocente que ela não conseguiu. O pelo era mais macio do que o do casaco de mink da

mãe, como de um mink recém-nascido. Ela o segurou diante do rosto e colocou o nariz em sua testa cinza e peluda.

- Minha coisinha perdida Kitty Minky - piou ela dramaticamente e o levou pelo corredor até o quarto. Muito em breve sua cama ia ficar um tanto abarrotada, com Nate dormindo ali o tempo todo, mas até lá podia haver espaço para um filhote de gato. Ela o deixou confortável nos travesseiros de seda rosa, afagando-o com o indicador trêmulo. Estava morta de raiva do pai e tão triste que tinha vontade de atirar a mobília do quarto pela janela.

- Papai me deu um presente bem legal - ela ouviu o irmão Tyler de dez anos, falar da porta. - O que você ganhou?

Blair assentiu para Kitty Minky, o nome que decidiu dar ao filhote. Ele estava enroscado numa bola cinza e ronronava satisfeito. Tyler pulou na cama e puxou o gatinho de lado, esfregando vigorosamente sua barriga rosada e matando a coisinha de susto.

- Ele me deu uma coleção de discos de vinil e um toca-discos Zenith vintage incrível. Toda a coleção pertencia àquele DJ famoso que está na prisão ou coisa assim. Cara, é radical.

Tyler estava praticamente ofegando de tão animado. Um dia ele queria ser um DJ famoso e passava muito tempo em seu quarto, cultivando seu status de nerd, jogando Xbox e ouvindo Led Zeppelin com fones de ouvidos gigantescos como um dos Little Einsteins com defeito. Ainda assim, havia algo de incrivelmente triste na empolgação dele, como se ele tentasse ao máximo não chorar e parecer mais animado. Deu tanta raiva em Blair que ela achou que ia explodir. Que se foda sua família de fodidos.

Ela pegou Kitty Minky nos braços e o apertou ternamente no peito.

- A mamãe está em casa?

Tyler deu de ombros e chutou violentamente as sandálias douradas Sigerson Morrison de Blair pelo quarto só pelo prazer de fazer isso.

- Fazendo compras - respondeu ele monotonamente. - Papai levou as taças de champanhe preferidas dela - acrescentou ele. - Aquelas Baccalaureadas.

- Baccarat - corrigiu-o Blair. Os dois irmãos trocaram um olhar, meio solidários, meio desafiadores, mas nenhum deles estava disposto a abrir o coração com o outro. Blair abraçou ainda mais no peito o novo gatinho. Tyler se levantou e pegou um pedaço de chiclete Doubleminty na embalagem na mesa. Colocou na boca e largou o papel no chão.

- Sai daqui, seu porco - ordenou Blair, como fez mil vezes na vida. Não, não haveria lágrimas. Não antes que ela fechasse a porta, depois que o irmão saísse. E botasse o gato no chão e...

Blair disparou para o banheiro, ajoelhou-se diante da privada reluzente de porcelana branca e colocou o dedo médio na garganta até sentir náusea. Lágrimas escorriam por seu rosto enquanto ela vomitava o iogurte com alface e limão que tinha comido com Serena no refeitório da Constance, o croissant e o chocolate quente que consumira no café da manhã com os pais, a omelete de queijo e fritas que Myrtle fizera para ela e Tyler de jantar na noite anterior e cada refeição que fez na vida. Foi como se houvesse alguma coisa terrível por dentro e ela tivesse de expulsar, livrar-se dela. E embora a parte do vômito tenha sido feia, nojenta, dolorosa e vergonhosa, ela se sentiu melhor de imediato. Melhor de verdade.

A porta do banheiro se abriu. Da ponta da cama, Kitty Minky a fitava com os olhos grandes e curiosos. Suas macias orelhas cinza viravam para frente e para trás, como se ele tentasse entender o que Blair fazia de joelhos diante da privada. Depois a porta do

quarto se abriu e Serena entrou, parecendo corada, feliz e pronta para ir às compras. Ela parou e fitou Blair.

- o que está fazendo?

Blair se levantou, deu descarga rapidamente e jogou água fria no rosto. Depois espremeu um pouco de Colgate no dedo, passou nos dentes e na língua e enxaguou com um pouco de água morna. Pronto, assim estava melhor. Ela voltou para cama e pegou Kitty Minky nos braços.

- Meu pai saiu de casa - explicou ela, estendendo o gatinho para a amiga a fim de distraí-la do que acabara de ver.

Serena examinou a bola de pelos cinza, segurando-o delicadamente nas mãos longas e magras. No táxi, a caminho da casa de Blair, ela estava toda animada para contar à amiga que tinha beijado Nate; que pensou que os pais dela iam mandá-la para o colégio interno, mas agora, graças a Deus, não iam mais; que lamentava por não contar nada disso a ela antes. Elas ainda podiam se divertir evitando que Nate fosse ao baile de debutantes com L'Wren, só que Blair não ia ficar com ele porque ele e Serena já estavam juntos. Serena estava louca para ver Nate e contar as boas novas, beijá-lo, beijá-lo e beijá-lo...

Mas agora essa. O pai de Blair foi embora. Ele lhe deu um gatinho como pedido de desculpas e Blair vomitou de propósito por causa disso. Serena passou a cara no pelo macio e quente de Kitty Minky. Mesmo que não fosse mais para o internato, seus dias de atriz estavam começando. Ela ia ter que continuar fingindo que queria ajudar Blair a ficar com Nate, quando não tinha intenção nenhuma de fazer nada disso. Nate era dela; ele já deixou isso claro.

E justo quando ela estava planejando dar essa notícia especial?

Com cuidado, ela botou Kitty Minky na cama. Depois abraçou Blair.

- Vamos. É a semana pós-Dia dos Namorados. Acho que tem umas coisas na Barneys que podem estar em liquidação.

Como se uma das duas um dia tivesse comprado alguma coisa em liquidação.

Blair calçou um par de mocassins Tod's de veludo preto e borrifou água Evian no rosto. Se pai a levou ao primeiro *Quebra-Nozes* e a ajudou a escolher o primeiro par de Manolo Blahniks, mas Blair tinha coisas melhores para fazer do que se lamentar. Se finalmente ia tirar as roupas com Nate, precisava de uma lingerie decente para a ocasião.

E não havia melhor cura para a melancolia do que a Barneys.

garotos chapados podem ler nas entrelinhas

Nate estava em sua ala da casa dos Archibald, dividindo um baseado com Jeremy, Anthony e Charlie no novo cachimbo azul que comprou numa tabacaria na 14 Leste. As janelas estavam abertas para deixar a fumaça sair e os meninos se sentaram juntos numa roda fechada em volta do cachimbo, como escoteiros em torno de uma fogueira.

- Cara, daqui a dois dias você vai ser El Capitán! – observou Jeremy. Ele passou a Nate a engenhoca azul que parecia um tubo, bateu os punhos no peito e bufou pelas narinas como um gorila excitado. Os amigos de Nate agiam como se estivessem transando com meninas mais velhas desde a terceira série, mas a verdade era que eram virgens totais, desfrutando por tabela da emoção do encontro de Nate com L'Wren.

Nate sorriu para a abertura do novo cachimbo. Era 15 centímetros maior do que o feito à mão de Jeremy e o deixou totalmente doidão depois de meio tapa. Mesmo sem o estímulo dos amigos, Nate se sentia completamente atiçado. Estava louco para finalmente transar. Era este rito imenso de passagem com que fantasiava todo menino e estava prestes a acontecer com ele. Ele se levantou e pegou o iMac grafite na mesa.

- Ela me manda um e-mail quente todo dia - ele se gabou, ligando o laptop e clicando na caixa de entrada. É claro que uma nova mensagem de L'Wren encimava a lista.

De: lwren@knowes.com
Para: narchibald@stjudes.edu
Assunto: Pensando em vc
Data: Quarta-feira, 19 de fevereiro, 16:18

Natie, meu amor,

Só mais dois dias até eu tirar sua gravata-borboleta e atirar suas cuecas pela janela. Prepare-se para se divertir muito com uma garota que sabe o que faz, porque é como dizem, a prática faz a perfeição!!

Estou feliz por ser você e você vai ficar feliz por eu eu. ;)

- L'Wren

Os meninos riam e sopravam anéis de fumaça enquanto Nate lia a mensagem em voz alta. Depois ele clicou na mensagem abaixo.

De: svanderwoodsen@constancebillard.edu
Para: narchibald@stjudes.edu
Assunto: Nós
Data: Quarta-feira, 19 de fevereiro, 15:05

Oi, Natie,

só queria que você soubesse que ainda não contei e Blair porque acho que não devo. Talvez eu seja uma covarde, mas acho que ela está passando por dificuldades com a família e não quero que ela fique mais triste. Podemos meio que fingir que não está acontecendo nada por um tempo até que as coisas fiquem menos doidas?

Você sabe que eu te amo,

-S

- Está vendo? É dessa porra que eu estou falando! – gritou alegremente Jeremy Scott Tompkinson, apontando a tela enquanto lia por sobre o ombro de Nate. Ele colocou o cachimbo nas mãos de Nate e leu a mensagem para os outros enquanto Nate dava outro tapa de estremecer.

- "Meio que fingir que não está acontecendo nada"? – repetiu Jeremy com um revirar de desdém dos olhos castanhos injetados. – Serena é uma loucura e tudo, mas ela está levando você para a estrada dos tijolos amarelos para a terra-do-nunca-se-trepa - expôs ele com uma intensidade de chapado. - A garota da faculdade já tirou a roupa. Você só precisa ligar e bam!... Sua virgindade faz parte de sua infância de bochechas rosadas. - Ele bateu os punhos no peito de novo. – El Capitán, lembra? A porra do El *Capitán*!

Nate deu outro tapa, a cabeça girando da falta de oxigênio e uma overdose de tetra-hidrocanabinol. Ele não tinha certeza do que Serena quis dizer a respeito de Blair, mas depois percebeu que não via Blair desde a manhã depois da festa de Dia dos

Namorados. Talvez ela não estivesse saindo porque as coisas estavam ruins com sua família e ela não estava com vontade de falar nisso.

Ou talvez ele só estivesse doidão demais para perceber que se passara quase uma semana inteira sem que eles se falassem.

Nate passou as mãos no cabelo castanho-dourado ondulado. Se a família de Blair estava com problemas de verdade, isso era ruim. E era um amor que Serena não quisesse virar o carrinho ou entornar a sopa, ou sei lá como era a expressão. Ele se lembrava de quando não estava tão chapado. Mas nada disso significava que ele não ia em frente e perderia a virgindade com L'Wren, né?

Charlie deu de ombros.

- Mas a Serena é muito gata – observou ele, pegando o cachimbo de Nate.

- Ela é uma deusa daquelas – concordou Anthony. – Mas aposto que vai ficar virgem até, tipo assim, os 69 anos. 69... rá!... Entendeu? Depois ela vai virar freira. As mulheres bonitas demais nunca ficam na horizontal.

Isso é verdade?

Nate pegou o cachimbo de volta e o fitou, sem dar outro trago nem nada, só segurando porque era dele e ele gostava. A água dentro do cachimbo era de uma cor cinza-azulado, quase preta. Ele não gostava de falar de mulheres com os amigos. Só o fazia querer estar com as mulheres de quem estavam falando. As mulheres tinham um cheiro bom e o faziam se sentir bem. Ele gostava muito delas.

Suspiro. Apesar de sua negligência, nós também gostamos muito dele.

O Nokia de Nate tocou e vibrou no bolso e ele o arrastou com os dedos de borracha que pareciam pertencer a outra pessoa. A palavra *Blair* assomava na telinha do aparelho.

- Ela detona - ele atendeu, depois riu. O mundo que se danasse, ele estava doidão de verdade.

- Natie? - respondeu Blair com a melhor voz de Marlin Monroe, sedutora, lamurienta e infantil. - Adivinha onde estou.

- Onze? - balbuciou ele. Ele mal conseguia falar.

- Na sala de provas da Bergdorf's. Nua - disse ela com cinismo.

- Eba! - respondeu Nate alegremente. Ele podia imaginar. Toda uma sala de provas cheia de mulheres nuas. - É disso que eu estou falando!

- Mas então, Serena e eu queremos, tipo assim, que você se prepare para o lance das debutantes, entendeu? Tipo ajudar você a amarrar a gravata-borboleta e pentear seu cabelo? A gente encontrou com o Chuck pegando o smoking. Ele vai levar uma garota ao baile também e disse que vai dar uma pré-festa na suíte dos Bass no Tribeca Star! Não parece ótimo? Vamos preparar você na festa do Chuck, tá? Vai ser divertido!

A voz de Blair parecia muito a voz de adultos naqueles desenhos do *Charlie Brown* - "ua ua ua" -, mas Nate entendeu a essência do que ela dizia. Elas queriam vesti-lo para a festa de deixá-lo pronto, meio como aquelas éguas provocadoras que os criadores usam nos haras de Kentucky. Ele foi a uma fazenda de criação de puros-sangues numa viagem para ver o Kentucky Derby com o pai e tinha visto uma das netas do Secretariat ser coberta. Primeiro o cara da fazenda cercava o garanhão com éguas no cio para ficar todo ligado. Depois eles levavam o garanhão excitado para trás da neta de Secretariat e - ela detonou! Nate riu ao telefone.

Natie?

- Tá. Tudo bem - gaguejou ele. - A gente se vê lá – acrescentou ele antes de desligar. Depois ele bocejou e esticou os braços, sentindo-se particularmente garanhão e másculo. Ele se levantou, colocou com cuidado o cachimbo novo em cima da mesa e arrotou. – Alguém sabe alguma coisa sobre camisinhas?

Os três amigos rolaram no chão, gargalhando e dando socos fracos um no outro.

- Excursão! - gritou Charlie.
- À farmácia! - acrescentou Anthony.
- El Capitán! - rugiu Jeremy com a voz rouca.
- Ela detona - Nate se arrebentou de rir de novo.

Os meninos são tão idiotas. O triste na história é que quanto mais idiotas eles são, mais nós os amamos.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

as deb's

Caso você realmente não saiba o que é uma debutante ou por que essas coisas ainda existem, embora vivamos nos tempos modernos e a maioria de nós precisa ir para faculdade ou ter uma profissão e usar mais terninhos - terninhos perfeitamente elegantes e lindamente benfeitos - do que vestidos de tafetá bufantes, vou dar umas informações,

Segundo o dicionário: *debutante (s)* - *menina ou mulher que faz uma estreia, em especial na alta sociedade.*

Trata-se só de nossos pais querendo achar que criaram alguma coisa tão puro-sangue como um cavalo de corrida e tão casta como uma santa, quando na verdade todas as debutantes ficam terrivelmente bêbadas antes, durante e depois do baile, trocam de acompanhantes e, como acontece com qualquer outro evento social, o que interessa são as festas *antes* e *depois* do baile. Este ano o onipresente **C** fará as duas coisas em sua suíte na cobertura da família no Tribeca Star Hotel. A ideia é levar sua roupa e se vestir na pré-festa, ir ao baile, depois voltar para a suíte com seu acompanhante ou outra pessoa e se *desvestir*. Como **C** está nos lembrando constantemente, a hidro está *sempre* quente.

E caso você esteja preocupada com o que usar em ocasiões assim, não se preocupe. Espere alguns dias; você chegará da escola e encontrará seu quarto absolutamente cheio de vestidos de alta costura de cada estilista que apareceu na edição do mês da revista *W*. Pelo menos é o que vai acontecer *comigo*. Isto é, quando eu fizer meu *debut*, ou "estreia na sociedade", como se chama com mais frequência. Até parece que eu estreio. Estreie, estreie, quem quer que você seja! Deixa pra lá. De qualquer forma, os melhores de nós ainda não estão lá - precisamos de alguns anos. Como o bom vinho, ficamos melhor com a idade.

flagras

S e **B** vestindo-se de cetim branco e renda preta na Barneys, Bergdorf's e Bendels nos departamentos de lingerie. Se La Perla embargasse a remessa de suas calcinhas e sutiãs para os Estados Unidos, essas meninas continuariam bem abastecidas durante anos. Imagino que elas sintam o mesmo que eu: o vestido é importante, mas o que você usa *por baixo* do vestido é crucial. **V** tirando fotos de gente se beijando na rua. Estaria se sentindo meio romântica? **D** vasculhando o departamento de sutiãs com a irmã, **J**, na Bloomingdale's. Esse menino merece uma medalha de ouro. **C** se salvando no bar do Tribeca Star enquanto entrevistava debutantes para o acompanhar no baile da semana que vem. Em geral não é o contrário? É claro que nenhuma das debutantes falava inglês e uma delas tinha presas no lugar dos dentes, mas todas eram princesas genuínas de terras distantes. Como sempre, ele vai ter de onde escolher. Algumas coisas não mudam

nunca. A mãe de **B** na Baccarat, encomendando cristal como uma noiva. De lá ela foi para a Gucci, Dior e ABC Carpet and Home. Que engraçado, todos são lugares onde o marido dela tem conta. Que bom que ela encontrou uma forma saudável de espairecer.

seu e-mail

P: Cara GG,

Estou tão animada por ser debutante, mas meu acompanhante é um mané. Como posso me livrar dele?

- prdmary

R: Cara prdmary,

Um acompanhante e só isso, um acompanhante. Ele leva você ao baile, você dança com ele uma vez, depois você dança com todo mundo e o perde de vista oh-tão-casualmente. Não existe nenhuma regra dizendo que o acompanhante deva acompanhá-la para casa.

- GG

P: Cara GG,

Eu ando muito triste ultimamente. Me dê algum propósito. E não diga que o verão está chegando, porque isso vai me deprimir ainda mais.

- deprê

R: Cara deprê,

Tenho certeza de que seu aniversário deve estar chegando uma hora dessas nos próximos 12 meses. Feche suas botas Jimmy Choo mais pontudas, pegue um táxi para a Madison Avenue e só pare de encher sacolas de compras com artigos frívolos quando começar a se sentir feliz de novo.

- GG

Hora de a gente se vestir, galera

Pra você que me ama,

gossip girl

S e b criam a distração definitiva

A suíte dos Bass no Tribeca Star era grande o bastante para servir de habitação. Era o local perfeito para uma festa - chique e moderno, com sofás de veludo cinza-acastanhado de bom gosto, painéis de cerejeira, carpete creme e cama *king size*, duas imensas TV de plasma e um generoso bar. A principal atração era a banheira gigantesca de hidro, situada numa espécie de antessala entre a suíte master e o banheiro, atrás de uma imensa porta corredeira de vidro fosco. Em geral, a porta ficava aberta para que os convidados circulassem livremente entre o sofá, a cama, o bar e a hidro levando garrafas de champanhe, os corpos molhados enrolados frouxamente nas toalhas brancas de algodão egípcio do hotel.

Eram seis da tarde de sexta-feira, a noite em que Nate ia acompanhar L'Wren Knowes ao baile de debutantes; a noite em que Nate pretendia finalmente perder a virgindade e se tomar homem; a noite que Serena e Blair planejaram a semana toda.

Elas chegaram cedo na suíte. Serena levou metade do armário de bebidas dos pais e um pacote de Gauloises. Blair tinha ostras Fresh Direct, morangos com chocolate Godiva e salgadinhos Triscuits. A ideia era encher Nate de afrodisíacos, álcool e uma aura geral de sedução, levando-o a ficar tão distraído que se esqueceria completamente de L'Wren, do baile e da primeira vez dele.

Mas era melhor que fossem uns afrodisíacos fortes!

A companheira de Chuck no baile era a condessa italiana de 20 anos Donatella Juliet de la Varga, herdeira da fortuna em azeite de oliva dos Varga. A condessa era incrivelmente bonita, com cabelo cor de âmbar na altura dos quadris, olhos cinza-pombo, uma pele azeitonada impecável, pernas intermináveis e a proporção busto-cintura-quadril 90/60/90 de uma modelo da Victoria's Secret. Para completa alegria de Chuck, a condessa estava tão acostumada a ficar de topless nas praias de toda a Europa, que não achou nada demais andar pela suíte sem o sutiã, pedindo conselhos sobre que sandálias Prada douradas de salto alto ela deveria usar no baile. Infelizmente, seu inglês era tão limitado que ela só conseguia se comunicar dizendo coisas equivalentes a "OK", "Legal!" e "Demais, né?", o que a fazia parecer um tanto retardada, mas aumentava seu fascínio.

É difícil ter inveja de alguém, mesmo bonito, que só consegue dizer três coisas.

- Fazendo um buffet, meninas? - perguntou Chuck quando percebeu Blair e Serena colocando as compras na mesa de centro com tampo de vidro. Elas pegaram alguns cinzeiros de cristal Baccarat no bar e os encheram de uma gama de ofertas, de Gauloises a fatias de lima.

Vai uma tigela de cigarros? Azeitonas? Uma ostra?

- Fofa! - exclamou a menina alta e principalmente nua a reboque de Chuck, apontando os itens arrumadinhos na mesa de centro.

Chuck passou o braço pela cintura nua e curva da condessa. Ela usava calcinha de renda branca, botas douradas abertas nos dedos e mais nada. Os peitos redondos do tamanho de uma laranja eram bronzeados e robustos, como se passassem mais tempo no sol e ao ar livre do que o rosto perfeitamente esculpido, que era comparativamente pálido.

Qual era mesmo a praia que ela frequentava?

- Mas meus amores, vocês se esqueceram das camisinhas – brincou Chuck como o babaca tarado que era. – Não se preocupem, tenho certeza de que temos algumas por aí. – Na verdade, tinha mesmo – caixas delas, no armário sob a pia do banheiro. Era repulsivo. Quem podia dar conta de tantas camisinhas antes de estourar o prazo de validade? Mas os pais de Chuck - embora nunca envolvessem o filho em uma conversa sobre sexo seguro - eram inflexíveis que a equipe de limpeza do hotel mantivesse o armário do banheiro bem abastecido. Era *de rigueur* nas famílias como os Bass, os Waldorf e os van der Woodsen; tudo para evitar um escândalo.

Antes prevenir que remediar, né?

A condessa ia pegar uma ostra e Blair deu um tapa na mão dela.

- São do meu namorado - sibilou ela, encarando, contra a vontade, os peitos perfeitamente bronzeados da condessa italiana.

Serena fitou a melhor amiga. *Namorado?* Ela puxou ansiosa o relógio Cartier de ouro no pulso, esta noite ia ser mais ardilosa do que ela pensava.

Ela ficou num processo de negação a semana toda, contando a si mesma histórias como, *Blair vai ficar bêbada mesmo e desmaiar e depois ele vai ser meu, todo meu... Só vou confrontar Blair e dizer a ela que a última coisa de que ela precisa agora é do Nate. O*

que ela realmente precisa é de terapia. A verdade era que só o que ela precisava fazer era beijar Nate no minuto em que ele passasse pela porta. Ele ia se esquecer de L'Wren e levá-la nos braços para um quarto de hotel só deles. Blair um dia ia superar completamente. Ela podia ficar perigosamente colérica por um tempo, mas eles podiam se esconder em seu quarto, bebendo champanhe e se aconchegando até que fosse seguro sair.

Blair brandiu um Triscuit com alguns farelos de caviar.

- Toma - ofereceu generosamente à italiana exibicionista. – Gostei dos seus sapatos.

- OK - respondeu a condessa, mastigando o Triscuit. Ela levantou um pé adornado de Prada e balançou os dedos com esmalte vinho. - Demais, né?

Blair e Serena assentiram. Serena, com um vestido com corpete Diane von Furstenberg preto sapatilhas de balé pretas Lanvin, o cabelo num rabo de cavalo, se sentia simplezinha em comparação. Blair se vestira com mais cuidado e estava com o vestido de jersey de seda Calvin Klein cinza-carvão que parecia um tédio no cabide, mas envolvia seu corpo tonificado do tênis em todos os lugares certos. Ainda assim, seus peitos nunca foram e provavelmente nunca seriam tão bronzeados e robustos quanto os de Donatella.

- Demais - repetiram as meninas, assentindo sua apreciação para os sapatos fantásticos. Ela era mesmo demais. Chuck não a merecia.

Serena encarou os peitos adoravelmente nus de Donatella enquanto comia um Triscuit e pensava no próximo movimento que faria. Depois Nate entrou cambaleando na suíte, levando um saco de terno da Bergdorf's e lindo daquele jeito esbugalhado de chapado. Serena entendeu de pronto que não podia continuar com a farsa de Blair. Ela não era egoísta por natureza, mas Nate já era dela e ela o queria. Ela o queria todo para si mesma.

- Natie! - exclamou ela, disparando para ajudá-lo com as coisas. - Você parece nervoso. Venha, tome uma bebida. Vai ser divertido, você vai ver.

Os olhos de Nate estavam imensos e verde-esmeralda. Serena era tão linda. Por que ele ia ao baile de debutantes quando podia simplesmente ficar aqui e beijá-la a noite toda? E então Blair se postou ao lado dele, pura e linda, esgrimindo uma ostra na ponta de um garfo de prata.

- Come isso, Natie - piou ela. - É bem frio e escorregadio.

À pouca distância dele, uma linda menina com peitos grandes e bronzeados e só uma calcinha de renda branca estava curvada sobre uma tigela de vidro cheia de cigarros. Atrás dela, subia o vapor da hidro que transbordava de meninas e meninos pouco vestidos bebendo diretamente de uma garrafa imensa de Dom Pérignon. Felizmente, Nate tinha ficado doidaço com seu novo cachimbo azul antes de vir para cá. Ele sentia que tinha entrado numa orgia a todo vapor.

- Vem. - Serena e Blair pegaram a mão dele e o puxaram para o sofá. - Você sabe que nos ama.

O celular de Blair tocou e se mexeu na mesa de centro. Ela o pegou, na esperança de que fosse a Sephora na Broadway do SoHo ligando para dizer que receberam um novo estoque de sua colônia Hermes preferida, Eau d'Orange Verte, e estavam mandando para ela agora. Ela experimentou cada colônia que eles vendiam e foi essa que ela escolheu para Nate - fresca, masculina e no entanto tremendamente comestível. Ela ia borrifar em todo o peito dele e depois beijar.

- Alô. Aqui é Blair Waldorf - respondeu ela num tom de executiva.

- Ursinha Blair? É o seu pai.

Ela quase desligou de pronto, mas a verdade era que sentia falta do pai. Sentia falta de vê-lo e ouvir sua voz ponderada de advogado. Ela se sentou num sofá de veludo e enfiou uma ostra crua na boca.

- Muito obrigada pelo gatinho, pai. - Sua voz era baixa e de menininha. - É lindo.

- Eu sabia que ele *tinha* de ser seu - respondeu o pai, mas ele parecia distraído, como se pensasse em coisas mais sérias do que filhotes de gato. - Ursinha, não sei quais são seus planos esta noite, mas eu gostaria que você conhecesse meu parceiro, e vamos ficar aqui no Carlyle. Você podia vir a pé.

Blair revirou os olhos e olhou para Nate. Ele estava tão lindo mergulhando morangos na champanhe e lambendo. Ela mal podia esperar para mergulhar *Nate* em champanhe e depois *lamber*.

- Na verdade estou muito ocupada hoje, pai - cantarolou ela ao telefone. - Por que quer que eu conheça um advogado chato com quem você trabalha? Quer dizer, vocês não têm, tipo assim, um processo para trabalhar nem nada? - Ela sabia que parecia mimada e desagradável, mas foi dele que herdou a falta de papas na língua e ela realmente tinha coisas muito melhores para fazer esta noite do que conhecer um dos colegas tacanhos dele.

O pai riu.

- Na verdade, Giles e eu não trabalhamos juntos. Nós nos conhecemos numa degustação de vinhos em Bouley. Ele é meu novo parceiro e quero dizer que estamos *juntos*. Somos um casal.

Blair grudou o telefone na orelha. *Um casal?* O pai estava tendo uma conversa de “qual é o meu aroma” com alguém chamado Giles quando ela o ouviu no closet? O pai dela era *gay*? Ele estava deixando a mãe e seus filhos para ficar com um mané francês de nome Giles e ele ia ficar com Giles num hotel só a algumas quadras da casa dos Waldorf? Era incompreensível demais para digerir, em especial com o estômago cheio de vodca e ostras cruas.

Do outro lado da mesa de centro, Nate colocou as mãos nos bolsos da calça cáqui Brooks Brothers e pegou um punhado de camisinhas. Um dos cinzeiros de vidro agora estava vazio e ele o encheu com um sortimento de profiláticos embrulhados em cores vivas que ele obviamente comprou para usar mais tarde, com L’Wren. O pai de Blair preferia franceses e seu amado estava prestes a transar com uma puta impertinente e mais velha. Blair pegou o copo de Stoli com gelo e virou o conteúdo na garganta.

- Desculpe, papai - ela conseguiu arfar. - Talvez em outra hora. - Depois ela atirou o telefone pela sala e disparou pela hidro lotada, indo para o toalete superprivativo localizado no funeto do banheiro branco, trancando a porta.

Serena acendeu um Gauloise e seguiu Blair, abandonando um Nate muito doido, que se banqueteara com morangos imensos mergulhados em chocolate enquanto fazia uma torre de camisinhas coloridas e encarava os peitos de Donatella. Ela podia ouvir a amiga vomitando do outro lado da porta. Serena bateu de leve.

- Blair? Está tudo bem?

Blair tossiu, ficou de pé aos trancos e deu descarga.

- Ele é gay - ela disse, ofegando. Depois se ajoelhou e vomitou na louça branca de novo.

- Quem? O Nate? - É claro que Serena achava. que Blair estava falando de Nate. Ele era a única pessoa em sua cabeça, desde sempre e para sempre.

Colocando-se desequilibrada de pé, Blair deu descarga novamente e abriu a porta. Ela foi até o quarto principal, enxugou a boca na manga e escancarou o armário embaixo da pia. Trojan, Durex. As embalagens de cores vivas e brilhantes com seus nomes em negrito gritavam para ela como um coro sombrio. Mas por trás das caixas de camisinhas

havia um frasco de Scope de menta. Ela a pegou e colocou uma porção imensa na boca, gargarejando antes de cuspir com ruído na pia.

- Não. - Serena às vezes podia ser uma idiota. - Meu *pai*. Meu pai é gay. Ele até tem namorado. Um merda francês qualquer.

Serena a encarou.

- Mas...

- Ele acabou de me ligar. Queria que eu me encontrasse com ele e o "parceiro" dele no hotel dos dois. - Ela pôs a mão na barriga de novo, a cara tão verde quanto o Scope que tinha nas mãos. Meu Deus. Mas que merda.

- Ah, Blair. - O queixo com uma leve fenda de Serena tremia. Os olhos azuis brilharam e duas lágrimas gordas rolaram por cada bochecha adorável. A vida de Blair era um desastre. Mas não era por isso que ela chorava. Ela chorava porque agora que Blair ouvira essa notícia extraespecial sobre o pai, não havia como afastar Nate dela.

Haveria?

um dia a pequena j acordou e não era mais tão pequena

- Eu sou o mestre, eu sou o rei. Deite-se a meus pés! Você ondula quando ouve meu nome! - Zeke Freedman rugia enquanto gesticulava como louco com seu joystick Nintendo. Zeke era o melhor e único amigo de Dan desde o jardim de infância. Na época, eles foram os meninos mais baixos da turma e eram mais proficientes em leitura do que em luta, e assim eles se uniram em seu canto da biblioteca da sala de aula. Zeke ainda era um aluno de jardim de infância em muitos aspectos. Depois de fazer o dever de seu curso de África e Oriente Médio na noite da véspera, ele ficou obcecado com a palavra *ondular* e agora tentava usar em quase todas as frases.

- E eu vou urinar nos seus pés, criatura desprezível – rebateu Dan enquanto seu desengonçado jogador de trancinhas na tela dava um golpe perfeito num salto.

- Ah! Cara - gemeu Zeke, puxando a calça de veludo cotelê cinza imensa tamanho baleia para cima dos quadris de mulher. Nos últimos cinco anos Zeke passara do segundo menino mais baixo da turma para o mais alto. Seus ombros eram imensos e arriados, os quadris pareciam de uma gestante em sua terceira gestação de trigêmeos, a cintura era indefinida, o queixo era forte - até o cabelo escuro e crespo era grande. Não era que ele comesse demais nem fizesse muito exercício, ele era só "geneticamente esquisito", como Dan gostava de lembrá-lo, numa brincadeira de amigos. - No próximo jogo minhas líderes de torcida vão ondular tão alto, que você vai ficar tão distraído que não vai saber de onde vem meu golpe! – proclamou Zeke, batendo febrilmente nos botões do joystick para recomençar o jogo.

Andando pelo corredor até o quarto, Jenny cobriu as orelhas com os dedos. Já era bem ruim que fosse a única mulher na casa – ainda tinha de passar outra solitária noite de sexta-feira em casa ouvindo meninos falando de urinar um no outro? Ela bateu a porta e abriu a blusa, deixando-a cair no chão enquanto se empertigava. Abriu o sutiã de cetim creme Maidenform P, que a cortara o dia todo, deixando sulcos vermelhos no alto dos ombros. Ela o atirou na lixeira e abriu a gaveta de lingerie, retirando cuidadosamente o sutiã azul de Serena. "M", acenava a etiqueta a ela. Bordado num ponto de cruz perfeito e minúsculo na bainha externa do sutiã estava uma pequena etiqueta retangular e branca com o nome SERENA VAN DER WOODSEN impresso numa letra vermelha cheia de

voltas. Sem mãe ou empregada para costurar etiquetas de nome em suas roupas, Jenny e Dan tinham perdido muitas roupas com o passar dos anos.

Daí a necessidade de roubar as coisas dos outros?

Jenny passou os braços pouco desenvolvidos pelas alças e puxou o sutiã pela cabeça. Da última vez em que experimentou, ele meio que caiu frouxo pelas costelas, como as coisas aconteciam quando eram de um tamanho dez vezes maior. Desta vez o sutiã ficou acima de seus novos peitos. Ela o puxou para baixo, surpresa em ver que o preenchia quase completamente.

- Dan! - gritou ela, abrindo a porta. Sem pensar no que fazia, ela disparou pelo corredor, os novos peitos quicando delicadamente no invólucro de algodão. - Ele cabe! - Ela entrou no escritório de meias, usando só o sutiã azul e a calça de pijama Nick & Nora de corações vermelhos que o pai lhe dera de Dia dos Namorados no ano anterior.

- Caramba! - exclamou Zeke, o cabelo escuro, grande e crespo parecendo maior do que nunca. E depois ele ondulou. Ou pelo menos tentou.

- Que merda é essa, Jen? - Dan sacudiu a cabeça para ela, irritado. Ela sabia que Zeke estava ali. O que ela tentava provar?

O rosto de Jenny ficou rosa, mas ela fincou pé.

- Só queria te dizer que você-sabe-o-quê de você-sabe-quem quase cabe em mim. Está vendo? - Ela apontou o peito inchado.

Mas como é discreta.

Depois ela viu o celular surrado de Dan no sofá de couro marrom e mergulhou para ele.

- Ei - gritou ele, tentando resgatá-lo. Zeke ondulou de novo e Dan percebeu que perdera o jogo.

Jenny se agachou protetora sobre o tapete persa cheio de fiapos enquanto começava a martelar os botões do telefone.

- Só vou ligar para Vanessa e contar a ela...

- Não! - gritou Dan, mergulhando no chão para agarrá-la. Ele e Zeke deviam estar se divertindo juntos e Zeke nem sabia que Vanessa existia. Dan não queria ter de explicar a ele seu relacionamento com Vanessa, porque, com toda sinceridade, ele não sabia *como* explicar isso. Jenny rolou de costas, ainda segurando o telefone, e o afastou aos chutes. Dan voou pela sala como um daqueles bandidos descartáveis dos filmes de James Bond. Até umas perninhas de menina podem ser surpreendentemente poderosas. É de todo aquele balé que somos obrigadas a fazer no primário.

- Oi, Vanessa, é a Jenny. - Ela falou rapidamente ao telefone. - Sabe quem é, a irmã do Dan? - obviamente Vanessa não disse muita coisa, porque Jenny de imediato despejou a novidade. - Adivinha só? Eles cresceram! Então eu não tomo mais os comprimidos. Estou parando hoje. Quer dizer, já estou no tamanho que queria, então acho que é hora de parar. De qualquer forma, eu só pensei que você devia saber. Ah, e Dan quer falar com você - acrescentou ela, atirando o telefone para o irmão decepcionado.

Ele a fuzilou com os olhos e pôs o fone no ouvido.

- Oi - cumprimentou ele numa voz mínima. Sua cara estava vermelha e as mãos suadas. Ele engoliu em seco, nervoso. - Como é que está? - Ela não disse nada. - Alô?

Zeke parou no meio de uma ondulação.

- Quem é *Vanessa*? - perguntou ele em voz alta. - Dan tem namorada! Dan tem namorada! Quem é ela? Uma das colegas da Jenny?

- Alô? - repetiu Dan, a cara pegando fogo.

- Shhh! - Jenny repreendeu Zeke. Ela lhe deu um chute no pé. - Por favor?

- Alô? - perguntou Dan pela terceira vez. Vanessa deve ter desligado na cara dele. Ou talvez ela nunca estivesse ali. Jenny podia ser traiçoeira desse jeito.

- Dan tem namorada! - gritou Zeke e ondulou de novo. – Ah, a propósito, você perdeu outro jogo.

Dan se sentou no sofá de couro, fuzilando com os olhos a vida em geral.

E agora, quem está se sentindo geneticamente esquisito?

S se dá bem com duas meninas numa só noite!

Remember cuddles in the kitchen...

Nate ouvia sua música preferida dos Arctic Monkeys com um sorriso diabólico colado na cara. Ora essa, a noite ia ser boa para ele. Ele já estava numa festa com uma linda condessa italiana quase nua e as duas melhores amigas, que também estavam particularmente gostosas. Logo estaria todo produzido com o smoking Armani, pronto para se encontrar com L’Wren, que era a garota mais gostosa que ele conheceu na vida. É claro que os pais dela estariam no baile e ele teria de dançar e participar de uma conversa educada e idiota com umas debutantes e seus acompanhantes. Mas assim que passassem por todas as formalidades, subiriam ao quarto de hotel de L’Wren, para transar.

Ele olhou o relógio. Sete e cinco. Hora de começar a se arrumar, se queria chegar ao St. Claire Hotel no centro às oito. Ele olhou a suíte abarrotada numa confusão semichapada. Kati Farkas e Isabel Coates experimentavam gravatas Hermes do pai de Chuck, só de jeans e sutiã. Quando é que elas ficaram tão *maduras*?, perguntou-se Nate, devorando-as com os olhos. Será que Serena e Blair ficavam assim só de sutiã? Elas não deviam estar ajudando-o a se preparar - dando-lhe dicas de dança e passando loção pós-barba em suas têmporas? Mas onde é que elas estavam, afinal?

Donatella se empoleirou na beira da mesa de centro e passou um monturo de caviar beluga preto num Triscuit. Deu uma mordidinha e ofereceu o resto a Nate.

- OK? - perguntou ela, com um sorriso luminoso.

Ele pegou o Triscuit e o devorou, perguntando-se se ela era retardada ou só estrangeira.

- Você viu minhas amigas? As duas meninas bonitas que estavam sentadas aqui? Elas estavam de roupa - acrescentou ele prestimosamente.

Os olhos cinza de Donatella se iluminaram de entusiasmo.

- Fofo! - Ela se virou a apontou para o vapor que saía da hidro.

A suíte estava apinhada e barulhenta, e alguém tinha aumentado o volume da última música dance e melosa de Justin Timberlake no sistema de som Bose, mas uma série de gargalhadas histéricas penetravam o fragor. Os pelos dos braços tonificados de lacrosse de Nate se arrepiaram. Ele reconheceria esse som em qualquer lugar. Era um som que fazia mais do que arrepiar seus pelos.

Epa!

Ouvir Serena rir era como sentir cócegas. Dava arrepios e um surto de adrenalina. Fazia com que visse estrelas e perdesse a coordenação. Ele teve vontade de ir ao banheiro, que era exatamente onde estava indo agora. Não à parte do toalete, mas a parte da hidro - a origem do som.

- Olá? - chamou Nate com cautela através do vapor. Mais risadas, combinadas com o gorgolejar baixo dos jatos da banheira. Uma pele nua e rosada cintilava molhada por sob a superfície da água agitada. - Quem está aí? - Ele se aproximou um passo. Duas cabeças reluzentes se projetaram para fora das bolhas, uma clara e outra escura.

- Somos nós, Natie - disse Blair. Ela ajeitou o cabelo castanho na nuca de um jeito que parecia comercial de xampu. Os braços ainda bronzeados do Natal em St. Barts estavam cruzados numa tentativa totalmente inútil de esconder o fato de que ela estava completamente nua. – Eu estava me sentindo um nojo, então decidi fazer uma hidro – explicou ela, alternando os detalhes mais dolorosos de sua vida familiar absurdamente deprimente.

- As hidros são minhas preferidas - intrometeu-se Serena. Ela encostou a cabeça loura no mármore, expondo o pescoço longo e perfeito, entre outras coisas. - De agora em diante, vou tratar de todos os meus assuntos debaixo da água.

Nate se sentou na beira da banheira, molhando a calça cáqui. Meu Deus, Serena era tão linda. Ele ficava sem fala de excitado só de olhar para ela. Estranhamente, ele esperava que a noite com L’Wren fosse curá-lo deste problema. Se ele transasse com L’Wren e meio que tirasse isso de seu sistema, talvez não pensasse tanto em Serena – pelo menos não de uma forma sexual. Afinal, ele estava apaixonado por ela e parecia meio errado sentir esse tipo de atração por uma menina por quem se está apaixonado, em especial quando ela era sua melhor amiga.

Mas isso faz algum sentido?

- Vocês não deviam estar me ajudando a me arrumar? – perguntou ele, olhando o relógio. Ele já estava atrasado. A questão era o quanto. L’Wren não parecia o tipo de garota que perdoa tudo, não quando tinha planos paralelos. - Sabem que sou um bosta com gravatas-borboleta - acrescentou ele, estremecendo ao ouvir como parecia idiota. Ultimamente seus amigos andavam usando a palavra *bosta* o tempo todo, mas sempre que ele dizia isso, achava que parecia idiota.

Exato.

Serena riu de novo, provocando um frenesi em todo o corpo de Nate. Se ele não fosse para esse baile e perdesse a virgindade já, ia perder o juízo.

- É melhor eu ir - murmurou ele, levantando-se.

- Não! - O coração de Blair disparou. Ela estava nua e Nate estava *bem ali*, parecendo doidão, meio tonto e totalmente subjugado, mas também tão ridiculamente lindo que ela só queria agarrá-lo e puxá-lo para a água. Ele não podia sair. Ela não ia permitir que ele saísse. Esta noite devia ser deles e de jeito nenhum Nate ia se agarrar com aquela piranhuda que ia arruiná-lo totalmente para sempre. Ela lançou um olhar a Serena de “me ajuda de algum jeito!” e cutucou a nádega da amiga com o calcanhar cuidadosamente esfoliado.

Serena retribuiu o chute. Tanto quanto Blair, ela queria que Nate pulasse na banheira com elas.

- Natie? - ela piou. - Vai ter que vestir o smoking de qualquer jeito. Por que não entra e depois ajudamos você a se vestir?

Nate deu de ombros. Ele não conseguia dizer não a Serena, em especial quando ela estava tão nua numa banheira feita para dois, ou três, ou quatro ou cinco.

- Tudo bem. Mas só um minutinho. - Ele tirou a camiseta cinza e a jogou no chão. - Fechem os olhos.

As duas meninas fingiram fechar os olhos, conscientes enquanto ele tirava a calça, a cueca samba-canção laranja e por fim as meias. Oh, oh, *oh!*

Depois, com a mesma rapidez, as cuecas voltaram.

- Não posso fazer isso. Estou atrasado. Tenho que ir. Será que vocês podem, por favor, tipo assim, colocar um roupão ou coisa parecida e me ajudar? - pediu Nate.

Ai.

Serena e Blair tiveram de se beliscar para não gritar com aquele encanto completo.

- Nós *vamos* ajudar você - insistiu Blair com firmeza. - Entre.

- Ajudaria se você soubesse que não somos nada ameaçadoras? - perguntou Serena timidamente, erguendo uma sobrançelha loura perfeita. Ela agarrou Blair e lhe deu um beijo na boca, usando a língua e tudo. - Está vendo? - disse ela, afastando-se. - Somos lésbicas. - Debaixo da água, Blair bateu o pé e o cotovelo em Serena, mas Serena continuava sorrindo para Nate, desafiando-o a entrar.

É claro que agora ela conseguiu, porque uma coisa ridícula estava acontecendo dentro da cueca laranja e O único lugar para esconder ou acabar com isso era debaixo das bolhas de uma água a 40 graus.

- Tapem os olhos de novo, com as mãos. E não espiem, suas pervertidas – disse-lhes irritado, embora não estivesse nada irritado, e sim outra coisa. Como é que elas podiam fazer isso com ele? Especialmente Serena. A festa que se fodesse. L’Wren que se fodesse. Ele ia ficar com Serena esta noite. E desta vez eles não iam só se beijar, ele tinha certeza absoluta disso. Ele a amava e tinha certeza absoluta de que ela o amava também, e não havia nada de errado em ficar com alguém em que se confia e ama. Tinha de ser muito melhor do que uma noite qualquer com uma universitária.

Ele pulou para dentro, espadanando água quente e todas as suas preocupações o deixaram.

- Olá, senhoras - cumprimentou-as ele como um bobo. - Quer dizer, olá, amigas lésbicas.

Blair riu e se aproximou um pouco dele.

- Eu não sou exatamente lésbica - declarou ela com ousadia. - Só gosto de beijar. Vou beijar qualquer um. Em especial meus amigos.

Serena podia sentir suas mãos vagando pela água quente na direção de Nate, procurando por ele. Ele era dela, o Nate dela, e ela estava louca para beijá-lo de novo. E de novo. E mais uma vez.

- Não quero que vá dançar com aquela garota - Serena ouviu Blair murmurar corajosamente. Serena baixou as mãos e se obrigou a dar as costas a eles. Blair parecia tão cheia de esperanças e sua vida agora estava uma merda. Ela merecia ter um momento a sós com Nate. Depois de alguns minutos, ele a rejeitaria docemente, viria para Serena, a pegaria nos braços e a levaria para passar uma noite romântica juntos. A primeira de muitas.

- Talvez eu não vá - respondeu Nate, aproximando-se de Serena.

É isso mesmo, pensou Serena, feliz, enquanto Nate vagava para ela. Ele estava sorrindo para ela daquele jeito torto e irresistível, e ela mal conseguia reprimir a vontade de se atirar nele. Depois Blair riu como tonta e espirrou água na cabeça de Nate, e Serena mais uma vez foi lembrada de sua missão.

- Eu mudei de ideia - anunciou ela, colocando as mãos com firmeza na beira da banheira. - Eu gosto de homens.

Nate riu e passou o braço por sua cintura nua, puxando-a para ele. É claro que ela gostava de homens. Ela gostava dele. Ela o amava.

Serena fechou os olhos e se obrigou a escapar de seu abraço.

- A verdade é que eu sempre quis beijar o *Chuck* - mentiu ela, levantando-se e saindo da banheira. Ela pegou um roupão branco Tribeca Star Frette no gancho de cromo e o passou firme no corpo. Isto deve ser divertido - acrescentou ela e saiu para encontrar Chuck, que agora tinha de beijar para dar alguma autenticidade a sua mentira, mas pelo menos Nate saberia onde encontrá-la.

Chuck e Donatella estavam parados junto à porta da suíte, alimentando-se com a última ostra mergulhada em Stoli antes de saírem para o baile. Os dois agora estavam vestidos

- com muito requinte também - ela com um vestido Prada de mangueira curta creme no estilo Hollywood anos 40 adornado de pérolas e arminho branco nos ombros, e ele com

um smoking Armani preto com cauda e gravata-borboleta branca. Eles pareciam atores prestes a descer a nave central em sua grande cena do casamento.

- Me beija - ordenou Serena a Chuck com urgência. Ela ficou na ponta dos pés, fechou os olhos e puxou para si a cara linda mas ainda assim repulsiva de Chuck. - Rápido.

- Mas não tenha dúvida! - exclamou ele em voz alta, atirando-se nela com sua boca imensa e faminta. Serena continuou de olhos fechados, a cabeça girando com o cheiro forte da colônia Égoïste de Chuck. Parecia que ele a engolia inteira.

- Fofo! - exclamou Donatella, batendo as mãos, deliciada.

Serena conseguiu se afastar de Chuck e limpou a boca na manga do roupão.

Argh.

- Sua vez! – gritou Chuck em êxtase e agarrou Donatella, dando outro de seus famosos beijos de devorar a cabeça. Donatella riu e depois girou, o vestido de cetim creme se abrindo em leque nos tornozelos enquanto ela pegava os ombros de Serena e a beijava na boca para ficar à altura dos dois. Ela tinha gosto de azeitona e beijava muito melhor do que Chuck podia esperar fazer.

- Fofo! - exclamou ela de novo enquanto Serena limpava a boca na outra manga. Evidentemente Donatella achava que esse era um costume de americanos antes de uma festa - uma orgia de beijos.

Ou talvez ela fosse mesmo retardada.

d meio que talvez tenha uma namorada

- Não vai atender? - gritou Jenny para Dan de seu quarto quando a campainha da portaria tocou pela segunda vez. Eles não estavam esperando ninguém, mas o pai, Rufus, tinha ido a um recital de poesia com uns amigos poetas Beat comunistas. Talvez estivesse bêbado demais de absinto e tenha voltado cedo para casa para dormir, perdendo as chaves. Jenny estava ocupada experimentando sutiãs, blusas e vestidos e admirando seus peitos em desenvolvimento. Ela precisava de todo um novo guarda-roupa, mas de mulher - roupas com decotes em V e decote redondo e botões para abrir e mostrar seu colo. Não que ela realmente quisesse que alguém olhasse - ela só gostava de olhar para si mesma. Ela queria ser capaz de ir a banheiro no meio de uma aula de matemática, ver seu reflexo no espelho acima da pia e dizer, "Oi, peitos! Onde vocês estiveram em toda a minha vida?"

Pode ter certeza de que ela não será a única a dizer oi.

A campainha tocou novamente.

- Dan? - gritou Jenny de novo. Ela abriu a porta usando um maiô Speedo de listas verticais rosa e roxo tamanho infantil tão apertado e revelador em cima que mais parecia um bustiê do que um maiô, e andou com raiva pelo corredor para ver quem era.

Dan estava no escritório, escrevendo outro poema em seu caderno de capa de couro preto. Zeke tinha saído logo depois do anúncio constrangedor de Jenny de que seu peito finalmente era tamanho 54 ou coisa assim. Desde então, Dan ficou ocupado recortando um dos anjos louros de Jenny e colando-o na face interna da capa do caderno enquanto refletia numa nova metáfora. Ele pensou que os anjos tinham asas e portanto eram mais como pássaros do que como pessoas. As únicas aves com que estava familiarizado eram os pombos, e os pombos que ele conhecia sempre tomavam banhos em poças ou nas fontes de praça. E se Serena fosse um pombo e voasse para sua janela, mas ele não

conseguisse abrir a janela e deixá-la entrar porque tinha sido apanhado feito uma lagosta e estava sendo fervido vivo numa panela grande?

Tá legal, Pirado. Diga o que quiser.

Não consigo respirar com essa tampa

Deixe o ar entrar

Mergulhe sua asa

Tome um banho

Entre

Estou ficando vermelho

Não é culpa sua

Eu sou tão vermelho

- Oi, querido, cheguei.

Dan desviou os olhos de sua última obra-prima. Vanessa estava na soleira da porta vestida com meias arrastão pretas até o joelho, bermuda de lã preta, jaqueta preta e as botas de combate pretas. O rosto pálido estava rosado de frio e os grandes olhos castanhos brilhavam de diversão. Dan só a vira duas vezes e achava que Vanessa tinha um visual único. Não era feia, mas também não era bonita. Neste momento, porém, ela parecia perfeitamente nova e incrível, como se fosse desembrulhada de celofane - a garota mais descolada e mais original que já inventaram. Jenny pairava atrás dela com o maiô Speedo de criança que era dez vezes menor do que ela. O cabelo crespo e escuro estava num rabo de cavalo firme, como que para deixar seu peito mais pronunciado. Mas ele já não vira o bastante?

Vanessa desabotoou a jaqueta e a atirou no sofá de couro ao lado de Dan.

- O que está escrevendo? Alguma coisa que eu precise ver?

Ele fechou o caderno e o protegeu no peito.

- Ainda estou terminando.

Ela deu de ombros, sabendo que ia convencê-lo a mostrar um dia desses. Dan a olhou de um jeito estranho.

- Sentiu minha falta? - perguntou ela, com esperança. Era só o que ela podia fazer para não pular em seu colo e plantar um beijo bem gordo naqueles lábios rosa-azulados dele.

Dan não disse nada, mas seu rosto ficou vermelho como a lagosta do poema.

Vanessa olhou para Jenny.

- Se precisar de tops maiores ou coisa assim, posso te emprestar alguns. Posso até levar você para fazer compras. - Ela sentia pena de Jenny, crescendo numa casa cheia de homens esquisitos e desastrados que se vestiam mal. Não que as roupas de Dan fossem medonhas - só pareciam ter sido atiradas da máquina de lavar numa gaveta sem que fossem dobradas corretamente.

Desde que ele ficasse longe das calças stretch vermelhas do pai, tudo bem.

Jenny olhou com ceticismo para as roupas completamente pretas de Vanessa e a cabeça raspada. Não, obrigada.

- Está tudo bem. O papai disse que posso pegar o cartão de crédito amanhã. Ele me deu um limite de trezentos dólares, que não é grande coisa, mas acho que dá. Quer dizer, o que eu comprar agora não deve caber no Outono. Eu ainda estou crescendo.

Sim, sabemos disso,

- Tudo bem - respondeu Vanessa. - Mas por que não veste outra coisa agora e joga esse maiô na pilha da Legião da Boa Vontade? Dói na gente como deve doer em você - acrescentou ela gentilmente.

Jenny corou e trotou pelo corredor, amando o modo como seus peitos novos quicavam. Vanessa era legal. Ela estava feliz por deixá-la entrar. Se ao menos Dan não fosse um mané tão grande. Ele provavelmente ia dizer alguma coisa idiota agora e Vanessa ia correr do apartamento aos gritos, quando o que ele realmente devia fazer era beijar a garota.

Tão nova e tão sábia.

- Desculpe por não ter dito nada no telefone - disse Vanessa, ainda parada na porta. - Às vezes eu sou bem irritante. Sou melhor pessoalmente - acrescentou ela, sentindo-se um tanto sem graça. Era óbvio que ela gostava dele. A essa altura, ele devia ter deduzido isso.

- Você é melhor pessoalmente. Cortou o cabelo de novo ou coisa assim? - Dan hesitou. O que ele queria dizer era que ela estava mais bonita do que quando a vira há alguns dias, mas ele não sabia dizer por quê. Do que eles deviam falar, aliás?

Vanessa deu de ombros e sacudiu a cabeça. Depois foi para o sofá, tirou o casaco do caminho e se sentou. O apartamento dos Humphrey a lembrava da casa dos pais em Vermont, a casa onde fora criada. Era cheia de porcarias, como se todo mundo tivesse medo de jogar alguma coisa fora. Lenços usados que escaparam da lixeira podiam ser recolhidos do chão. Baralhos com cartas faltando estavam empilhados nas prateleiras. Um velocípede vermelho e empoeirado estava estacionado no canto da sala de estar, uma relíquia da infância de Jenny e Dan.

Dan ainda estava agarrado ao caderno preto. Ela o tocou com a ponta dos dedos.

- Posso?

Ele abraçou o caderno ainda mais no peito. Quanto mais Vanessa lia, mais transparente ele ficava. Era assustador, deixar alguém ler a birutice que saía de sua cabeça, sem revisão. Ainda mais assustadora era a ideia de que ela queria publicar suas birutices para que todo mundo lesse - inclusive Serena.

- Só se me deixar ver uma de suas fotos primeiro - ele barganhou.

- Tá legal - Vanessa concordou. Ela vasculhou o bolso do casaco e pegou a câmera digital Nikon. - Não sei bem o que está aqui. - A câmera bipou e ela se aproximou de Dan para ele poder ver as fotos na telinha.

Isso era legal, percebeu ele, afrouxando o aperto no caderno preto. Era bom ficar com uma garota descolada numa noite de sexta-feira. O pai dele nem estava em casa. Eles podiam ficar bêbados, se quisessem. Ver filmes de adulto. Fazer coisas normais de adolescentes. Não era isso que as pessoas normais faziam? Ele nem se lembrava do que fazia normalmente nas noites de sexta. Às vezes ele e Jenny jogavam palavras cruzadas. Bons tempos.

Vanessa passou pelas fotos na memória da câmera.

- Peraí. Minha irmã vai me matar se souber que te mostrei essa. - Ela escondeu a tela e pulou umas fotos picantes de Ruby tomando banho com Tofu. Quando chegou à série de fotos do chiclete-na-calçada, passou a câmera a Dan.

- Legal - disse ele. Era meio animador saber que Vanessa podia passar tanto tempo fotografando um chiclete mastigado. Era quase pior do que escrever um poema do ponto de vista de uma lagosta sendo fervida viva.

Quase.

- Parece alguma coisa de dentro da gente, né? Sabe o tom de rosa que a gente vê quando fazem cirurgias, tipo assim, no *ER*? - observou ela, admirando a própria obra.

Dan desviou os olhos da câmera. Às vezes Vanessa dizia coisas idênticas a algo que ele poderia ter dito. Ele gostava, mas também era meio assustador.

- Que foi? - perguntou ela, tentando não parecer esperançosa. Dan estava a ponto de beijá-la?

- Nada não. - Dan voltou-se para a câmera. A série seguinte de fotos eram as que Blair tinha tirado de Vanessa raspando a cabeça no barbeiro. - Caraca, seu cabelo era bem comprido. Você não ficou nervosa? - Era difícil imaginar Vanessa com todo aquele cabelo preto e luxuriante. Também era difícil imaginar por que ela ia querer raspar tudo. - Não. - Vanessa admirou a foto de si mesma sorrindo diabolicamente para seu reflexo no espelho da barbearia enquanto o barbeiro raspava um naco de cabelo. Ela estava bem *cool*, embora só dissesse isso a si mesma. Dan apertou a seta com o polegar da mão direita e apareceu na tela uma foto de Serena de costas para a câmera, a bunda nua espiando por baixo de um minivestido de veludo roxo que mal existia. Ela olhava por sobre o ombro, sorrindo maliciosamente. Impresso em cada nádega rosada e curva havia um coração perfeito e vermelho.

- Oh! - exclamou Dan. Suas mãos começaram a tremer e ele largou a câmera no tapete oriental desbotado.

Vanessa pegou a câmera, desligou-a e a atirou na bolsa.

- Desculpe, isso também foi meio pornográfico. - Ela franziu a testa. - Acho que sou meio pervertida. Nunca percebi isso.

Dan olhou inexpressivamente para ela, perguntando-se se podia convencê-la a fazer alguma coisa que tomasse tempo para ele poder ver o resto das fotos e ver se havia mais alguma de Serena. Ele não ligava para seu grau de perversão, tinha de vê-las.

Ei, como os dois eram pervertidos assumidos, por que não olhar as fotos juntos e fazer uma festinha de perversão?

- Quer pedir uma pizza? Acho que meu pai até tem alguma cerveja na geladeira. - Ele vasculhou os bolsos e acendeu um cigarro com os dedos trêmulos. Só fazia uma semana, mas ele já estava viciado. É claro que ele sabia que fazia mal, mas essa era a parte mais sedutora de fumar. Se ele quisesse ser um poeta como Keats Ou Kerouac, tinha de morrer cedo. Seu pai até o deixava fumar no quarto dele. "Você toma suas decisões e aguenta as consequências", disse-lhe Rufus com menosprezo.

Se ao menos os pais menosprezassem as coisas da mesma forma.

Vanessa deu de ombros.

- Claro, pizza é ótimo. Não tomo cerveja, tem gosto de ranho. - Ela esperou que ele se levantasse e pegasse o cardápio da pizzeria ou lhe trouxesse um copo de água, mas ele ficou ali, dando baforadas furiosas no cigarro, parecendo adoravelmente miserável.

- Os cardápios estão na cozinha - mentiu ele. Dan e Jenny sabiam o número da pizzeria de cor, mas Rufus não confiava em comida delivery, dizendo que era "cheia de cocô de rato e casca de barata", e em geral

Jogava fora os cardápios que apareciam debaixo da porta da frente. - Procure na gaveta à direita da pia - sugeriu Dan, sabendo que era a gaveta onde Rufus atirava todas as receitas que recortava de jornais e revistas, além de todos a tranqueira que ele usava para prender o cabelo rebelde. A gaveta era absolutamente abarrotada de porcaria.

Vanessa olhou criticamente para ele por um momento. Será que Dan era um daqueles caras que pareciam esclarecidos mas na verdade viviam na Idade Média, esperando que as mulheres fizessem tudo no que dizia respeito à comida e à limpeza da casa? Ou talvez ele só não pudesse fumar na cozinha. Ela se levantou para procurar o cardápio.

- Volto logo - disse ela, pegando o caderno preto do colo dele e colocando-o debaixo do braço. Se a pizzeria a deixasse na espera, pelo menos teria alguma coisa para ler.

- Não, por favor, n... - Dan começou a protestar. Depois se lembrou de que estava prestes a pegar a câmera de Vanessa na bolsa e baixar, com sorte, algumas fotos de Serena para seu computador, embora não tivesse certeza de que tinha a capacidade de ser tão furtivo. - Eu gosto de pepperoni - disse ele.

- Saquei. - Vanessa abriu o caderno enquanto andava pelo corredor até a cozinha. Colado na segunda capa estava um dos anjos louros que Jenny desenhara para o concurso do hinário. Vanessa continuou a virar as páginas. Apoiando a irmã, isso era legal, pensou ela.
Pense melhor, meu bem.

um beijo é só um beijo – pelo menos, é a mentira que contamos a nós mesmos

Blair se sentou sobre as mãos em um dos ressaltos de mármore submersos da hidro. Os jatos batiam em suas costas, provocando uma vibração em todo seu corpo. Nate estava sentado na saliência oposta, o queixo molhado pousando apaticamente na lateral da banheira enquanto via Serena beijar Chuck e depois Donatella. Que porra estava acontecendo? Serena podia ser tão sacana. Ou talvez ele estivesse totalmente enganado e ela não gostava dele como ele pensava.

Mas talvez não estivesse tudo perdido. Ele ainda ia ao baile com L'Wren. A perda de sua virgindade era iminente. Isto era bom. A ideia de que ia transar com Serena em vez de L'Wren tinha sido uma asneira temporária causada por THC demais da *marijuana*. *El Capitán. El Capitán!* Ele levantou a cabeça.

- Estou atrasado - disse a Blair com urgência. - Tenho que ir.

Blair sabia que essa era a sua deixa. Ela piscou para o vapor em seus olhos azuis, criando coragem para o papel mais importante que ia representar até agora no filme de sua vida. A mãe era gorda e ridícula. O pai era egoísta e gay. Seu irmão mais novo estava destinado a ser um fracasso. Basicamente, sua vida tinha sido uma colossal perda de tempo - até agora. Nate estava bem ali diante dela. *Carpe diem*. Agora era sua oportunidade de aproveitar o dia.

Entre outras coisas dignas de serem aproveitadas.

Nate se lançou para uma das toalhas felpudas e brancas dobradas elegantemente na prateleira de metal aquecido, instalada fora do alcance da banheira.

- Droga.

Blair disparou da banheira e pegou duas toalhas. Passou uma no próprio corpo e outra entregou a Nate.

Ele saiu, tentando agir com a maior frieza possível, e amarrou a toalha na cintura.

- Obrigado - ele sorriu para ela e sacudiu a água do cabelo. Droga, estou tão atrasado.

- Eu não quero que você vá, Nate - murmurou Blair de novo, a voz tremendo, mas insistente. Pingava água das pontas de seus cabelos longos nos ombros nus, provocando-lhe arrepios.

Os olhos verdes e cintilantes de Nate se iluminaram ainda mais ao olhar para ela, como se a visse ali pela primeira vez. Blair olhou para ele, sentindo que ia ficar enjoada de novo, mas desta vez no bom sentido.

- E se a gente... - começou ela, desejando que seu coração não estivesse batendo tão alto, para poder se ouvir pensar. - E se a gente só... - ela parou e lambeu os lábios simétricos. Os olhos amendoados e a face perfeitamente esculpida de Nate pareciam ser as únicas coisas de cor no ambiente. Meu Deus, como o amava. - Por que a gente não se beija? - terminou ela rapidamente.

Nate franziu a testa. Blair queria que ele a beijasse - *agora*, quando ele estava prestes a sair para se encontrar com uma garota mais velha e muito gata e com sorte transar com

ela? Agora, quando ele a acabou de ser rejeitado por Serena? Como ele podia beijar Blair quando eles se conheciam desde a pré-escola? Ela costumava deixar coraçõezinhos Play-Doh nos sapatos dele quando ele os tirava durante a soneca. Ele cingiu ainda mais a toalha. Na verdade, fazia completo sentido. Blair sempre teve uma queda por ele e era uma de suas melhores amigas. Ela era bonita, divertida e inteligente, e provavelmente o conhecia melhor do que ele mesmo. Ela era tão perfeccionista, mas sempre o aceitou, com todos os seus defeitos.

Serena tinha saído porque *não* queria beijá-lo. Mas Blair sim, e ele também amava a Blair. Ele nunca havia pensado em beijar Blair, mas por que não? Talvez ele estivesse com a garota errada o tempo todo. Talvez ele só desejasse Serena e pensasse que era amor, quando na verdade era Blair que ele amava o tempo todo. Até o jeito de ela dizer "vamos nos beijar" era muito romântico. Ela não era toda assanhada e aflita. Ela não queria se retorcer nua na hidro, como L'Wren teria feito. Ela só queria ficar com as toalhas e beijar, o que o fazia se sentir meio maduro e *cool*.

Nate deu um passo para a frente. Blair olhou para ele cheia de expectativa, os lábios separados. Ele a abraçou, como fez muitas vezes, e não foi estranho nem tenso - foi totalmente natural. Nate baixou a cabeça e a beijou, como também fez muitas vezes, mas desta vez beijou-a nos lindos lábios cor de pêssego, e não no rosto. O beijo foi longo e doce, e ela meio que ficava explorando a boca de Nate com a língua quente e veloz de um jeito que o fez sorrir quando o beijava. Ele a apertou um pouco mais. É, beijar Blair era ótimo.

Ela se afastou e pôs o rosto em seu peito nu.

- Eu te amo, Nate - sussurrou ela na pele molhada dele. - Sempre amei você. - Todo o corpo de Blair parecia de cera que foi derretida e depois esfriada. Ela estava elástica, flexível.

Nate pôs as mãos por baixo de seu cabelo molhado e afastou sua cabeça do peito para beijá-la novamente. Blair era tão linda e teatral, que ele se sentia estar atuando num filme romântico meloso. Imagina-se que ele tenha se esquecido do baile e de ficar com L'Wren. Ele não podia ir embora agora, não quando havia toda essa beijação pela frente. A boca de Blair tinha gosto de Triscuits e vodca. Tinha um gosto bom. E ela não ia a lugar nenhum. Se quisesse, ele podia beijar Blair a noite toda, porque ele também não ia a lugar nenhum. Saber disso o deixou satisfeito, feliz e louco para beijá-la ainda mais.

Do outro lado da suíte, através do vapor, Serena via as cabeças escuras e molhadas dos dois se unindo e permanecendo juntas. Era tão romântico – o jeito como as toalhas brancas estavam enroladas com tanta elegância no corpo, a ternura com que Nate segurava a cabeça de Blair. A visão de Serena começou a embaçar e lágrimas quentes desceram por seu rosto. Com raiva de si mesma, por ficar parada ali boquiaberta, feito uma idiota, ela pegou as roupas descartadas e o casaco framboesa no chão e correu para fora da suíte para se vestir num dos toaletes do lobby do hotel. Não suportava ver mais nada.

E isso era só o começo.

não acredite em tudo o que lê

Prezados sempeitos.com,

Só gostaria de agradecer por disponibilizar um produto que realmente funciona. Comecei a tomar os suplementos há uma semana e passei de P

para M! Só tenho 12 anos e *meio* e antes eu era totalmente achatada. Agora eu me sinto muito melhor e posso usar as roupas que gosto, como biquínis e golas em V, que não fica nada despencando na frente! Acho que até estou andando diferente agora. De qualquer forma, obrigada pela atenção. Vocês são o máximo!!

Atenciosamente,
Jennifer Humphrey

P.S.: Veja abaixo as fotos de minha transformação!

Enquanto Jenny estava no quarto ao lado, anexando fotos dela mesma com o top preto em várias fases de crescimento de sua câmera digital Hello Kitty para compartilhar com o universo digital, Dan estava sentado à mesa diante do computador e passava freneticamente as fotos mórbidas de Vanessa até chegar àquela de Serena e sua bunda de fora. Ele clicou download e baixou a foto de Serena e a amiga bonita de cabelos escuros. O sorriso de Serena ficou ainda melhor – mais de outro mundo e mais atraente. Ele podia cortar a outra garota. Ele clicou download de novo.

- Meu Jesus Cristo! – A voz de Vanessa ecoou pelo corredor, vindo da cozinha. Houve um estardalhaço enquanto vários objetos caíam da gaveta especial de Rufus e se espalhavam pelo linóleo. Apressadamente, Dan clicou pelas outras cinquenta fotos da câmera. Havia muitas de pombos, poças, gente dormindo em bancos, lixo variado e a irmã de Vanessa, Ruby, mas nenhuma outra de Serena. Ele puxou o cabo da câmera e correu de volta ao estúdio.

- Foda-se o cardápio da pizzeria, nem consigo encontrar uma porra de xícara nessa cozinha - gritou Vanessa da cozinha para o corredor, a voz estridente de irritação. - Você está fumando? Dá pra me ajudar a encontrar essa merda, uma vez que é a sua casa, e não a minha?

Dan sorriu para a total falta de falsidade de Vanessa. Ela não tentava impressionar ninguém. Ela não estava paquerando, nem fingindo estar entediada, nem falando por falar. Ela só queria pedir uma pizza. Ele se sentiu mal por roubar a câmera pelas costas dela, mas Vanessa jamais saberia e era por uma boa causa.

O Fundo de Deficientes Eu Venero Serena van der Woodsen?

- Estou indo! - gritou ele enquanto atirava a câmera de volta à bolsa de lona preta de Vanessa. Ele disparou pelo corredor até a cozinha e a encontrou sentada à mesa de fórmica rachada, lendo concentrada um de seus últimos poemas, o rosto corado de prazer.

Estou ficando vermelho

Não é sua culpa

Estou tão vermelho

Ah, sim, isso, pensou Vanessa consigo mesma, emocionada com a ideia de que Dan corava quando pensava nela, do mesmo modo que ela corava quando pensava nele.

- Esse ainda não está terminado - explicou ele sem jeito enquanto relia o poema por sobre o ombro de Vanessa, as mãos tremendo de constrangimento. Ele ainda queria acrescentar alguns versos, algo sobre cupido ter asas, então também ser um pássaro. Cupido era um pombo? Não, isso era ridículo. Mas parecia necessário invocar cupido quando ele estava discutindo Serena como um pombo-anjo.

Tá legal, anormal/gênio.

- Me dê quando estiver pronto. Acho que vou publicar uma série de cinco ou seis poemas seus na revista. As pessoas vão ficar impressionadas com a Anônima quando

sair, será uma zoeira, todo mundo tentando adivinhar quem ela é. - Ela fechou o caderno. - Ei, o que aconteceu com a nossa pizza?

Dan pegou o caderno de volta e o protegeu sob o braço.

- É 646-555-PEEZA - recitou ele mecanicamente.

Vanessa se levantou, uns 5 centímetros mais alta do que ele. Ela lhe deu um cutucão firme na barriga magra, de repente grata por não ter tido irmão. Os meninos eram uns idiotas.

- Obrigada, Stormfield. Vou querer queijo extra com cebola. - Ela mordeu o lábio, perguntando-se se ela e Dan iam se beijar mais tarde. - Pensando bem, sem cebola. Só queijo. *Por favor* – acrescentou ela apressadamente. - E uma ginger ale.

Duas horas depois, uma pizza devorada, meia-pepperoni, meia-queijo extra, duas latas de ginger ale e quatro garrafas vazias de Amstel Light estavam no chão do escritório dos Humphrey. *The Late Show* bruxuleava mudo na antiga TV Philips, mas Vanessa e Dan não estavam vendo. Estavam sentados no chão com as costas no antigo sofá de couro marrom, os ombros se tocando. Vanessa se perguntou se Dan tinha bebido cerveja suficiente para não ter um ataque apoplético se ela o beijasse. Tinha certeza de que seria o primeiro beijo para os dois. Certamente ele agia como alguém que nunca foi beijado e Vanessa sabia que ela própria jamais beijou.

Dan ficou observando Vanessa pelo canto do olho por um tempo. Seus grandes olhos castanhos eram mesmo lindos e os lábios eram bem vermelhos. Ou talvez os lábios dela estivessem tendo uma espécie de reação alérgica ao pepperoni, que ela roubava das fatias dele. Vanessa não era Serena, mas ele ainda não conseguia deixar de se perguntar como seria beijá-la. Depois ele se sentiu um perverso por pensar nisso. Só porque ela era uma garota, não queria dizer que fosse um objeto sexual, ralhou a voz de Jenny para ele. A irmã feminista que queria desesperadamente ter tetas.

Ele esticou as pernas e bocejou, meio cutucando Vanessa ao fazer isso. Ela riu e retribuiu o cutucão. Depois ela meio que o agarrou e colocou a cara dele na dela até que os lábios se tocassem. Foi só um beijo molhado que tinha gosto de pepperoni: sem língua.

O cérebro de Dan entrou e saiu de foco, como televisor numa tempestade elétrica. Um pombo voou por sua cara e ele pensou que tinha o cheiro da amostra de perfume que Jenny passava nos pulsos e tornozelos depois de tomar banho. Ela dizia que era o mesmo perfume que Serena usava: Cristalle. Depois o televisor em sua cabeça se apagou para sempre.

Vanessa fitava Dan esparramado no chão, diante dela. Ele parecia estar inconsciente. Ela segurou seus ombros e o sacudiu gentilmente.

- Dan? Está vivo? Preciso chamar uma ambulância?

Os olhos dele se abriram.

- Cristalle - murmurou ele com um francês ruim.

- Você está me assustando - sussurrou ela. Um fio de baba pendia de sua bochecha pálida. Ela limpou com o polegar de unha curta. - Diga alguma coisa normal. Quem escreveu *Judas, o obscuro*?

- Thomas Hardy - respondeu ele automaticamente.

Ela relaxou o aperto nos ombros dele. É claro que o cara por quem ela se apaixonou tinha de ser a pessoa mais imatura do mundo. Um mero beijo e ele entrava em parafuso. Talvez ela tivesse agido rápido demais. Talvez ele precisasse de um ou dois meses só sentado no sofá, sentindo a eletricidade entre as coxas, conversando e respirando o ar abafado de primavera. Depois finalmente ele voaria em cima dela, incapaz de resistir.

- Acho que você precisa parar de fumar tanto – aconselhou Vanessa, ajudando-o a ficar de pé. Ela o levou pelo corredor até seu quarto. - E beba mais água em vez de café instantâneo e cerveja.

O quarto estava escuro e reconfortante. Dan subiu na cama como um bom menino. Ele sempre foi peso-leve, mas desmaiar assim - tenha dó, era *constrangedor*. Ele pegou o copo de água que Vanessa lhe passava e bebeu lentamente. Suas mãos tremiam. Talvez não fosse a cerveja. Talvez fosse toda a excitação de baixar aquelas fotos de Serena.

Ou a excitação de saber que podia olhar para elas sempre que quisesse?

- Você vai dormir. - Vanessa pegou o copo vazio e afagou a mão dele. - Eu vou para casa. - Ela hesitou, sem ousar beijá-lo de novo, nem mesmo no rosto, por medo de provocar uma parada cardíaca em Dan. Em vez disso, ela saiu do quarto na ponta dos pés e fechou delicadamente a porta. Dan era tão frágil, que era igualzinho a um daqueles poetas doentios da Inglaterra que morriam aos 20 anos porque a vida tinha beleza e tragédia demais para eles suportarem. Ele devia ser mais romântico do que ela, mais romântico do que qualquer mulher.

E isso meio que a fazia amá-lo ainda mais.

embora ele não seja um amante de gatos

- Quer conhecer meu gatinho novo? - Blair pegou Nate pela mão e o puxou pelo corredor até seu quarto. Eles nem conversaram no carro ao virem do Tribeca Star. Não conversaram muito a noite toda. Só ficaram se beijando - na hidro vaporosa, nos confortáveis roupões rancos, no sofá apinhado enquanto dividiam um último coquetel, depois no táxi a caminho de casa. Era como se eles não se cansassem um do outro. Eles só queriam beijar e beijar. Como se ansiassem por uma coisa por anos, mas não soubessem o que era e agora finalmente tivessem descoberto.

Nham.

Um gatinho cinza com olhos azuis assustados estava enroscado na cama de Blair.

- Aí está você - Blair cumprimentou ternamente o gato e o pegou, aninhando-o nos braços. - É um Russian Blue. - Ela passou o gato a Nate. - Kitty Minky, este é o seu papai.

Nate não era de gostar de bichos e definitivamente não era pai de ninguém.

- Oi - Nate cumprimentou o gato asperamente. - E aí? - Kitty Minky cravou as garras na mão dele e Nate o soltou no chão.

- Cuidado! - gritou Blair com severidade. Ela pegou o gato de novo. - Ele é só um bebê.

- Desculpe. - Nate enfiou as mãos nos bolsos, meio sem graça. Ele já viera mil vezes ao quarto de Blair, mas a mãe e o irmão dela estavam em casa e ele se sentia... estranho. Queria enfim transar esta noite, mas não sabia se podia fazer isso com um gato olhando. Ou na cama em que costumava brincar de esconde-esconde o tempo todo quando era pequeno. Ele foi até a TV de tela plana e a ligou. - Quer ver um filme ou coisa assim?

Meu Deus, ele era lindo.

- Não. Vem cá. - Em vez de esperar que ele fosse até a cama, Blair se lançou, tirou o cinto da calça dele e o chicoteou pelo quarto. Ela riu. - Sei que acabamos de nos vestir, mas... - Depois ela o beijou, lembrando-o do motivo para estar ali.

Tá legal, agora ele não se sentia mais estranho. Ele a pegou e carregou até a cama. Depois tirou o gato do quarto.

Miau-miau, nada de olhar. Tchauzinho.

Ele voltou à cama e tirou a camiseta cinza e Blair acompanhou seus movimentos com um sorrisinho.

- Eu te amo, Nate - sussurrou ela, corando.

Nate a fitou, perguntando-se o que dizer. Não que ele não a amasse. É claro que a amava. Ela era a Blair. Ele só não estava preparado para entrar na... namoradice dessa história. Neste momento ele só queria tirar as roupas dela. Ele pegou a bainha e começou a puxar para cima. Subindo, subindo, por sobre a cabeça. Cara, os vestidos eram ótimos. Só uma peça grande de tecido sobre a cabeça e blam! – ela estava praticamente nua.

A calcinha de Blair era do tipo que deixa as meninas parecerem *mais* nuas. Calcinha de revista de sacanagem, com renda. Ele tinha medo de tocar. Em vez disso, ele se deitou ao lado de Blair e afagou seu braço, o ombro, o pescoço. Ela encostou a cabeça em sua mão sorriu para ele.

- Nate?

- Humm - respondeu ele, os olhos verdes fechados. A pele de Blair era macia, o cabelo sedoso.

- Você não disse nada. Eu disse que te amo e você não disse nada. – ela esperava, ansiosa.

Nate abriu os olhos. Ela não ia deixar que ele se safasse desse jeito.

- Eu também te amo - respondeu ele automaticamente. – Pensei que você soubesse.

Blair não era uma pessoa religiosa, não mesmo, mas estava tendo uma experiência mística. Nate era um deus, o deus dela, e ele a abençoara com seu amor.

Ah, Senhor!

- Agora pode me beijar, idiota - ordenou ela, agarrando sua cabeça dourada. Eles se beijaram por um tempo, felizes, famintos. Depois ela empurrou sua cabeça. - Não estou pronta para fazer sexo - declarou ela simplesmente. - Mas *vamos* transar logo – prometeu ela com a expressão séria. - Quando eu estiver pronta.

É melhor que ninguém tente adivinhar quando. Será quando for e pronto.

Nate gostou que ela fosse franca com ele. As mulheres podiam ser tão confusas. Como Serena - ela era totalmente confusa. Blair não era confusa. Sua sinceridade era quase generosa.

- Tudo bem. Eu posso esperar.

Ela pegou a cabeça dele de novo, com vontade de devorá-la. Meu Deus, Deus, Deus, ele era tão lindo, lindo, lindo! Ela o beijou com intensidade, entrando realmente no beijo. E ele entrou também.

- Meninas, querem uns biscoitos? - A voz cantarolada de Eleanor Waldorf ecoou do outro lado da porta. Ela abriu só uma fresta. - E tenho trufas de La Maison du Chocolat! Blair atirou um travesseiro na porta.

- Vai embora, mãe.

Eleanor colocou a cabeça para dentro do quarto.

- Oh! - exclamou ela quando viu Nate, sem camisa, deitado por cima da filha quase nua.

- Olá, Nathaniel. Está tudo bem. Não liguem para mim. Estou indo embora. - Ela rapidamente fechou a porta.

- Desculpe. - Nate se afastou e ficou pendurado de cabeça e tronco para fora da cama, Tateando em busca da camisa no chão. Isso era muito esquisito. Ele podia voltar quando não houvesse ninguém em casa.

- Pare. Você não vai embora. - Blair pegou o cabelo dele, praticamente arrancando seu escalpo. - Você conhece a minha mãe. Ela toma Xanax demais. Ela nem vai se lembrar disso de manhã. Mesmo que lembre, ela não liga. Provavelmente está no telefone agora com o Crane, encomendando nossos convites de casamento. - Ela corou, depois beijou o

pescoço de Nate pouco abaixo do lóbulo da orelha. - Não que a gente vá se casar, nem nada disso. - Enquanto isso, no filme que passava em sua cabeça, ela podia ouvir a marcha nupcial, ver o incrível vestido de noiva Vera Wang sem alças, imaginar Nate esperando por ela no altar com smoking Thomas Wylde, os olhos verdes cintilando de lágrimas ao se maravilhar com a beleza de Blair.

Não vamos nos empolgar.

Nate se acomodou na cama de novo.

- Olha, eu sei que não vamos fazer nada, mas pode tirar essa coisa? - perguntou ele, apontando para o intimidador sutiã La Perla de renda e cetim marfim.

Blair corou de novo e fugiu para baixo do lençol de seda rosa. Rebolou como um peixe e tirou o sutiã, atirando-o para a porta do armário.

- Assim? - perguntou ela timidamente, erguendo as sobrancelhas escuras e bem modeladas.

Nate entrou sob as cobertas atrás dela. Sua pele era tão macia, como a camurça que ele usava para polir o casco do veleiro. Era tão bom ficar com a Blair. Ele não conseguia deixar de se surpreender com isso. Nate tinha certeza de que era ela que ele queria o tempo todo.

- Assim mesmo - murmurou ele, beijando-a.

- Eu te amo, Nate - sussurrou Blair de novo.

Desta vez ele fez tudo certinho. Ergueu-se e olhou em seus conhecidos e esperançosos olhos azuis.

- Eu também te amo, Blair.

Ela detona!

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Mal é meia-noite e, como Cinderela, eu estou em casa, seca, aquecida e sem meus stilettos loubotin de couro malva que ficaram arruinados para sempre da neve. Podem me chamar de Vovó Sensível, mas de agora em diante, na primeira vez em que a temperatura estiver uns 20 graus, estarei com meus chinelos de estampa de leopardo, dentro e fora de casa. Agora que estou aquecida e confortável, podemos discutir estas intrigantes festividades da noite.

um baile é um baile – mas não há nada como uma pré-festa

Minhas caras debutantes, vocês debutaram esta noite e agora estão debutadas para sempre. Odeio dizer isso, mas - o baile foi uma completa chatura. A não ser pela parte em que aquela linda condessa italiana tira o vestido. Ao que parece, há toda uma facção nudista na aristocracia italiana - quem diria? E houve também a parte em que aquela debutante muito irritada de nome duvidoso subiu na mesa e gritou imprecações para o acompanhante ausente. Isso foi ótimo, o ponto alto de toda a algazarra. Mas a maior parte da excitação aconteceu no Tribeca Star Hotel...

flagras

S esquivando-se no saguão do hotel enrolada num roupão branco do Tribeca Star. Será que criou uma nova tendência – a fuge-do-quarto? O pai de **B**, pegando as chaves para o quarto no Carlyle Hotel acompanhado de um cara tão lindo que qualquer um ia querer escapar com ele, homem ou mulher. **B** e **N** muito gracinhas, subindo na traseira de um táxi e descendo dele, juntos, na calçada do prédio dela na 72 com a Quinta. **C** no saguão do prédio de **S** na 83 com a Quinta, sendo enxotado pelo porteiro, de cabelos brancos, da noite. O que foi isso? E a gente que pensava que ele tinha colocado aquela linda e nua condessa italiana num jato particular para Las Vegas e a essa altura estava casado com ela. E mais tarde, **S**, tremendo enquanto fumava sozinha na escadaria do Met, uma mártir fantasmagórica com jeans baggy e fleece Patagonia. Gostaria de dizer que ela parecia trágica, mas o trânsito na Quinta Avenida praticamente parou por causa dela, então ela não poderia parecer assim *tão* mal. **V** pegando o trem L à meia-noite para Williamsburg, tirando fotos do bêbado porco que se mijava enquanto dormia nos bancos na frente dela. Ela parece ter achado isso muito divertido. Essa menina é uma perversa.

a quem interessar possa

Isto pode ser extremamente óbvio para muitos, mas se você vai colocar fotos de si mesma na Internet, em especial fotos quase reveladoras de seus atributos físicos, não costuma ser boa ideia dar seu nome completo. É só um aviso. Agora eu sei quem você é - todo mundo sabe. E não é a última vez que vamos ouvir falar de você. Essas fotos vão

chegar aos cantos mais distantes da terra e, no verão, você estará recebendo correspondência de fãs babacas de Bora-Bora. Depois não diga que eu não avisei.

seu e-mail

P: Cara GG,

Acho que estou apaixonado. Não, droga, eu sei que estou. E eu a deixei escapar. Peguei o ônibus errado. Ela acha que estou com outra. Porcaria. O amor é uma merda.

- CBret

R: Caro CBret

Nunca é tarde demais para dizer "Eu te amo". Leve para ela duas dúzias de rosas de caule longo, trufas de chocolate preto e um milkshake preto e branco e ela vai se esquecer totalmente da outra garota.

- GG

P: Minha querida Gossip Girl,

Sei que minha filha está com um rapaz em seu quarto esta noite e não sei bem o que fazer. Eles se conhecem desde sempre, mas são tão novos. Será que eu deveria oferecer um leite quente e profiteroles aos dois e depois dizer a ele para ir para casa?

- hipermãe

R: Cara hipermãe,

É um amor de sua parte se preocupar, mas provavelmente não há problema nenhum em deixar que fiquem a sós. Se você é sempre assim tão doce e preocupada, sua filha provavelmente tem uma boa cabeça sobre os ombros e o rapaz deve ser respeitável, se ela decidiu levá-lo para casa. Devia se sentir com sorte por eles não estarem na rua fazendo nada de desagradável. É bom que estejam em casa. Você pode preparar o café da manhã para eles. As torradas do Balthazar sempre agradam. Tenha doces sonhos.

- GG

P: Cara GG,

Eu dirijo um táxi para as estrelas. Me ligue uma hora dessas.

- zip

R: Caro zip,

Obrigada pela dica, mas eu prefiro minha limusine.

- GG

não é a última palavra

Algo me diz que esta não é a última vez que vamos ouvir falar desta noite. Alguns de nós estão sozinhos, alguns não estão e, como Scarlett O'Hara certa vez disse, amanhã é outro dia. Se houver alguma coisa para contar, vocês sabem onde me encontrar e eu certamente sei onde encontrar vocês.

Pra você que me ama,

gossip girl

olha só o que a fada dos dentes deixou aqui

Serena estava deitada em cima de seu cobertor branco, totalmente vestida com a legging de cashmere carvão TSE preferida e um suéter de cashmere preto J. Crew com gola em V. Era manhã de sábado. Ela dormiu a maior parte da noite, mas acordou às cinco da manhã para tomar um banho e fazer uma limpeza na pele com leite e não conseguiu voltar a dormir. Deviam ser oito da manhã ou talvez até nove, ela não sabia. Tinha parado de nevar e o sol se infiltrava no quarto através das cortinas brancas, que estavam bem fechadas.

Com a mão mole, ela pegou a caixa da Tiffany em sua mesa de cabeceira de mogno antiga. A tampa tinha suas iniciais: SvdW. Ela a tirou e examinou o interior da caixa, revestido do veludo azul-claro típico da Tiffany. Seis minúsculos dentes de bordas marrons estavam juntos no meio - seus dentes de leite. Por que havia apenas seis, Nate sempre quis saber. Havia dois incisivos, dois dentes superiores e dois inferiores. Onde estavam os molares? E o resto? Serena sempre disse a ele que os outros tinham caído enquanto ela comia torta-musse de chocolate na festa de aniversário de 8 anos e ela engoliu todos, mas os dois sabiam que não era verdade. Era um mistério.

Ela pegou os dentes na caixa e os segurou. Pareciam meio nojentos, como os ossos de um bicho atropelado, algo em que ela não devia tocar. Ela os devolveu à caixa e fechou a tampa, mantendo-a equilibrada na barriga. Seu corpo estava cansado, tão cansado que ela podia dormir por dias, mas Serena tinha medo de fechar os olhos e ver Blair e Nate se beijando de novo. Algo que jamais esqueceria.

- Srta. Serena? - A empregada brasileira dos van der Woodsen, Deidre, bateu de leve na porta. - Há um Sr. Chuck Bass aqui, ele tem *presentes* - acrescentou ela zombeteira, como se Serena ficasse totalmente maravilhada ao ver o Sr. Chuck Bass tão cedo numa manhã de sábado.

- Ai - murmurou Serena, enfiando os pés em seus velhos chinelos pretos de pele de ovelha Ugg. Ela foi até a porta e abriu um pouco.

- Ei, Deidre, ele está, tipo assim, na casa? Ou está esperando lá embaixo? - perguntou ela, na esperança de que a empregada dissesse ao porteiro para mandar Chuck embora.

- Estou bem aqui - respondeu com grandiloquência a voz alta de Chuck. Ele apareceu na porta da frente brandindo um buquê de lírios brancos e um mocha-choco-frappi gelado gigantesco encimado com Reddi Whip num copo de plástico transparente da Starbucks. Bom dia, querida. - Ele lhe deu um beijo no rosto e entrou no quarto como se fosse uma rotina nas manhãs de sábado. Deidre disparou pelo corredor com seu uniforme de empregada cinza e branco, lançando a Serena um olhar divertido com os olhos castanhos suaves que diziam, "Que encanto!"

Serena não odiava muita coisa, mas desprezava abertamente bebidas doces e geladas da Starbucks, e o cheiro dominador dos lírios sempre lhe dera repulsa. Assim como a colônia masculina de Chuck, o cabelo dele que parecia molhado e seus dentes brancos, reluzentes e imensos. Ela se perguntou rapidamente se Chuck já teve dentes de leite. Era difícil imaginá-lo com qualquer coisa de bebê.

- Oi, Chuck - ela o cumprimentou, cansada. Ela pegou o café e pôs os lírios na mesa. Queria atirá-los pela janela, mas podia ser uma grosseria. - Você acordou cedo. Cadê a Donatella?

Ela percebeu que ele ainda estava com o paletó com cauda e ainda estava bonito, de um jeito de comercial de desodorante. De repente ele se ajoelhou na frente dela, segurando suas mãos moles.

- Fiquei acordado a noite toda, olhando seu prédio. Olhando suas luzes acendendo e apagando. O porteiro da noite não me deixou entrar. Ele nem quis tocar o interfone. - Ele parou, como se tivesse dito o necessário.

Serena franziu a testa. Tinha a sensação de que perdera alguma coisa.

- Cadê a Donatella? - repetiu ela feito uma idiota. - Vocês estavam tão... bem juntos.

Chuck revirou os olhos como se Donatella de la Varga e seus seios nus e perfeitamente redondos fizessem parte do passado.

- Ela era uma criança. Uma virgem total. Por acaso ela está prometida a algum príncipe suíço e ele determinou que ela tem de ser virgem até o casamento, que vai acontecer, tipo assim, daqui a dois meses. O pai dela vigiou a garota feito um falcão a noite toda. Talvez ele nem fosse pai dela. Tenho certeza de que ele tinha uma arma. Isso meio que estragou meus planos. De qualquer forma, não importa. - Chuck segurou as mãos de Serena com mais firmeza. - Quando você me beijou ontem à noite, eu entendi. É você que eu amo.

Serena o encarou, os cantos da boca perfeita se retorcendo. Ele não podia estar falando mais a sério.

- A Blair armou isso pra mim? - perguntou ela, cheia de desconfiança. Blair adorava pegadinhas. E ela estava completamente inconsciente de que tinha magoado Serena ontem à noite. Ela era bem capaz de aprontar essa.

Chuck franziu o cenho.

- Não. Ela ficou meio ocupada ontem. - Ele fez uma coisa nojenta com as mãos, passando o indicador para dentro e para fora de um buraco em O que fez com o indicador esquerdo e o polegar. - Com Nate - acrescentou ele, para ilustrar.

O gesto lhe pareceu um soco na barriga. Serena fez uma careta e levou a mão à garganta.

- Eu não queria ferir seus sentimentos, Chuck - disse-lhe ela em voz baixa -, mas agora preciso que você vá. - Ela puxou com urgência as mãos dele, tentando colocá-lo de pé.

Chuck se levantou e agarrou seus braços vestidos de cashmere. Ele estava prestes a engolir a cara de Serena em um de seus beijos molhados, dominadores e devoradores, mas Serena recuou, tirando os braços das mãos dele.

- Por favor - pediu ela.

Ele ficou parado ali, olhando-a. Não era o que ele esperava. Evidentemente, ele pensou que o beijo da noite anterior tinha sido uma espécie de convite aberto.

- Você devia ser meio fácil - grunhiu ele. - Ou só é assim com mulheres?

Serena decidiu não responder a essa pergunta.

- Tchau, Chuck. - Ela pegou o telefone, pensando que ele mais provavelmente ia sair se ela se ocupasse com outra coisa. Ela apertou uns botões aleatoriamente.

- Eu te ligo - disse-lhe ele alegremente e acenou para ela antes de sair.

Por favor, não ligue.

O telefone tocou na mão ansiosa de Serena.

- Oi! - Era Blair, tão animada que praticamente gritava. - Nós fizemos!

Serena tombou tonta na cama. Ela se sentia retorcida ou inundada. O que devia dizer... meus parabéns? Pelo menos Blair estava feliz agora e não curvada sobre uma privada, botando as tripas para fora.

- Ele ainda está aí? - sussurrou Serena com a voz rouca.

- Está - sussurrou Blair levemente. - Está dormindo.

Serena fechou os olhos enquanto as lágrimas se derramaram descontroladas.

- Oh.

- Não se esqueça de ligar para aquele agente de viagens com o itinerário para nosso verão - lembrou-lhe Blair, toda mandona. - Diga a ele que não ligamos para escalar os

Alpes nem fazer Caminho Alpino nem nada disso. Eu não escalo. Só quero passar o maior tempo possível com trem, em minha *couchette*, com Nate.

- Tudo bem - Serena chorava, sem fôlego - Eu te ligo mais tarde - Acrescentou ela apressada e desligou. Ela se lembrou de se sentar na beira da cama, fitando o tapete de tricô cereja e azul com padronagem de rosas enquanto as lágrimas desciam pelo rosto e caíam no colo. Sua infelicidade era tão completa, que ela podia estar sentada ali por um minuto, dez ou quarenta e cinco minutos, ela não sabia.

Por fim ela enxugou as lágrimas e foi à mesa. Atirou de lado a pilha esquecida de catálogos de internatos e abriu o livro de latim. *Amo, amas, amat*. Em toda sua vida, Serena nunca fez dever de casa num sábado de manhã. Mas uma vez que os dois melhores amigos agora estavam praticamente noivos - um do outro -, talvez esta fosse sua chance de se tornar uma estudante modelo, de dedicar seu tempo livre à caridade, aperfeiçoar sua *backhand*.

Reabilitar seu coração arrasado.

está faltando algo no reino da dinamarca

HAMLET: Permite-me a jovem que eu me reclino em seu regaço?

OFÉLIA: Não, meu senhor.

HAMLET: Quero dizer, a cabeça em seu regaço.

OFÉLIA: Sim, meu senhor.

HAMLET: Pensavas que eu falava em bandalheiras?*

Dan olhou, sem esperança de compreender, a mesma página desbotada de sua antologia de Shakespeare, as palavras cruzando seu sistema de coordenadas e depois escapulindo. Ele já havia lido *Hamlet* e se maravilhou com a obra, mas hoje não conseguia se concentrar. *Roupa suja*, decidiu ele, a respeito de nada. Ele ia lavar a roupa e depois voltar ao dever de casa. Ele empurrou a cadeira e pegou as roupas sujas espalhadas pelo carpete marrom cheio de fiapos que cobria todo o quarto. Talvez ele lavasse a roupa de todo mundo. Seu pai ia adorar isso. Qualquer coisa para não ficar olhando feito um idiota essas fotos de Serena van der Woodsen em seu computador, ou para não pensar no fato de que ele tinha certeza absoluta de que Vanessa tentara beijá-lo ontem à noite. Antes que desmaiasse, e antes que ela o colocasse na cama e fosse para casa.

Era evidente que ela gostava dele. Não se aparece na casa de uma pessoa sem anunciar e se começa a beijar se não gostar dessa pessoa - não é? Ele só não sabia o que fazer com isso. Dan tirou a desbotada fronha de Homem-Aranha do travesseiro e enfiou nela um chumaço de roupas sujas, principalmente camisas que ele nem se lembrava de usar e cuecas que ele discretamente chutou para debaixo da cama.

Que legal.

Dan seguiu pelo corredor estreito e empoeirado até o quarto do pai. Como sempre, Rufus ainda estava na cama. Ele passava as manhãs de sábado - e todas as outras manhãs, aliás - enfiado sob um áspero cobertor vermelho de lã, lendo jornais e publicações de literatura, fumando e xingando. A fome o obrigaria a se levantar lá pela

*Tradução de Barbara Heliodora;1I *Teatro completo*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006 . [N. da T.]

uma hora e então ele se arriscaria a ir ao supermercado para comprar a aventura culinária do dia. Já passava de uma hora, mas Rufus ficou até tarde na noite anterior no East Village com os amigos anarquistas escritores, então ele estava embromando na cama.

- Pai? - chamou Dan do lado de fora da porta. - Tem alguma roupa para lavar?

Um rosnado abafado e um murmúrio de dentro, depois Rufus abriu a porta. O elástico roxo do rabo de cavalo da noite passada estava pendurado em uns fios de cabelo grisalho perto da orelha esquerda. A barba grisalha e preta parecia ter estado numa briga. Sua barriga se projetava acima do cós da cueca samba-canção azul-clara Hanes, expondo um trecho branco de pele peluda por baixo de um casaco de capuz preto apertado demais do Mets que Dan desconfiava que era dele.

- Vai lavar roupa?

- Acho que estou procrastinando - Dan deu de ombros. - Tenho um trabalho para escrever. *Hamlet*.

Rufus assentiu. Se havia uma coisa que pai e filho tinham em comum, era o interesse por literatura.

- Não devia ser tão difícil. Mas você decidiu lavar a roupa. - Ele farejou o ar com suspeita. - *Há algo de podre no reino da Dinamarca* - ele citou a famosa frase de Shakespeare, os olhos castanhos remelentos se esbugalhando com uma imperiosidade de sapo.

- Dan tem namorada...! - A voz irritante de irmã mais nova Jenny cantarolou do corredor. Ela dançou no quarto usando um vestido abotoado de brim Diesel com o zíper estrategicamente aberto para mostrar seu colo em desenvolvimento. Estava maquiada e obviamente se produzia e se olhava no espelho desde o amanhecer.

- Não tenho não! - Dan se virou e atirou em Jenny a fronha cheia de roupa suja. As cuecas sujas se espalharam aos pés da irmã.

Ela torceu o nariz arrebitado e sardento.

- Alô! Totalmente desnecessário!

- É a mesma menina? A careca que conheci? - perguntou Rufus enquanto se colocava de quatro e começava a patrulhar o quarto em busca de roupas sujas, empilhando-as em um dos braços enquanto prosseguia. Um monte de suas roupas só podia ser lavado a seco, mas isso não o impedia de lavar em água e usá-las. Era opinião dele que quanto mais encolhidas e enrugadas as roupas ficavam, mais interessantes ficariam. Ele se levantou e passou a braçada fedorenta a Dan.

- Onde ela mora? Devíamos convidar os pais dela para jantar.

- Não! - gritaram os dois filhos ao mesmo tempo.

- Ela mora com a irmã - acrescentou Dan, sentindo-se meio mal por insultar a culinária do pai o tempo todo. - Ela é macrobiótica. Ou coisa assim, eu esqueci.

- Vai lavar roupa? - perguntou Jenny ansiosa enquanto Dan seguia pelo corredor, passando pelo quarto dela. Ela sempre cuidou dessa tarefa, então era essencial que tirasse proveito da generosidade do irmão mais velho. - Peraí! - ela disparou para o armário e pegou uma pilha arrumada de jeans e camisetas. De jeito nenhum ia deixar que ele lavasse suas calcinhas.

Dan esperou na porta. Uma foto do peito empinado de uma menina flutuava na tela do computador de Jenny. O peito estava vestido num sutiã simples.

- Legal - observou ele.

Jenny deu de ombros e lhe passou as roupas sujas, enfiadas numa fronha listrada de cor de rosa e branco.

- Escrevi uma carta de agradecimento à empresa de suplementos para os seios ontem à noite e recebi um monte de e-mails legais de outras mulheres. - Na verdade, os e-mails eram principalmente de homens, mas ela não ia dizer isso.

- Essa menina me mandou uma foto dela - continuou Jenny, sentando-se à mesa branca Pottery Barn Kids "Madeleine". - E olha aqui o que ela escreveu: "Cara Jennifer, você é uma inspiração. Reclamei a vida toda de meu peito achatado e sou mais velha do que você. Eu estava tomando os suplementos só há uma semana e ia parar, mas desde que você escreveu seu testemunho decidi tomar por mais algum tempo. Boa sorte... você merece." - Jenny se virou. - Não é bacana?

Dan deu de ombros. Ele nem acreditava em quanto tempo as pessoas passavam online. Preferia escrever coisas no papel, riscar tudo e ficar doente de fumar enquanto encarava furiosamente uma nova página em branco.

Não é daí que vem o problema com os desmaios?

Jenny rolou rapidamente para o e-mail seguinte, de um cara pirado de Lancaster, na Pensilvânia, que lhe mandou uma foto de sua bunda com as palavras *Nova e Aprimorada!* escritas em marcador azul-néon. Algumas pessoas eram tão idiotas.

- Mas então, eu vou logo àquela loja de sutiãs que li online, onde tem sutiãs que cabem melhor e eles têm sutiãs do mundo todo. Eu preciso mesmo de uns maiores agora e esse lugar parece legal. Fica no Village. Quer ir?

Comprar sutiãs com a irmã, ou ficar em casa, fumando, tomando café e reclamando de seu status no universo? Era uma parada dura.

- Talvez em outra hora - disse-lhe ele gentilmente.

Dan foi para o porão com um punhado de moedas de 25 centavos e dois travesseiros cheios de roupas sujas. Ele costumava pensar que era o único garoto do mundo que tinha de lavar a própria roupa. Certamente ele era o único em sua turma que fazia isso. Então era muito reconfortante conhecer alguém que também lavava a própria roupa. E Vanessa era a diva dos descolados. Ele sempre achou que, se tivesse namorada, ela seria diferente. Diferente tipo uma certa loura platinada de olhos azuis e pernas de anjo.

Ah, sim? E quem seria essa pessoa?

O caso era que, apesar do fato de que ele andou escrevendo poemas para ela, Serena van der Woodsen francamente não sabia que ele existia. Vanessa já apareceu na casa dele. Ela o viu vomitar. Ela pegou a cara dele e lhe deu um beijo. Ela era *de verdade* - tão real que ele ainda podia sentir o gosto da gordura de pepperoni em seus lábios vermelhos. Ela gostava dele, e jamais uma garota gostou de Dan. Ainda assim, será que eles *tinham* de se beijar? Mesmo que nunca acontecesse realmente na vida real, estava acontecendo o tempo todo em sua mente, em seus poemas: os beijos eram reservados para Serena.

Boa sorte para explicar isso.

V pratica a moderação

Vanessa estava sentada no colchão do futon com o iMac aberto no colo, obrigando-se a escrever um e-mail tedioso e simpático quando o que realmente queria era aparecer sem avisar na casa de Dan de novo, enfiar-se embaixo da melancólica colcha puída do Homem-Aranha dele e saquear seu corpo desesperadamente pálido, gato e faminto. O quarto dele estava escuro quando ela o ajudou a ir para a cama na noite anterior, iluminado somente pela tela azul e bruxuleante do computador. Ela só pôde distinguir

mais da arte de Jenny pendurada torta paredes. Quem não amaria um irmão tão dedicado? Ele era o menino mais doce do mundo.

Caro Dan,
Espero que esteja melhor. Só queria agradecer pela pizza. A gente podia ver um filme estrangeiro um dia desses, quando estiver se sentindo bem. Quem sabe amanhã, no Paris? Ah, mas você precisa escrever aquele trabalho grande sobre *Hamlet*. Deixa pra lá. As férias de primavera são daqui a duas semanas - sem dúvida vamos nos encontrar depois. Prometo não fazer nada, se não estiver preparado.

Seus dedos sem esmalte pairaram acima do teclado cinza. Ela não queria encorajar, mas o que tinha escrito dava a impressão de que estava pronta para todo tipo de perversões. Na verdade, Vanessa tinha certeza absoluta de que *ia gostar* de todo tipo de perversões com Dan, mas não era isso que queria dizer. Ela só queria que ele soubesse que ela não ia tentar beijá-lo novamente. Não quando isso o deixava tão nervoso que ele desmaiava. Ela só tinha de se moderar e esperar que *ele* a beijasse.
Ela apagou tudo, exceto as três primeiras linhas do e-mail, depois acrescentou:

Vejo você nas férias de primavera, talvez. Bjs - V
P.S.: Me mande aqueles poemas por e-mail assim que terminar!

Ela clicou em Enviar e depois nas páginas dos poemas de Dan que já estavam armazenadas no computador. Vanessa passou os olhos por eles, demorando-se nos versos de que mais gostava. *Eles usam preto como você?... Acabamos de nos conhecer, mas... me fisgue.*

Sim, ela ia moderar. Depois, um dia, em breve, Dan estaria no meio da redação de um poema e de repente perceberia que não podia suportar mais. Ia correr até Brooklyn, pegá-la nos braços e beijá-la louca e desesperadamente. A partir daí, eles seriam inseparáveis. Daqui a uns 15 anos, quando Dan ganhasse o prêmio Pulitzer e ela ganhasse um Oscar por seu documentário ousado sobre os detritos da cidade, eles deixariam vazar a notícia de que ela era a musa de sua poesia desde que ele começou a escrever. Eles morariam juntos num prédio louco de lofts em Williamsburg e criariam obras-primas cruas e mágicas juntos, até morrerem nos braços murchos um do outro aos 103 anos. Escreveriam livros sobre eles. Eles seriam famosos por sua obra e por sua parceria no amor e na arte, como Gertrude Stein e Alice B. Toklas ou Henry Miller e Anaïs Nin. Juntos para sempre.
Parece coisa de poesia. Ou de ficção.

n conhece a palavra mágica

Nate acordou antes de Blair. Ele sabia que era tarde porque o gato - Tiger Monkey ou sei lá que porra de nome tinha - estava esparramado no peitoril da janela, tomando banho de sol. Tinha parado de nevar e de vez em quando um naco de neve derretida caía em cascata do telhado do prédio com um baque abafado na rua.

Nate pensou ter sentido cheiro de bacon e seu estômago roncou com urgência. Ao lado dele, Blair estava deitada de lado só com a camiseta cinza de Nate e a calcinha de cetim marfim enquanto abraçava o travesseiro, os lábios curvados num sorriso. Ela parecia saciada e feliz, embora eles não tivessem transado. Ela parecia uma propaganda de sexo.

Nate saiu de baixo das cobertas, ainda com a calça cáqui. Passou os dedos pelo cabelo castanho-dourado e ondulado e localizou um moletom no armário de Blair que serviria por ora. Ele dormiu na casa dela tantas vezes, no quarto de hóspedes, ou no chão, nunca em sua cama. Mas ela sempre vestia pijama, eles nunca chegaram ao ponto de se beijar e Serena sempre esteve presente. Foi estranho descobrir que Serena não estava ali. Como as coisas ficaram assim? Será que Serena tinha alguma coisa melhor para fazer, alguém com quem ficar? Os detalhes eram nebulosos, como se ele os lembrasse numa nuvem de vapor, mas a essa altura era evidente que ele estava com Blair.

Em silêncio, ele abriu a porta do quarto, foi na ponta dos pés para o corredor e fechou a porta. Sem dúvida bacon. Ele andou descalço pelo piso de taco do corredor, na esperança de que a cozinheira dos Waldorf, Mirtle, lhe desse um prato lotado, depois ele podia se retirar para a biblioteca, onde veria futebol da Premier League da Inglaterra e se empanturrar de comida.

- É você, Ursinha? - soou a voz de comandante-dos-tribunais do pai de Blair. Nate parou num átimo. Tinha certeza de que o pai nem morava mais aqui. Pelo menos não o tempo todo. - Só passamos para pegar umas coisas!

- Tem bacon e suco - acrescentou vagamente a Sra. Waldorf quando Nate apareceu na sala de jantar. Seu cabelo louro normalmente perfeito estava amassado nas costas e o corpo levemente rechonchudo embrulhava-se num robe de cetim preto e longo que parecia um traje de esquí da década de 1940, preso na cintura com um cordão dourado com bolas. Seus pés cintilavam em chinelos de lantejoulas douradas com saltos dourados pontudos.

Será que ela está tentando reconquistar o marido, ou apavorá-lo?

Harold Waldorf, advogado, estava agachado, feito um ladrão, diante do bufê imperial francês, embalando taças de cristal numa espécie de caixa revestida de veludo vermelho. Agachado ao lado dele, estava um homem mais novo, moreno, de cabelo liso e muito bronzeado usando uma camisa salmão e um relógio Piaget de platina.

Bom dia, Rico Suave.

- A Blair ainda está dormindo - anunciou Nate, um pouco mais alto do que pretendia. Ele puxou uma cadeira ao lado de Eleanor e se sentou, devorando com os olhos o prato de porcelana com bacon torrado diante dele.

Eleanor empurrou o prato para ele e usou um par de pinças de prata para colocar algumas tiras em seu prato.

- Está bom - disse-lhe ela distraidamente. Alguma coisa no fato de ela não olhar realmente para ele, nem para nada na sala, entristeceu Nate. Ele pegou um pedaço de bacon e o colocou na boca. Cara, ele adorava bacon.

O Sr. Waldorf se levantou como se percebesse a presença de Nate pela primeira vez. Foi até a mesa e lhe deu um tapinha no ombro.

- Nathaniel. Há muito tempo não nos vemos. Só estou pegando umas coisas. Que bom que passou por aqui. Acho que a Blair ainda está dormindo.

Dãããã?

Ele tirou o par de luvas de algodão branco que usava para manipular o cristal.

- Só pegando umas coisas - disse ele pela terceira vez. Seu amigo de camisa rosa sorriu para Nate, constrangido. - Este é meu parceiro - o Sr. Waldorf o apresentou. - Giles.

O cara bronzeado estendeu a mão para Nate e Nate passou o braço por cima do prato para apertá-la. O cara tinha um aperto firme, mas depois que ele segurou a mão, curvou-se e deu dois beijos no rosto de Nate.

- Encantado - murmurou ele, como um bom gay. De repente ocorreu a Nate que o Sr. Waldorf não quis dizer parceiro nos negócios, quis dizer parceiro-parceiro. Meu Deus. Não surpreendia que Eleanor estivesse tão maluca. Coitada da Blair.

- Nate dormiu aqui - disse-lhes Eleanor, como num transe. Ela serviu de mais café do bule de prata que estava sobre a mesa. – Eu os vi na noite passada.

O rosto de Nate ardeu, mas o tom de voz de Eleanor não era de acusação. Ela simplesmente está deixando claro que ele não tinha acabado de chegar.

Como se o cabelo desganhado e os pés descalços de Nate já não deixassem isso bem claro.

- Vou só pegar a Ursinha - anunciou o Sr. Waldorf, fechando o zíper da caixa de couro preto. Ele entregou a caixa ao namorado francês. - Ela está morrendo de vontade de conhecer você.

Nate enfiou outro pedaço de bacon na boca e rapidamente o engoliu. Depois se levantou e empurrou a cadeira para trás. O Sr. Waldorf já estava saindo da sala de jantar.

- Por favor, deixe a Blair dormir – disse Nate atrás dele. O pai de Blair parou e se virou.

– Ela anda muito estressada com tudo. – Ele gesticulou para a mãe de Blair, a caixa de couro preto, Giles. – Por favor, deixe que ela durma.

O Sr. Waldorf deu ombros e voltou à sala. Pegou seu copo de cristal pela metade com suco de laranja e terminou de beber.

- Se acha que ela precisa descansar - aquiesceu ele.

Nate pegou outro pedaço de bacon e o colocou na boca, inteiro. Eleanor agora olhava para ele, os olhos azul-bebê arregalados e surpresos. Era meio gentil o modo como Nate, bem, protegeu Blair de conhecer o amante gay do pai. Como se ela fosse sua esposinha e ele cuidasse dela. Isso o fez se sentir másculo e primitivo, como King Kong. Agora, é claro, ele queria acordar Blair e fazer um sexo ruidoso de gorila.

Calminha aí, Tarzan.

- Então, acho que vamos andando - o Sr. Waldorf se dirigiu à esposa. Ele se curvou e lhe deu um beijo rápido no rosto. – Vamos para Paris amanhã, mas sei que vou conversar com a Ursinha antes disso. De qualquer forma, diga a ela que voltarei para levar Tyler e ela para esquiar em Sun Valley nas férias de primavera, como sempre. Ele olhou para Nate. - É claro que você está convidado.

Nate meio que sorriu por gratidão e mordeu outro naco de bacon. Alguma coisa na gayzisse do Sr. Waldorf o fazia se sentir um homem das cavernas. Como se só o que pudesse fazer fosse grunhir e bater em coisas com uma clava.

E arquear a mobília?

A Sra. Waldorf estava sentada muito reta.

- Divirta-se na França - disse ela monotonamente ao marido. Nate se perguntou se ela estava pensando no que *ela* ia fazer nas férias de primavera enquanto eles estavam esquiando. Ele queria convidá-la também, como acompanhante dele, mas isso não ia fazer sentido nenhum. Ainda assim, a Sra. Waldorf era uma mulher legar. Ela não merecia ficar triste. Ele se levantou, desesperado para sair da sala e de toda essa situação de merda.

- Boa sorte, Nathaniel – disse-lhe o Sr. Waldorf, apertando sua mão como se Nate fosse um cliente dele.

- Obrigado - respondeu Nate. Giles piscou para ele, mas Nate não retribuiu. Ele não estava pronto para ficar cheio de piscadelas com um cara que acabou de conhecer.

Eles foram para o hall pegar os casacos. A Sra. Waldorf ainda olhava para Nate como se esperasse que ele lhe dissesse o que fazer.

- Tenha um bom dia. - Ele se aproximou e lhe beijou delicadamente no rosto. - Vou levar Blair... - ele parou - ao zoológico. - Ele pegou outro pedaço de bacon e saiu rapidamente da sala de jantar, descendo o longo corredor até o quarto de Blair. Abriu a porta. Nada tinha mudado. Ela ainda estava abraçada com o travesseiro, dormindo, com

o sorriso de satisfação na cara. Pussy Willow; ou sei lá que porra de nome tinha, ainda estava estirado no peitoril.

Nate engoliu o resto do bacon e foi até a cama, tentando controlar o homem-gorila dentro dele. Curvou-se e beijou Blair nos lábios rosados e sorridentes. Ela abriu os olhos e sorriu para ele, perfeitamente linda e inocente.

- Oi.

- Oi.

- Eu tinha acordado mais cedo - Blair bocejou. - Liguei para Serena. Depois voltei para a cama.

Nate não ligava para nada disso. Só queria tirar Blair da casa sem falar com ela da mãe triste prestes a desatar em gritos por causa da gayzisse repentina do pai e seu estranho modo de lidar com cristal. Ele queria comprar uma fatia de pizza de champignon e ver os leões-marinhos. E talvez, quando Blair estivesse no banheiro ou falando com os pinguins, ele desse uma pequena caminhada e fumasse o baseado que ainda tinha no bolso. Ele estava excitado e ansiava por maconha desde que saiu da hidro na noite anterior e, se não pudesse ter uma das coisas que desejava, pelo menos podia ter a outra.

- Vou tirar você de fininho da casa - ele disse a Blair, a voz falhando de um jeito sensual.

Blair ainda estava tonta da sensação maravilhosa de acordar com um beijo de Nate. Sentia-se a Bela Adormecida quando o Príncipe Encantado finalmente vem acordá-la e tudo no reino ganha vida. Ele era totalmente perfeito. A vida *dela* era totalmente perfeita.

- Não vou a lugar nenhum - insistiu ela, puxando-o para a cama macia e coberta de seda. Os lábios dele tinham gosto de bacon. – Você devia me trazer o café da manhã.

Nate rolou de lado na cama e abriu a porta do armário de Blair. Pegou uma calça jeans no chão, um suéter vermelho que estava pendurado num cabide e um par de botas curtas e pretas de salto gatinha que ele achou sexy mas confortáveis. Depois abriu a gaveta da cômoda e pegou calcinha branca e sutiã de algodão branco.

Blair se sentou, observando-o, o cobertor cor-de-rosa puxado até o pescoço. O gatinho cinza pulou em seu colo, cravando as patas em sua coxa de um jeito sensual. Nate atirou as roupas na cama, assustando o gato.

- Não vou vestir isso. - Ela torceu o nariz. - Esses jeans são ridículos e não combinam nada com as botas.

Nate revirou os olhos, impaciente. Ele não queria ouvir essa besteirada de patricinha. Só estava tentando tirá-la da casa.

- Vista o que quiser. Só quero dar um passeio. Tomar algum ar. Comprar um presente para você.

Blair arregalou os olhos azul-claros.

- Um presente? - Ela bateu palmas como uma menininha e pegou a calcinha e o sutiã, contorcendo-se sob as cobertas para vesti-las. Ela se levantou, tropeçando no colchão enquanto enfiava os pés nas pernas do jeans True Religion que ele escolhera. Nate teve de desviar os olhos, para não perder o juízo, enquanto ela lutava com o suéter. Vê-la de sutiã de algodão branco, tão inocente, o exasperava.

Ela se vestiu em segundos - até as botas. Disparando para o banheiro, ela passou Crest na boca com o dedo, baixou a cabeça e passou no cabelo algumas vezes a escova de cerdas de javali e cabo de madeira Mason Pears. Depois borrifou uma nuvem de Chanel Mademoiselle no ar e passou por ela, saindo do banheiro, cobrindo todo seu ser com o aroma.

- Tudo bem. Pronta!

Vê como podemos ser rápidas e obedientes quando você diz a palavra mágica?

Nate segurou a mão dela e os dois dispararam pelo corredor.

- Eu nem tomei banho – murmurou Blair. Não que ela ligasse. Ela ia ganhar um presente. *Presente, presente, presente!*

- Nem eu. Está tudo bem, estamos com o cheiro um do outro. É bom.

Mas ele *não pode* ser mais lindinho?

No saguão, Nate apertou o botão do elevador.

- É você, Blair? - A voz de Eleanor Waldorf vibrou da sala de jantar

Blair abotoou o casaco preto Searle, enrolou o cachecol de cashmere branco TSE no pescoço e enfiou as mãos num par de luvas de cashmere cinza.

- Vamos tomar o café da manhã fora! – gritou ela enquanto as portas do elevador se fechavam atrás deles.

O elevador desceu ao lobby. Nate passou o braço nos ombros de Blair com o tipo de satisfação presunçosa que a gente sente quando salva o dia.

Tá legal, então ele é incrivelmente lindo e um tiquinho convencido, mas ele sabe fazer isso *tão* bem...

os corações rabugentos também têm sentimentos

A Tiffany foi ideia de Nate. Eles viram o filme com Audrey Hepburn cem vezes há algumas semanas e Blair pareceu gostar muito. Ele só queria que ela ficasse feliz.

A secular joalheria Tiffany&Co. localizava-se na esquina da Quinta Avenida com a rua 57 desde 1940. Construída em calcário cinza, com vitrines altas, quadradas e acortinadas, mais parecia um banco do que uma joalheria. Um porteiro de casaco de uniforme azul-marinho na altura dos joelhos com botões dourados, um quepe de couro debruado de preto e luvas brancas imaculadas abriu a porta de vidro da loja.

- Bom dia! - disse ele alegremente, tocando no quepe.

- Ah, olha - piou Blair, indo direto para o mostruário de diamantes. - Eu adoro um diamante simples - acrescentou ela.

Como se isso existisse.

Nate estava pensando mais na linha de uma caneta azul da Tiffany, ou um peso para papéis vermelho e pequeno, de cristal Swarowsky, em forma de cupido. A caneta seria totalmente útil e o cupido seria um bom peso de papéis para todos os... papéis de Blair.

Um vendedor hiperansioso com um bigode preto mínimo já estava pegando um par de brincos de diamante para Blair experimentar. Eram brincos de platina em pingente, salpicados de diamantes em lapidação princesa e custavam tanto quanto o Aston Martin do pai de Nate.

- Oh! - Blair ofegou, adorando como os diamantes cintilavam na luz do sol que entrava pelas imensas vitrines da loja.

- Eles ficam maravilhosos com seus lindos olhos azuis – piou o vendedor, insinuando-se.

Nate olhou com irritação para o vendedor. Ele tinha 15 anos e, sim, talvez usasse roupas caras e tivesse uma vida boa e uma linda namorada, mas ele realmente parecia alguém que podia comprar esses brincos com o cartão de crédito do pai e se safar? Eram o tipo de brincos que as estrelas de cinema pegam emprestado para usar no Oscar. Não compram. Pegam emprestado.

Toda essa provação meio que estragava o humor de Nate. Ele nunca foi de fazer compras. Só o que realmente queria era fumar um baseado bem gordo e talvez comer

um hambúrguer sebento e grande no Jackson Hole, embora ele soubesse que Blair odiava o lugar porque deixava seu cabelo com cheiro de anéis de cebola.

- São bonitos - foi só o que ele disse. Ele se encostou no mostruário, de costas para o vendedor e braços cruzados.

Blair riu, admirando-se no espelho dourado que o vendedor erguia. Ela sabia que a paciência de Nate já estava se esgotando e que ela precisava encontrar o artigo perfeito para colocar numa daquelas lindas caixinhas azuis da Tiffany antes que ele quisesse comer uma pizza, fazer xixi ou qualquer outra coisa e exigisse que eles fossem embora.

- Sei que não vamos comprar, só pensei que seria divertido experimentá-los. - Ela tirou os brincos das orelhas e os atirou no alto do mostruário de vidro como se eles fossem feitos de plástico. - Vamos.

Ela passou o braço no de Nate e ele a levou obediente pelo salão até um mostruário de joias de ouro Elsa Peretti, um clássico da Tiffany. Blair torceu o nariz. Que tédio.

- Ali. - Nate apontou um coraçãozinho simples de ouro em pingente, pendurado em um cordão de seda preta. Era simples e elegante e o cordão preto era meio sexy. Ele podia imaginá-lo pendurado no pescoço de Blair quando eles transassem. Ia ficar legal - um contraste bonito - com o sutiã de algodão branco que ela usava. - É isso. - Ele indicou à vendedora atrás do mostruário. - É o que vou comprar para você.

Blair tentou não fazer beicinho. O pingente de coração era meio feio. Quem ia querer usar um cordão preto no pescoço? Quem ia *pagar* por um pedaço de cordão preto para usar no pescoço? E o coração em si era torto e parecia deformado. Mas talvez, se ela colocasse o coração numa corrente de ouro de outro colar, ele ficasse mais normal. Ela acumulou um monte de joias nos seus 15 anos - certamente havia *alguma coisa* em sua caixa de joias. E era um doce que Nate quisesse comprar um presente para ela. Não era nem aniversário dela. Nem era mais Dia dos Namorados.

O espírito é esse. Jamais diga não a um presente. Além disso, você sempre pode passá-lo adiante...

- Gostaria de experimentar? - perguntou a vendedora. Ela ajeitou os óculos grossos no nariz e se abaixou para destrancar a caixa com as mãos trêmulas. A mulher tinha uns 110 anos e sua pele e cabelo pareciam ter sido polvilhados com talco de bebê. Até as mãos eram brancas feito giz. Ela retirou o pingente da caixa e o estendeu a Nate, girando-o na frente do rosto dele como quem o hipnotiza. - O cavalheiro quer fazer as honras?

Blair desabotoou o casaco e Nate passou o cordão preto de seda em seu pescoço, o coraçãozinho de ouro contra seu peito, apontando direto para o colo. Nate não conseguia parar de olhar, um lembrete constante dos seios de Blair. Era demais.

A vendedora vovó estendeu um espelho para eles, mas Blair nem mesmo olhou. Ela sabia, pela intensidade nos olhos verdes de Nate, que ele gostou e, embora preferisse diamantes, ela meio que amou o modo como ele encarava seu peito, como se quisesse atacá-lo.

- Vou levar - disse ela à vendedora.

Nate passou o braço na cintura de Blair e lhe deu um apertão adorável.

- É, mas podemos levar numa daquelas caixinhas azuis e com fita, de qualquer forma? - perguntou ele. - Ela adora essas caixas.

Blair fechou os olhos enquanto o coração lhe pesava um pouco. Ela nunca foi de manifestar afeto em público - quem queria olhar outras pessoas se esfregando como animais? -, mas Nate era completamente irresistível. Ela não conseguia tirar as mãos dele. Blair atirou os braços em seu pescoço, beijando-o e lambendo seu rosto como um filhote.

- Eu te amo, eu te amo, eu te amo! - murmurou ela no ouvido dele.

- Você sabe que eu te amo - murmurou ele também enquanto pagava pelo colar à mulher. Ele se sentia uma espécie de bom samaritano, resgatando Blair da família maluca, comprando-lhe um coração, fazendo-a feliz. Não que ele também não estivesse feliz. Ele estava se divertindo muito. Mas ele podia ficar uma fração mais feliz se tivesse fumado um baseado no banheiro de hóspedes antes de eles saírem.

- Próxima parada, zoológico - anunciou ele enquanto o porteiro de luvas brancas abria-lhes a porta e eles saíam na Quinta Avenida. Blair podia afagar as cabras do zoológico enquanto ele ia "tirar água do joelho" e fumava um baseado num banco gelado ao lado do urso polar.

Que legal.

- Espera! - gritou Blair, atirando os braços no pescoço de Nate mais uma vez. Tinha de beijá-lo no local exato da calçada onde Audrey Hepburn comeu um Danish retirado do saco de papel pardo na calçada da Tiffany na cena de abertura de *Bonequinha de luxo*. Isso é muito melhor do que qualquer Danish de queijo, pensou ela cheia de cobiça enquanto passava a língua pelos dentes perfeitos de Nate. Hoje coração de ouro, daqui a alguns anos uma aliança de noivado de diamante! De repente Nate se afastou e recuou um passo.

- Ei - disse ele por sobre o ombro de Blair. Nate limpou a boca na manga do casaco azul de lã, parecendo meio tímido.

Blair se virou. Lá estava Serena, parecendo sentir frio e meio desmazelada e completamente linda, como a princesa em *A princesa e a ervilha* antes de sair aos trancos e barrancos do castelo na tempestade e encontrar o príncipe que vai se casar com ela.

Mas não havia uma princesa disponível para se casar neste cenário em particular.

Serena disparava para longe deles, atravessou a Quinta Avenida, quando Nate a chamou novamente.

- Ei, espera!

Ela parou e se virou, os olhos azuis arregalados e assustados, como se ela tivesse acabado de ver os dois ali.

- Ah, oi - ela hesitou. - Eu não tinha visto vocês.

Uma história plausível.

ursos polares, falcões e pombos, ai meu deus!

A cor da lama de inverno úmida empilhada entre os carros estacionados na Quinta Avenida combinava exatamente com o estado de espírito de Serena. Era uma sensação estranha. Em geral ela era a ensolarada, o copo-meio-cheio, a levanta-astral. Hoje ela se sentia positivamente oca. Suas tentativas de se aplacar com lembranças de que fizera uma coisa muito altruísta e tornara a melhor amiga indizivelmente feliz não estavam funcionando. O conto de fadas de seus sonhos tinha sido impiedosamente adaptado num filme em que estrelavam atores diferentes e a parte dela tinha sido reescrita. A questão era, que papel ela faria a seguir?

A outra? Foi só uma ideia...

Ela deixou o celular em casa de propósito, por medo de receber de Blair mais um dos telefonemas estou-tão-feliz de revirar o estômago. Ela andava sem objetivo nenhum, as mãos sem luva enfiadas nos bolsos do casaco Burberry de xadrez marrom, o queixo metido na gola, gelada até ossos porque saiu com pressa de casa sem colocar gorro e

luvas nem tomar o café da manhã, suas Uggs azul-bebê estavam totalmente ensopadas e as costas do jeans Earl estavam pontilhadas de manchas de lama. Serena só se deu conta do quanto andou quando ouviu uma voz amada e familiar, "Ei, espera!", olhou e viu seu pior pesadelo ganhando vida: Blair e Nate, parecendo o casal mais lindo do mundo, balançando uma sacolinha azul-clara mínima da Tiffany, de braços dados.

Blair parecia ter feito um lifting facial num daqueles cirurgões plásticos que realmente sabem o que fazem: estava positivamente radiante. Nate só parecia o Nate. Serena queria sentir raiva dele por não manifestar nenhum sinal de remorso, mas assim que viu seu lindo, querido e indizível rosto, a raiva não veio à tona. Ela o amava. Era simples. Não importava o que acontecesse, ela sempre o amaria.

O que meio que tornava completamente estranho este momento específico.

- Olha o que Nate comprou para mim. - Blair abriu rapidamente o casaco e mostrou o coração de ouro para Serena. - Não é a coisa mais linda do mundo?

Ai.

Serena sentiu que Blair estava explodindo com a notícia e mal podia esperar para bombardeá-la quando elas se vissem na escola na segunda-feira. Ela já podia imaginar o grupo de meninas em volta dela em sua mesa preferida do refeitório enquanto Blair fingia não querer lhes dar um relato detalhado de sua gloriosa noite com Nate. Kati, Isabel, Rain e Laura a encheriam de perguntas enquanto um grupo de meninas do primeiro ano, lideradas por Kathy Reinerson, ficaria amontoado por perto, ouvindo. Serena precisaria agir como se estivesse animada e intrigada, enquanto cada palavra de Blair lhe seria como um murro na cara.

- É lindo - respondeu Serena com uma cortesia distante, recebendo o espírito de seus ancestrais britânicos. Como a rainha Elizabeth da Inglaterra, Serena foi criada e educada para ser elegante, para não bater o pezinho e fazer bico diante da adversidade.

Se ao menos ela tivesse alguns corgis para se aninhar.

A esquina de 57 com a Quinta provavelmente era o lugar mais impróprio para alguém parar e ter uma conversa em toda Manhattan. Turistas passavam apressados por eles, espremendo sacolas compradas e xingando baixinho em todas as línguas. Normalmente, os três amigos teriam andado rapidamente, de braços dados, interrompendo um ao outro com a última fofoca ou falsas ilações. A estranheza não passou despercebida de Serena.

- E então, Natie - esperta, ela mudou de assunto -, o que aconteceu com aquela garota que você devia acompanhar ao baile de debutantes?

- Quem? - respondeu ele, totalmente sem noção.

Serena e Blair trocaram um olhar. Ah, ser jovem, bonito e desejado, pelo menos quando se tratava de mulheres. Nate era como um sabujo, só conseguia seguir um cheiro de cada vez.

- Sabe quem é, a *L'Wren*? - Serena o lembrou, pronunciando o nome idiota da menina com uma precisão cômica.

O ar de riso de Blair se transformou num olhar de alerta. Ela não queria discutir aquela universitária piranhuda no melhor dia de sua vida, então Serena podia fazer a gentileza de calar a porra da boca?

- Nós vamos ao zoológico - anunciou ela, pegando a amiga pelo braço. - Você tem que vir também. - Assim que disse isso, porém, ela percebeu com uma crueldade nauseante meio estranha que ela não queria que Serena fosse. Quando ela estava com Nate, ela o queria só para ela, porque agora ele era dela. *Todo* dela.

- Sei que você adora o urso polar - lembrou Nate a Serena. Era uma das coisas que ele adorava nela, o modo como ela falava do urso polar como se fosse seu gêmeo separado ao nascimento.

- Tenho um encontro - mentiu Serena, surpreendendo-se consigo mesma. Um encontro? Com quem?

- Com Chuck? - perguntou Blair com insolência.

Serena a encarou, apavorada. Será que Blair realmente acreditava que ela beijou Chuck na noite anterior porque estava *a fim* dele?

- Vou encontrar com meu pai para um brunch - ela informou. – Ele quer discutir meu futuro - acrescentou ela, lançando a Nate um olhar incisivo como quem diz, *Lembra de mim? A garota que tem uma pilha de catálogos de internatos no quarto, colocado ali pelos pais, que estão loucos para se livrar dela? A garota que ficou magoada com a ideia de ir para o internato porque não ia poder ver seu rosto perfeito todo dia? A garota que decidiu ficar em Nova York para ficar com você? A garota que está à beira de um colapso nervoso nesse exato momento enquanto conversamos?*

Nate sorriu para ela com um olhar vago. Sua noite com Blair parecia ter apagado sua memória de quaisquer dilemas, a não ser quando e onde ele e Blair iam se agarrar da próxima vez e como comprar a próxima trouxinha.

Serena olhou o relógio Rolex de platina.

- Estou atrasada - murmurou ela, elaborando a mentira. - Divirtam-se, meninos - acrescentou ela, agitando a mão longa e delicada e descendo o meio-fio para pegar um táxi. Pouco importava que não tivesse dinheiro nenhum agora. Para que serviam os porteiros?

Blair e Nate acenaram animadamente enquanto o táxi fazia um retorno ilegal e ia para o leste pela rua 57. Serena sentia que os estava vendo pela última vez, como se eles estivessem dando adeus para sempre. E de certo modo, talvez estivessem mesmo.

Em seu quarto, ela se sentou na cama e encarou a foto no porta-retratos de prata na mesa de cabeceira. Ironicamente, o porta-retratos era da Tiffany. Nate estava entre ela e Blair, abraçando-as, ao lado da piscina da casa de campo dos van der Woodsen. Os três estavam com trajes de banho em cores vivas e sorriam feito bobos, como se guardassem um grande segredo.

Ela se levantou e foi até a janela, olhando o outro lado da Quinta Avenida, o Met e o Central Park. Do lado de fora, tinha começado a nevar. A neve úmida caía devagar até derreter na calçada. Um cavalo e uma charrete trotaram pela Quinta, carregando dois passageiros aninhados sob um manto de lã cinza. Serena podia ter jurado ter reconhecido o cachecol de cashmere branco de Blair, e aquela não era a sacola azul da Tiffany em seu colo? Depois alguma coisa se mexeu no telhado de calcário branco do Met e ela olhou, semicerrando os olhos. Era um pássaro grande, elegante e marrom com um bico em gancho, talvez um daqueles falcões peregrinos dos noticiários, os que estão em risco de extinção. Eles deviam adorar a cidade para querer ficar aqui sozinhos na neve sem ninguém para conversar a não ser os pombos esquilos. Ou talvez ele estivesse esperando outro falcão que momentaneamente foi distraído por outro pássaro bonito. O falcão solitário parecia estar esperando há muito tempo e, considerando o clima, havia uma boa possibilidade de o outro falcão não voltar.

Mas o falcão teimoso não estava preparado para desistir. Só o que podia fazer era enfiar a cabeça embaixo da asa e esperar.

J conhece a mãe que jamais teve

O Village Bra Shop, situado na esquina da Christopher Street com a Sétima, parecia o tipo de loja que existe desde a década de 1970, vendendo perucas, redes de cabelo e meias a senhoras amalucadas. A pintura cor de pêssago estava rachada e descascando; a placa em preto e branco da loja estava tão desbotada que mal era legível; e a única vitrine exibia um manequim empoeirado e amorfo com sombra verde nos olhos, uma capa de chuva rosa e galochas pretas de borracha. A capa escondia tão completamente os peitos que nem havia a sugestão de um sutiã. Jenny ficou preocupada. Cadê os sutiãs?

Ela empurrou a porta e enfiou a cabeça para dentro da minúscula loja, pronta para fugir se parecesse assustadora. De imediato se viu diante de prateleiras e mais prateleiras de sutiãs belamente produzidos e impossíveis de encontrar em outro lugar, de lugares distantes como Hungria, Polônia, Bélgica, França, Inglaterra, Brasil e Hong Kong. Havia push-ups e gel-lifts e cruzados nas costas e sutiãs para aleitamento, sutiãs sem alça, com alças que podem variar com e sem arame. A Village Bra Shop era o paraíso dos sutiãs.

Jenny entrou completamente e tocou a pequena campainha na mesa vazia na frente da loja. Uma senhorinha baixinha, exibindo coque, uns óculos imensos, um jaleco de laboratório branco e tornozelos calombentos apareceu dos fundos. Ela parecia a Babá da versão animada da Disney para *Os 101 dálmatas*, a que Jenny assistia antigamente como uma viciada.

- Posso ajudá-la? - perguntou ela com um forte sotaque do Brooklyn. Sua cabeça subiu e desceu ao avaliar Jenny de cima a baixo. Uma fita métrica amarela pendia de seu pescoço. Jenny quase podia ver os números piscando nas lentes grossas dos óculos da Babá: 80 X 55 X 68. - Entendo. Você está crescendo. Eu posso ajudar - acrescentou ela antes que Jenny conseguisse se explicar, depois rapidamente trancou a porta de vidro da loja, baixou uma veneziana preta para impedir a visão da rua e puxou a fita métrica dos ombros. - Tire toda a parte de cima. Abra os braços como um avião. Não se preocupe, ninguém pode ver aqui dentro. É muito privativo.

Jenny tirou timidamente o suéter e o sutiã Playtex e os colocou em cima da mesa de metal com a sineta. Ela fechou os olhos e ergueu os braços como as asas de um avião. Estava nua diante de uma completa estranha dentro de uma loja - parecia essencial manter os olhos fechados para não morrer de constrangimento.

A Babá passou a fita métrica em volta de seu peito. Deu-lhe cócegas. Jenny continuou de olhos bem fechados enquanto a Babá murmurava consigo mesma e pegava uma caneta na mesa. Ela mediu cada peito de Jenny individualmente, de vários ângulos diferentes.

- G - pronunciou ela por fim, dando um tapinha no antebraço de Jenny para indicar que podia baixar os braços. Ela foi ao fundo da loja e voltou com um sutiã estruturado de algodão branco e simples com bojo de cetim branco. - Não parece grande coisa, mas é perfeito para uma menina em crescimento. Vai lhe dar uma boa cobertura manter sua forma depois de lavado. - Ela sorriu enquanto ajudava Jenny e ajeitar as alças do sutiã. - Da Polônia. Um sutiã de ótima qualidade.

Jenny esperou enquanto a Babá fechava os ganchos triplos. Depois ela a seguiu até os fundos da loja para olhar no espelho. Seu corpo parecia minúsculo e lá estava o sutiã. Não puxava para cima nem lhe dava um colo a mais - ele a ngolia.

Havia alguma coisa muito antiquada nele, concluiu Jenny com uma careta de decepção. Como se fosse o primeiro sutiã feito no mundo. E deixava seus peitos feito torpedos. Além de tudo, a Polônia não era exatamente o epicentro da indústria da moda.

- É grande demais - queixou-se ela. Afinal, era um G. Ela se medira todo dia desde a semana anterior e ela não era G.

- Na verdade, não - insistiu a Babá calmamente. - Daqui a um mês, você estará pedindo um maior.

Os olhos castanhos de Jenny se arregalaram. Mas tinha parado de tomar os suplementos. Seus peitos agora eram perfeitos. Ela gostava deles do jeito que estavam - do mesmo tamanho dos de Serena van der Woodsen - nem um centímetro a mais ou a menos.

- Como assim?

- Eu lhe disse que você está crescendo. Provavelmente chegará a GG. Para uma menina baixinha, você tem peitos grandes e saudáveis. - A Babá sorriu e apontou os próprios seios disformes, que pareciam balões de aniversário parcialmente murchos enfiados dentro do jaleco. - Como eu.

Jenny cruzou os braços. Um GG? Impossível. Ela passou a vida toda dolorosamente de peito achatado e agora esta mulher estava lhe dizendo que ia ficar um monstro de peitos gigantes?

Peitões Maravilha ao resgate!

- Coloque seu suéter. As linhas nesse sutiã são muito boas – orientou a Babá. - Ela pegou o suéter de Jenny e o colocou com cuidado pela cabeça, puxando-o para baixo e alisando-o como se fosse a mãe de Jenny ou coisa assim. - Ótimo. Está vendo?

Jenny deu um passo para trás e examinou criticamente seu reflexo. As linhas *eram mesmo* boas. Seu peito parecia empinado, mas não muito abertamente, e o efeito torpedo de algum modo diminuía com o suéter simples de gola em V. Os peitos estavam naturais e normais.

Mas não por muito tempo.

- É confortável também. Pode comprar dois desses... Um branco e um cor de pele, caso vista uma camiseta ou alguma coisa transparente. Você pode alternar entre os dois até que esteja pronta para um tamanho maior. – A Babá vasculhou uma gaveta e pegou a versão do sutiã com cor da pele. Parecia uma prótese de bunda com alças para uma pessoa com a pele estranhamente bege.

Não era exatamente o que sonhamos quando pensamos em lingerie.

- Dinheiro ou cartão?

Jenny pagou pelos sutiãs com o cartão Discover do pai, ainda tonta pelo que a Babá disse sobre seu peito em crescimento. Ela era uma profissional dos peitos... Devia saber de tudo. Os sutiãs eram caros, 75 dólares cada um. Estaria ela destinada a gastar metade de seu salário só com sutiãs quando fosse adulta e tivesse uma carreira como artista gráfica? Será que isso aconteceria se ela não tivesse tomado aqueles suplementos idiotas da *sempeitos.com*? Será que os suplementos de algum modo estimularam demais o hormônio do crescimento das glândulas mamárias? As palavras de um de seus admiradores online lampejaram em sua mente. *Quando olho seu peito com o top preto, vejo meu futuro e você está nele, menina*. Estaria ela destinada a uma vida de cantadas nojentas de completos estranhos?

Bom, pelo menos ela não se sentiria só.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

o casamento do ano

Tá legal, então eles não vão se casar - ainda. Eles não compraram uma aliança e ela não fez a prova do vestido. Mas eles compraram uma joia - na Tiffany, só isso. E de onde saíram essas duas pessoas que dois dias atrás eram só amigos e *não* se beijavam e se afagavam em público a semana toda? Eles pareciam pinguins imperadores, fazendo aquela dança de "encontrei o parceiro de minha vida toda", por toda a cidade. E não me surpreenderia se eles tivessem de parar na emergência do Lenox Hill Hospital para separar cirurgicamente os lábios para poderem ir à escola amanhã. E sabe de uma coisa? Eu meio que odeio casais felizes. É tipo assim, nós adoramos que eles tenham se encontrado, mas às vezes é mais educado ser feliz em particular, assim as pessoas não têm de ficar olhando você ser toda gracinha e chata. Pense desta maneira: se você deixar que nossa imaginação funcione, podemos ser mais gentis com você quando falarmos no assunto, o que estamos dispostos a fazer.

Pelo menos, *eu* estou. Simplesmente não consigo ficar de boca fechada! E nem alguns de vocês.

seu e-mail

P: Cara GG,

Sou um homem e provavelmente não sou melhor juiz, mas se você realmente acha que uma garota é uma gata e você, tipo assim, compra todo tipo de porcaria para ela e basicamente deixa claro que você a quer, e ela lhe diz para ir embora, isso significa que ela realmente está a fim de você e só está jogando duro para que você a queira ainda mais?

- meliga

R: Caro meliga,

Não.

- GG

P: Estou com o mesmo cara desde que tínhamos 12 anos. Agora já faz quatro anos e ele está tipo assim, qual vai ser? Algum dia vc vai deixar? Talvez seja diferente para garotas. Talvez eu deva deixar rolar.

- virg

R: Cara virg,

Vou entrar em mais detalhes sobre isso a seguir, mas só porque vocês estão juntos há muito tempo não quer dizer que você deva alguma coisa a ele. Se você está bem do jeito que as coisas estão, então ele deve estar também, ou você pode dizer a ele para guardar o taco. Se quiser, *eu* digo a ele para guardar o taco – onde *machuca*.

- GG

P: Prezada GG,

Só acho que quando um cara diz ser seu acompanhante em um evento muito importante, ele devia pelo menos ter a decência de aparecer. Alguns homens deviam ser castrados, não acha?

- bitr

R: Cara bitr,

Não.

- GG

a hora certa de fazer

Por alguma razão, algumas fãs decidiram que eu sou a mãe delas e ficam repetindo a pergunta "acha que estou pronta?" por e-mail. Vamos dar um jeito nisso: eu não sou mãe de vocês. Nem chego perto de ser velha para ser mãe de ninguém. Mas nem sua mãe pode lhe dizer o que fazer. Você é sua melhor juíza. E o melhor conselho que posso dar é, se você tem alguma dúvida, mesmo a mais leve, se você chega a pensar em perguntar a si mesma ou a mim ou a outra pessoa se está pronta, provavelmente não está. Confie em si mesma e, se não puder fazer isso, confie em mim. Eu sei de tudo.

flagras

N e **B** na Tiffany & Co., sendo gracinha e irritantes. **N** e **B** no Zoológico do Central Park, ensinando os leões-marinhos a beijar e sendo ainda mais gracinha e ainda mais irritantes. **N** e **B** numa charrete, sendo gracinha e irritantes em toda parte. **N** e **B** dando sorvete de morango na boca do outro. Será que eles, por favor, podem ir para um motel? Epa - acho que eles já foram! **S** lendo a seção de viagens do *New York Times* sozinha na cafeteria Three Guys na Madison. Planejando uma fuga? **C** na loja da Hallmark na Madison, exigindo que colassem uma foto de sua cabeça na frente do cartão com desconto de Dia dos Namorados e entregassem o cartão em certo endereço do Upper East Side. Imagina-se quem seja a garota de sorte. O pai de **B** numa degustação de vinhos na Provença. O pai de **B** dando em cima de um vendedor de calçados na boutique Prada em Paris. O pai de **B** experimentando colchões novos em uma loja em Nice. O pai de **B** sentado no colo de um operador de trator em um vinhedo num vilarejo nos arredores de Cannes. *Zut Alors*, esse cara realmente é rodado!

a vingança do rejeitado

Uma certa caloura na universidade que muitos de nós conhecemos melhor do que pensamos decidiu deixar a faculdade e se mudar para a Itália. Parece que ela fez amizade com certa condessa italiana no mesmo baile de debutantes em que as duas foram abandonadas por seus acompanhantes. Elas decidiram criar uma sociedade secreta em Florença, cujos dogmas envolverão o nudismo e nada de homens! Parece um pouco certa ilha grega que começa com a letra *L*. Tenho certeza de que o clima está sensacional nesta época do ano.

e por falar em clima sensacional...

As férias de primavera virão em menos de duas semanas e, com toda a lama e a neve e as temperaturas abaixo de zero, está quase na hora mesmo. Alguns de nós - inclusive

vocês - vão passar as férias sensatamente, tomando banhos de sol com os mais novos biquínis Missoni numa praia remota do Caribe. Os mais arrojados farão coisas mais atléticas, como esqui, mergulhar ou jogar futebol. Prometo tomar uns raios de sol a mais por vocês. E por favor, usem um protetor solar 15 no rosto – o bronzeado de guaxinim dos óculos de esqui ou da máscara de mergulho simplesmente não é um bom visual. O que quer que vocês façam, divirtam-se. Vocês totalmente merecem. Vou agora tomar um ótimo banho de leite quente cercada de meus brinquedos preferidos na banheira: uma garrafa de Veuve Clicquot gelada e uma caixa de trufas de chocolate Godiva. Por que não faz o mesmo agora?

Pra você que me ama,

gossip girl

Air Mail - Par Avion - 4 de março

Oi, Ursita,

Estamos hospedados no mais adorável B&B, mas já nos apaixonamos por um lindo château na cidade vizinha que precisa de uma reforma séria. Decidi me aposentar cedo e me acomodar por aqui. É um sonho que vira realidade. E sabe de uma coisa? - tem um vinhedo! Terei meu próprio vinho e você será a primeira a provar, ma petite chardonnay. Estou morrendo de saudade, mas nos veremos logo em Sun Valley. Encontrarei você no hotel daqui a 12 dias, e por favor, leve aquele seu pedaço de namorado (ele é seu namorado agora, não é? Conteeeee!!!), e Serena, é claro. Anexo aqui as três passagens de primeira classe.

As compras por aqui são para lá de incríveis. Não se preocupe, não posso sair de uma boutique sem comprar alguma coisa pour toi, Ursinha.

Te amo todinha,

Papai

feche a conta, por favor

- Essas duas malas vêm para cá - Blair instruiu o carregador bronzeado e robusto do Sun Valley Lodge. Ela indicou a valise Louis Vuitton preta e a bolsa de snowboarding de nylon vermelho Burton de Nate. O carregador pegou no armário um rack de madeira para bagagem, abriu-o na ponta da cama king size California e educadamente colocou a valise de Blair em cima. Blair apontou a bolsa de viagem prata Tumi de Serena. - Esta vai para o quarto ao lado.

Nate saiu do banheiro de lajotas de mármore bege do quarto usando só uma bermuda xadrez vermelha e azul-real. O peito e os braços eram musculosos de jogar lacrosse e ainda traziam o que restava do bronzeado de velejar no Natal pelas Ilhas Virgens.

Escapava fumaça do banheiro, onde ele tinha acabado de curtir um baseado da trouxinha que escondera numa meia tricotada no fundo da bolsa de snowboarding.

- Vou nadar um pouco. Quer vir? - Ele abriu um largo sorriso para Blair e ela se atirou nele com o completo abandono de quem está de férias no mesmo resort onde Marilyn Monroe tinha dado em cima de Ernest Hemingway. O pingente de ouro da Tiffany que ele lhe dera batia em seus peitos no decote fundo do suéter preto de gola em V Loro Piana. Ele olhou para o pingente com uma adoração de chapado.

- Tenho que esperar por meu pai - sussurrou Blair, beijando-o ferozmente. A decoração bege e preta do quarto e as pesadas cortinas de lona caramelo eram inesperadamente feias, mas como Blair estava nos braços de Nate, não importava. - Vamos nos divertir tanto!

Nate segurou a carinha de raposa de Blair e a beijou. Estava louco para que a noite chegasse. As camas de hotel eram muito confortáveis e não havia lembretes estranhos da infância ou os pais. Sem animais de estimação, nem fotos, nem ursinhos de pelúcia, nem mamães ouvindo por trás das portas. Só ele e Blair e aquela camona. Incrível.

Serena estava parada na suíte adjacente de solteiro diante das imensas janelas, vendo ao longe os esquiadores cruzando as escarpas nevadas da Baldy Mountain como insetos coloridos. O carregador entrou e colocou sua bolsa de viagem prata no rack de madeira ao pé da cama de solteiro. Ela não se importava de ter um quarto só para si. Só precisava dormir com a televisão ligada para abafar o som de Blair e Nate, rindo e falando com voz de bebê, como estavam fazendo agora mesmo.

Ela nem sabia por que tinha vindo, só que sempre vinha a Sun Valley com Blair nas férias de primavera. Além disso, Blair ia ficar com o pai pela primeira vez desde que ele fugiu para França com o namorado novo. Se ela ia começar a agir de forma estranha e vomitar para todo lado, Serena queria estar por perto.

Masquista.

- Tivemos 15 centímetros de neve na noite passada – informou-lhe o carregador com o entusiasmo idiota de um verdadeiro viciado em esqui.

Serena se virou, a barra da camiseta de cashmere cinza preguiçosa abrindo-se em leque em torno das coxas de seus jeans pretos True Religion. O carregador na verdade era uma gracinha. Cabelos castanhos acobreados e espessos se projetavam por baixo do boné verde escuro de Dartmouth que ele usava como acessório para o suéter marrom e sem graça do Sun Valley Lodge, com o sol dourado gay bordado no peito. Os olhos azuis-turquesa cintilavam e a cara de surfista bonito era pontilhada de sardas. Ele tinha uns 22 anos e deve ter se formado em Dartmouth no ano passado. Ainda assim, não parecia nem um pouco constrangido de ser carregador.

Mas os pais dele devem ter ficado um tanto decepcionados.

Serena tombou a magnífica cabeça loura. Ela podia tolerar estas férias se tivesse uma distração, na forma de um cara mais velho. Talvez Nate a visse com esse outro cara e ficasse tremendamente ciumento. Ele ia passar o resto das férias tentando compensá-la. Afinal, Blair realmente precisava passar algum tempo com o pai.

O espírito é esse!

- Você trabalha o dia todo? Pode me levar para esquiar? – perguntou ela com ousadia. Ela se aproximou um passo e estendeu a mão. - Meu nome é Serena.

O carregador deu um largo sorriso e estendeu a mão competente e bronzeada.

- Eu adoraria - concordou ele, fechando a mão calosa de esqui na dela. - Meu nome é Fenner. Só largo às duas horas, mas isso lhe dará algum tempo para se acomodar e podemos dar uma esquiada antes que as pistas fechem. Sei onde encontrar a neve boa.

Serena ficou parada ali, sorrindo de nervosa. Ela nunca falou com um estranho desse jeito. O nome dele - Fenner - era meio esquisito, mas ele parecia ser um cara legal.

- Encontro você no saguão às duas horas - concordou ela, na esperança de não terminar pelada e congelando até a morte em um penhasco abandonado.

- Serena? Com quem está falando aí? - A voz feliz de Blair soou do outro quarto.

Fenner tocou a aba do boné de Dartmouth e saiu da suíte.

- Até mais - disse ele, fechando a porta depois de sair.

Serena foi cautelosamente para a parte de Blair e Nate da suíte, meio que esperando encontrá-los nus e se agarrando na cama.

- O Nate foi nadar - anunciou Blair. Sua mala estava vazia no rack de madeira. Ela já guardara as coisas no sólido armário de faia do hotel e no closet generoso de cedro. Quatro pares de sapatilhas de balé, três pares de botas de cano alto e dois pares de Uggs caramelo e confortáveis estavam de prontidão no chão do closet.

Não que ela pretendesse se aventurar muito.

Blair cutucou a bolsa vermelha de Nate.

- Acha que seria estranho se eu desfizesse a mala dele?

Serena olhou para a bolsa de viagem. Ela nunca usou as gavetas de nenhum hotel em que ficou. Era o tipo de garota que tira-a-roupa-da-mala.

- Não sei. - Ela deu de ombros. - Ele é *seu*... - Ela estava prestes a dizer *namorado*, mas não conseguiu criar coragem. Nate ainda não era de Blair, porque Serena não estava preparada para desistir dele.

O telefone ao lado da cama tocou alto e as duas meninas pularam.

- Alô? - Blair atendeu com um ronronar sexy, sem dúvida pensando que era Nate. Serena viu o corpo da amiga enrijecer. - Tudo bem - disse ela friamente e desligou o telefone. Ela pegou em cima do frigobar a caixa de trufas de chocolate Lindt embrulhada em celofane e a abriu. - Papai está subindo. - Ela enfiou uma trufa inteira na boca. - Com o namorado dele.

Serena percebeu que o rosto da amiga estava totalmente lívido.

- Você está bem? - perguntou ela, com o cuidado de retirar a caixa de trufas da mão firme de Blair. Se ela ia vomitar, uma trufa bastava. - Quer uma água?

Alguém bateu na porta com o punho.

- Ursinha?

Blair cambaleou nas sandálias plataforma Kors de pele de ovelha verde menta.

- Só um minuto! - ela ofegou, colocando a mão na barriga. Depois disparou para o banheiro e bateu a porta.

- Ursinha Blair? Estamos aqui! - gritou o Sr. Waldorf mais uma vez.

Serena se arriscou a abrir a porta.

- Oi! - ela piou com entusiasmo. - A Blair está no banheiro. - O Sr. Waldorf parecia mais jovem, mais bronzeado e mais gay do que ela já vira, vestido com gola rulê amarela apertada, calça de lã branca e mocassins italianos marrons sem meias. Ao lado dele estava um homem moreno, bonito e bem vestido, com cabelo preto penteado para trás, um terno de cashmere cinza, camisa branca e o que parecia uma aliança de noivado de platina para homem, incrustada de safiras. O irmão mais novo de Blair, Tyler, espreitava atrás deles no corredor usando fones de ouvido gigantes e brancos Bose, uma camiseta sem mangas do Duran Duran e calça de couro marrom recém-vincada. Ele também parecia meio gay.

- Olá, linda - o Sr. Waldorf cumprimentou Serena, dando-lhe dois beijos no rosto. - Gostaria que conhecesse meu parceiro, Giles. - Ele a abraçou uma última vez e se virou para o amigo elegante. - Esta é Serena, parte de nossa família.

Serena corou com a breguice daquilo. Não vinha nenhum som do banheiro. O que aconteceu com a Blair? Será que ela caiu? Desmaiou?

Giles lhe deu dois graciosos beijos no rosto.

- Mas você é tão bonita - entusiasmou-se ele num sotaque francês delicioso, apertando as mãos dela e abrindo um luminoso sorriso branco.

Serena riu. Giles parecia ter passado toda a vida tomando o sol do Mediterrâneo, comprando roupas lindas e bebendo vinho. Ele tinha cheiro de limão verbena. E aquela voz! Ele era *tres charmant*. Não surpreendia que o Sr. Waldorf tenha decidido que era gay.

O pai de Blair olhou no closet e sorriu para a vasta gama de roupas e sapatos.

- Fico feliz em ver que vocês se acomodaram. Blair? - Ele raspou os nós dos dedos na porta do banheiro. - Você não está *acariciando* aquele seu namorado aí dentro, está?

É preciso ser um acariciador para reconhecer outro.

Serena estava prestes a improvisar uma mentira elaborada sobre porque a mala de Nate estava neste quarto - o quarto que ela devia dividir com Blair - e a mala dela no quarto de Nate, quando Blair saiu do banheiro. Ela parecia renovada e reluzente, como se tivesse acabado de dar uma repaginada.

- Oi, pai - ela o cumprimentou com altivez, enchendo o quarto do aroma de álcool e hortalã de desinfetante bucal. - Como está a França?

- A França é fabulosa, querida. - O Sr. Waldorf a ergueu num abraço apertado e depois a soltou. Ele passou o braço no lindo amigo. - Ursinha, este é Giles, o homem maravilhoso de que lhe falei.

Blair hesitou. Não havia o risco de vomitar no lindo terno de cashmere de Giles, porque Blair tinha vomitado tudo que havia no estômago.

- Oi - ela conseguiu dizer enquanto o namorado patentemente gay do pai lhe dava dois beijos no rosto pálido. Tyler se curvava na porta com sua calça de couro ridícula de quem tenta-desesperadamente-parecer-Jim-Morrison-dos-The-Doors, balançando a cabeça na batida de mané dele.

- Harold, você não me contou que essas meninas eram tão lindas - observou Giles. - Parecem estrelas de cinema. - Ele apontou para as sandálias plataforma de pele de ovelha verdes e exorbitantes de Blair e inflou as asseadas narinas francesas. - Que *chinelos* fofos!

Blair sorriu contra a vontade. Tá bom, então ele era legal. E daí? Será que o pai dela tinha de usar gola rulê amarela, agora que era gay? E o namorado tinha de usar joias cintilantes de homem?

- Agora, onde está o adorável Nate? - perguntou o Sr. Waldorf, espiando no banheiro como se Nate pudesse estar escondido ali, entre os produtos de toalete de cortesia Clarins.

- Os músculos dele estavam doloridos. Ele precisava nadar - anunciou Blair, na esperança de chocar os dois com a implicação de que ela e Nate andaram fazendo um sexo louco e selvagem desde que chegaram.

O Sr. Waldorf piscou como quem conspira para Serena, como se eles compartilhassem secretamente suas opiniões sobre o casal soberbo que Nate e Blair formavam.

- Bem, assim que ele voltar, por que não vamos todos esquiar juntos? Há simplesmente *baldes* de neve fresca e estou louco para experimentar meus novos Rossis.

Blair nem acreditava que o pai tinha dito, de cara dura, as palavras *simplesmente baldes*.

- Os músculos de Nate estão muito inflamados - repetiu ela com um gemido. - E eu estou cansada. - Ela não ligava muito para esquiar. Só o que queria era rolar naquela cama grande de hotel com Nate, usando a calcinha Hanky Panky vermelha e o sutiã da mesma cor que comprou na Bendel's ontem mesmo.

Serena estava louca para sair desse ninho de amor sufocante.

- Vou encontrar um cara que conheci no saguão às duas horas. Ele trabalha aqui. Ele conhece todas as pistas boas. A gente pode esquiar junto.

Blair olhou impressionada a amiga. Ela sem *dúvida* não perdia tempo.

- Só um minuto. Tenho uma coisa importante para fazer primeiro. - Sr. Waldorf foi para o corredor e pegou duas sacolas de compras imensas, carregadas de caixas de sapatos e vários itens embrulhados em papel preto e branco. - Presentes para todos! - gritou ele, como um Papai Noel canastrão que usava gola rulê. Ele botou as sacolas na cama.

Blair queria ser indiferente e inamistosa para que o pai soubesse o quanto ela estava puta com ele por abandonar a família e fugir para a França com o novo namorado que usava joias. Em vez disso, ela bateu palmas, incapaz de controlar a empolgação.

- Ah, papai!

O Sr. Waldorf soprou um beijo para ela e conduziu Giles e Tyler para fora do quarto.

- Vejo vocês às duas!

Blair pegou a primeira sacola e encontrou algo grande embrulhado em papel branco com o famoso logo de dois Cs da Chanel. Ela rasgou o papel, cheia de ganância. A nova bolsa Hobo Jaguar Cub! A lista de espera para a bolsa na loja da Chanel na Madison tinha umas dez páginas.

Talvez ter um pai gay não fosse tão ruim assim.

o clima para trajes de banho está chegando

- Estou procurando por alguma coisa na linha de uma fazenda-modelo. Um lugar em que ela possa aprender a fazer queijo, cultivar os próprios vegetais, esfolar um bode - disse Rufus à diretora da Feira Anual de Colônias de Férias da rua 92. Rufus estava preocupado que Jenny passasse todas as férias de primavera examinando no espelho sua figura em rápido desenvolvimento e aperfeiçoando sua caligrafia. Para evitar uma repetição no verão, ele a arrastou para a feira. Que lugar melhor para afiar as habilidades necessárias à vida, como fabricar queijos e esfolar bodes, do que numa colônia de férias?

Que tal uma colônia de bebedores de champanhe e consumistas? Burp!

Jenny apertou o braço do pai enquanto olhava o ambiente. O ginásio estava lotado de mesas com folhetos de colônias de férias e testemunhos de frequentadores anteriores. Os diretores das colônias exibiam filmes com as ofertas enquanto os pais e seus encarregados vagavam pelo ambiente, parecendo tão tontos e subjugados quanto Jenny. A diretora da feira abriu a prancheta. Usava um vestido safári cáqui, óculos grossos de armação de plástico transparente, meias cor da carne e sapatos ortopédicos bege. Seu cabelo tinha um corte pajem e era grisalho, e a pele era macilenta. Ela parecia estar nesse emprego há muito tempo.

- O Lago Quinnipiac tem cabras, mas se concentra em natação.

- Não! - Jenny praticamente gritou. Pelo jeito como seus peitos estavam crescendo, ela seria G no verão. De jeito nenhum ia nadar em público. - Nada de natação. Que tal uma colônia de artes? - Ou talvez houvesse uma colônia de emagrecimento para meninas com peitos gigantes?

Nós vamos, nós vamos, nós vamos reduzir os peitos!

A diretora folheou a papelada na prancheta de novo.

- A Rhode Island School of Design tem uma colônia maravilhosa. - Ela olhou para Jenny por cima dos óculos de plástico idiotas. - Você deve ter 14 anos - acrescentou ela com uma careta, obviamente incapaz de determinar a idade dessa baixinha de cara de bebê e peito de stripper.

Pelo menos jamais vão pedir a identidade dela.

Rufus já estava distraído com uma mesa coberta de pedras.

- Venha. - Ele pegou Jenny pelo cotovelo e a arrastou. – O que é isso? - perguntou ele à mulher sentada atrás da mesa. Ela vestia um poncho perturbador de lã marrom e azul que parecia ter sido tricotado por crianças desajeitadas de 2 anos de idade. O cabelo frisado pendia em duas tranças grisalhas na altura da cintura. Nos pés havia o tipo de sandálias de couro trançado vendidas por camelôs do México.

- Gente-pedra - explicou ela, embora as pedras fossem só pedras. - Meu nome é Cindi Bridgehutter. E isto é o que fazemos na colônia Bridgehutter... extrair as pessoas de pedras.

Jenny encarou a mulher, que evidentemente era louca. Ela puxou a camiseta de batik roxo Ben&Jerry apertada demais do pai. Talvez uma colônia de férias não fosse uma boa ideia. Mas Rufus estava firme, já enamorado da Colônia Bridgehutter e sua fundadora com cabelos de Rapunzel.

- Pai – gemeu Jenny em voz baixa. Atrás dela, duas louras altas e magrelas, com roupa de tênis colante, registravam crianças para uma colônia de tênis em Lake Placid. Jenny não conseguia imaginar seus peitos quicando num uniforme de tênis. Nem pensar, tênis estava fora.

- É claro que é só uma metáfora. Eu sou artista. É uma colônia de artes - explicou melhor Cindi Bridgehutter alegremente. Seus dentes eram meio azuis e Jenny se perguntou se ela tomou muitas drogas estranhas quando tinha uns 20 anos ou usou aparelho quando adulta. Ou talvez fosse uma rara doença da gengiva.

Pedrus gentites?

- Arrá! Uma colônia de artes! - entusiasmou-se Rufus. - Matricule-a!

- *Pai!* - Jenny protestou. Mas ele nem queria saber onde ficava a colônia? E os bodes? Há cinco minutos ele estava inflexível que ela aprendesse a esfolar um bode.

- Estamos localizados em minha cidade natal, Wooten, na Pensilvânia, perto de um lindo lago. É claro que todos temos as atividades normais de uma colônia de férias, como natação, arco e flecha e tênis, mas são opcionais. Nossos frequentadores são estimulados a trabalhar em suas habilidades manuais. Nossa missão é trazer para fora a pedra que há dentro deles - expôs a Srta. Bridgehutter, puxando as tranças para dar ênfase. - Todo frequentador cria seus próprios taludes. É uma coisa maravilhosa em cada verão ver os taludes crescerem.

Não tem um certo talude de uma pessoa crescendo muito agora mesmo?

- A pedra dentro de cada *um!* - Rufus parecia emocionado.

A verdade é que a colônia não parecia tão ruim. Jenny gostava da ideia de natação ser opcional. Ela não sabia o que significavam os "taludes", mas esperava que fosse outra metáfora.

- Eu faço caligrafia - arriscou-se ela timidamente. - E retratos. Entrei no concurso do hinário da escola.

A Srta. Bridgehutter cintilou os dentes azuis num sorriso esquisito de Cat-in-the-Hat. Ela claramente não fazia ideia do que Jenny estava falando. Rufus já estava preenchendo nome, endereço e data de nascimento de Jenny no formulário de matrícula.

- Vou precisar de um cheque para garantir a vaga – disse-lhe gananciosa a diretora da colônia.

Jenny olhou a mesa seguinte, onde uma garota ruiva e convencida, com roupa de líder de torcida, mostrava seu último grito de torcida ao diretor de uma colônia de líderes de torcida em Princeton, Nova Jersey.

- Digam V-E-R-Ã-O! Como é que se diz? Verão! É verão! É hora do verão!

Havia longas filas para matrícula na colônia de líderes de torcida e de tênis. Do outro lado do ginásio, uma TV mostrava uma menina cavalgando por uma impressionante pista de hipismo com obstáculos. A fila para a colônia era ainda maior. Ninguém estava se matriculando na Colônia Bridgehutter. Ninguém.

Humm. Por que será?

Jenny deu as costas para a mesa onde o pai preenchia furiosamente os formulários. Embaixo de uma das pedras-gente havia uma foto de um menino entalhando uma cara em madeira. Tinha cabelo desgrehado e escuro e músculos incríveis nos braços.

- Ah, tem meninos lá? - perguntou ela ansiosa à diretora de dentes azuis. Ela nunca foi a uma escola com meninos, que dirá dormir num acampamento com eles.

Meninos, meninos, meninos!

- A proporção de meninos para meninas é de três para um explicou a Srta. Bridgehutter.

- Ultimamente, as meninas se matriculam em colônias de hipismo e futebol. - Ela entregou a Jenny uma pedra do tamanho de um ovo e abriu o sorriso de dentes azuis de novo. - Tenho certeza de que terá muita inspiração.

Jenny revirou a pedra nas mãos enquanto o pai terminava de preencher os formulários. Três meninos para cada menina. Com números assim, quem não ia querer encontrar a pedra dentro de si?

Digam V-E-R-Ã-O! Como é que se diz? *Meninos!*

as montanhas renascem ao som do coração de S

- Epa! Desculpe! - gritou Blair ao se chocar com três grandalhões diante dela na fila do teleférico. Embora nunca tivesse tentado, ela insistiu em fazer snowboarding em vez de esquiar, assim ela e Nate fariam a mesma coisa. Ela esquiava desde os 4 anos. Não devia ser tão difícil, não é?

- Ursinha, venha com a gente! - O pai pegou o cotovelo de sua jaqueta de esqui branca Bogner e a puxou de volta à fila quando ele estava prestes a subir na cadeira tripla com Giles. Blair pulou sem jeito num pé só, agarrando-se ao pai até estar sentada em segurança na cadeira acolchoada do teleférico.

- Ela é maluca - observou Fenner. - Não tem pistas fáceis por lá. Ela devia estar na Dollar Mountain, tomando aulas.

Serena enterrou os bastões prateados na neve enquanto eles avançavam na fila. Depois foi a vez de eles subirem na cadeira. Fenner ficou à esquerda e ela imaginou que Tyler iria com eles, mas então - *uuush!* - Nate se enfiou à direita dela com a prancha Burton verde-néon.

- Oi - cumprimentou ele sem fôlego. - Desculpe pelo atraso. - O teleférico subiu atrás deles e os deixou de pés pendurados. Serena estava com a parka Patagonia azul-marinho, da mesma cor de seus olhos. O cabelo louro se derramava por baixo do gorro de tricô com protetor nas orelhas, e as mãos estavam enfeixadas num par de luvas pretas imensas. Ao lado dela, um cara alto, de traje de esqui preto North Face que parecia muito profissional e óculos de proteção laranja, estava sem gorro.

- Ei, você é o cara do hotel - observou Nate.

Fenner se apresentou.

- Serena me pediu para mostrar uma pista virgem - disse ele, sorrindo para ela. O teleférico subiu em seu cabo até que os esquis roçaram a copa das árvores. O céu estava

azul, a montanha era fresca e branca e o ar tinha cheiro de Natal, embora ainda fosse março.

Nate bateu nos esquis de Serena com a prancha de snowboardin

- Eu nunca mais te vi - disse-lhe ele num tom de acusação.

- Bom, eu ainda estou aqui - respondeu ela em voz baixa. Suas coxas e ombros se tocavam e Serena podia sentir todo o lado de Nate vibrando com um zumbido familiar e quente. Será que ele podia sentir? Ele estava zumbindo também?

Na verdade ele *estava* mesmo zumbindo, mas porque tinha fumado um baseado antes e depois de ir nadar. Nate se virou e olhou para ela, e Serena sustentou o olhar. Seus olhos verdes cintilantes estavam injetados da maconha e da natação na piscina clorada demais do hotel. Os olhos azuis dela estavam grandes e esperançosos.

- Oi - disse ele ternamente, talvez com uma certa tristeza.

- Oi - respondeu Serena, perguntando-se se eles iam sobreviver se ela o empurrasse do teleférico com ela. Era uma queda de pelo menos 20 metros, mas ela estava morrendo de vontade de raptá-lo e cair fundo na neve para eles se beijarem com privacidade. No fundo, ele também estava morrendo de vontade de beijar Serena. Não estava? *Pule!*, ela queria gritar. *Pule!*

A emergência dos hospitais não é nada privativa, gente.

- Estou pensando em entrar para a patrulha de esqui no ano que vem - disse-lhe Fenner, batendo os esquis longos numa exibição ruidosa de habilidade. - Meu pai concordou. Ele queria que eu fosse para a faculdade de medicina, mas ser patrulheiro de esqui é como ser um médico dos esquis, só que você só precisa saber primeiros socorros e RCP. Cara, a faculdade de medicina é *tão* ultrapassada.

- Legal - respondeu Nate, afastando os olhos de Serena. No alto, ele ouviu Blair gritar enquanto tentava sair da cadeira. Era uma das coisas mais difíceis no snowboarding; ele tinha levado um ano para aprender. O teleférico parou de repente. Era evidente que Blair tinha caído.

Serena se mexeu pouco à vontade na cadeira. Fenner era ainda mais bonito com as roupas de esqui pretas North Face, mas ele era meio velho para ela e meio fascinado demais por esqui.

- Eu *adoro* total esses uniformes vermelhos da patrulha - disse ela feito uma idiota, sua tentativa de dar mole saindo meio amarela.

O teleférico começou a se mexer de novo. Nate ergueu a ponta da prancha, preparando-se para sair. Pouco abaixo na rampa, Blair estava sentada, rindo, num monte de neve. O pai e o namorado francês estavam de pé perto dela, parecendo competidores de slalom da Olimpíada Gay da França, com aqueles trajes stretch Bogner pretos e iguais.

- Natie! - gritou Blair, acenando com as mãos enluvadas. Nate saiu da cadeira e aproximou-se sem esforço dela. - Meu colar arrebentou - disse-lhe ela, erguendo o cordão partido de seda preta.

Talvez seja um sinal, pensou Serena, apavorada com a própria crueldade.

- Mas ainda tenho o coração - explicou Blair, colocando-se de joelhos e batendo no bolso da parka. - O cara do teleférico colocou aqui para mim.

Nate tirou as luvas e enfiou o cordão de seda preta no próprio bolso. Depois ajudou Blair a se levantar e prendeu seu pé livre na parte de trás da prancha. Ele segurou as mãos dela e a puxou pela cintura.

- Segure-se em mim - instruiu ele com competência. - Vou levar você para baixo.

Serena ficou olhando Nate e Blair seguindo para a parte mais fácil da pista. *Eu ainda estou aqui!*, ela gritou para eles em silêncio. Depois Fenner apareceu ao lado dela, rasgando a neve com os esquis compridos de corrida.

- Aperte isso! - disse ele por sobre o ombro como o nerd pirado em esqui que era. O pai de Blair e Giles começaram a descer atrás dele, fazendo oitos concisos com seus esquis vermelhos Rossignol. Serena enxugou o nariz na luva, ergueu a cabeça e puxou uma lufada de ar gelado. Ela queria que Nate ficasse com ciúme dela e Fenner, mas não conseguia paquerar Fenner direito quando só tinha olhos para Nate.

- E aí, linda? - Um snowboarder que parecia macho com um traje Burton com estampa de camuflagem passou por ela, abrindo-lhe um sorriso torto. Serena o olhou desaparecer pela descida e pelas árvores. Depois deu impulso nos esquis soltou um uivo alto e vertiginoso enquanto se catapultava morro abaixo. A neve era fresca e ela estava cercada de lindos homens fazendo snowboard. Ela não ia deixar que um coração partido estragasse suas férias.

Há algo que não ensinam nas escolas particulares: você precisa ter nascido para isso - a arte de se reanimar.

V banca a difícil

danhum: pensei que a gente ia fazer alguma coisa nas férias de primavera. todos os meus amigos viajaram.

hairlesskat: que amigos?

danhum: tá, meu 1 amigo. já enchi aquele caderno de poemas. estou entediado.

hairlesskat: minha toda revista é de seus poemas e minhas fotos pq as meninas da minha escola são inúteis

danhum: minha irmã é da sua escola.

hairlesskat: ela não é inútil - a arte dela está na revista.

danhum: então, quer ver um filme?

hairlesskat: prefiro cinema a filmes. A Warhol Sucked começa na Film Forum na quinta

hairlesskat: ei!

danhum: acho que tudo bem, se vc não puder sair antes disso.

hairlesskat: eu valho a espera.

danhum: hein?

hairlesskat: deixa pra lá.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

saudações do paraíso

Escrevo para vocês de uma localização não revelada, embaixo de uma palmeira, a brisa fraca soprando em meu corpo perfeitamente bronzado e com um biquíni mínimo. Ocorreu-me que eu nem preciso voltar. Posso fazer o que faço melhor - escrever esta coluna – de qualquer lugar. E odeio a ideia de voltar a usar roupa. Há o problema de perder os últimos anos importantes da escola, e a faculdade estaria fora de cogitação, mas tenho certeza de que em mais ou menos dez anos uma sensata instituição da Ivy league me dará um diploma honorário depois de se divertir e se informar com a sabedoria de minhas palavras por tanto tempo. Há um único probleminha, porém: sinto muita saudade de vocês. E se eu não estiver onde vocês estão, sinceramente não tenho muito o que escrever. Ainda assim, vocês têm sido muito bonzinhos me mantendo informada...

seu e-mail

P: Cara Gossip Girl,

Minha família tem uma casa em Sun Valley e fica bem atrás do hotel. Do meu quarto, dá para ver a piscina aquecida. Não sou de ficar olhando, mas, sinto muito, eu vi aquele cara que você chama de **N** nadando de costas por uma hora e fumando um baseado imenso. Umas meninas começaram a aparecer na piscina porque ele estava lá. A namorada dele tem que ficar de olho, porque todas somos loucas por ele.
- skibetty

R: Cara skibetty,

Sim. E o que o torna ainda mais delicioso é que ele não faz ideia de que todas nós somos completamente apaixonadas.
- GG

P: Prezada GG,

Tá legal, então antes de tudo eu sou homem, então ficar falando com você é meio constrangedor pra mim. Mas eu fico pensando, se você não puder me ajudar, então quem pode? Eu vi aquela menina da foto na Internet, acho que ela é linda e quero conhecê-la, mas não quero que ela saiba que eu sei quem ela é, porque não acho que ela tivesse a intenção, tipo assim, de se expor ali. Entendeu?
- camarada

R: Caro camarada,

É difícil para mim dizer se você é horripilante ou não sem te conhecer, mas vou me arriscar a dizer que se você viu a foto da garota na Internet, ela na verdade quis "se

expor daquele jeito" - é só uma questão de até que ponto. Com os interesses dela em mente, sugiro que você deixe seu encontro pessoal para o destino. Entendeu? Que bom.
- GG

P: Cara GG,

Eu estava fazendo amizade com uma menina e agora ela está meio que agindo como se tivéssemos nos conhecido online ou coisa assim. Não, não é isso... Mas ela está estranha. Sei que ela gosta de mim, mas só quero ser amigo dela e me divertir. As coisas tem de ser tão complicadas?
- insone

R: Caro insone,

Ela gosta de você, mas você "só quer se divertir". Acredito que você tenha respondido a sua própria pergunta.
- GG

flagras

B e **N** no ponto de partida no alto da montanha em Sun Valley sem as botas de esqui, afagando-se com os pés embaixo da mesa. **S** paquerando um instrutor de esqui alto na fila do cachorro-quente. É como dizem: se não pode derrotá-Ios, una-se a eles. O pai de **B** e o brinquedinho francês, também afagando-se com os pés embaixo da mesa. O irmão menor de **B**, **T**, cercado de admiradoras de 11 anos enquanto matava o almoço para pegar mais algumas pistas usando só uma camiseta preta do Led Zeppelin e calça de couro marrom, cortesia de Hermes, Paris. Outro garanhão em formação? **C** em Roma, banhado em azeite extravirgem e sol, sem camisa, na escada do Coliseu. Será que ele está tentando seduzir sua condessa italiana extravirgem? É como dizem: quando em Roma... **K** e **I** esquiando pelas encostas em Stowe, tentando desesperadamente fazer uma declaração de moda enquanto congelavam o traseirinho com short de brim e polainas pretas. Desculpe, meus amores, mas Vermont não se compara a Sun Valley. **D** na filial da Biblioteca Pública na esquina da 42 com a Quinta na seção de romantismo. Ai. E por fim, eu, gloriosa como sempre no mais recente biquíni Eres, estirada numa praia de areias brancas, batendo preguiçosamente as teclas de meu laptop...

campari não é tão fraco quanto parece

Minha cura definitiva para os muitos dias bebendo tantas garrafas de champanhe sempre foi um bom copo alto de Campari e água tônica com uma fatia fresca de lima. Mas o motivo para eu estar deitada aqui, incapaz de nadar, ler ou me desembaraçar de minha espreguiçadeira com estampa de batik, é que quatro ou cinco Camparis com tônica derrubam qualquer um. O Campari, afinal, é alcoólico. E eu pensei que era um tipo amargo de xarope de cereja. Ic! Ah, bom, vivendo e aprendendo. Ou talvez eu deva dizer vivendo *bem* e aprendendo.

Curtam o que resta das férias, meus amores. Quer estejam nas montanhas ou surfando, quero ver cada um de vocês bronzado quando voltarmos.

Pra você que me ama,

gossip girl

o coração dela está na manga dele e ela pode convencê-lo a fazer qualquer coisa

- Ai, ai, ai, ai, ai! - Blair gritava enquanto Nate puxava suas calças de esqui pretas. Ellesse pelas panturrilhas doloridas de snowboarding. Ele havia avisado que o snowboarding usa um grupo diferente de músculos e um grupo diferente de habilidades com relação ao esqui, mas como sempre Blair se recusou a ouvir. Agora estava pagando por isso. Ontem ela desmaiou de cansaço depois do jantar. Esta manhã ela mal foi capaz de andar, mas insistiu que Nate lhe desse outra aula de snowboarding na pista de iniciantes enquanto Serena esquiava com o pai dela e Giles. Nate tirou a cashmere branca de gola rolê de Blair e esfregou seus braços nus.

Parece que ela estava mesmo sofrendo.

- Quer que eu te dê um banho? - propôs ele.

Blair estava deitada de costas na cama, a dor esquecida. Ele já a havia curado.

- Me beije para melhorar, por favor - orientou ela.

Ele se levantou e fechou a porta entre seu quarto e o de Serena. Serena parecia estar se divertindo comprando tudo com o pai de Blair e o namorado dele. O que representava mais tempo para finalmente transar com Blair. Ela estava deitada na cama com uma calcinha preta e uma camisetinha de malha preta ridiculamente transparente que devia ser uma espécie de roupa de baixo de polipropileno de alta tecnologia, mas na verdade era tremendamente sexy. Nate tirou as calças de esqui e depois a camisa. Seu coração batia acelerado.

- Você foi tão paciente comigo hoje - observou Blair. Ela se apoiou num dos cotovelos para olhar para ele. A colcha floral marrom e dourada era totalmente medonha mas, de qualquer forma, Blair estava uma gata com ela. - Eu te amo, Nate.

Nate se sentou na beira da cama.

- Eu também te amo, Blair. - Agora seu coração batia mais rápido ainda. Era agora, ele tinha certeza. Quando eles ficaram juntos pela primeira vez, Blair disse que eles fariam sexo "depois". Bom, agora era depois. Já estava na hora. Ele se curvou e a beijou no ombro.

Blair segurou a cabeça dele e o puxou para cima dela. Um quarto de hotel só dela com o homem de seus sonhos - o filme que era sua vida ficava cada vez melhor! Ela sorriu para Nate e quase disse, *Vamos fingir que somos casados e estamos em lua de mel*, mas se lembrou de que nem todo mundo era tão doido quanto ela.

- Me beija - sussurrou ela em vez disso.

Nate a beijou - toda. Ainda bem que ele passou um longo dia esquiando, nadando e fumando, porque se ele estivesse um pouco menos cansado, ia ter problemas para se conter.

- Não acho que quero só te beijar - disse ele enquanto tirava o cabelo longo e escuro de Blair do rosto dela. - Eu quero fazer outra coisa.

Do outro lado da porta, uma TV rugiu. Depois houve uma série de baques e golpes. Serena parecia estar de volta, mudando os móveis de lugar. Será que ela estava com aquele Fenner?, perguntou-se Nate fugazmente. Era legal ver a facilidade com que Serena conhecia gente e fazia amigos. Ele passou o dedo pela clavícula e pelo braço de Blair.

Ela riu de cócegas e se apoiou no outro cotovelo, depois beijou a têmpora de Nate. Ele era um menino típico. Obviamente ela estava morrendo de vontade de transar, mas ela ainda não estava preparada.

- Eu sei que você quer. Eu também quero – murmurou ela, solidária. - Mas temos que esperar. – Ela beijou seu rosto. – Até este verão. – Ela o beijou na boca e sorriu timidamente. – No trem. – Eles iam passar o dia em Paris, andando pelas ruazinhas em volta da Nôtre-Dame e bebendo vinho rosé em cafés românticos. Quando a noite caísse, eles iam embarcar no trem na Gare du Nord. Quando ele saísse da estação e atravessasse a cidade, eles se trancariam em sua *courette*, tirariam a roupa, dariam morangos com champanhe ao outro e fariam um amor apaixonado e selvagem até que o trem chegasse ao litoral.

Nate desconfiou de que devia ficar tão animado com isso quanto Blair, mas esperar até o verão parecia a pior ideia que ele já ouviu. Ele puxou a colcha áspera e feia.

- Meu pai disse que "não agradava muito a ele a ideia de eu viajar sozinho com duas jovens" - admitiu Nate, citando-o quase literalmente, mas sem contar tudo a Blair. A verdade era que ele tinha certeza de que o pai durão e capitão da marinha tinha feito uma de suas esporádicas "verificações de rotina" em seu quarto pouco antes de Nate partir para Sun Valley, e possivelmente encontrou seu cachimbo. Não que o pai sem-noção-para-essas-coisas-modernas soubesse para que servia o cachimbo, mas provavelmente tinha levantado algumas suspeitas. - Pode ser que ele não me deixe ir.

Blair colocou o rosto em seu peito nu e macio, fechando os olhos e sorrindo enquanto respirava o maravilhoso Nate. Depois passou os dedos pela barriga de Nate, de mansinho.

- Desde quando nossos pais proíbem a gente de fazer alguma coisa que queremos?

Nate riu com certa indiferença.

- É que eu te amo, é só isso. - Perder a virgindade juntos num trem parecia tremendamente desconfortável. Não haveria espaço para se espalhar ou experimentar diferentes posições. E os travesseiros provavelmente seriam uma merda. Eles não podiam fazer isso agora? Que diferença faria esperar alguns meses?

Blair bateu na barriga dele de brincadeira e se sentou.

- Eu tenho um presente para você. Na verdade, o presente é da França. Meu pai comprou. – Ela não ia dizer a ele que tinha adornado o presente com seu toque engenhoso usando o kit de costura do hotel. Ela se levantou, foi até o closet e pegou o pacote cuidadosamente reembulhado. - É da Courreges - disse ela com entusiasmo, entregando a ele. - Em Paris.

Nate se sentou e rasgou o papel branco do pacote, revelando um luxuoso e grosso suéter de cashmere verde-musgo com gola em V.

Blair pegou o suéter e o ergueu no peito nu de Nate. Ela estava louca para que ele experimentasse para poder arrancá-lo dele.

- Veste, anda - insistiu ela.

Nate passou os braços nas mangas e puxou o suéter pela cabeça. Era macio e a sensação na pele era boa. Ia ser um de seus preferidos - ele já sabia disso.

- É ótimo. Obrigado.

O tom verde-musgo do suéter deixava seus olhos ainda mais verdes e Blair teve vontade de gritar com o decote em V em seu peito bronzeado. Ela estava louca para dizer a ele que tinha costurado o coração de ouro que ele comprou para ela na Tiffany, do lado de dentro de uma das mangas, para que ele sempre estivesse usando seu coração na manga. Mas Nate só ia querer tirar o coração e fazê-la usar novamente. Ela preferia onde estava, escondido em sua pele adorável. Ela beijou o pescoço dele e aninhou o rosto em seu peito maravilhoso coberto de cashmere.

Nate brincou com uma mecha de seu cabelo castanho e brilhante, adorando a sensação macia e confortável do suéter.

- Ei, onde está o coração que eu te dei? - perguntou ele de repente, como se lesse a mente de Blair.

Blair levantou a cabeça.

- Num lugar seguro. - Ela o beijou na boca longa e lentamente, em parte para fazê-lo esquecer da pergunta e em parte porque estava tão delicioso com o suéter que ela não conseguiu resistir.

- Eu te amo, Blair - murmurou ele, puxando para cima a camisetinha preta de malha. O coração dela na manga dele, de fato.

S chega à maioridade no salão das rugas

Depois do primeiro dia esquiando, Fenner convidou Serena para sair com seus outros amigos viciados em esqui, mas ela o dispensou. Preferia a solidão ou a companhia tranquilizadora do pai de Blair e do lindo amante gay a fingir dar mole para um cara que ela não estava nem remotamente interessada. Enquanto Nate e Blair se agarravam do outro lado da porta, ela tentou assistir *Cocktail* - o pior filme que Tom Cruise fez na vida - mas teve que desviar os olhos quando as pessoas no bar abarrotado de Tom começaram a recitar um poema horrível e todos no bar uivavam e batiam palmas como se fosse a coisa mais profunda e genial que ouviram na vida. Ela desligou a TV e tentou desfazer a mala e guardar as roupas na cômoda do hotel. Ela lavou o cabelo e o secou. Ela fez as unhas. Ligou a TV de novo e tentou ver *Maria Antonieta* estrelado por Kirsten Dunst, mas a história era tão aguada que ela rapidamente ficou entediada. De vez em quando uma risada abafada ou um risinho de diversão emanava do quarto ao lado. Maria Antonieta não estava se divertindo nem um pouco com o rei Luís, mas parecia que Blair e Nate estavam bastante.

Por fim, quando não conseguiu suportar mais, ela vestiu um cardigã preto e um par de sandálias Chanel pretas e surradas e saiu do quarto apressadamente. No segundo andar do hotel, ficava o famoso bar e salão de dança noturno, popular com quem tinha mais de 60 anos, que a equipe do hotel apelidou de Salão das Rugas. Serena se sentou junto ao balcão do bar, sentindo-se jovem e deslocada. Casais mais velhos enchiam a pista de dança, abraçando-se com cautela enquanto valsavam ou dançavam tango com um medley de músicas de Frank Sinatra tocado pelo pianista de bigode e smoking.

Come fly with me, come fly, come fly away...

- Quero uma dose de Absolut, por favor - disse Serena ao bartender frágil que tinha uns mil anos. - E uma Coca. - O bartender serviu a Coca, mas não a vodca. Seu corpo parecia totalmente decrépito, mas sua mente devia estar funcionando bem. Claramente, ela era nova demais para ele sequer pedir a sua identidade.

Serena ficou grata por ele permitir que ela ficasse. O salão era iluminado por velas e pelas janelas ela podia ver uma neve delicada começando a cair. A neve parecia ser feita de ouro. Um casal passou por ela no bar. Eles eram os melhores dançarinos no grupo e os mais bem vestidos. Ele tinha cabelos prateados e estava elegante num paletó de veludo verde e calças de smoking. Ela era graciosa, num vestido de seda estanho, o cabelo branco puxado num coque. Eles dançavam graciosamente e com facilidade, como se tivessem praticado por tanto tempo que os passos eram sua segunda natureza. Seus olhos nunca se desviavam do rosto do parceiro e os dois sorriam, como se fossem o casal mais sortudo do mundo.

Era difícil não ver a si mesma e a Nate neles. Meio século depois de seu romance ter começado, eles comemorariam dançando aqui. Isto é, se as coisas fossem inteiramente diferentes. Agora parecia muito mais provável que Nate e Blair fossem o casal de dançarinos. Como ele podia mudar de parceiras com tanta facilidade e sem culpa, sem bater nem uma vez suas lindas pestanas douradas? Como ele podia se esquecer de que eles se beijaram na cama quente de Serena naquela noite fria de fevereiro? E beijaram, beijaram...

Ela acendeu um cigarro, deixando que a fumaça vagasse para a vela acesa. Se ao menos pudesse desistir completamente de Nate por Blair e parasse de pensar em beijá-lo. Mas ela não conseguia. Mesmo que fosse só em sua cabeça, ele ainda era só um pouquinho dela. Uma coisa era certa: ela não se torturaria de novo, viajando com eles no verão. Depois deste drinque ia mandar um e-mail ao agente de viagens encarregado de organizar sua viagem de trem no verão e diria que só haveria dois passageiros, e não três. De jeito nenhum Serena ia se sentar em cafés românticos na França com Blair e Nate enquanto eles se acariciavam por baixo da mesa e se chamavam de nomes de bichinho, como Totozinho e Pituquinha. De jeito nenhum ela ia ouvir os dois fazendo um sexo alto e cheio de risos em sua *couchette* romântica enquanto ela ficava sentada sozinha na *couchette dela*, tricotando suéteres disformes ou fazendo palavras cruzadas em francês, que nunca foi a matéria mais forte dela. Ela ia encontrar outra coisa para fazer neste verão, como ajudar a mãe a podar as roseiras em Ridgefield, aprender ilusionismo, aperfeiçoar seu nado de peito, conhecer outro cara.

Como se pudesse haver outro cara.

Os ombros bem definidos de Serena arriaram e ela se encostou pesadamente no balcão de madeira escura. Lágrimas salgadas vertiam de seus olhos azuis e caíam pelo rosto. De repente ela se sentia mais velha e mais cansada do que qualquer uma das matronas no salão. Ela empurrou a Coca e estava prestes a descer de sua solitária banqueta no bar quando o bartender baixou um copo diante dela. Ele serviu uma dose de Absolut. O pianista tocou outra música.

It had to be you, wonderful you, it had to be you...

Serena se endireitou, tombou a cabeça para trás e tomou a vodca de um gole só. Nunca havia bebido de uma tacada só, mas sempre ficava mais ousada quando estava sozinha.

Parece que este pode ser o começo de uma nova era de ousadia.

V pega d de calças na mão

Era a última quinta-feira das férias de primavera. Vanessa tinha finalmente aberto um espaço em seu cronograma para levar um DVD até a casa de Dan, acompanhado de sushi e uma garrafa de saquê, cortesia de Ruby. Vanessa sempre achou sushi meio romântico, o jeito como tudo era tão elegante e delicado. Dava para dar comida na boca do outro sem fazer muita bagunça. Mal se precisava de um guardanapo. Não que ela e Dan já estivessem na fase de dar comida na boca do outro, em especial porque ela mal falou com ele por semanas. Mas talvez, até o final da noite...

Nunca subestime o poder do saquê.

Dan esperou por esta noite a semana toda porque, como Zeke estava na Flórida, ele estava morrendo de tédio e solidão e chegou a pensar em escrever um romance. O problema era que o único tema em que conseguia pensar era um mané entediado e solitário de 15 anos, e ninguém ia querer ler sobre isso. Felizmente, Vanessa tinha

chegado para aliviá-lo de seu umbiguismo. Eles se sentaram no chão do estúdio com as costas no sofá de couro marrom. Ele colocou o DVD e apertou *play*. Um casal japonês andava de metrô, com um ar de cansaço e meio seberto. Eles eram japoneses, mas falavam em espanhol.

- Cadê as legendas? - perguntou Dan. - Eu não devia entender o que estão dizendo?

Ruby tinha recomendado o filme *Mystery Train*, que ela afirmou ser o melhor filme já feito, e era sobre almas perdidas que se encontravam. Vanessa pensou que parecia perfeito. Ela procurou por quase uma hora e finalmente o encontrou na seção de importados da minúscula locadora suja na rua de seu prédio. Agora ela sabia por quê.

- É em espanhol - observou ela. Ruby não disse a ela que era um filme estrangeiro. Depois ela percebeu que os lábios do ator estavam se mexendo de um jeito diferente do som. Elvis apareceu e seus lábios definitivamente estavam se mexendo em inglês, mas a voz que saía era parecida com a do Julio Iglesias. - É dublado - percebeu ela, sentindo-se uma completa idiota.

- Está tudo bem, eu posso ler os lábios. - Dan abriu a embalagem do sushi e começou a depositar com cuidado o conteúdo na mesa de centro. Ele serviu saquê em dois copos de plástico, as mãos tremendo, como sempre. Entregou o copo a Vanessa. Ela estava do mesmo jeito de quando ele a vira pela última vez. Sua cabeça estava raspada e ela se vestia inteiramente de preto. Era meio tranquilizador.

Vanessa viu como as mãos de Dan tremiam enquanto ele tentava pegar um rolinho Califórnia com os hashis. Ela serviu mais saquê no copo dele. Talvez fosse bom que o filme fosse praticamente inassistível. Dan parecia muito nervoso e Vanessa tinha certeza de que sabia o motivo. Ele queria que ela o beijasse de novo, mas ele estava apavorado de desmaiar novamente. O modo como ele se torturava era irresistível. Era só o que evitava que ela pulasse em seu corpo branco e esquelético.

Dan acendeu um cigarro, acompanhando o filme apesar de não entender nada na maior parte do tempo. Ele gostou de ver que todo o mundo no filme parecia estar fazendo coisas quando todos os outros dormiam. Ultimamente, ele andava com dificuldade para dormir. Talvez fossem os cigarros.

Ou o café instantâneo que ele tomava o dia todo?

Ele terminou o saquê e se serviu de novo. A garrafinha estava quase vazia.

- Meu pai saiu - observou ele. - Mas ele abriu uma garrafa de Chianti antes de sair. Quer que eu pegue?

Vanessa assentiu, estimulando-o. Quanto mais bêbado Dan ficasse, mais provável seria que baixasse a guarda e a beijasse.

Ou desmaiasse de novo. Ou vomitasse.

- Esse filme me lembra Kerouac - disse-lhe Dan, voltando com uma meia garrafa de vinho tinto com uma foto de um touro preto no rótulo. - Meu pai ia adorar. *Aonde vais, America, em teu carro reluzente na noite?* - ele citou, estufando o peito como um babaca.

Essa era uma das coisas que Vanessa mais gostava nele, uma das coisas que o distinguiam: ele podia citar literatura sem parar para pensar. Era um cara saído do passado. Seu pequeno e desgrehado Shakespeare. Seu bardo. Ah, ela ficou feliz por ter vindo. E feliz por ele ter mais vinho.

Logo Dan tinha terminado também o Chianti e meio maço de Camels. Sua cabeça estava tonta e a sala parecia tombar. Não importava mais que ele não pudesse entender o filme. Então, a sala mergulhou e tombou num ângulo mais acentuado. Parecia-lhe estar num passeio a cavalo no Hershey Park na Pensilvânia, onde o pai o levou com Jenny uma vez. *Uooo, calminha aí.* Ele afundou em Vanessa e pôs o braço em volta dela para se apoiar.

- Oi - ela riu, virando-se de frente para ele. Sua boca estava tão perto do rosto de Dan que ela podia sentir o cheiro da pele fumarenta, do vinho em seu hálito quente. Pela primeira vez, ela percebeu que as pontas dos cílios de Dan eram louro-arruivadas, a mesma cor da penugem em seu lábio superior. Queria beijá-lo novamente e mal conseguia se reprimir. Ela queria que ele tomasse a iniciativa. A qualquer momento...

- Ai - grunhiu Dan. - Acho que preciso me deitar. - Ele a pegou pela coxa enquanto tentava se içar para o sofá marrom.

Pequenos pulsos elétricos percorreram a perna de Vanessa.

- Aqui. - Ela se ajoelhou ao lado dele e o ajudou a levantar. - Vou pegar uma água para você - ofereceu-se ela, tentando não parecer decepcionada. - Seu frouxo.

Ela pegou a água e depois, por impulso, a câmera. A cabeça de Dan estava atirada de lado num ângulo desconfortável e suas pálpebras se abriam só um pouco, de modo que ela podia ver o branco do olho. Suas mãos estavam numa posição de oração entre os joelhos. Ele parecia meio morto. Vanessa tirou uma foto. Depois, só por diversão e crueldade, e para lembrar a ele que ela testemunhou seu falecimento e ainda assim teve senso de humor, ela decidiu carregar a foto no computador de Dan. Deixaria a foto aberta para que ele topasse com ela quando acordasse de manhã.

A luminária da mesa estava acesa no quarto dele e o computador zumbia. Canecas rachadas com café frio enchiam a mesa, e uma lata velha de Coca guardava os vestígios da nova obsessão de Dan com os cigarros. O quarto tinha cheiro de coisa velha e o carpete marrom-papel-pardo estava cheio de fiapos. Vanessa adorou. Era tão... Dan.

Ela conectou a câmera, mexeu no mouse e clicou até encontrar uma pasta com o nome simples de Fotos de Dan. Abrindo a pasta, ela rolou distraidamente pelos arquivos e estava prestes a descarregar sua própria foto boba quando deu com dois arquivos denominados serenavdia1 e serenavdia2. Vanessa clicou na primeira e apareceu na tela a foto que ela tirou de Serena olhando torto para a câmera, enquanto mostrava a bunda com a tatuagem de coração. Vanessa encarou a foto. Os versos do poema de Dan - um de seus favoritos - apareceram em sua mente:

Seu cabelo louro todo estranho

Sentada em minha cama

Pintando minhas unhas

O caderno de poesia de Dan estava na mesa ao lado do monitor. Ela o abriu na ilustração de Jenny de um anjo louro que Dan tinha colado na segunda capa. O anjo tinha os mesmos olhos azul-escuros, o mesmo sorriso sedutor de "você sabe que me ama" que Serena mostrava na foto. Vanessa girou na cadeira de Dan. Havia outras ilustrações de Jenny coladas na parede. Cinco delas, no total. Cada uma das cinco era de um anjo voando, o rastro dos longos cabelos louros entre as asas abertas, a cabeça com um halo e linda. Ela podia ser qualquer anjo louro, a não ser pelo uniforme azul-marinho da Constance Billard, os olhos azul-escuros e o pingente de ouro em S em volta do pescoço.

Outros versos dos poemas de Dan lhe vieram à mente.

Você me conhece?

Acho que sim

Mas ela não o conhecia, só pensava que sim. Dan não era um irmão dedicado, agora Vanessa percebia. Estes não eram anjos. Eram todos parecidos com Serena. Ele era tão obcecado com sua linda e loura colega de escola que tinha roubado as fotos e colado

lembranças dela em toda sua parede creme rachada. Dan Humphrey, o objeto de seu afeto imorredouro, era um maluco que assediava Serena.

Vanessa atirou o caderno na mesa, foi pisando duro até a sala e olhou a forma adormecida de Dan. Ele parecia um garotinho. As pálpebras tremendo, a baba empoçando nos cantos da boca. Ela se virou e foi na ponta dos pés até a cozinha, procurando nos armários até encontrar uma panela. Depois a encheu de água e voltou na ponta dos pés para a sala de estar. Dan agora roncava suavemente com um braço pendurado na lateral do sofá. Vanessa baixou a panela no chão, levantou o braço e com cuidado baixou a mão dele na água morna. Levantou-se e vestiu o casaco de chuva de PVC preto, deixando-o com sua própria derrota.

O som de seus Doc Martens reverberando alto no piso de madeira suja, seguido pela batida da porta da frente, sobressaltou Dan. Ele não pretendia dormir - só precisava descansar até que a sala endireitasse de novo.

- Ei... Vanessa? - chamou ele, sentando-se. Ele olhou as próprias calças. Estavam ensopadas. Ele se molhou como um menino de três anos. E a mão estava molhada também. Ele girou as pernas para o chão, batendo na panela com água. O cheiro de cigarro molhado emanava do tapete persa roto, dando-lhe náuseas. - Meu Deus - murmurou ele, cambaleando para a porta. Ele seguiu encharcado até seu quarto. A linda foto desvairada que Vanessa fez de Serena e sua bunda pelada boiava diante dele na tela do computador. Ah. Ah!

- O que foi? - Jenny colocou a cabeça para dentro do quarto dele. - Eca! - gritou ela, apontando para a virilha molhada de Dan. - Que nojo!

- Vai se foder - disse-lhe Dan, infeliz. Ele desligou o monitor do computador antes que Jenny pudesse ver o que havia ali. Vanessa devia odiá-lo. Ele mesmo se odiava.

- Acabei de ver Vanessa ir embora. - Jenny entrou no quarto dele usando um short de pijama rosa das Meninas Superpoderosa um top de biquíni vermelho J. Crew, o cabelo crespo e escuro escovado em duas marias-chiquinhas. - Ela é tão estranha. Vocês já se beijaram? Acho que ela gosta mesmo de você.

Dan fitou a irmã, incrédulo. Vanessa o fez se mijar nas calças. Mesmo que gostasse dele antes, não ia gostar muito dele agora.

- Tenho que trocar de roupa - ele suspirou miseravelmente, procurando uma calça de veludo semilimpa no chão.

E claramente não era só a roupa que ele precisava trocar.

raiva x melancolia

Depois de nove dias massantes porém gloriosos de esqui, chegara a última manhã deles em Sun Valley. Nate sentia-se culpado por não pegar tantas rampas enquanto esteve lá, então acordou cedo e foi para as encostas. Blair abriu a porta para o quarto de Serena e se aninhou na cama com ela.

- Está passando *Bonequinha de luxo* - anunciou ela, apertando "selecionar" no controle remoto da TV a cabo e pegando o cardápio do serviço de quarto na mesa de cabeceira. O hotel tinha os melhores waffles belgas que ela já comera. Waffles belgas e *Bonequinha de luxo*. Existe maneira melhor de terminar umas férias perfeitas?

Bom, há *uma* coisa que podia torná-las ainda mais especiais.

Serena abriu os olhos azuis e espiou Blair por entre uma cortina de cabelos louros. Pegou o barco de argila que Nate fez para ela com o HMS *Serena* com o coração

vermelho encravado e o enfiou debaixo do travesseiro. Toda noite dormia com o barco na mão, segurando-o contra o coração como um amuleto da sorte e lembrando-se da noite em que ela e Nate se beijaram. Ela sabia que isso era um tanto psicótico, mas Nate fizera o barco para ela como uma prova de seu... amor. Não foi?

Ou talvez ele só tenha pensado que daria um bom peso para papéis.

O rosto de Blair reluzia de esquiar ao sol durante o dia e se agarrar com Nate a noite toda. Ela estava linda e irritante de tão feliz. Serena se sentou e tirou o cabelo do rosto.

- Preciso de café. Um bule inteiro. - Ela passou as últimas quatro noites bebendo e vendo gente velha dançar no Salão das Rugas e estava numa ressaca constante.

- *A melancolia é porque você está engordando e talvez tenha chovido demais. Você só está triste, é só isso* - dizia Audrey Hepburn como Holly Golightly na tela. - *A raiva é um sentimento horrível. De repente você está com medo e não sabe do que tem medo.*

Serena não sabia o que tinha, melancolia ou raiva. Talvez um pouco das duas coisas.

Blair pegou o telefone e pediu quase tudo o que havia no cardápio. Waffles. Steak com molho béarnaise. Bagels e salmão. Uma omelete americana de queijo. Um shake de chocolate.

- Não consigo decidir o que quero - explicou ela. Talvez fosse o ar da montanha, mas ela andava faminta desde que chegou.

As duas meninas se sentaram encostadas nos travesseiros de Serena, vendo o filme agora familiar. O serviço de quarto chegou e Blair espalhou o banquete na colcha. Deu uma dentada no waffle com xarope e depois enfiou uma batata frita cheia de ketchup na boca.

- Não sei o que estou fazendo. Quero ficar magra, magra, magra quando formos viajar neste verão. - Ela pegou o milkshake de chocolate e tomou um longo gole. - Europa de trem – murmurou ela sonhadora, vendo Audrey tocar "Moon river" no bandolim. Talvez ela também aprendesse a tocar violão neste verão. Ela podia fazer uma serenata para Nate e ele ia ficar tão aceso que ela teria de derrubá-lo no chão de sua *couchette*. - Vai ser incrivelmente romântico.

Serena bebeu o café amargo. O sol jorrava pela janela. Esquiadores cruzavam em silêncio a montanha nevada. "*My huckleberry friend*", entoava Audrey.

- Não posso ir à Europa com vocês - soltou Serena.

Blair franziu a testa e pegou mais fritas.

- Isso é alguma brincadeira de Primeiro de Abril?

Serena sacudiu a cabeça. O Primeiro de Abril não ia ser, tipo assim, dali a duas semanas?

- Não, eu realmente não posso ir.

- E por que não? - perguntou Blair, enchendo a boca de fritas.

Não é óbvio?, Serena queria gritar.

- Meus pais querem que eu fique com eles, é só isso. E vai ter um workshop de teatro bem legal no verão, muito perto de nossa casa em Ridgefield. Parece incrível. A Gwyneth fez antes de ficar famosa. - Ela enrolou no pulso o guardanapo de tecido branco. Ela sabia vagamente que havia uma comunidade de teatro perto de sua casa em Connecticut, onde Gwyneth Paltrow atuou uma vez numa peça quando ela era mais nova. Quando foi que ela se transformou numa mentirosa tão elaborada?

Blair atirou mais fritas na boca e tomou um gole do shake.

- Ah, é mesmo? Você não vai? - ela repetiu com uma irritação evidente. - Você é tão esquisita, Serena, não há dúvidas disso.

- Desculpe. - Serena tombou a cabeça. Seu lábio inferior tremia e ela o mordeu com força. Se começasse a chorar, temia desabafar com Blair e essa era a última coisa que queria fazer.

Blair pegou a faca de carne e serrou seu steak até que sangrasse. Pensando bem, assim seria ainda melhor. Ela e Nate teriam o *couchette* no trem só para eles. Não teriam de se preocupar em fazer coisas de turista e divertir Serena - eles podiam só transar, constantemente, em cada país da União Europeia. Como podia pensar em transar quando Serena estava sempre zanzando por perto? Ela ficou feliz por ter pedido a Nate para esperar: seria ainda mais perfeito assim.

- Deixa para lá - disse ela distraída, enfiando o garfo num pedaço da carne e colocando na boca. - Está tudo bem.

- É mesmo? - Serena soltou a respiração. Odiava quando Blair ficava irritada com ela.

- Mesmo. - Blair abriu um sorrisinho falso para Serena, o tipo de sorriso que ela em geral reservava para suas colegas de turma macacas de imitação irritantes, como Nicki Button e Rain Hoffstetter. Nos últimos dias, sentia uma nova distância entre ela e Serena que ela não conseguia saber exatamente o que era. Elas não eram mais irmãs. Eram mais como enteadas. Ela olhou a pilha de comida diante de si. Era de fato uma imagem revoltante. - Pode colocar isso do lado de fora, por favor? - ladrou ela, disparando para o banheiro.

Serena pegou os pratos e os cobriu com suas tampas de prata. Devolveu-os à bandeja e colocou esta no corredor. Podia ouvir Blair vomitar no banheiro, o jato da descarga, o som de Blair fazendo gargarejos. Desta vez não ia perguntar a Blair se ela estava bem - só pegou sua bolsa prata Tumi no closet e começou a fazer as malas. Atirou o barquinho de argila na bolsa, ansiosa para ir para casa, para longe da visão de Blair.

Mas a gente sabe o que dizem por aí. O lar é onde o coração está.

n se revira em sua cama minúscula de solteiro

- Não se esqueça de sua toalha, senhor - disse o careca por trás da mesa branca do ginásio. Ele entregou a Nate uma toalha de banho branca e quente.

- As meninas estão na sauna - acrescentou ele, prestativo.

Nate abriu a pesada porta para o vestiário. Não era o vestiário do St. Jude's, com suas portas de armário antigas e pintadas de verde lama - era o vestiário do Bridge, o clube de golfe do pai dele em Bridgehampton. Os armários tinham portas de teca. Uma toalha branca recém-lavada e um charuto enrolado à mão foram colocados em cada um deles. Muito gentil.

Uma fila de seus colegas do time de lacrosse esperava por ele, vestidos no uniforme listrado de verde e branco da equipe de lacrosse do St. Jude's e portando seus bastões.

- Mandou bem, cara. - Jeremy Scott Tompkinson bateu na mão de Nate e abriu seu sorriso torto de chapado.

- Demais, cara - concordou Anthony Avuldsen, estendendo o punho para Nate bater.

- Você é o cara - concordou Charlie Dern. Ele apertou a mão de Nate, colocando um baseado gordo na palma ao fazer isso.

- É uma honra ter um jogador como você no meu time. - O treinador Michaels estendeu a mão e deu um abraço de urso em Nate.

O time desapareceu no éter e Nate acendeu o baseado. Fumar era como comer o *sundae* com calda quente de chocolate mais incrível que ele já provou. Ele deu um último tapa e tirou a calça cáqui, a camisa polo e a cueca e se enrolou na toalha que o funcionário lhe dera. Pôs as roupas em um armário vazio. Ele não estava de sapatos.

A porta de vidro da sauna estava toda fosca. Ele a abriu e entrou.

- Oi, Natie - recebeu-o uma voz de menina.

Nate andou pelo vapor na direção da voz. De repente sentiu braços em volta de seu pescoço e a menina o estava beijando. Era tão incrivelmente fantástico. Beijá-la era a sensação mais incrível que ele já teve. Era como um barato natural total e ele podia ficar beijando para sempre. O cabelo da menina parecia castanho, mas estava molhado e ela parecia mais encorpada do que Blair, e mais alta. Mas tinha o perfume de Blair e beijava como Blair - ansiosa, voraz, hiperativa.

- Sei que você me ama - murmurou a menina em seu ouvido e sua voz era exatamente como a voz de Serena na mensagem da secretária eletrônica.

- Vamos transar - disse Nate. - Eu quero fazer isso é com você.

- Nate, querido? Está tudo bem?

Nate acordou com um sobressalto e se sentou. Os lençóis de flanela xadrez estavam ensopados de suor. As cabeças de seus pais espiavam para ele pela porta aberta do quarto. Estavam bronzeados e animados. A mãe tinha uma tiara de diamantes no cabelo e uma estola de mink no pescoço. O pai segurava um copo de uísque.

- Você estava falando dormindo - disse-lhe a mãe com seu sotaque francês aristocrático.

- E bem alto.

Nate esfregou os olhos e procurou pelas meninas na cama. Será que ele ainda está sonhando?

- Vocês voltaram? - perguntou ele, tonto. Enquanto ele estava em Sun Valley, seus pais tinham ido a St. Barts. Ou talvez Barcelona. Ele não conseguia se lembrar,

O pai deu um pigarro e girou o gelo no copo.

- Na realidade, voltamos ontem. Fomos à ópera. A primeira parte do Ciclo do Anel de Wagner começou esta noite. Como foi o esqui?

- Esquiar foi bom - respondeu Nate automaticamente, embora não tivesse esquiado muito. Ele esfregou os olhos um pouco mais, na esperança de que quarto não estivesse com cheiro de maconha. Ele achava que não, embora o suéter verde que Blair dera a ele fedesse, e estava em sua cadeira, a cerca de um metro da porta.

- Volte a dormir, querido - ordenou a mãe com um sorriso malicioso.

Nate tombou nos travesseiros e fechou os olhos, tentando voltar ao mesmo sonho. Só o que podia ver em seu olho da mente sonolento eram os rostos das duas meninas que ele mais amava no mundo, as duas melhores amigas. "Você sabe que nos ama", sussurravam elas, alto e claro.

Talvez fosse mais seguro sonhar com outra coisa.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

as chuvas de abril trazem as flores de maio, mas o que junho traz?

Saias lindas, chinelos e meninos sem camisa! Fico verdadeiramente aturdida que as aulas não terminem em maio. Como podemos prestar atenção na aula quando lá fora faz mais de 30 graus? A primavera foi um borrão de tempestades elétricas, provas e o ocasional e totalmente irresponsável ataque de vamos-aprontar-na-cobertura-enquanto-os-pais-estão-no-Festival-de-cinema-de-Cannes. Mas agora as janelas estão abertas, os pássaros cantam, abelhas zumbem e o parque fervilha de meninos jogando Frisbee sem nem uma camisa à vista. E no entanto ainda temos de usar nosso uniformes quentes e irritantes da escola e *sapatos fechados* por mais duas semanas, suando em cima dos livros de geometria enquanto devaneamos com o verão. É engraçado – algumas meninas que conheço ficam tão ocupadas com os planos para o verão. Tudo o que eu quero fazer é balançar meus pés na beira da piscina. É claro que sou muito específica com que piscina e com quem vou balançar os meus pés. Alguns de vocês sem dúvida estão *morrendo* de vontade de balançar comigo. Vejam como a seguir.

seu e-mail

P: Caríssima GG,

Eu a tenho observado. Bem, não observado, mas lido e relido cada palavra sua. Tenho certeza de que você é minha alma gêmea. Quero lhe mandar minha foto. Quero lhe mandar minha alma. Eu curto você de verdade. E esta noite vou sonhar com você, como faço toda noite.

- encantado

R: Caro encantado,

Estou verdadeiramente lisonjeada, mas minha alma gêmea não tem tempo de ler e reler tagarelice inútil de mulherzinha. Não que alguma coisa que eu escreva seja tagarelice inútil, mas é definitivamente de mulherzinha. Não, minha alma gêmea está caçando leões e observando fontes de água. Pode me mandar sua foto, mas prefiro que não faça e continue sonhando comigo.

- GG

P: Cara GG,

Uma pergunta simples. O que você faz quando está muito puta com alguém, mas também gosta muito desse alguém?

- botas

R: Cara botas,

Esta não é uma pergunta simples. Tudo o que posso pensar em dizer é, grite com ele até que entenda, ou coloque-o na geladeira. Um dia ele se toca. Assim se espera. Boa sorte!

- GG

flagras

V num karaokê na Orchard Street cantando "Crimson and Clover" com a irmã mais velha. Está na hora de ela arrepiar os cabelos. Peraí, ela não tem mais cabelo nenhum. D jogando basquete no Riverside Park com o amigo que precisa-desesperadamente-de-uma-repaginada-do-Queer-Eye. Bom, pelo menos ele ainda tem um amigo. S no Zoológico do Central Park, falando com o urso polar. Pelo menos *ela* ainda tem um amigo. B e N comprando roupas de verão na Brooks Brothers da Quinta. Se ela realmente quer ajudá-lo, devia levar o cara em outro lugar. Ele tem 16 anos - hora de diversificar e usar outra coisa além de bermudas e camisas polo de cores claras. Na verdade, apague isso - nós o adoramos do jeitinho que ele é.

as meninas da *rancor*

Parece que nossa amiga careca preferida andou muito ocupada, ocupada, ocupada sendo mais esperta do que todos nós e lançando a primeira edição de uma nova revista de artes muito cult e descolada. É apenas uma publicação de uma escola para meninas, mas é impossível andar pela Madison Avenue sem ver pelo menos uma pessoa com uma nas mãos. A maior parte das fotos é bem nojenta. Acorda! Quem, com toda sinceridade, quer ver fotos de chicletes cuspidos e pombos mortos? O maior atrativo, de longe, são os poemas da Anônima. São totalmente esquisitos, meio tristes e meio sensuais. Tem algo neles que agrada a todos. Melhor de tudo, foram escritos *por* uma menina, *sobre* uma menina. O que me leva a...

tão perto e ainda tão longe

Alguém aí percebeu que certo trio transformou-se numa dupla com um elemento perdido? O Incrível Trio agora é só um casal chato de pombinhos apaixonados e uma loura que anda a alguma distância deles, se estiver andando com eles. Humm, é só uma ideia, mas será que uma certa loura linda é a Anônima? Talvez aquele beijo entre mulheres que alguns de nós a vimos dar em certa morena de batom, dividindo uma hidro vaporosa em certo quarto de hotel no Dia dos Namorados, realmente *tenha* significado alguma coisa – para ela. Uia! Mais forragem para meu passatempo preferido. Não, não esse passatempo, seus pervertidos. Eu quis dizer *fofocar*, é claro!

Epa, está na hora do almoço. Vou passar aquele ultrabronzeador Guerlain com FPS 4 e ficar no terraço. E vocês que pensavam que o terraço do ginásio da escola era para jogar queimado.

Vamos ver quem consegue o melhor bronzeado quando as aulas terminarem. E nada de trapacear com aquela porcaria de bronzeado falso. Reconheço um bronzeado verdadeiro quando vejo um. Em suas posições, preparar... já!

Pra você que me ama,

gossip girl

e-mail para b

De: narchibald@stjudes.edu
Para: bwaldorf@constancebillard.edu
Data: Quinta-feira, 12 de junho, 11:50
Assunto: Más notícias

Oi,

Eu sei que já estou atrasado para o treino de lacrosse da hora do almoço, mas queria mandar isso para você poder fazer novos planos ou coisa assim. Sei que você vai ficar irritada, mas eu meio que deixei escapar a meu pai que íamos ficar só nós dois nesse verão e ele pirou. Acho que ele está ficando mais rabugento com a velhice. O resultado é que não posso ir para a Europa neste verão. Basicamente meu pai quer que eu ajude a terminar nosso barco no Maine. Vai ser legal depois que acabar, e eu prometo levar você nele. Eu sinto muito mesmo, mas prometo que vou compensar em breve.

- N

do que falam as senhoras que almoçam durante o almoço

- Esperem sua vez, meninas - instruiu a Sra. Wiley, a inspetora do almoço de narinas largas à fila semiordenada de alunas uniformizadas da Constance Billard na entrada do refeitório, de bandejas de plástico laranja nas mãos. - Tem peixe para todas. Cuidado com as crianças.

Por anos, os pais da Constance Billard reclamaram dos almoços sem inspiração e a escola estava decidida a melhorar seu padrão de rosbife frio e purê de batata. O primeiro passo foi contratar uma inspetora de almoço cuja tarefa era monitorar o quanto as meninas comiam, que preferências tinham e que tipo de alimento traziam de casa para suplementar o revoltante almoço da escola. No verão seguinte, a direção prometeu reformar o refeitório e no outono ofereceria um bufê de saladas luxuoso e uma estação de sucos, com pratos preparados segundo as observações da Sra. Wiley. Não que ela tenha preparado alguma coisa que inspirasse admiração. Quem ia preferir palitos de cenoura refogados em pesto, baguetes e iogurte de chá verde a apavorantes torta de carne cinzenta e feijão enlatado? Se as alunas e pais ficassem satisfeitos com o novo cardápio, a Sra. Wiley levaria suas narinas a outra escola malnutrida.

E teriam uma saudade terrível dela. Que nada.

Blair e Serena estavam na fila do bufê de saladas num estranho silêncio. Blair estava de péssimo humor. Tinha recebido o e-mail horrendo de Nate minutos antes - e pensar que durante toda a manhã ela ficou num transe de felicidade pré-verão, revendo gloriosamente cada momento desde que ela e Nate se beijaram naquela primeira noite na suíte de Chuck. Como ficou feliz ao acordar na manhã seguinte, com Nate beijando-a. A Tiffany. Ver o leão-marinho sendo alimentado no zoológico. O passeio de charrete por uma hora na neve, agarrando-se o tempo todo sob o manto de lã áspera. Dar a Nate o suéter verde-musgo com o coração costurado. Poder finalmente transar com ele neste verão no trem enquanto saíssem de Paris. Agora, eles nem iam mais à Europa.

As meninas colocaram nos pratos pilhas modestas de alface com uma porção de molho de *bleu cheese* ao lado antes de passar à área das sobremesas, onde cada uma delas

escolheu um iogurte desnatado de limão Danone. Este era o "prato de dieta" que elas inventaram na quinta série e comiam desde então. Serena seguiu Blair até a mesa preferida das duas, diante de uma parede cheia de espelhos. Como sempre, Serena se sentou de frente para o espelho e Blair de costas para ele. Blair não conseguia olhar a si mesma e comer ao mesmo tempo.

Serena girou a colher no iogurte, perguntando-se por que Blair estava tão mal-humorada. Será que ela se deu mal na prova de francês avançado? Será que ela e Nate brigaram?, ela não conseguiu deixar de se perguntar cheia de esperança. Do outro lado do refeitório, Rain, Laura, Kati e Isabel pegavam suas bandejas e entravam na fila. Agora era a oportunidade de Serena ter uma conversa particular antes de elas serem bombardeadas. Blair mexeu o café com uma irritação exagerada, derramando metade na bandeja.

- Você está bem? - perguntou Serena, hesitante. Ela abriu o primeiro botão da blusa Tocca de manga curta e gola Peter Pan e abotoou novamente.

O pequeno refeitório abarrotado zumbia do som da conversa das meninas, mas um silêncio quase perceptível pareceu cair entre as duas quando Serena fez a pergunta. Sem realmente nenhum movimento, a sala cheia de meninas apontou as orelhas para as duas segundanistas lindas que falavam em voz baixa na mesa especial perto da parede espelhada e sua tagarelice fútil transformou-se numa fofoca impiedosa.

- Sabe aqueles poemas da Anônima? Serena é a Anônima. Ela está totalmente apaixonada pela Blair. Isso é muito triste - declarou uma aluna da oitava série que fazia xixi na cama e se chamava Susie Wexler.

- Elas são tão lindas - suspirou uma caloura com óculos de fundo de garrafa.

- A Serena fez plástica no nariz - contra-atacou a colega de cabelo frisado. - Meu pai é podiatra... Eu sei muito bem.

- Ouvi dizer que Blair e Nate vão se casar. Soube que alguém o viu olhando alianças de noivado na Tiffany neste fim de semana. Ai meu Deus, acha que ela está grávida? - perguntou alegremente uma veterana de pernas tragicamente atarracadas.

- Mas eu pensei ter ouvido que ela é lésbica - observou outra veterana. - Ela não escreveu todos aqueles poemas lésbicos como a Anônima?

Blair tocou o meio do peito, onde o pingente de coração costumava ficar. Mesmo que fosse feio, talvez ela devesse tê-lo colocado numa corrente de ouro e se resignado a usar até que Nate lhe desse coisa melhor. Pelo menos o colar significava alguma coisa - que ela e Nate estavam juntos, que estavam apaixonados, que ele era dela. Mesmo que eles não ficassem juntos neste verão, pelo menos ela teria isso. Ela mergulhou uma folha de alface em molho de *bleu cheese* e colocou na boca.

- A verdade é que eu não estou bem. Graças a você, Nate não pode ir à Europa comigo neste verão - informou ela a Serena num tom gelado. Ela pegou o garfo de plástico e o usou para coçar a nuca. O cami turquesa com bainha de renda que escolheu vestir para a aula de hoje saía totalmente do uniforme e a renda coçava pra caramba.

Serena contemplou seu reflexo no espelho. Se não tivesse cuidado, tinha medo de que o brilho em seus olhos azuis revelasse que ela estava contente.

- Mas isso é terrível. - Ela sacudiu a cabeça e desviou os olhos da cara sombriamente irritada de Blair.

Blair mergulhou a colher no iogurte.

- O pai dele não deixou. Ele quer que Nate o ajude a construir aquele barco idiota no Maine. A culpa é sua. Se nós três fôssemos, ele não teria problema com isso. - Ela soltou um suspiro alto e irritado e atirou na bandeja laranja a colher suja de iogurte. - Nate e eu finalmente íamos transar no trem assim que saísse de Paris. Eu comprei uma lingerie linda. Até comprei a réplica exata dos óculos de sol que Audrey usa na primeira

cena de *Bonequinha de luxo*. Agora vou ter que passar metade do verão em Newport jogando a chatice do tênis com meu pai esfuziante e o namorado dele de bronzeado falso que mal fala inglês, e a outra metade com minha mãe idiota numa Escócia de matar de tédio porque minha tia doida vai se casar pela segunda vez com a porra do mesmo cara.

Neste exato momento Rain, Laura, Kati e Isabel se aproximaram e sentaram à mesa.

- Vai comer todo o molho? - perguntou Kati, mergulhando a unha cor-de-rosa no *bleu cheese* de Serena. - Acabou. Eu tive que pegar o *ranch*... que nojo. - Ela pôs o cabelo liso e ruivo num coque no alto da cabeça e deixou que caísse dramaticamente em cascata nos ombros. Kati tinha o cabelo lindo. Uma pena que fosse tão burra.

Pelo menos tinha alguma coisa a favor dela.

Isabel olhou de Blair para Serena. Blair parecia querer decepar a cabeça de Serena com a faca de plástico e Serena fitava o iogurte como se estivesse fundindo-se telepaticamente com a cultura de lactobacilos. *Nate e eu devíamos finalmente transar no trem enquanto saísse de Paris*. Todo esse tempo ela pensou que eles tinham transado em toda parte, mas os dois ainda eram virgens. Ela mal conseguia acreditar nisso.

Pode acreditar, garota.

- A gente, tipo assim, interrompeu alguma coisa? - perguntou Isabel judiciosamente. Vestia um suéter gola drapeada roxo, uma cor que só alguém com sua confiança e pele morena e imaculada poderia vestir. Tinha QI de gênio, mas preferia aplicá-lo à ciência de escolher uma nova cor das luzes do cabelo ou encontrar o vestido idêntico ao que Kate Bosworth usou na festa de gala da Costume Institute, em vez de, digamos, química avançada.

Bom, se você pudesse, o que teria escolhido?

Serena soltou um suspiro profundo e trêmulo. Estava louca para as aulas terminarem. Talvez precisasse justamente passar o verão longe dos outros. Eles teriam férias relaxantes e depois voltariam no outono e começariam do zero. Talvez Blair conhecesse um tenista em Newport e concluísse que Nate não era assim tão especial. Talvez ela e Blair sentissem tanta saudade uma da outra que fizessem um pacto de jamais serem cruéis uma com a outra de novo. Talvez Nate se lembrasse de que estava apaixonado por *ela*, e não por Blair. Blair podia ser muito convincente, mas com alguma distância Nate podia perceber que era de Serena que ele sentia falta, e não de Blair.

Tudo é possível.

- Desculpe, Blair - arriscou-se Serena, olhando esperançosa para a amiga.

Blair empurrou a bandeja com tanta força que ela oscilou precariamente na beira da mesa. Ela se levantou com todo o corpo tremendo.

- Não basta pedir desculpas. - Deixando a bandeja cheia para a Srta. Wiley pirar, ela saiu do refeitório e foi para a enfermaria, onde usou o banheiro privativo para vomitar o almoço, depois reclamar de cólicas e tomar Motrin, o remédio pesadão preferido dela.

As outras meninas esperaram que Serena dissesse alguma coisa, mas ela não disse, nem diria. Em vez disso, ela pegou sua bandeja e a de Blair e as levou de volta à cozinha para que fossem limpas. O refeitório agora zumbia com a novidade da briga das duas.

- Está vendo o que acontece quando você beija sua melhor amiga? - brincou Isabel de um jeito cortante. - Sempre acaba em lágrimas.

- Eu fico me perguntando o que Nate tem a ver com tudo isso - disse Laura Salmon. - Com a briga das duas, quero dizer.

De onde ela tirou essa ideia?

A fofoca sobre Serena e Blair vazou de uma mesa à seguinte até que infestou completamente a sala como uma forte gripe. Por fim chegou à mesa da solitária aluna da sétima série Jenny, perto do banheiro dos funcionários.

- Serena não é a Anônima - murmurou Jenny consigo mesma enquanto descascava a terceira nectarina. Ela começou uma dieta de frutas na esperança de que travaria o crescimento dos peitos. Hoje estava com a versão bege do sutiã polonês e se sentia particularmente visível, porque, como previu a proprietária da Village Bra Shop, eles já estavam apertados demais. Ela sempre atribuiu a falta de amigas ao fato de que era tímida e quieta na escola; agora Jenny culpava os peitos. Suas colegas de turma não faziam ideia de que ela podia contar exatamente quem era a Anônima, se elas se dignassem a falar com ela.

Serena estava saindo do refeitório quando viu a Vanessa Abrams da cabeça raspada sentada sozinha e lendo sua revista com uma xícara de chá preto. A capa da *Rancor* trazia uma foto de um chiclete cuspidor na calçada. Parecia um pedaço de carne que alguém largou quando ia do açougue para casa.

Por impulso, Serena baixou na cadeira de frente para a colega careca.

- Eu adoro a sua revista - disse ela com uma admiração autêntica.

Vanessa levantou a cabeça em desafio. Não tinha deixado de notar que a Srta. Perfeita e a Srta. Cretina acabaram de ter uma briga. Será que a Srta. Perfeita já procurava uma nova amiga?

- Em especial esses poemas da Anônima. - Serena riu e se inclinou para frente. - Uma vez, alguém me deixou um poema de amor anônimo no meu armário. Acho que é a mesma pessoa.

Vanessa olhou a colega loura e perfeita com os grandes olhos castanhos. Ela sabia que era um erro odiar alguém que ela mal conhecia, mas não conseguia evitar. Agora estava claro demais que o único motivo para Dan permitir que ela usasse seus poemas na *Rancor* era porque ele tinha certeza de que Serena os leria. Como pôde ser tão burra quando costumava ser tão inteligente?

Quando estamos apaixonados, não pensamos lá muito bem.

- Meus parabéns. - Vanessa fechou a revista e se levantou abruptamente. - Espero que vocês sejam muito felizes juntos.

Do outro lado do refeitório, Jenny viu Serena olhar Vanessa partir. Ela parecia tão alarmantemente triste, que Jenny queria poder fazer alguma coisa para consolá-la. Mas Serena van der Woodsen era Serena van der Woodsen, a menina que todo cara queria ter e toda garota queria ser. Jenny tinha certeza de que podia pensar em alguma coisa para se consolar.

Ela sempre pensa.

d não consegue abandonar o amor que sente

Dan tinha corrido pelo Central Park até a Constance, saindo da Riverside Prep na West End Avenue e agora estava morrendo. O suor vertia de seu rosto e ensopava a gola da camisa. Ele tremia e estava vermelho, e parecia precisar de um hospital. O dia era quente e sem vento. Ele acendeu um cigarro e deu um trago desesperado. Isso... Muito melhor. Ele ainda se sentia horrível, mas um horrível melhor e intrigante. Agora só o que tinha de fazer era pensar em alguma coisa legal para dizer a Vanessa para que ela não o odiasse mais. Que pena que a única coisa em que conseguia pensar fosse, "Você é legal. Eu gosto de você", que parecia uma proposta de casamento de alguém que morou num porão sem janelas a vida toda, comendo baratas.

Pelo menos seria um passo na direção certa.

Com a fachada de tijolinhos impecável, a bandeira americana tremulando e grandes portas azuis, a Constance Billard era muito mais imponente do que a Riverside Prep. Até as professoras pareciam intimidar mais, com seus terninhos de linho, sapatos pontudos, cabelos perfeitos e maquiagem severa. Não era de se admirar que Vanessa odiasse a escola. Ela devia se sentir o patinho feio neste lugar.

Dan acendeu outro cigarro, atirando discretamente o antigo no pneu da frente da limusine estacionada onde estava encostado. O robusto prédio de tijolinhos da escola diante dele pareceu estremecer de alívio quando a última sineta tocou. Depois as grandes portas azuis se abriram e saiu um fluxo de meninas de uniforme de verão listrado de azul e branco da Constance. Primeiro vieram as menores, com as blusas brancas com gola de Peter Pan, carregando imensas mochilas sobre rodas, cheias de lancheiras, álbuns de adesivos, kits de caneta e álbuns de recortes. Em seguida as alunas intermediárias, desajeitadas com os aparelhos nos dentes e os óculos, sobrecarregadas dos enormes livros de matemática e latim. E por fim as alunas mais velhas começaram a escoar mais despreocupadamente, depois de trocar as roupas e vestir short, top e chinelos de dedo, ligando seus iPods e aplicando sua milionésima camada de gloss MAC do dia.

Jenny já devia ter saído, mas em geral ela ficava presa em um projeto na sala de artes, então Dan não se surpreendeu que ela se atrasasse. Ainda assim, ela devia ser a cobertura dele. Se Vanessa se recusasse a falar com ele ou lhe criasse dificuldades, ele contava em fingir que só estava ali para pegar Jenny.

E então ele a localizou saindo pelas portas azuis, vestida de camiseta preta de mangueira curta, uma saia supercurta de inverno de lã marrom da Constance e meias arrastão pretas cortadas nos joelhos com os eternos Doc Martens. Ela passeou escada abaixo daquele jeito deliberadamente lento de fodam-se-todos-os-manés-que-correm e foi direto para ele. Seus grandes olhos castanhos eram brandos e quase entediados, e ele sabia que ela estava decidida a não transparecer o quanto estava irritada.

- Tem estado seco e seguro? - perguntou ela, apontando para a calça de veludo preta de Dan. - Soube que os fraldões Depend têm melhor ajuste do que os Pampers.

Que lindo.

Dan atirou o cigarro na calçada fumegante.

- Não é minha culpa que você tenha colocado minha mão numa tigela de água. O que você esperava? - Ele não ia mencionar por que ela colocara a mão dele numa tigela de água. Como ele explicaria sua obsessão constante com uma menina que nem sabia o nome dele?

Vanessa deu de ombros. O que ela esperava? Muito, na verdade. Ela semicerrou os olhos para ele.

- Qual é o problema com a sua cara? Andou se exercitando ou só está feliz em me ver? - Ela riu da própria piada. - Você veio finalmente me exigir desculpas por minha pegadinha, ou só está esperando sua irmã?

Dan sorriu, depois franziu a testa, repentinamente confuso. Por que *mesmo* ele estava ali?

- Eu podia dizer que estou aqui para pegar a Jenny, mas não é verdade. - As palavras saíram de sua boca antes que ele pudesse refreá-las. - Eu corri até aqui... para ver você... para me desculpar por ser... sei lá, um babaca.

Vanessa queria abraçá-lo, de verdade. Mas abraços eram tão bregas. Ela não era de abraçar.

Ai, ande logo. Abrace o cara.

Além disso, ela ainda não tinha certeza de o que as desculpas de Dan *significavam*. Será que ele queimou as ilustrações de Serena no alto de sua cama? Ele jogou na lixeira as

fotos da bunda de Serena? Ele estava pronto para se dedicar a ela? Ela certamente esperava que sim, porque o modo meigo e suplicante com que ele a olhava era muito lindo. Ela estendeu a mão e torceu um dos lóbulos da orelha dele.

- Tudo bem - ela abrandou. – Talvez você possa me pagar uma água tônica para compensar. Mas acho que precisamos esperar por sua irmã. Ela tem novidades.

Dan olhou a escola de tijolinhos. Pela primeira vez, ele percebeu que as janelas do segundo andar estavam decoradas com trabalhos das alunas. Ele semicerrou os olhos, também não era só arte aleatória de estudantes. Colados nas vidraças estavam anjos de cabelos louros das ilustrações do hinário de Jenny. Serena, Serena, Serena - a cara dela estava em toda parte.

Dan virou a ara. Ele ficaria bem e não olhasse para aquilo. Tudo ia ficar bem.

- Vamos, equipe azul, vamos nessa, equipe azul, vamos nessa, AZUL! – gritou um grupo superanimado de jogadoras de vôlei enquanto entrava num ônibus escolar a caminho do jogo. Tocou a segunda sineta. Nada de Jenny ainda.

- Hoje tem sol - observou Vanessa, protegendo da luz o rosto pálido. Ela notou que Dan percebeu as ilustrações nas janelas do auditório, e também como ele virou o rosto. Talvez ela *pudesse* perdoá-lo; talvez, afinal, houvesse alguma esperança para ele.

Dan acendeu outro cigarro e eles esperaram por Jenny num silêncio quase confortável. Nenhuma das meninas que saíam da escola falou com Vanessa. Dan percebeu que ela era tão sem amigos quanto ele e ficou feliz por ter vindo. Vanessa era boa o bastante para encontrar um cara depois da aula, e ele era bom o bastante para ter uma garota a quem encontrar.

As portas azuis se abriram e uma menina alta de cabelo louro claro e comprido apareceu vestindo jeans cortados, camiseta branca e chinelos de dedo prata. Ela parou à porta, vendo subirem num táxi um cara alto que parecia chapado, de camiseta de lacrosse listrada de verde e branco do St. Jude's, e sua namorada morena e elegantemente vestida da Constance. Ela envolveu o peito com os braços e todo seu corpo pareceu tremer. Depois pegou na bolsa uns imensos óculos de sol com aro de tartaruga, colocou-os e continuou a descer a 93 para oeste em direção ao parque, sozinha.

Abrace-se até que eu chegue lá, depois o abraço será meu.

Vamos agitar como peixe numa pedra. Vamos, agite e nade!

Me fisgue. Melhor ainda, eu fisgarei você.

Dan não tinha certeza da palavra "agitar", Não parecia certa, pelo menos não em sua cabeça.

- Me fisgue - murmurou ele, como um louco.

Vanessa agitou a mão diante da cara dele.

- Controle chamando Marte. Marte, responda!

Dan não tinha percebido que estava de olho duro. Na verdade, ele sabia que estava olhando fixamente para ela – o que tinha esquecido era que Vanessa estava ali com ele, vendo-o olhar.

- Desculpe - disse ele, ainda encarando. Serena estava virando a esquina, o cabelo dourado de anjo voando às costas, deixando um rastro de lágrimas.

Um rastro de lágrimas. Isso é bom!

Dan não conseguia esconder o fato de que estivera encarando. Ele também não podia esconder seu desespero. Por que, ah, por que Serena parecia tão infeliz, triste e solitária? Será que estava apaixonada por aquele doidão? Será que ela não leu os poemas dele? Ela não sabia que *ele* era o certo para ela?

Vanessa revirou os olhos, irritada. Dan estava tão longe de superar Serena como a própria Vanessa estava de superar Dan. Mas ela não podia dizer nada. Não valia a pena. Ele era como um alcoólatra ou junkie. Só podia ser curado quando admitisse que tinha um problema.

Ou encontrasse uma droga melhor.

Ela estava prestes a dar um chute forte nas canelas de Dan com as botas de ponta de aço quando Jenny irrompeu pelas portas azuis e se atirou para o irmão como um filhotinho superanimado, quicando os peitos novos e tagarelando histericamente.

- Eu tenho *tanta coisa* pra contar a vocês! Ai, meu Deus. Hoje foi totalmente doido.

Acho que vou ter um ataque cardíaco! - Ela pegou o braço de Vanessa. - Eu ganhei! Eu superganhei o concurso do hinário. E é, tipo assim, tão irreal, porque eles gostaram dos anjos e tudo, mas o que realmente gostaram foi de minha caligrafia. Estou tão animada!

- Ela se atirou para Dan de novo, praticamente derrubando-o na calçada. - E, ai, meu Deus, é tão estranho... Todo mundo acha que Serena escreveu seus poemas, sabia, aqueles da Anônima? Todo mundo pensa que ela, tipo assim, gosta de mulher e que está magoada porque Blair tem namorado.

Dan piscou os olhos castanho-claros para ela. Quem era Blair? Era a menina com aquele doidão que ele acabou de ver? Será que Jenny estava falando a língua dele?

- Na verdade, não sei bem o que aconteceu, mas a Serena e a melhor amiga, a Blair, tiveram uma briga das grandes no refeitório na escola. Foi muito dramático. Vanessa viu. - Jenny olhou ansiosa para Vanessa. - Não foi dramático?

Ela franziu os lábios.

- Prefiro filmes estrangeiros.

Jenny revirou os olhos.

- E o que vamos fazer? Aonde vamos? Vocês são amigos de novo? Agora vocês estão, tipo assim, *saindo* juntos?

Vanessa se esforçou para não corar.

- De jeito nenhum. Somos descolados demais para isso.

Dan sentiu-se oco e encharcado, como madeira boiando até a praia.

- É estranho que pensem que eu sou ela - refletiu ele em voz alta, os pés agarrados no chão. Se ficasse ali por tempo suficiente, talvez Serena voltasse. Ele podia explicar que tinha escrito os poemas para ela. Ele a faria sorrir de novo.

- Vamos. - Vanessa passou o braço no de Jenny e seguiu em frente, deixando Dan para trás. Ele era um caso perdido - completa e inteiramente perdido. - Vamos encontrar outro assunto para conversar.

Como se isso fosse possível.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

conseguimos

Passamos por outro ano letivo. Agora você está usando óculos de sol Tracey Feith e espadrilles Tory Burch, você está lindamente bronzeadada, a cidade cheira a uma combinação inebriante de Coppertone e exaustor de ônibus, está fazendo uns 45 graus à sombra e você não tem que ir a escola por quase três meses. Eu sei que você já sabe disso - só eu não acredito em mim mesma. Chega de acordar ao amanhecer, chega de uniformes que irritam a pele, chega de dever de casa de trigonometria que deixa a cabeça zonzada, chega de ressacas tortuosas andando pela represa do Central Park durante a educação física, seguindo o professor feito lemingues, chega da professora de latim com bafo de bagel de cebola. O verão está aí para você. Onze semanas inteiras para fazer absolutamente tudo ou não fazer absolutamente nada. Ou talvez um pouco de cada.

seu e-mail

P: Cara GG,

Então, eu recebi uma foto daquela garota de cabelo castanho e crespo que devia dividir a cabana comigo na colônia de férias e de jeito nenhum ela tem 12 anos. Ela parece uma stripper, eu juro. Talvez ela tenha feito implantes, eles cometeram um erro e colocaram silicone demais. Se for verdade, então lamento muito por ela. Mas eles deviam ter uma colônia especial pra gente assim, sabia?

- bunkgrl

R: Cara bunkgrl,

Eles realmente têm uma colônia especial para gente como você: chama-se Colônia Reclamona. É totalmente divertido. Eu sei. Já fui lá.

- GG

P: Cara GG,

Minha irmã está tentando me matar. Não abertamente, mas ela pegou o pior emprego de verão disponível para a humanidade e fez isso para me torturar, eu tenho certeza. Ela começou hoje e chegou em casa fedendo a lata de atum podre. Agora toda nossa casa fede e eu não consigo dormir. Eu sou musicista, trabalho até tarde e meu sono é sagrado. Queria poder fazer alguma coisa para sabotar o emprego dela e ela ser demitida. Isso não é terrível?

- rubadub

R: Cara rubadub,

Sabotagem é o meu segundo nome.

- GG

P: Prezada GG,

Vou viajar amanhã para as férias de verão. Não vou ver minha namorada por mais de dois meses e quero dar a ela um presente de despedida, está me entendendo? Eu meio que sou novo nessa história, então qualquer sugestão seria bem-vinda.

- marinheiro

R: Meu caro marinheiro,

Você é uma graça. É tão lindo que você me peça um conselho. Acho que se você estiver em algum lugar confortável, se tiver velas acesas, tocar uma música suave e você disser coisas doces, tudo isso será bom. Mas é ela quem vai decidir se vai acontecer - não eu, e nem você. Entendeu?

- GG

flagras

N na Tiffany & Co. *Sozinho*. Procurando por alguma coisa especial para aquele alguém especial para ela se esquecer que você estragou completamente os planos de verão dela? **S** sentada no chão da Corner Bookstore na 93 com Madison, relendo vorazmente *A época da inocência*, aquela famosa história nova-iorquina de uma mulher rejeitada pela sociedade. Livros assim são muito mais significativos da segunda vez. **D** em um banco verde e quebrado no canteiro central no meio da Broadway na 96, fumando feito uma chaminé. Por favor, não me diga que é isso que ele pretende fazer o verão todo. **B** na Barneys, comprando toda a coleção de tênis Lilly Pulitzer. **N** no Central Park depois, fumando com uma sacolinha da Tiffany azul pendurada na cintura. Vai precisar de mais do que alguns tapas para se recuperar de ter gastado uma fortuna com uma coisa que cabe numa caixinha de veludo. Eu sei que dói, mas rapidinho ela vai te tascar um beijo para você se sentir melhor...

a verdade sobre o verão

Falamos nisso o ano todo: o romance de verão, a preguiça no sol, dormir tarde, ficar descalça. Mas a verdade é que nestas últimas semanas de agosto começamos a ficar ansiosas. Queremos usar nossas botas Miu Miu de cano alto e comprar casacos de novo; estamos loucas para voltar à escadaria do Met, tomar cappuccinos e descrever as particularidades de nossos verões em *detalhes*. Porque embora estejamos prestes a ter o melhor verão do mundo - e *vamos ter*, vocês vão ver! – sempre haverá aquela sensação de que estamos perdendo alguma coisa.

Não temam, a GG está aqui. Posso estar de férias, escondida atrás de meus novos óculos de sol Chanel gigantescos e chapéu de palha mole Philip Treacy, mas isso não quer dizer que vou ficar de boca fechada. Prometo contar tudo e qualquer coisa que mereça menção.

Vejo vocês na praia!

Pra você que me ama,

gossip girl

b só existe em uma cor

Era a segunda-feira depois do último dia de aulas e o ar estava pesado de umidade com a promessa de um verão quente e abafado. A bolsa de viagem vermelha de Nate estava pronta. Esta noite era a última antes de Blair ir para Newport e ele ir para o Maine. Esta era a noite que ele esperava, o grande bota-fora de verão - a noite em que ele e Blair finalmente iam transar. Nate preparara tudo: velas de almíscar Dipty-que, trinta de suas músicas preferidas tocando continuamente no iPod SoundDock, uma garrafa gelada de Dom Pérignon que roubou do bar do pai e um pacote de biscoitos Chips Ahoy - o preferido de Blair. A empregada estava de folga, então ele até fez a cama sozinho. E ele comprou outro presente para Blair na Tiffany.

Como se ele precisasse marcar mais pontos.

- Já que os planos de verão mudaram e você não usa mais o coração - disse Nate, apertando a caixinha azul-esverdeada da Tiffany na mão de Blair.

Ela abriu a tampa da caixa e a caixa preta de veludo. Dentro dela havia um delicado anel de ouro com um lindo rubi de um vermelho intenso. Era o anel mais lindo que ela já vira. Ela colocou o anel no dedo da mão esquerda e lançou os braços no pescoço de Nate. No filme que era a sua vida, ele acabara de lhe pedir em casamento e a resposta era sim, ah, sim. Sem dúvida nenhuma – *sim!*

Entra a camisa de força.

- Não estou mais chateada com você - disse-lhe ela num sussurro abafado. Ela estava tão feliz por ter encontrado outra utilidade para aquele pingente de ouro Elsa Peretti. O anel de rubi era muito melhor.

Nate sorriu ansioso para Blair, os olhos verde-esmeralda cintilando. Os pais dele estavam na última apresentação do Ciclo do Anel de Wagner. Só o que restava fazer agora era ficar nu.

E agora que era verão, não havia muito o que tirar.

As sobrancelhas benfeitas de Blair se arquearam de expectativa.

- Você vai ficar todo romântico comigo? - perguntou ela, adorando isso.

Nate passou as mãos em seus luxuriantes cabelos escuros.

- Vamos transar - murmurou ele, tentando não parecer ansi so. - Eu quero muito transar com você. - De algum modo as palavras eram tão familiares que ele sentia que já havia dito isso. Ou talvez só tivesse pensado tanto em dizer que parecia assim.

Blair colocou as mãos por baixo da saia Thomas Pink azul-clara.

- Eu sei, Natie. Eu também.

Todo o corpo dele formigou de excitação. Estava prestes a acontecer. Ah, que bom, que bom, que bom!

Calminha, moço.

Ele a puxou para mais perto e cobriu seus ombros, seu pescoço e a clavícula de beijos. Depois ele puxou as alças da blusa de verão Issa amarela com folhas de palmeira. Sem sutiã, só a Blair.

Ela recuou um passo e colocou as palmas das mãos de unhas recém-pintadas em seu peito macio e maravilhosamente sarado de lacrosse.

- Mas andei pensando muito nisso - disse-lhe ela com firmeza. - E acho que a gente deve esperar até agosto, quando eu voltar do casamento da minha tia na Escócia.

As mãos errantes de Nate pararam de vagar. De que diabos ela estava falando? Em Sun Valley, ela disse no verão; bom, agora era verão. Ele estava cansado de esperar.

- Mas... - ele começou a dizer. Foi então que uma música do Beck tocou no SoundDock. Nate parou de gostar dele quando descobriu que Beck era cientologista.

- Pense nisso. Vamos sentir loucamente a falta um do outro no verão. Nós vamos, tipo assim, imaginar como será finalmente ficar juntos. E depois, quando eu voltar, vamos transar, e então vamos ficar juntos *para sempre* - explicou Blair, como se tivesse decifrando o significado da vida.

Este seria o significado da vida segundo Blair.

- Mas...

Ela cravou delicadamente as unhas na pele do peito de Nate.

- É o que eu quero - insistiu Blair, indicando que a discussão estava encerrada. Ela passou as mãos pelos ombros dele e baixou para os braços, afagando-os por baixo das mangas de sua camiseta cinza. - Isso não quer dizer que não podemos mais nos beijar.

Nate arrancou a camiseta das mãos dela e foi até a janela aberta. Seu quarto ficava no último andar da casa da família e a janela por onde ele olhava dava para os fundos do prédio cinza de calcário. Três andares abaixo, a cobiçada fonte de Vênus de Milo da mãe gorgolejava no jardim. Vaga-lumes voavam no ar parado da noite. Música e risos ecoavam de uma janela aberta distante.

*She comes in colors everywhere,
She combs her hair,
She's like a rainbow*

A música o lembrava de Serena. Em sua mente, Blair só tinha uma cor - vermelha - mas Serena era mesmo como um arco-íris. Mas ela não penteava muito o cabelo; não precisava fazer isso.

Ele e Serena trocaram e-mails de vez em quando, mas raras vezes se viam. Ela já podia ter partido para Ridgefield - Nate não sabia. Ao que parecia, começavam amanhã os testes para uma peça que ela queria fazer. Serena de repente parecia tão ocupada. Ou talvez fosse ele que estivesse ocupado.

Ter namorada pode consumir muito tempo.

- Preciso tomar um banho - murmurou ele para Blair e se afastou. Ele bateu a porta do banheiro e abriu a água fria a toda. Depois abriu a gaveta de baixo da bancada com tampo de mármore e pegou seu suprimento de emergência: quatro baseados fininhos numa lata de Altoids. Ele pegou o Zippo prata no bolso e acendeu um. Normalmente ele não fumava na presença de Blair, mas ele se absteve a tarde toda porque pensou que finalmente ia transar. Esta história de esperar o estava enlouquecendo. Qual era o sentido de estar juntos se eles não podiam estar *juntos*?

Garotos.

Assim que Nate fechou a porta do banheiro, Blair abriu a gaveta de baixo do armário de mogno antigo que ele herdou do falecido avô francês. Ela aprumou a gaveta, procurando entre as pilhas de lã e cashmere pelo suéter verde-musgo com gola em V que dera a ele em Sun Valley. Encontrou o suéter e virou as mangas pelo avesso. Lá estava, o coração de ouro, ainda ali. Ela encostou os lábios e o beijou. Nate podia ficar magoado com ela por fazê-lo esperar, mas ele ainda estava com o coração dela na manga - ainda era dela, para o que der e vier. Quando eles finalmente transassem, seria tão incrivelmente perfeito que ele se esqueceria de ficar chateado. Valia a pena esperar - Blair tinha certeza disso.

Ela dobrou com cuidado o suéter e o colocou na bolsa de viagem dele. O Maine ficava muito ao norte. Certamente Nate ia precisar de alguma coisa para vestir nas noites geladas sem ela. Ela ajeitou a gaveta e pôs os outros suéteres de volta na melhor ordem que pôde. A fumaça de maconha vazava por baixo da porta do banheiro. *Você sabe que me ama*, escreveu Blair com um pincel atômico verde escuro numa folha de papel

branco da impressora. Ela encostou o bilhete em um dos modelos de veleiro na mesa de Nate, pegou a bolsa branca Celine e saiu. *A ausência deixa o coração mais apaixonado*, lembrou Blair a si mesma. Se ela tiver sorte.

S tem sorte por ter um irmão que não consegue ler seus pensamentos

- Mas então, acabei de terminar de ler *Franny e Zooey*, de J. D. Salinger - disse Erik van der Woodsen à irmã no trem Metro-North que saía da Grand Central e descia o longo túnel escuro, partindo da cidade. - É o cara que escreveu *O apanhador no campo de centeio*. Você leu esse, não leu? - Enk fitou a irmã com os olhos azuis tão escuros e grandes quanto os dela. O cabelo louro claro e ondulado roçava os ombros cobertos por uma camiseta cinza da Brown. Quase todos que os conheciam achavam que eram gêmeos.

Serena assentiu enquanto pegava um ChapStick cereja na bolsa Coach de lona laranja. Ela mal estava ouvindo. Nem acreditava que ia para Ridgefield, passar outro verão com a família. Era tão esquisito. E tão deprimente.

- Mas então, esse livro não é tão bom. Na verdade, é bem chato. Toda aquela história de religião que eu não esperava mesmo. De qualquer forma, você me lembrou da menina no livro, a Franny. Quer dizer, você me lembra dela agora. Ela é, tipo assim, totalmente deprimida, e o irmão dela, Zooey, tenta ajudá-la sair dessa. Ele é meio um sujeito metido a esperto, mas é bacana que ele se importe.

Serena estava sentada entre a janela e Erik. O trem subia pelo túnel em direção à superfície perto da rua 125.

- Não estou deprimida - disse ela aos edifícios altos que pareciam deprimentes. - Estou... - ela parou e fechou a boca com ChapStick. Se dissesse mais alguma coisa, ia chorar. Em vez disso, afastou a cabeça da janela, tombou no ombro musculoso e conhecido de Erik e deixou que ele afagasse seu cabelo. - Só estou feliz por sair daqui - ela suspirou, fechando bem os olhos para reprimir as lágrimas.

- E eu estou feliz por a gente ficar junto neste verão. - Erik estaria trabalhando no Ridgefield Polo Club, servindo bebidas na sede ao ar livre ao lado do campo de polo. Ele só tinha 17 anos, mas de algum modo conseguiu o emprego de bartender mais cobiçado do verão em Connecticut. Serena tinha a sensação de que não veria muito o irmão depois que ele fizesse amizade com todos aqueles jogadores de polo e chegasse em algumas amazonas bonitas.

Nate podia ser o amor de sua vida, mas Erik era o seu cavaleiro da armadura reluzente. Na primeira vez em que ela ficou menstruada, a família estava velejando pelas Ilhas Gregas. Serena ficou constrangida demais para contar à mãe, então Erik mergulhou na água, nadou até a cidadezinha mais próxima e nadou de volta com absorventes Sayfree num saco plástico amarrado na cabeça. Em toda véspera de Natal, desde que eles eram bebês, eles desciam de fininho a escada da casa em Ridgefield no meio da noite, desembrulhavam os presentes e os embrulhavam de novo. Eles dirigiram a Mercedes sedan da família até uma vala e a deixaram lá, afirmando que não faziam ideia de como fora parar ali. Eles ficaram acordados até o amanhecer quase toda noite de verão conversando sem parar, fingindo que eram ótimos filósofos. Se Serena devia ficar triste com alguém, escolheria Erik. Ele a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa. Mas ela ainda não conseguia criar coragem para contar o que havia de errado. Afinal, eles

iam passar todo o verão juntos e ela não suportava a ideia de ele zanzando em volta dela, preocupado, quando só o que ele queria fazer era beber cerveja e ouvir música na piscina com os amigos do colégio interno.

Altruísta como sempre, mas não foi o altruísmo que a colocou nessa confusão, antes de tudo?

Ela recolocou a tampa no ChapStick e o devolveu à bolsa. O barquinho de argila que Nate fizera para ela estava por cima. Enquanto o trem ganhava velocidade ao passar pelo Bronx, ela o pegou e o segurou. Era ridículo, ela sabia disso.

Mas era tudo o que tinha.

cabeça de peixe, olha a cabeça de peixe gordinha

- Me dá uns pargos desses aí. Cinco o quilo? É uma pechincha, né? Me dá meio quilo e umas patas de caranguejo. Uma dúzia.

Vanessa escavou os peixes mortos com a luva de látex e os baixou num pedaço novo de papel encerado. Havia alguma coisa sumamente satisfatória em trabalhar na peixaria de Williamsburg. A loja era chamada Brok, que nem era uma palavra, pelo menos não em inglês. Fedia a peixe cru. Tinha sangue de peixe nos cadarços pretos do Doc Martens. As pessoas a achavam engraçada quando ela as atendia, como se dissessem, *O que é que uma menina careca, toda vestida de preto e com 16 anos está fazendo num lugar desses?* Ela não distinguia um bacalhau de um esturjão, mas a loja tinha o ar-condicionado no talo e ela adorava a intensidade áspera de cortar peixe cru com um cutelo. Ela até passou a usar uma rede na cabeça careca. Comprou uma preta, assim sua cabeça meio que parecia um dedão gigante do pé numa meia arrastão preta.

Mas que coisa linda.

Vanessa era a única empregada que falava inglês. O chefe era russo e todos os colegas eram velhos chineses. Eles brincavam com ela e apontavam sua cabeça como se fosse a coisa mais engraçada do mundo, mas ela só apontava para a cabeça deles e ria também. O peixe era uma linguagem universal. Quando ela precisou de ajuda para discernir a diferença entre perca chilena e vermelho, Vanessa apontava para os pôsteres encerados com fotos legendadas de peixes vivos que decoravam as paredes e os amigos chineses apontavam as postas e filés que ela procurava nas caixas de vidro. Eles a ensinaram a pesar e fatiar solha. Ela cortava as cabeças e espremia as tripas. Era incrível.

- Ei, fedorenta. - Ruby entrou na loja enquanto saía o cara do pargo-e-patas-de-caranguejo. - Eu disse a meu baterista que vou levar umas vieiras para ele. Vai me dar grátis, né? - Ruby estava com a calça de couro roxa preferida e uma camiseta preta com as mangas cortadas que dizia P - A! na frente. Ela sempre angariava um monte de olhares quando usava essa camiseta.

Mas o sentido era esse mesmo.

Vanessa olhou para Hon, o amigo chinês de cabelos brancos da peixaria que estava atrás dela. Depois apontou para a calça da irmã e cobriu a boca, fingindo rir, como se fosse a calça mais ridícula que já vira na vida. Ruby a fuzilou com os olhos.

- Pelo menos não fico fedendo a vagina de atum crua.

Essa foi boa.

Vanessa enfiou um punhado de vieiras num saco de plástico transparente e amarrou um nó no alto do saco. Pareciam lóbulos de orelha ensopados. Ela entregou o saco a Ruby.

- Por conta da casa.

- Belo corte. - Ruby balançou o saco na frente. – Podia pelo menos me dar um saco de papel pardo para que eu não seja presa por esquartejar meus filhos ou coisa assim? - Ela semicerrou os olhos castanho-escuros para a irmã. - Você tem o comportamento de alguém que terminou com o namorado e decidiu ficar toda fedida para o caso de ele querer voltar. Como se estivesse tentando ser o mais repulsiva possível. - Ela tombou a cabeça, as pontas brilhantes do cabelo preto roçando o ombro. - O único problema é que não tem namorado para terminar com ele.

- Eu gosto daqui - explicou Vanessa, tensa, e passou à irmã um saco de papel encerado. Alguma coisa no saco de vieiras a lembrava de Dan. Ela não o via desde que ele foi à escola para se desculpar, há mais de um mês. É claro que ela ainda pensava nele o tempo todo, mas não ia perder seu tempo com alguém que estava apaixonado por Serena van der Woodsen. Parte do motivo para ela ter ficado com o emprego no Brok foi que, em primeiro lugar, era um emprego que Serena jamais teria, nem em um milhão de anos. O outro motivo era que, se por algum motivo totalmente fortuito Dan aparecesse em Williamsburg procurando por ela, ia fugir aos gritos quando sentisse o cheiro dela. Depois ela ria por último.

Pelo menos, essa era a mentira esfarrapada que ela contava a si mesma.

Ela olhou a irmã espremer o saco plástico cheio de vieiras cruas no saco de papel branco. O problema com Dan era que ele tinha lóbulos de orelha lindos e seus poemas eram muito bons mesmo.

E o problema das peixarias é que elas são mesmo muito poéticas.

arrasada em malariópolis

A Colônia Bridgehutter em Wooten, Pensilvânia, acabou se revelando um programa de artes bem bacana. Os frequentadores eram estimulados a rolar na tinta, fazer moldes de gesso do corpo dos companheiros e tecer roupas para o outro. Tudo na arte era feito à mão, o que significava que pincéis, apontadores de lápis, tesouras e rodas de cerâmica eram estritamente proibidos. Os frequentadores deviam "usar sua matéria-prima" para fazer arte, o que significava que tinham de usar o próprio corpo ou coisas que encontravam no bosque para espalhar a tinta, moldar a argila ou cortar a madeira.

Esperemos que eles possam usar papel higiênico.

Jenny gostava de pincéis, tesouras e apontadores. Ela não queria usar uma pedra para cortar uma porcaria de pedaço de papel ou uma vareta infestada de formigas para misturar a tinta. Estava na colônia há quase duas semanas e podia seguramente dizer que a odiava. Todo o lugar fedia a manteiga de amendoim orgânica rançosa. Sua cabana era úmida. Tinha aranhas no boxe. O colchão tinha cheiro de xixi e guinchava como louco. Parte de seus professores de arte era legal, mas era difícil ficar animada quando se tinha de cinzelar madeira com uma pedra. E seus peitos se recusavam a parar de crescer. Seu pai lhe mandara um pacote cheio de marshmallows, chocolate Cadbury e bolinhos Hostess no segundo dia de colônia de férias porque ele já sentia muita falta dela, mas ela jogou fora, por medo de que toda aquela gordura e açúcar só aumentassem ainda mais seus peitos. E por medo de que as meninas más de sua cabana ficassem ainda mais más.

- Ela parece que *bebeu* a coisa que colocaram nos implantes dos peitos - disse Rachel Werner à melhor amiga e colega de cabana, Jill Dube, num sussurro meio alto. Rachel e Jill eram de Delaware e este era seu segundo ano na Colônia Bridgehutter. Elas

solicitaram a minúscula cabana 5, apelidada de Malariópolis por causa de todos os mosquitos. Mas a colônia tinha lotado e elas foram obrigadas a ficar com Jenny ali. Rachel tinha cabelo louro ondulado caindo pela cintura que ela gostava de exibir balançando-o ao lado da luminária de leitura no beliche de cima, bloqueando a luz de Jenny. Jill colocava o cabelo castanho liso num rabo de cavalo todo dia e fazia as unhas dos pés toda noite. Ela trouxe vários frascos de esmalte, junto com um kit de pedicure muito abrangente Bliss Spa.

É essencial manter as unhas dos pés bem-aparadas e pintadas quando se está vasculhando o bosque em busca de pedras e galhos úteis.

- Quer dizer silicone? - propôs Jill.

Rachel deu uma risadinha.

- É. Ela parece que bebeu e seus peitos inflaram totalmente.

Hoje estava chovendo, então Jenny e as colegas de beliche estavam presas na cabana pelo resto do período de duas horas do almoço até que começasse a aula de tecelagem. Jenny tinha tecido um conjunto de quatro guardanapos de cânhamo verdes e amarelos. Estava louca para mandá-los para o pai - ele ia ficar tão orgulhoso. Jenny está deitada no beliche de baixo, fingindo ignorar os cochichos desagradáveis acima dela enquanto lia *A época da inocência*, de Edith Wharton, um dos livros da lista de leitura da Constance Billard para o verão. A pobre condessa Olenska era totalmente proscrita por todos de Nova York simplesmente porque era bonita e queria se divertir um pouco depois de deixar o marido mau e velho na Europa. *Que bom para ela*, pensou Jenny, perguntando-se brevemente que tamanho de sutiã usaria a condessa Olenska se vivesse nos tempos modernos.

Ela dava uns tapas em si mesma enquanto lia, matando três mosquitos que curravam sua panturrilha. Os mosquitos na Colônia Bridgehutter eram furiosos e vorazes. Eles voavam em seu nariz e se banquetavam na carne entre seus dedos. Ela coçou, infeliz, uma velha picada no joelho, espalhando sangue em toda parte. Podia-se dizer com segurança que Serena van der Woodsen jamais foi à Colônia Bridgehutter. Jenny teria percebido as cicatrizes. Neste momento Serena devia estar estirada nas areias brancas de uma praia no sul da França, só com a calcinha de biquíni Gucci e os óculos de sol Chanel.

A chuva caía aos baldes do lado de fora da cabana. Toda vez que olhava pela janela para o ambiente densamente arborizado e úmido, Jenny ansiava pelo ambiente de asfalto, calcário e tijolos de sua cidade. Ela mal conseguia dormir com o persistente *chip-chip* dos grilos. Vou dar uma sirene de polícia a ela um dia desses. A porta de tela da cabana se abriu num rompante e um cara desajeitado, ensopado, ruivo e sardento que Jenny tinha visto pela colônia colocou a cabeça para dentro.

- Oi. - O rapaz a cumprimentou como se ela fosse a única presente, embora Rachel estivesse deitada no beliche acima de Jenny e Jill estivesse no alto do outro beliche. Jenny pôde senti-las espiando curiosamente de cima. - Meu nome é Matt. Você é Jennifer Humphrey, não é? - Ele estava com um calção de banho e mais nada. O corpo era magrelo, queimado de sol e mordido de mosquitos.

Jenny assentiu, corando ao ver suas costelas nuas e molhadas de chuva. Como ele sabia o nome dela? Ela teve medo de dizer alguma coisa de que Rachel e Jill pudessem zoar mais tarde e teve medo de se mexer, para que seus peitos não fizessem alguma coisa constrangedora sozinhos. No início de junho, ela ia aumentar o tamanho do sutiã para GG, mas ela estava presa ao sutiã polonês porque eles davam mais cobertura.

Parece que ela precisa mesmo.

- Eu só queria dar um alô - disse-lhe Matt. O nariz dele era pequeno e arrebitado como de uma boneca e ele era totalmente coberto de sardas. Seus olhos eram azul-claros, e os

dentes eram pequenos e retos. Ele era meio desajeitado e parecia bobo, mas que menino dessa idade não é?

- Oi - guinchou Jenny. Ela queria que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele só ergueu a mão numa saudação e a porta de tela bateu a suas costas enquanto ele voltava a disparar para o bosque chuvoso da Pensilvânia.

- *Salve, gritem, campistas, salve!* - cantaram Rachel e Jill no alto, rindo histericamente, como tantas vezes fizeram.

Se Serena estivesse aqui, teria pensado em alguma coisa inteligente para dizer, mas Jenny limitou-se a segurar o livro aberto diante da cara, o rosto em chamas e a mente disparando. Matt era uma gracinha e parecia superlegal. Talvez ela estivesse se transformando no tipo de menina que teria mais amigos homens do que mulheres. Ela e Dan sempre se entenderam, então isso fazia algum sentido. As meninas pareciam odiá-la agora, antes até que ela abrisse a boca. Os homens eram mais compreensivos.

Hummm. Por que será?

d já achou

- Dê uma lida nessa pilha aqui e me diga se acha que alguma coisa que vale ser salva - o pai de Dan o instruiu de manhã, indicando a pilha de manuscritos e jornais amarelados embaixo e em volta da mesa no pequeno escritório abarrotado ao lado de seu quarto. Dan quase queria ter ido para uma colônia de férias com a irmã em vez de se oferecer para trabalhar para o pai. Ele teve a ideia muito idiota e irreal de que em algum momento neste verão Serena ia esbarrar nele por acaso, descobrir que *ele* era o autor de todos aqueles poemas de amor maravilhosos escritos pela Anônima e se apaixonar loucamente por ele.

Mas é claro que, como a maioria dos moradores do Upper East Side com algum senso, Serena tinha fugido da cidade insuportável de quente e foi para o campo. A prova de seu paradeiro estava na seção Styles do *New York Times* de hoje, que por acaso estava aberto na frente de Dan, na mesa de metal arranhada do pai. *Serena van der Woodsen, 15 anos, filha de Lillian e William van der Waodsen, no 64º Torneio Anual do Ridgifield Polo Club*, dizia a legenda de uma foto em que ela estava com óculos de sol brancos e espadrilles de renda amarelos, o cabelo louro claro derramando-se descuidadamente nos ombros bronzeados e perfeitos.

Dan abriu a gaveta da mesa do pai e pegou uma tesoura. Com o cuidado de não puir as bordas, ele começou a cortar a foto de Serena e a legenda. Depois parou. Que tipo de pessoa com respeito próprio coleciona imagens de uma menina que nem falava com ele? Mais um pouco e ele ia fazer uma tatuagem no peito de "Serena Para Sempre" e comeria ração de gato direto da lata.

Pelo menos ele teria uma refeição equilibrada.

Ele fechou os olhos, rasgou toda a página do jornal, amassou numa bola e atirou no cesto de papéis do pai, onde a bola caiu com um som oco. Depois pegou uma pilha de papéis no chão e começou a organizar. Rufus devia ser a pessoa mais desorganizada do planeta. Seus papéis eram como seu cabelo e suas roupas - totalmente birutas. Havia contas de médico, palavras cruzadas, alguma coisa escrita aleatoriamente num pedaço de papel, ensaios em russo impressos em papel colorido e estranhos parágrafos datilografados de pensamentos profundos e quase inspiradores que só podiam ter sido escritos pelo próprio Rufus:

In Watermelon Sugar de Brautigan não foi uma divagação de um louco, inspirada por uma onda de ácido. O homem era mais poeta do que Whitman, superando *Song of Myself*. Aspire a Brautigan e produza Whitman. A originalidade é a chave.

Rufus apareceu na soleira enquanto Dan ainda estava lendo.

- Encontrou alguma coisa? - perguntou ele com esperança.

Dan olhou para o pai do pedaço de papel sujo de café e vincado. Ele vestia uma calça de tweed marrom de 1917 que parecia agradável, combinada com uma blusa de gola rulê Lacoste laranja e manchada com as mangas cortadas e um par de tamancos Dansko de couro perfurado. O pequeno crocodilo verde empoleirado em seu mamilo esquerdo estava parcialmente descosturado, então parecia que nadava para salvar a própria vida. O cabelo desgrehado e crespo de Rufus estava numa trança presa com a corda vermelha e branca da caixa biscoitos que ele comprou na padaria italiana esta manhã. Ele parecia Paul Revere em uma viagem de cogumelo.

Publicado na edição de julho da *Men's Vogue*. Até parece.

- O que exatamente eu devo procurar? - Dan pensou que devia só jogar fora a porcaria velha do pai e abnr espaço no escritório de novo, e talvez escrever alguma coisa digna de ser guardada.

- Isso! - berrou Rufus para ele, as narinas tão infladas que Dan podia ver sua floresta de pelos pretos no nariz. - Você deve encontrar a pepita, a coisa.

Dan não fazia ideia do que o pai estava falando.

- Pepita? - repetiu ele. A palavra parecia um tanto pornográfica, como "As joias da família", um eufemismo para as bolas.

Rufus puxou os lóbulos das orelhas e passou as mãos na barriga distendida.

- Olha, garoto, quero escrever o romance, mas não tenho tempo para conseguir toda a inspiração novamente. Estou velho demais para isso. - Ele agitou os braços nus e flácidos. - Este escritório está cheio de inspiração. Eu andei inspirado por anos! Contratei você para encontrar a fonte, o núcleo de inspiração que vai dar a partida ao espetáculo de fogos de artifício. Entendeu? - Seus olhos castanhos, remelentos e injetados se esbugalharam de empolgação.

Dan acendeu um Camel e terminou a caneca de café instantâneo, sentindo-se subitamente deprimido. O escritório do pai tinha uma janelinha que dava para a West End Avenue, mas estava completamente bloqueada pelo ar-condicionado barulhento as estava. Na maior parte dos dias, Rufus ficava em seu escritório de porta fechada, fumando e batendo numa velha máquina de escrever, saindo somente para cozinhar ou fazer compras para uma de suas misturas horrendas. Ele usava roupas descasadas compradas no Exército da Salvação ou encontra das na rua. Parte de seus amigos anarquistas dormia em bancos no Riverside Park simplesmente porque se recusavam a se conformar. Ele sustentava Dan e Jenny com os direitos autorais do livro de seu pai, a biografia de um pintor russo obscuro, que Rufus conseguiu traduzir para o inglês.

- Você não devia fumar - disse-lhe Rufus, pegando um dos cigarros de Dan no maço e acendendo para si mesmo. - Torra o seu cérebro.

Para não falar dos pulmões.

Ainda assim, fumar com o pai enquanto tinha uma discussão literária era muito maduro. Dan se sentia meio *cool*, como se já estivesse na faculdade.

- Mas como saber quando encontrei? - perguntou ele, soprando uma fumaça fina para o teto branco e rachado. Ele enfiou o polegar no fundo da caneca vazia de café e tocou de leve o conteúdo.

- Vai falar com você - explicou Rufus, atirando a cabeça para trás e soprando uma série de desagradáveis anéis de fumaça. – Você simplesmente vê e pensa que deve haver mais. Não está pronto. Então é sua tarefa virar o hambúrguer e terminá-lo.

Dan lambeu o polegar e franziu a testa. Só seu pai compararia processo de criação com virar hambúrgueres.

Rufus apagou o cigarro no solado de madeira de um de seus tamancos e colocou a guimba na lixeira.

- Vou ter que sair para comprar cardamomo. - Ele levantou a mão para Dan bater. - Grite quando encontrar. Estou contando com você, garoto.

Assim que o pai saiu, Dan pegou na lixeira a página embolada da seção Styles. Abriu-a e baixou na mesa, alisando as rugas com a parte plana da mão e limpando os restos das cinzas de cigarro do pai. Lá estava ela de novo, com o vestido de verão branco, sorrindo para a câmera com aqueles olhos azuis tristes e sedutores. Dan não precisava vasculhar uma pilha de porcaria inútil para encontrar sua pepita. Ele já a encontrou.

Sim, mas é o que nós vamos *fazer* com nossas pepitas e nossas joias de família é que faz toda a diferença.

se ao menos o capitão pulasse do navio

- Você precisa se certificar, filho, que não fiquem espaços. Queremos que fique firme. O máximo possível - disse o capitão Archibald a Nate enquanto eles andavam de quatro, martelando pranchas de madeira no convés do iate de cruzeiro de 80 pés que estavam construindo juntos. O barco teria o nome de *Charlotte*, grande dama da sociedade de Nova York e mãe do capitão, avó de Nate, e um dia Nate pretendia velejar pelo mundo nele. Ele já podia imaginar a partida do porto em Mt. Desert Island, içando as velas e velejando para o azul - só ele e o enorme suprimento de maconha que ele embalaria em Ziplocs individuais à prova d'água para a viagem. O suficiente para durar pelo menos seis meses.

E por falar em maconha, era a última semana de junho e estava um inferno de quente, em especial no Maine. Nate estava preocupado com suas plantas. Ele começou uma mini-horta sozinho, atrás da casa de barcos - dez plantas de marijuana com sementes que tinha comprado online da Tailândia. As sementinhas tinham germinado desde que ele as plantou há duas semanas, mas o sol direto e o calor de 32 graus podiam cobrar seu preço dia após dia, em especial quando Nate só podia escapulir para aguçá-las no meio da noite, depois que os pais fossem dormir ou saíssem para uma festa. A casa de barcos ficava perto da margem, a 700 metros da casa, então ninguém encontraria as plantas, a não ser que estivesse procurando. Mesmo que nunca dessem em nada, era meio divertido vê-las brotar e desenvolver as folhas. Ele tinha orgulho delas.

Tá legal, Peter Rabbit, mas cuidado com o Mr. MacGregor.

Nate engatinhou até um ponto que o pai tinha deixado passar e bateu o prego na prancha até que a cabeça desapareceu. A carcaça do *Charlotte* foi montada em quatro imensos cavaletes de madeira do lado de fora da casa de barcos, a 150 metros da margem. Construir o barco tinha sido incrível até agora - o bom e antiquado trabalho braçal -, desde que o pai não tentasse conversar muito com ele.

E desde que ele fumasse um bem grosso atrás da casa de barcos antes de pegar no batente.

O capitão Archibald era um perfeccionista total, então mesmo que Nate estivesse doidão o tempo todo, ele não poderia ferrar alguma coisa. O cara da madeira tinha cortado cada peça no tamanho certo e basicamente construiu o casco para eles. Só o que Nate tinha de fazer era bater os pregos, aplicar o selante e dar um bom carma ao barco. Ele andava com vibrações positivas ultimamente. Vibrações positivas e sexo. Só o que tinha de fazer era continuar positivo, construir o barco, passar pelo verão e logo ele teria sexo com Blair. Esperar era um saco, mas em breve ele não esperaria mais.

As ondas batiam na praia e gaivotas guinchavam no alto. O ar tinha cheiro de uva-do-monte e sal. Do outro lado do grupo de bordos que escondiam os anexos, assomava a mansão branca e colonial dos Archibald, com suas vinte janelas triangulares e venezianas vermelhas e alegres. O gramado luxuriante era margeado por canteiros de flores num paisagismo requintado e rolava colina abaixo como um magnífico tapete verde de 400 metros até o mar agitado e cinzento.

- Me diga uma coisa, filho - o pai de Nate começou, em sua voz autoritária de capitão-do-navio enquanto se deitava de bruços, semicerrando os olhos para a proa aberta do barco para ver se estava no nível. - Fale-me das garotas de sua vida. Como está aquela menina adorável dos van der Woodsen, a Serena? E a outra, a filha do advogado. Qual é o nome dela?

- Blair. - Nate pegou uma prancha e se agachou a estibordo com ela na esperança de sair do alcance do pai. Para desânimo dele, o pai engatinhou atrás.

- Coloque reta - ordenou ele, pairando diretamente sobre as costas nuas e bronzeadas de Nate. - Se estragarmos isso, vamos ter que refazer todo o projeto.

Mas sem pressão, nem nada.

O capitão Archibald passou um nivelador ao filho, depois pensou melhor e tirou a prancha das mãos de Nate para ele mesmo ajustar.

- Sei que você prefere fingir que essas meninas são só suas amigas. Mas posso apostar que é um pouco mais do que isso.

Mas que discernimento.

Nate se sentou sobre as coxas e viu o pai exagerar na atenção dada à peça de madeira de 1,5 m. O capitão Archibald estava com calça de flanela cinza e uma camisa J. Press azul-clara, para dentro da calça, com uma camiseta por baixo, e TopSiders. Era seu uniforme informal padrão, mas Nate não entendia como ele suportava com aquele calor.

- A Blair é minha namorada - esclareceu ele, corando um pouco ao dizer isso. - E Serena é minha... - ele se interrompeu.

- Amante? - sugeriu o capitão Archibald, querendo ser útil. Ele se sentou com um brilho de diversão nos olhos verde-escuros. Com o cabelo liso e bem penteado e a atitude régia, ele teria sido um cara bonito se não fosse tão durão.

- Ela é minha amiga - esclareceu Nate com firmeza. - A Blair é muito inteligente - acrescentou ele, surpreendendo a si mesmo. - Ela quer ir para Yale. - Ele se sentia bem elogiando Blair daquele jeito. Fazia com que se sentisse um bom namorado.

O pai lhe passou um martelo.

- Delicadamente, mas com firmeza - instruiu ele. - Se bater com muita força, pode danificar a integridade da madeira.

Sim, senhos, HMS *Pé no saco*, senhor!

Nate bateu mais alguns pregos enquanto o pai olhava. Ele ficou tentado a ferrar tudo para que o pai o expulsasse do projeto e ele pudesse passar o resto do verão na praia, ficando chapado. Mas ele realmente adorava velejar e queria que o barco fosse construído.

- Cuidado para não distraí-la demais - aconselhou o capitão, pegando outra prancha. - Ela vai precisar estar por cima para entrar para Yale.

Nate se sentou de pernas cruzadas no convés parcialmente construído, esfregando os braços musculosos e doloridos. Ele sacudiu a cabeça enquanto o pai continuava a trabalhar. Alguma coisa do que seu pai acabara de dizer implicava que o próprio Nate jamais seria bom para Yale. Ele era só uma distração, como um dia de sol ou um abelhão. O pai nunca entenderia como ele acalmava Blair e a distraía quando ela estava aborrecida com os pais dela. Que ele lhe comprou um sorvete de baunilha Ben & Jerry ou Chips Ahoy depois do tems para que ela comesse mais. Ele atirou o martelo para fora do barco, no mar de grama heterogênea.

- Vou parar por dez minutos, pai. Quer alguma coisa?
Um tapa do baseado? Um traguinho?

rapunzel, rapunzel, jogue suas tranças

Blair sabia que era um tanto imaturo, mas ia passar o último mês na casa do pai em Newport, Rhode Island, olhando os veleiros na baía, devaneando sobre transar com Nate e brincando de se produzir. Cada item do guarda-roupa de sua mãe tinha sido usado mais de duas vezes ou estava pequeno demais, e estava guardado em um armário de cedro do lado de fora do quarto de Blair, então as fantasias eram ilimitadas. O pai devia mandar as roupas de volta para a cidade como parte do acordo de divórcio, uma vez que ele ia ficar com a casa de Newport, mas eles estavam muito longe de um acordo, então as roupas continuavam ali, para Blair brincar.

Havia o vestido de noiva de Eleanor, um Carolina Herrera marfim sem alça e bordado dentro de num imenso saco de celofane transparente. O terninho de veludo roxo que Eleanor tinha mandado fazer sob medida para ela na boutique de Yves Saint Laurent em Paris quando ela ainda era tamanho infantil. E os sapatos - filas e mais filas de sapatos de cada estilista que se podia imaginar, especialmente Prada, que sempre foi o preferido de Eleanor. Salto alto, plataforma, sandálias - todos de um tamanho grande demais para Blair, mas ainda assim bons para brincar.

Nesta tarde abafada de julho, o pai de Blair e o pedaço de homem flamejante francês, Jacques, Jean ou sei lá que nome tinha, estavam jogando em duplas com outro casal gay que conheceram no clube na cidade na noite anterior. Blair levou para o closet da mãe a tesourinha de unha que usava para aparar as garras de Kitty Minky e começou a abrir o saco de celofane que continha seu vestido de noiva Carolina Herrera. Ela sabia que não devia fazer isso, mas a mãe não ia saber que foi ela. Ela imaginaria que Harold e seus amigos gays vestiram as roupas dela e fizeram uma festinha gay *Paris is Burning*.

E depois os advogados dela podiam pedir *mais* um milhão de dólares.

- Tire a cabeça do saco, seu bobo - Blair alertou Kitty Minky, afastando delicadamente o gatinho cinza para ele não se asfixiar. O Russian Blue lindo e meio crescido se divertia pulando em uma das bolsas de alça de bambu Gucci de Eleanor, brincando de esconde-esconde.

Blair deslizou o vestido para fora de seu cabide de cetim branco acolchoado e deixou que o vestido de verão verde limão Crew caísse no chão. Depois entrou no vestido de noiva e o fechou. Incrivelmente, cabia quase à perfeição. Embora fosse impossível imaginar, 17 anos atrás sua mãe gorducha e esquisita quase tinha o mesmo corpo da filha.

É incrível o que quase duas décadas de antidepressivos podiam fazer com uma pessoa.

Um par de sandálias douradas Prada com salto 10 acenou para Blair. Blair o colocou nos pés e bateu os saltos pelo corredor até seu quarto enorme. Examinou seu reflexo no espelho. Seria esse o vestido que usaria quando se casasse com Nate? Ela ia ter diamantes, é claro, e um penteado complicado tipo Maria Antonieta. Ela torceu o nariz criticamente e se afastou do espelho. Jamais gostou muito de tomara que caia, e como poderia resistir a comprar um vestido novo para seu próprio casamento?

Sua casa de bonecas vitoriana de quatro andares estava em seu tablado de madeira diante de uma série de águas-furtadas com caixilhos fundos, as almofadas com listras cor-de-rosa. A casa de boneca tinha sido feita especialmente para Blair, tendo como modelo a casa de Newport. O maior quarto do andar da casa de boneca era uma réplica exata de seu quarto, até em detalhes como os abajures de cetim rosa e o tapete redondo e grande de lã adornado com peônias rosa em plena floração. Em vez de pessoas, camundongos feitos de pelo de coelho cinza e vestidos com primorosas roupas de cetim habitavam a casa de boneca. Numa recente expedição de antiguidades do pai, ele encontrou um gatinho cinza de pele de coelho. Dormia na versão de boneca da cama de bronze de Blair, uma miniatura de pelo de coelho de Kitty Minky.

Blair pegou a mamãe camundongo, trajada com um vestido Laura Ashley floral e imbecil e avental de renda branco, e sentou-a na privada do banheiro do primeiro andar. Depois colocou o papai camundongo, que usava um paletó de smoking de veludo vermelho e calça de smoking, na banheira com pés em garra da suíte master. Em seguida, ela dispôs o mordomo camundongo, que era gordo, inchado e tinha um nariz vermelho imenso, em cima do papai camundongo. Por fim, ela atirou o irmão mais novo camundongo, um anão branco que exibia macacão de brim e um gorro de lã vermelho, em sua cama real para Kitty Minky espancar e mastigar. Torturar os camundongos da casa de boneca era um dos passatempos preferidos de Blair.

E era tão terapêutico.

Ela pegou o celular e discou para Nate, empoleirando-se delicadamente no peitoril da janela enquanto esperava que ele atendesse. Do lado de fora, o dramático gramado do pai rolava verde para o mar. Veleiros subiam e desciam nas ondas, parecendo pequenos o bastante para sua casa de camundongos. À esquerda ficava a quadra de tênis de saibro. O pai e o "parceiro" francês, provavelmente ainda de ressaca da festa gay da noite anterior, estavam sendo esmagados pelas vizinhas mamães de meia-idade.

Blair devia ter se sentido culpada por estar dentro de casa num dia tão lindo de verão, mas no restante do verão ela pretendia cultivar a persona de uma linda donzela trancada em sua torre de marfim – até o dia em que finalmente transasse com Nate. E parte desta imagem era paquerá-lo impiedosamente ao telefone.

- Oi. – Nate enfim atendeu, parecendo meio desligado. – Eu estava pensando em você – acrescentou ele com doçura.

Blair queria dizer que estava com o vestido de noiva da mãe, pensando totalmente em sua noite de núpcias, mas não queria que ele achasse que ela era louca.

Como se a essa altura ele já não soubesse disso.

- Só mais cinco semanas - sussurrou ela. - Estou louca para ficar nua com você - acrescentou ela num tom de zombaria. Ela ergueu o pé com a sandália dourada e alisou as dobras do vestido de tafetá de cetim branco.

- Eu também - concordou Nate. - Eu penso nisso o tempo todo.

A meia verdade do mês.

Blair sacudiu a cabeça, o cabelo comprido e castanho ondulado abrindo-se em leque em seus ombros nus. Ela se sentia exatamente como Rapunzel, presa em sua torre incrivelmente alta, esperando pelo príncipe elegante. Ela se levantou e ajustou o

mordomo camundongo para que seu nariz vermelho e inchado ficasse diretamente na virilha da calça de smoking do papai camundongo.

- Ah, Nate, estou com tanta saudade.

Nate não disse nada. Ela sabia que ele provavelmente estava pensando que os dois podiam ter transado em Sun Valley, ou antes que partissem para o verão. Mas ele ia ficar feliz por ela o fazer esperar – ela ia se certificar disso.

- Como está seu barco? - perguntou ela, mudando de assunto. - Vai batizá-lo com meu nome?

- Nós o batizamos de *Charlotte*.

Os pelos da nuca de Blair eriçaram. Ela pôs a mão no peito para evitar que o vestido caísse no chão. Quem era essa *Charlotte*, porra?

Justo quando você acha que sabem tudo um do outro...

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

um esquema de noite de verão

O verão está pela metade, mas andei pensando: se eu conseguir que todos nesta gloriosa praia aqui comigo assinem uma petição para que as aulas comecem um *mês* depois do Dia do Trabalho em vez de uma *semana* depois, talvez o prefeito possa aprovar uma nova lei. É só a cidade que importa. Desculpe, gente, mas o pessoal da cidade precisa relaxar. É de todo esse tempo pisando no asfalto, parando táxis, esperando por mesas no la Goulue, brigando pelo último casaco Marc Jacobs tamanho PP na Barneys. A vida é tão estressante e o verão é quente demais. Sei que já disse uma vez que a essa altura podemos começar a sentir falta uns dos outros. Bom, desculpe. Eu não sinto falta de ninguém - *ainda*.

flagras

V tirando patas de lagosta - sim, lagostas. Deve ser o pior emprego de verão do mundo, mas - que surpresa - ela parece ter encontrado sua vocação e nunca para de assoviar enquanto trabalha. **J** comprando uma *noise machine* na Kmart na excursão semanal da colônia à cidade. Esperemos que ela tenha o cuidado de comprar os sons da metrópole. Quem consigo dormir com o gorgolejar de um riacho? **D** “trabalhando” arduamente para o pai perto do píer do Riverside Park com um maço de Camels, o caderninho preto e uma garrafa térmica de café preto e frio. Talvez as pessoas estranhas que moram em suas casas flutuantes o inspirem. **B** jogando tênis com o pai em Newport, usando um vestido de lantejoulas superincrível. Mas ela está tão *O grande Gatsby*. **N** comprando luvas de jardinagem de pele de cervo na loja de ferragens de Mt. Desert Island. Vamos esperar que sejam à prova de fumaça. **S** numa espelunca de Connecticut com os companheiros atores, dançando no balcão ao som de Lynyrd Skynyrd. Pelo visto ela se curou - ou talvez ela seja uma atriz mais talentosa do que imaginamos. **K** e **I** sendo expulsas daquele clube sem nome e da moda em East Hampton por dançarem no balcão. Macacas de imitação. **C** viajando até Ridgefield, Connecticut, em seu Jaguar conversível para ver certo ensaio de teatro. Será que ele ainda não a superou? **Eu**, assediando surfistas numa praia não identificada em Montauk – alguém tem que fazer isso!

seu e-mail

P: Cara GG,

Tem uma garota na colônia de férias que eu acho uma gata, mas sou tímido demais para até falar com ela. O que devo fazer?
- garoto kieto

R: Caro garoto kieto,

Tropece nos pés dela e peça desculpas. Ela vai ficar toda vermelha, depois você vai ficar todo vermelho, depois ela vai se aprentar e aí você vai se apresentar. Quando menos perceber, vocês estarão passando filtro solar Banana Boat um no outro e contando suas histórias de vida. *J'adore!*

- GG

P: Cara GG,

Vou fazer 16 anos logo e sinto que uma coi a monumental deve acontecer, mas não tenho certeza se vai ser mais um dia chato de verão.

- bleu

R: Cara bleu,

Isso não existe! Você precisa acordar; tome um banho frio; coloque um pouco de Chanel nº 5, seu mais adorável vestido de verão Marni e suas sandálias de salto alto menos práticas; chame alguns amigos... e depois tenho uma palavrinha para você: *festa!*

- GG

notícia nenhuma é boa notícia

Preciso dizer que ultimamente a maioria de vocês está fazendo um péssimo trabalho como informantes. Só posso concluir que isto significa que vocês realmente *estão* tendo o melhor verão do mundo. Bom, vocês terão de me contar tudo depois que voltarmos.

O surfe começou - hora de assumir meu binóculo de ópera e acompanhar a ação. Graças a Deus está quente demais para trajes de mergulho!

Pra você que me ama,

gossip girl

dezesseis velinhas

- *Parabéns pra você, nesta data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Viva Serena!*

Serena acordou ao som do plinc-plinc-plinc minúsculo de tambores de aço e o rugir de avião voando baixo sobre sua cabeça. Ela puxou o travesseiro de pena de ganso para a cabeça e riu. Pronto. Erik a fizera sorrir na manhã de seu aniversário, 14 de julho, Dia da Bastilha, que era mais provavelmente o que ele pretendia conseguir. Ela rolou da cama e colocou a cabeça pela janela aberta, provocando alguma emoção nos rastafáris que tocavam tambor de aço porque ela só estava com um top rosa e calcinha da mesma cor. Erik estava junto à piscina com parte dos amigos do internato, usando uma bandana amarela, verde e vermelha de batik na cabeça. Por que o aniversário dela tinha se tomado um festival de reggae, especialmente no Dia da Bastilha, ela não sabia. Erik acenou uma baguette de um metro para ela e gesticulou para que descesse.

- Levanta, preguiçosa! Tem uma coisa aqui para você ver!

Serena vestiu uma bermuda de brim e a camiseta preferida, que por acaso era uma camiseta cinza desbotada do St. Jude's que ela pegou emprestado com Nate na sétima série e nunca devolveu. Ela desceu ao primeiro andar e pegou uma maçã na cozinha,

levando-a até a piscina. Estava quente e ensolarado. A pele sensível de seu nariz real já estava ardendo.

- Olha para cima! - gritou Erik para ela.

Serena deu uma mordida na maçã e tombou a cabeça para trás. Um aviãozinho rugia no céu, deixando uma trilha de fumaça. Depois a fumaça começou a tomar forma e Serena percebeu que estava escrevendo, como em *O mágico de Oz*. *F-E-L-I-Z-1-6!*, dizia a trilha.

- Mamãe e papai sentiram-se culpados por estar fora num grande dia como esse, então me deram o cartão de crédito para gastar com você no que eu quisesse - explicou Erik, dando a ela uma bebida azul-rei gelada com um guarda-chuva de coquetel. - Comecei pelo Dia da Bastilha e meio que nessa coisa franco-jamaicana. Depois vi um avião escrevendo no céu no clube de polo outro dia e foi um momento de total iluminação.

Serena não fazia ideia do que ele queria dizer com "coisa franco-jamaicana". Erik vestia o short de ontem e mais nada, e parecia ter ficado acordado a noite toda, comemorando. Ela tombou a cabeça para trás de novo e olhou o céu. As letras tinham inchado e desapareciam, de modo que eram quase ilegíveis. Ela atirou a maçã meio comida na grama e curvou o canudo da bebida, tomando metade de um gole só. O que quer que fosse, era muito forte e muito gostoso.

Exatamente como gostamos.

- Seus cartões e outras tralhas estão na mesa. - Erik inditocou a mesa de jardim com tampo de vidro com seu guarda-sol vermelho festivo. Alguns amigos dele estavam sentados à mesa. Corky, Dorian e Chase? Serena nunca conseguia se lembrar dos nomes. Com os cabelos compridos e as roupas Brooks Brothers puídas, todos eram iguais no internato.

- Feliz aniversário. - Um dos meninos de levantou e lhe deu um beijo no rosto. Ele só estava com short Adidas branco rasgado cheirava a cerveja.

- Obrigada - murmurou Serena, vendo os cartões de aniversário. Dois cartões dos pais tinham cheques. Cartões das tias e tios conscienciosos. Um cartão da mãe de Blair, imagine só. E um do Maine. Serena abriu o envelope branco e pegou o cartão. Uma folhinha minúscula e verde estava colada com fita adesiva no cartão. *Feliz Aniversário*, estava escrito embaixo da folha na letra surpreendentemente elegante e infantil de Nate, com um grande ponto de exclamação ao lado da folha. Serena examinou o cartão. Não era só uma folha comum, ela percebeu. Era maconha.

- Ei! É o que penso que seja? - Erik espiou por sobre o ombro dela. Ele se inclinou e cheirou. - Que legal. - Ele se virou para os amigos. - Minha irmã mais nova está crescida - disse-lhes ele numa voz falsamente lacrimosa. Depois pegou o cartão das mãos dela e ergueu para que os outros vissem. - Olhem só isso!

- Ei. - Serena pegou o cartão de volta. - Isso é meu. - Ela colocou o cartão no peito. - Nem dá para fumar essa folha nem nada - disse-lhe ela, parecendo mais irritada do que pretendia. Às vezes Erik podia ser um idiota. A não ser por seus ensaios para um pequeno papel na produção de verão local de *A era da inocência*, Serena passava a maior parte das férias na companhia desses meninos idiotas de colégio interno. Ela sentia falta de meninas. Sentia falta de Blair. Mas não pretendia telefonar para ela. Ou talvez telefonasse, mas não sabia bem o que dizer. *O motivo para eu estar tão estranha é que eu sou loucamente apaixonada por seu namorado?*

Talvez não.

Ela levou o cartão para a casa e subiu a escada, guardando-o em segurança na gaveta de lingerie. Depois vestiu o maiô vermelho J. Crew e desceu novamente. Os meninos dos tambores tinham recommçado a tocar. Eles sorriam para ela, as trancinhas quicando no ritmo da música.

- Que bom, vejo que está pronta - observou Eric, baixando sua bebida azul e gelada.
- Pronta para quê? - Serena deu um suspiro meio pesado.
Ele disparou para ela de braços esticados, puxou-a, colocou-a sobre ombro como um saco de grãos e foi correndo até a piscina.
- Para nadar! – gritou ele, pulando na água e puxando-a com ele.
Serena subiu à superfície rindo e espremendo o cloro do nariz. Meu Deus, ele era um idiota. Mas era meio difícil ficar chateada quando ele estava tão decidido a fazê-la rir. Afinal, era a porcaria de seu aniversário de 16 anos e ela esteve num desânimo só o verão todo. Este era o primeiro dia do resto de sua vida. Estava na hora de sair da depressão.
- Você está ferrado - gritou Serena e mergulhou como um boto. Ela puxou o calção de estampa de surfe amarelo e preto de Erik para cima transformando na pior puxada da história. Depois subiu à superfície. - Todo mundo na piscina! - ordenou ela, como uma espécie de sargento instrutor de aniversário. Corky, Dorian e Chase se levantaram e começaram a tirar a roupa.
Não deixa de ser uma forma de comemorar.

o verdadeiro motivo para ir a uma colônia de férias

Estava assando de tão quente, mesmo para os primeiros dias de agosto, e como as férias terminavam no dia seguinte, a maioria dos frequentadores foi ao lago para se refrescar. Constrangida demais para usar traje de banho na frente das colegas más de cabana, Jenny ficou na tecelagem, preparando um fio de seda crua roxa com os fios de salgueiro-chorão em seu tear numa tentativa arriscada de fazer alguma coisa mais colorida do que sua coleção de guardanapos calombentos verde-vômito. Ela se sentia a filha do moleiro em Rumpelstiltskin, tentando tecer palha em ouro.
De repente alguém apareceu por trás dela e pôs as mãos em seus olhos. Era Matt. Pelo menos ela teve certeza de que era ele, uma vez que ela não fez contato visual com outro menino no tempo em que esteve na colônia.
- Oi - ela riu de nervosa. Ele só acenou um olá para ela duas vezes de longe desde que ele entrou na cabana há mais de duas semanas. Agora ele estava tocando nela?
- Tá legal, aqui está o que eu quero que você faça. Você vai ficar de pé com muito cuidado e vamos andar assim até a minha cabana. – Ele mantinha as mãos firmes nos olhos dela.
Não era Matt, percebeu Jenny, com o corpo rígido.
- Mas...
- Não tenha medo - sussurrou o menino num balbúcio de língua presa cheio de saliva que fez Jenny relaxar um pouco. Se as coisas ficassem esquisitas, ela podia derrubar a Língua Presa. - Não vai acontecer nada de ruim. Eu prometo.
Querendo confiar nele, ela se levantou e permitiu que ele a levasse para fora do prédio de artes.
- Vem, vai ser divertido - murmurou o babão em seu ouvido enquanto a puxava pelo caminho até sua cabana. Jenny sabia que Matt morava na cabana 12, a última das cabanas de madeira dos meninos. Para onde eles estavam indo?
- O que vai ser divertido? - perguntou ela, cambaleando para frente. Era difícil manter o equilíbrio quando não conseguia ver por onde andava e seus peitos quicavam tanto que

chegavam a doer. *Para onde ele está me levando?*, perguntou-se ela, sentindo ao mesmo tempo medo e curiosidade.

- Você vai ver - balbuciou o menino, ajeitando o aperto nos olhos dela. Seus dedos tinham cheiro de repelente de insetos. Tudo na colônia tinha cheiro de repelente de insetos, xixi ou manteiga de amendoim.

- Tá legal, um degrau. Outro degrau - orientou ele, guiando-a com cuidado pela escada de madeira da cabana. Ele abriu a porta de tela rangente e os dois entraram. O coração de Jenny disparava. O suor se acumulava sobre o lábio superior e descia para o decote pouco ventilado entre seus seios. - Agora ande um, dois, três passos... - Ele tirou as mãos dos olhos de Jenny e lhe deu um empurrão entre as omoplatas. Jenny cambaleou para frente, caindo direto em Matt, que estava parado no meio da cabana, a cara sardenta tão vermelha que era quase roxa. Ele não sorriu para ela nem nada. Ele nem olhou para Jenny.

- Caraca - ela conseguiu dizer, recuperando o equilíbrio. Ela sorriu com cautela para Matt.

- O que está rolando? - Nervoso, ele engoliu em seco, o pomo-de-adão subindo e descendo. Ele parecia apavorado.

- Vai - instou o Língua Presa. Jenny olhou para trás. Ele era um ou dois anos mais velho do que ela, bronzeado e musculoso, com uma camiseta preta Puma sem mangas, o cabelo escuro num corte à escovinha e um sorriso torto na cara. Na verdade ele parecia mais ameaçador do que era.

- Você sabe que quer - disse outra voz de menino. Ela olhou e viu mais dois meninos no beliche de cima no canto mais distante do quarto. A cabana era quatro vezes maior do que a que ela dividia com Rachel e Jill e era decorada com uma parafernália de menino, como pôsteres de jogadores de futebol e os vários prêmios de arco e flecha que eles ganharam no verão. O colchão dos dois meninos estava coberto com lençóis pretos de pirata com crânios e ossos cruzados. A ideia de que um dos meninos gostasse tanto de piratas a ponto de ter lençol de pirata quase fez Jenny sorrir.

- Fon fon - resmungou um dos meninos piratas, erguendo as mãos e abrindo e fechando os dedos, como quem aperta.

Corando furiosamente, Jenny se virou para Matt. O que quer que o Língua Presa e os outros meninos estivessem fazendo, Jenny tinha a sensação de que Matt não estava nessa. Ele respirou fundo, engoliu em seco de novo e depois mergulhou e colocou os lábios rachados e secos nos dela. Depois suas mãos subiram e ele rapidamente afagou o peito dela com os dedos sardentos e pegajosos.

- Ei! - gritou Jenny, dando um passo para trás. - Pare com isso. - Seus peitos eram tão novos, até para ela, que a ideia de alguém além da mulher do Village Bra Shop tocarem neles estava completamente fora de cogitação.

- Desculpe, eu queria te beijar - gaguejou Matt, a cara sardenta uma mistura de roxos e rosa. - Mas eles me obrigaram a...

- Bobalhão - zombou um dos piratas.

- Ele viu seus peitos na Internet - intrometeu-se o Língua Presa. - Todos nós vimos.

Jenny se vilou e o fuzilou furiosamente com os olhos castanhos tomados de lágrimas. Ela pensou que Matt podia ser legal. Ela pensou que ele podia ser seu primeiro namorado. Mas ele era só tão babaca quanto o Língua Presa e os amigos piratas. O que havia de divertido em fazê-la se sentir tão mal? Se essa era a ideia deles de diversão, então ela se lamentava por eles. Eles eram uns manés; provavelmente sempre seriam uns manés.

Bom, pelo menos ela conseguiu o primeiro beijo. Já era alguma coisa.

- Tenham um bom resto de verão - disse ela, piscando para afastar as lágrimas e recusando-se a revelar o quanto se sentia colérica e humilhada. Ela abriu a porta de tela e correu pela escada da cabana, deixando a porta bater. Ela disparou pelo caminho através do bosque fedido e infestado de mosquitos. Talvez ela fosse o tipo de menina que ia ter mais amigos homens do que mulheres, mas esses meninos eram tão imaturos que mal constavam como homens.

Acostume-se com isso, meu bem - todos eles são assim. Mas eles ficam mais gostosos com o tempo e a gente aprende a ser mais tolerante.

b envolve-se em telefonemas íntimos no aeroporto

Blair estava na frente da sala VIP do terminal da British Airways no JFK com o celular apertado na orelha. Dos dois lados, famílias inteiras sentavam-se no chão como sem-teto, comendo bagels velhos e tomando Starbucks. Caipiras.

É o que se aguenta quando se viaja em agosto.

Anda, Nate. Atende a porcaria do telefone. Blair bateu com impaciência o pé de sua sapatilha de balé de camurça preta French Sole. Seu avião para Glasgow ia partir em menos de uma hora e ela queria dizer adeus e deixar Nate com algo para pensar sobre ela. Ela estava com o vestido preto, novo e lindo Diane von Furstenberg para viajar, pensando que, se sentasse sozinha em uma mesa na sala VIP, ela pareceria misteriosa. Um grupo de lindos admiradores ouviria com inveja enquanto ela fumava, bebia martínis secos e namorava ao telefone com Nate. Mas assim que ela chegou, descobriu que seu telefone não funcionava na sala.

- Oi. - Nate atendeu de repente.

- Meu avião vai partir logo - disse-lhe Blair bem baixinho. - Só mais duas semanas até a gente se encontrar novamente.

- Que bom – respondeu ele.

- Eu devia ter te pedido para me encontrar aqui – acrescentou ela sugestivamente, como se eles pudessem transar ali mesmo, no meio do aeroporto. Talvez eles fossem presos por comportamento indecente. Eles podiam ficar numa cela de prisão juntos. Eles podiam transar a semana toda. Mas ela perderia o avião.

Para não falar do casamento.

- Estou louco para beijar você - disse Nate, a voz rouca de toda a maconha que andou fumando. Ela tentou imaginá-lo esparramado na cama de solteiro em sua casa no Maine, onde ela na verdade nunca esteve. A imagem em sua mente era de uma cabana de pescador em ruínas, com telas nas janelas e um forno a lenha dilapidado no canto, mas ela sabia que era muito mais elegante do que isso.

Mais ou menos.

Ainda assim, a ideia de ele deitado numa colcha de lã vermelha de camping pensando nela com sua lingerie de cetim marfim e preta de renda era deliciosa demais para dispensar. Ela sorriu para o Samsung prata. Do outro lado do terminal, um casal deu as mãos enquanto via os aviões taxiando para suas respectivas pistas. No chão a alguns metros, uma menina com cabelo preto espigado e piercing na sobrancelha beijava um namorado tatuado de cabelo cinza. Os aeroportos eram tão sexies.

- Sabe de uma coisa, a Serena sempre disse que beijar era a coisa mais romântica do mundo - murmurou Blair. - Mas é tão chato. Com certeza estou pronta para ir até o fim.

- Ela girava sem parar o anelzinho de rubi que ele lhe dera. - Quando eu voltar. Tipo assim, no *minuto* em que eu voltar - ela riu.

Um gongo soou dentro da sala VIP e Eleanor colocou a cabeça para fora da porta. Ela perdeu 15 quilos desde março e estava com um vestido Chanel de linho preto, um chapéu de linho preto de aba larga e enormes óculos de sol Chanel - parecendo em cada centímetro a divorciada estafada.

- Blair, querida, nosso voo parte em meia hora. Temos que ir para o portão.

Blair apertou o telefone nos lábios beijou com ruído.

Muá!

- Eu te amo - sussurrou ela enquanto seguia a mãe pelo corredor até o avião que esperava. - E da próxima vez, chega de beijos tediosos.

Muito depois de Blair ter desligado, Nate estava na pequena horta de maconha atrás da casa de barcos, olhando o pequeno telefone preto na mão. Estava chapado depois de fumar os primeiros dois baseados de sua maconha cultivada em casa. Era a melhor coisa do mundo - doía na garganta e lhe dava tremores. Mas o que Blair disse sobre Serena o abalou ainda mais. Ele mal viu Serena desde que eles estiveram juntos em Sun Valley. Mesmo na época, eles não ficaram muito juntos. E, por acaso, era Serena, a romântica, aquela que falava em beijar. A que o beijou primeiro.

"Eu podia beijá-lo para sempre", sussurrou ela para ele no escuro em sua cama no Dia dos Namorados. Aquelas palavras eram mais poderosas do que qualquer coisa que ele tivesse fumado. E o desejo que ele sentia agora pelo som da voz dela, seu hálito suave na pele, o cheiro de madressilva de seu cabelo louro, os lábios dela se mexendo nos dele, a sensação de seu corpo magro e longo sob suas mãos, era mais forte do que qualquer desejo que ele tenha sentido.

Epa.

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

Alguém já viu a matéria na *Time Out* sobre aquela peixaria russa minúscula em Williamsburg? Ao que parece, é o lugar para comprar peixe fresco para grelhar em seu quintal no verão. Como se algum de nós grelhasse alguma coisa. Bom, não o grelhado dessa natureza. **B** ficará meio grelhada da próxima vez que encontrar o namorado (ver flagras).

a belle do baile

Dizem em Connecticut que **S** andou comemorando muito e atuando em seu pequeno workshop de teatro. Está na hora de ela aprender a arte da distração: cercar-se de lindos rapazes, interpretar lindas sedutoras no palco e fingir que não está sentindo falta de droga nenhuma.

flagras

B fazendo as unhas no salão Vidal Sassoon em Glasgow como preparativo para o casamento da tia. Ela trancou o cinto de castidade, mas todo aquele ar rural de Rhode Island a deixou bronzeada, em forma e linda. **S** com um gorro de seda preta e vestido dourado curto no palco em *A época da inocência*. **S** na festa no clube de polo, dançando nas mesas sem gorro e sem vestido. **N** instalando um sistema de irrigação automático atrás da velha casa de barcos no Maine. O que ele está cultivando ali, abóboras? **K** e **I** vestindo o uniforme da escola azul e branco como disfarce na praia em East Hampton. Elas realmente acham que esta é uma tendência que devemos seguir? Talvez só sintam falta da escola. **C** fazendo piquete na praia em Bar Harbor para reverter a regra que proíbe topless. **N** em Nova York, comprando Molson e todos os bagels na deli do bairro. Ei - o verão ainda não acabou. O que ele está fazendo de volta??

seu e-mail

P: Cara GG,

Está sabendo daquela peixaria maluca em Williamsburg? Eu juro que a careca fatia um filé como ninguém. Ela também está uma gata.

- crbby

R: Caro crbby,

Aposto que vou ter que fazer uma viagem até lá, uma vez que ninguém para de falar nisso.

- GG

P: Cara GG,

Tem uma menina, na verdade a irmã mais nova de um amigo, e todos os meus amigos estão falando nela. Ela é linda. Todo mundo sempre mente sobre ficar com ela, mas é claro que eu quero ficar com ela também. O que devo fazer?

- gdflw

R: Caro gdflw,

Não surja do nada e finja que não sabe quem ela é. Ela vê isso o tempo todo. Se tiver de ser, talvez ela vá surgir do nada pra cima de você.

- GG

Tá legal, gente. Vou a Williamsburg para ver essa careca famosa fatiar peixe. É melhor que seja tão bom quanto todo mundo diz, porque não gosto de sair da ilha de Manhattan a não ser que envolva ir à praia. E é melhor que eu não me perca por aí. Vocês podem estar se perguntando o que *eu* estou fazendo de volta à cidade. Onde um certo menino vai, não posso ficar distante...

Não se preocupem, vamos guardar um pouco de caviar beluga para vocês.

Pra você que me ama,

gossip girl

J tem certeza de que não perdeu grande coisa

Seu ônibus ficou empacado no trânsito lento durante toda a volta da Pensilvânia e o táxi da Port Authority era dirigido pelo motorista mais lerdo do mundo, mas pouco antes da meia-noite Jenny abriu a porta do apartamento da família e entrou na ponta dos pés. Estava escuro e as janelas da sala estavam abertas. As antigas cortinas de linho voavam agradavelmente na brisa quente de verão. Como era bom ouvir o som do trânsito, sentir o chão de tábuas corridas pegajoso estalando sob seus pés, sentir os familiares cheiros de cigarro, café e curry. A mesa de jantar ainda estava coberta com os restos de comida: uma lasanha num Pirex contendo pernas de frango assadas, fatias de abacaxi, bananas inteiras e o que parecia Hershey's Kisses parcialmente derretidos. Ao lado do Pirex havia duas garrafas vazias de cerveja Guinness. Uma luz brilhou do estúdio no final do corredor e ela pôde ouvir as vozes conhecidas de Dan e do pai.

- Oi, gente - ela cumprimentou os dois. Eles estavam deitados de bruços no tapete persa desbotado do escritório, jogando forca. Dan usava uma camiseta branca, pelo avesso, e bermuda de veludo preto. O cabelo castanho-claro desgrehado apontava para todo lado e seus olhos estavam injetados. Havia um cigarro atrás da orelha e ele ninava uma garrafa de Amstel Light.

Rufus vestia o camisão de dormir preferido, de algodão vermelho na altura do tornozelo, com as mangas enroladas. Havia fiapos em sua barba. Ele se sentou e estendeu os braços para um abraço.

- Uma palavra de nove letras que começa em *T* e que tem três *As*?

Jenny se aninhou no colo dele como uma menininha e se permitiu ser sufocada em seu abraço.

- Vocês estão de dar medo, sabiam? Quer dizer, o que aconteceria se eu nunca mais voltasse para casa?

Eles se devorariam?

Dan apontou as pernas nuas de Jenny, cheias de picadas de mosquito.

- Nossa.

Jenny deu de ombros. Ela já decidira fingir que a colônia de férias nunca aconteceu.

- Não quero falar sobre isso.

Marx, o enorme gato preto dos Humphrey, aproximou-se e esfregou a cabeça nas mãos de Jenny. Rufus a ajeitou no colo para poder acrescentar outra letra à palavra da força. Até agora ele tinha TA_A_GA, e sua força estava toda formada.

- Estou permitindo pés, mãos e orelhas - explicou Dan, balançando a cerveja.

- E uma cara! Você me prometeu uma cara! - grunhiu Rufus, franzindo a testa para a palavra. - *Tampafiga. Tantaviga?* - murmurou ele sem sentido nenhum.

Em seu poleiro na estante, o aparelho de som Sony empoeirado estalou e começou a tocar um dos CDs de jazz arrítmicos e estranhos de Rufus.

- E o que vocês fizeram durante todo o verão? - perguntou Jenny.

Dan assentiu como se não fosse grande coisa.

- Muita coisa.

- E o resto da população humana? Vocês saíram? Viram alguém? - Ele deu de ombros e Jenny quis que ele pelo menos estivesse com a camisa pelo lado certo. - Então basicamente vocês passaram todo o verão sendo meio papai júnior. Com todo respeito, pai. E Vanessa?

Dan deu de ombros de novo. Era agosto, estava quente e sua pele era pálida feito um cogumelo. Jenny teve vontade de lhe dar um tabefe.

- *Tambaruga?* - murmurou Rufus feito um idiota.

Ela saiu do colo do pai e se levantou. Era ela, ou todos os homens eram retardados? Ela estava cansada da viagem e precisava dormir.

- Pai, a palavra é *tartaruga*. E Dan, se você não ligar para Vanessa, eu vou ligar para ela em seu nome, porque algumas pessoas são muito legais e outras, não.

Amém.

Deitada sob o lençol rosa na cama, ela dormiu como não dormia desde os 2 anos de idade. Ia passar as últimas três semanas de verão trabalhando em sua caligrafia para os hinários, aprendendo exercícios para tonificar os seios e certificando-se de que Dan tomasse banho todo dia e saísse mais. Logo estaria no oitavo ano - o que era praticamente o ensino médio - armada com um peito de inspirar assombro e o conhecimento de que a maioria dos homens era mesmo retardada.

E quem disse que ela poderia não dar certo?

S descobre a cura instantânea para o desânimo

Serena estava sentada na espreguiçadeira junto à piscina, vendo a mãe nadar e pintando cada uma das unhas dos pés numa cor diferente. Ela queria fazer as cores do arco-íris, mas faltavam alguns tons fundamentais, como amarelo e violeta. Ela se resignou a um pé em tons diferentes de vermelho e marrom e outro em diferentes tons de rosa e preto. Na verdade, eles eram meio legais. Ela não se surpreenderia se criasse moda com isso.

Como se tudo o que ela fizesse na vida não criasse moda.

Era outro daqueles dias sufocantes de meio de agosto, quando a única coisa razoável a fazer era ficar molhada. Sua mãe vestia o maiô de listras verticais brancas e pretas estilo anos 1940 que descia pela perna e era amarrado no pescoço. Serena pensou que ela se parecia exatamente com Katherine Hepburn, pelo menos debaixo da água. Também era

uma boa nadadora, cortando a água com suas mãos capazes de unhas benfeitas e batendo ritmadamente os pés tamanho 39. Era meio fascinante ver uma pessoa que se vestia tão bem, dava dinheiro a todas as organizações de caridade certas, promovia festas tão maravilhosas e até cultivava as próprias rosas, fazendo algo tão básico como nadar.

O celular de Serena zumbiu e quicou no tampo de vidro da mesa. Serena viu a palavra NATE aparecer no visor. Ela o pegou num átimo e atendeu.

- Natie? - gritou ela, agarrada ao telefone. Ele sabia o quanto ela pensou nele o verão todo? Ele percebia o quanto ela sentia a falta dele? Como estava triste e solitária? - Cadê você?

- Estou aqui. Em casa, em Nova York. - ele respirou fundo. - Você pode vir?

Todo o corpo de Serena tremia. Se ao menos ela pudesse se teletransportar para Manhattan, poderia estar na frente de Nate neste momento, beijando, beijando e beijando. Não que ele necessariamente quisesse beijá-la. Não, ela teria de se controlar. Mas ela podia *fingir*.

Ela olhou o relógio. Eram 14h45. Havia um trem que saía de Ridgefield de hora em hora, a cada hora e sete minutos.

- Me encontre na Grand Central às 16h35. - Ela desligou o telefone e voou para casa para se vestir. No segundo andar, colocou um vestido pela cabeça e enfiou os pés num par de chinelos de dedo. Depois voou escada abaixo. As chaves da velha Mercedes da família estavam na mesa da cozinha. Iria de carro até a estação, deixaria as portas destrancadas e a chave debaixo do banco. Erik fazia isso o tempo todo.

Era a alegria de ser uma van der Woodsen. As coisas simplesmente davam certo.

d já sentiu cheiro pior

Era sexta-feira e a Brok estava um inferno de tão movimentada. Fedendo ou não, todo mundo parecia querer comer frutos do mar quando fazia calor. Vanessa distribuía caranguejos de corpo mole, filés de garoupa, postas de peixe-espada e algumas vieiras da moda amarelas e imensas que pareciam Twinkies. As mãos com luvas de látex estavam com uma massa de tripas de peixe e a panturrilha nua estava respingada de sangue de peixe e uma gosma cinza não identificada.

- Quero 3 quilos de calamares e todos os mexilhões que você tiver - disse o cara seguinte da fila.

Vanessa olhou a caixa de vidro sem virar a cabeça para cima. Três quilos de lula? Ela ficou na ponta dos pés e espiou por sobre a borda do balcão alto. Sorrindo para ela estava o cara despenteado e de sorriso bobó de seus sonhos.

- Ei, eu te conheço. Você é o Bob Esponja. - Ela se virou para Hon e apontou diretamente para Dan, cobrindo a boca como se Dan fosse o sujeito de aparência mais engraçada que ela viu na vida. Hon simplesmente sorriu, pouco à vontade, preocupado que fosse obviamente uma espécie de briga distorcida entre namorados.

- Emprego legal - observou Dan. Ele ficou olhando Vanessa por um tempo. Ela parecia tão segura, baixando filés de peixe em papel encerado e embrulhando-os como uma profissional. Ela até sabia usar a caixa registradora antiga e bacana. Deu em Dan vontade de passar o verão trabalhando na peixaria com ela.

Dãããã.

- Minha irmã está dormindo na casa de amigos. Não consegue suportar meu fedor. - Vanessa começou a atender ao próximo cliente, consciente de como Dan a olhava de perto. Ela deu uma atenção extra às dobras do papel encerado. Era com fazer aviõezinhos de papel: quando mais perfeita a dobra, mais reto o avião voa. O que não tinha absolutamente nada a ver com peixe.

Mas a gente entendeu o que ela quis dizer.

- Então, eu estava me perguntando! - Dan foi obrigado a gritar por sobre a cabeça de uma velha. A mulher tinha pedido vinte sardinhas frescas e agora contava cada uma delas para ter certeza de que Vanessa não a engrupiu. - Tem um filme no Angelika que eu quero ver...

- Aquele do Tom Waits? - gritou Vanessa, atirando um caranguejo de corpo mole em Hon para se divertir.

Dan assentiu.

- Quer ir?

Vanessa considerou a cara de Dan. Não tinha mudado. Se tanto, ele estava mais branco agora do que estivera em maio. E desde que eles ficassem pelo Brooklyn e o centro, não correriam o risco de esbarrar em Serena van der Woodsen. Ela tirou o avental e arrancou as luvas com os dentes. Seu turno tinha terminado há meia hora. Hon podia cobrir. Além disso, ela estava sinceramente meio enjoada de estripar peixe. Ora essa, podia ser que ela nem voltasse.

Ela contornou o balcão e levou Dan para fora da lojinha. O sol batia nas calçadas, deixando tudo branco. Vanessa protegeu os olhos castanhos.

- Não liga de andar comigo fedendo desse jeito?

Dan pôs o braço no ombro dela e deu uma boa fungada. Depois de anos cheirando os odores impossíveis que emanavam da cozinha do pai, ele não dava a mínima para seu *eau de poisson*.

- Você tem cheiro de sushi bar. - Ele acendeu um cigarro e sorriu sensualmente para ela, sem pretender. - É bom.

Vanessa o odiou totalmente por desarmá-la tanto, mas ainda assim ela o amava completamente. Dan deixou o braço nos ombros de Vanessa enquanto eles desciam a rua até o metrô. Ela não tinha certeza do que o braço dele *significava*, mas por ora era o bastante.

Desde que ninguém falasse de uma certa loura.

S é um colírio para olhos cansados

Serena não especificou onde ele deveria encontrá-la, então Nate ficou na ponta da plataforma, onde o trem dela devia chegar, esperando. Já estava na cidade há dois dias antes de finalmente telefonar. Não queria estar chapado quando falasse com ela, nem chapado quando a visse, e precisou de um bom tempo para tirar tudo do sistema. Não que ele estivesse com a mente clara. Ele tremia todo, em parte da abstinência, mas principalmente porque estava louco para vê-la sair do trem e...

Lá estava, o trem Metro-North prata com sua grossa faixa vermelha alaranjada. Os faróis apontaram para ele e depois o trem parou, sibilando. As portas se abriram e ela pisou na plataforma, três vagões abaixo, com um vestido leve azul e chinelos de borracha rosa, o cabelo louro-claro pendendo quase na cintura. Ela o viu e seu rosto se

iluminou com o mais glorioso dos sorrisos. Depois ela partiu numa corrida, os chinelos batendo no chão enquanto ela se aproximava.

Ele a pegou nos braços e a ergueu, girando-a como uma criança.

- Ah, Natie, você é tão forte! - ela riu, depois se inclinou e lhe deu um beijo na boca.

Nate fechou os olhos e a segurou por um segundo a mais antes de baixá-la na plataforma. Tinha certeza absoluta de que aquele era o melhor dia do verão, talvez de sua vida. Ele não estava com pressa.

- Vamos tomar um drinque naquele lugar lá em cima – disse-lhe asperamente, tentando esconder o fato de que tinha experimentado sua primeiríssima síncope.

- Sou tão idiota - disse Serena, entrelaçando o braço no dele. - Eu não vim com dinheiro, nem chave, nem nada. Tive que implorar ao cobrador para me deixar ficar.

Eles subiram a escada de mármore do primeiro piso e entraram no enorme e elegante terminal principal da estação. Viajantes com pastas executivas e ternos de verão de linho corriam para pegar os trens para casa em Westchester e Connecticut. Uma mulher com vestido Lilly Pulitzer com estampa verde-palmeira e rosa-flamingo e um imenso chapéu de palha amarela estava no meio do terminal examinando os horários de trens no painel acima do antiquado balcão de passagens da Metro-North, de mármore e aço, enquanto o Yorkshire branco com sapatilhas pink circundava nervoso seus pés. Serena sempre adorou a linda estação, com seus corredores de mármore frio, restaurantes e bares românticos Old New York e o vasto teto em arco verde-mar, decorado com pinturas douradas maravilhosamente inesperadas do zodíaco. Apesar do fato de que a Grand Central era a maior estação da cidade, com trens que serviam a toda a Nova Inglaterra, ela mantinha seu ar magnífico de competência, como uma boa anfitriã da sociedade continuava lindamente equilibrada sob pressão.

Nate pegou a mão de Serena e a levou para cima, para o bar ao ar livre que dava para o terminal principal. As banquetas do bar eram cobertas de veludo vermelho e o interior da estação era tão aéreo e atemporal, que era difícil acreditar que o sol brilhava lá fora, aumentando a temperatura a 38 graus pavorosamente úmidos.

As banquetas já estavam se tocando quando eles se sentaram e eles não se incomodaram em afastá-las.

- Dois dry martinis, por favor! - ladrou Serena para o bartender numa voz superior e depois tombou no peito de cheiro maravilhoso de Nate, rindo. Ela já se sentia bêbada. O que havia de errado com ela?

Amor, meu bem.

O jovem bartender parecia David Beckham com smocking branco e não pediu a identidade deles. Serena bebeu o martíni sem sentir o gosto e olhou nos olhos verdes e adoráveis de Nate. Ela não conseguia tirar os olhos dele. Ele estava como sempre, com uma camisa polo Ralph Lauren branca, bermuda Brooks Brothers cáqui e Dockside sem meias, a pele bronzeada de trabalhar ao ar livre o verão todo e o cabelo dourado do sol. Ele era o mesmo – exatamente o mesmo Nate com que ela sonhou o verão todo -, só que melhor. Ele era tudo, perfeito. Ela estendeu a mão e afagou o pelo fino e louro de seu braço superbronzeado. Depois afastou a mão, pegou a taça de martíni e bebeu.

- Vai me contar sobre o Maine?

Nate queria pegar a mão dela e colocá-la no braço de novo. Ele só pensava em pegar em Serena. Serena, sua garota, a garota de *seus* sonhos, estava bem ali, naquele momento, sentada tão perto, a coxa encostada na dele, respirando o mesmo ar, falando com ele e afagando seu braço. O que o impedia de beijá-la de novo? E beijar, beijar...

Ele empurrou seu martíni e indicou ao bartender que queria outro.

- Trabalhamos muito no barco. Um dia vou levar você para velejar nele - disse ele arfando, achando difícil falar.

Por que falar quando eles podiam se beijar?

Os olhos azuis imensos de Serena pareciam oceanos.

- Ah, Natie. É tão bom ver você - derramou-se ela, todo o corpo tremendo. - Eu estive tão... Havia demais de mim e muito pouco de... *você* neste verão.

Nate engoliu o segundo martíni. Suas mãos pareciam arrebatadas e ele não sabia que podia controlá-las. Só queria pegar cada lindo pedaço dela e segurar. Abaixo deles, o terminal fervia de gente, mas parecia que eles eram os únicos ali. Como se toda a estação tivesse sido construída só para eles. Seu pequeno bar com as banquetas de veludo juntas e a vista da estação movimentada era tremendamente íntimo, mas não era íntimo O suficiente.

- Vamos para casa – ele sugeriu, porque ele não podia *deixar* de sugerir isso.

E ele tinha certeza de que ela não diria não.

um lindo dia para um casamento bege

O problema da Escócia é que estava sempre um frio de matar e embora o casamento fosse nos jardins do castelo Hume, uma casa imponente em Gleneagles, perto da casa de campo da rainha, pertencente à família há mais de quatrocentos anos, havia cocô de cervo em toda parte e as mulheres estavam com os chapéus mais feios que Blair já vira na vida. Ela sabia que era inglês e tudo usar chapéus em casamentos, mas será que os chapéus tinham de ter animais mortos?

Quarenta mesas redondas e grandes espalhavam-se pelos gramados verdes cheios de cocô de cervo, com o castelo assomando agourentamente atrás como algo saído de *Scooby-Doo* - assombrado e infestado de fantasmas, com uma nuvem negra de chuva constante por cima e morcegos em seus campanários. Uma sebe espessa de 3 metros de altura cercava o gramado, abrigando dos paparazzi e da plebe as convidadas de salto alto. As mesas da recepção estavam cobertas com toalhas de linho creme e decoradas com simples lilases e samambaias. Um palco tinha sido providenciado para acomodar o entretenimento, comandado pelo Sting em pessoa. Blair tinha esperanças de ver Madonna, mas ela devia estar em casa com seus cavalos e todas aquelas crianças que andava adotando.

Blair se sentou trêmula à mesa, com o vestido de organza lilás e mangas bufantes e um imenso laço nas costas que a tia tinha feito especialmente para ela no pior alfaiate da Escócia e uma guirlanda de rosas e cravos no cabelo retardadamente enrolado. Pelo menos o vestido horrendo caía até os tornozelos e ninguém podia saber que ela estava com leggings de cashmere pretas por baixo, enroladas até os joelhos.

Sempre resistindo às tendências da moda.

Tyler estava sentado ao lado dela com um terno de verão cinza vincado com uma rosa na lapela, ninando uma garrafa de Guinness e rindo consigo mesmo. O tio Ray, careca, barrigudo e de nariz vermelho fazia um discurso e estava bêbado, como sempre.

- Eu só queria agradecer a minha esposa por se casar comigo... pelo menos, eu *acho* que ainda estamos casados - começou ele, cuspidando champanhe nas botas do noivo.

Este era o segundo casamento da tia Catherine de Blair com o mesmo homem. O noivo, o tio Bruce de Blair, era um ex-tecladista do Sting. Bruce e Catherine fugiram quando tinham 19 anos e se divorciaram um ano depois. Durante o segundo casamento dos dois, eles tiveram filhos e os casos de sempre, mas nunca se esqueceram do primeiro amor. Agora, na meia-idade, voltaram e estavam prontos para tentar o casamento de novo.

Amor vincit omnia!

O tio Bruce tinha cabelo louro pegajoso descorado ao acaso e usava botas de caubói brancas com um terno de verão lilás iridescente e cartola lilás. A tia Catherine parecia Lady Marian de *Robin Hood*, com um vestido verde com corpete de cetim, chapéu de caça emplumada e manto de cetim roxo. Blair sentia que tinha caído na toca de um coelho de uma espécie de País das Maravilhas bizarro. Toda a história lhe dava vontade de vomitar.

- E fico feliz que Bruce esteja se casando com Catherine de novo porque, se ele não fizesse isso, alguém ia fazer – continuou o tio Ray com a fala arrastada. Tyler estava ficando azul de tanto rir. Era sua terceira ou quarta Guinness, então ele ia vomitar a qualquer momento.

- Cala a boca - sibilou Blair para ele. Seus estranhos primos escoceses - Peter, de 10 anos, Willie, de 9 e Becky, de 8, alunos de um internato católico horripilante no campo e que pareciam assassinos treinados – encararam-na vagamente com seus estranhos olhos cinza sem cílios e cabelo pajem louro. Ela tentou conversar com eles antes, mas era tão impossível entender seu sotaque escocês que ela desistiu.

Todos aplaudiram quando o tio Ray passou o microfone a Sting, que parecia exatamente o mesmo das fotos, com cabelo louro espigado, olhos azuis sérios e rancorosos e um corpo bronzeado e magro de ioga enfiado no jeans e a camiseta branca mais apertados que Blair vira num homem. Ele parecia uma tartaruga das Galápagos de 110 anos com jeans justinhos.

- Gostaria de dedicar essa música a meus queridos amigos Catherine e Bruce! - gritou Sting ao microfone. Depois ele começou a tocar os primeiros acordes de "Every Breath You Take" na guitarra branca. A esquerda do palco, a mãe de Blair rebojava de pé com a música, bebum de champanhe e usando um vestido roxo e dourado de dama de honra que parecia ter sido modelado por uma fada-madrinha drogada. A tia Catherine e o novo marido, Bruce, dançaram lento na grama cheia de bosta com os corpos juntos feito adolescentes num baile. Devia ser romântico, mas Blair teve vontade de estrangular alguém.

Blair Cornelia Archibald, ela rabiscou no guardanapo com o delineador Lancôme preto. Ficava ainda melhor do que Blair Cornelia Waldorf. Ela gostava especialmente do fato de cada palavra ter um *a* e um *i*.

*Eleanor e Harold Waldorf III,
Orgulhosamente convidam ao casamento de sua filha
Blair Cornelia
e
Nathaniel Archibald
aos dezessete de agosto
dezesseis horas
no Salão de Baile do St. Claire Hotel*

O único problema era a primeira linha. Se sua mãe e seu pai estavam se divorciando e o pai morava com Giles ou Raoul-Pierre ou sei lá que diabos era o nome dele, então certamente não podia ter "Eleanor e Harold Waldorf" no convite, podia? Talvez ela só deixasse a mãe de fora, embora não parecesse lá muito justo.

Uma coisa era certa: ela não estaria de manto roxo, Nate não estaria com botas de caubói e Sting não cantaria.

Que tal Seal? Ou Bono?

a melhor maneira de se refrescar é tirar a roupa

Como tantas das casas e apartamentos pré-guerra em Nova York, a casa dos Archibald na 82 Leste não tinha ar-condicionado. A família de Nate nunca se incomodou com isso porque queria preservar as características originais da casa e de qualquer forma passava a maior parte do verão em sua propriedade no Maine ou na Europa. Nate abriu todas as janelas do segundo andar em sua ala e na dos pais, mas ainda estava sufocante. Ele pegou um pacote com seis cervejas Molson na geladeira e levou Serena para o jardim sombreado dos fundos. Uma fonte de Vênus de Milo nua em mármore era a peça central do jardim. Espirrava água do alto de sua cabeça, caindo em cascata pela expressão plácida, nos ombros nus e pelas coxas despidas até se acumular a seus pés. Nate e Serena se empoleiraram no banco que o pai dele tinha feito de ardósia trazida de sua propriedade no Maine. Uma brisa leve soprava pelos ramos magros das cerejeiras japonesas junto ao alto muro que os cercava, ajudando pouco a refrescar.

Nate abriu uma cerveja e passou a Serena, que a tomou com ansiedade. Suas pálpebras e bochechas tinham um brilho suarento que era melhor do que maquiagem. Nate procurou não olhar para ela. Estivera tentando não olhar para ela em todo caminho para casa de táxi. Em vez disso, ele encarou os prédios altos e sem cor da Park Avenue como um turista. Sabia que se olhasse para ela – olhasse de verdade – eles não teriam chegado em casa sem tirar as roupas.

Mas agora eles estão em casa.

- Meu Deus, está quente - observou Nate. Ele tomou um gole de cerveja e baixou a garrafa na laje a seus pés. Depois pegou a bacia de sua camisa polo branca e a tirou pela cabeça. Atirou-a no chão e flexionou os músculos das costas lindamente tonificados enquanto pegava a cerveja de novo e tomava outro gole.

Serena fitou as sardas douradas e lindas que dançavam pelos ombros musculosos. Aqui estava ela com Nate, Nate, Nate, o *Nate dela*, nos fundos da casa dele, onde eles brincavam desde que eram crianças. Ela amarrou uma corda imaginária em volta das mãos para não agarrá-lo e atirá-lo no piso de lajota. Nate *não era* dela para agarrar, lembrou-se ela. Mas a corda parecia tão frágil, que poderia romper a qualquer momento. É claro que Nate era dela. Ele sempre foi dela.

- Está calor mesmo - ela riu, colocando-se de pé e aproximando-se da Vênus de Milo numa tentativa de mudar de foco. Ela saiu dançando dos chinelos cor-de-rosa e subiu na fonte, ensopando-se ao se empoleirar precariamente no colo da Vênus. A água fria era incrível, exatamente o que ela precisava.

E ela estava incrível ali - uma deusa real, viva, de carne osso. Nate se levantou, botou a cerveja no banco e disparou para a fonte atrás dela.

- Oi - Serena o cumprimentou, pegando o braço dele para ele não escorregar e rachar o crânio no mármore. A água formava contas no peito perfeito e bronzeado de Nate. Eles ficaram ali juntos por vários minutos espantosos, sob dois jatos borbulhantes de água fria, olhando-se nos olhos. Verem-se juntos na fonte nos fundos da casa da Nate numa tarde quente de verão era tão previsível, e no entanto tão surpreendente, que era como se eles estivessem dando vida a um sonho, inventando as partes de que não conseguiam se lembrar.

Serena estreitou o aperto no braço de Nate e o puxou para ela. Ela o beijou delicadamente na boca e depois rapidamente se afastou, a cara vermelha. Seu vestido

azul estava ensopado. As calças de Nate estavam ensopadas. O que eles estavam fazendo?

- Desculpe - ela disse, retirando do rosto uma mecha de cabelo louro molhado.

Nate pegou a mão dela e entrelaçou os dedos.

- Está tudo bem. Não pare. Não quero que você pare. – Ele beijou seu rosto perfeito, depois o nariz perfeito, depois os lábios perfeitos, depois o pescoço perfeito, depois os lábios de novo.

E eles não pararam. Continuaram, beijando-se como loucos e arrancando o resto das roupas. Era meio constrangedor estar do lado de fora, diante das câmeras de segurança, e além disso a fonte era meio pequena e molhada e não havia lugar para se deitar.

- Vamos subir - murmurou Nate, pegando Serena em seus braços fortes antes que ela pudesse responder.

Como que num sonho - o mais glorioso sonho que ela teve -, Serena deixou que Nate a carregasse para dentro de casa e pela elegante escada com tapete vermelho. Ela estava cansada de ser mártir. Nate a queria e ela o queria. Fim de papo.

Na verdade, este é só o começo.

a vida segundo b

Sting dera lugar a uma banda de roqueiros folk escoceses de tamancos de couro branco e calça de couro preta. Agora todos os convidados estavam bêbados e todos dançavam, arruinando seus sapatos em merda de cervo, até Eleanor - *especialmente* Eleanor. Tinha tirado as sandálias douradas Prada e subido o vestido lilás para dançar com o próprio Sting, descalça.

Se cuida, Trudie!

Blair continuou à mesa com sua garrafa particular de champanhe Cristal, fumando feito uma chaminé de um maço de Chesterfields que alguém largou por ali enquanto continuava a dirigir o filme que era sua vida, em sua cabeça. Eles passariam a lua de mel no barco de Nate, que ele rebatizaria de *Blair*, é claro, velejando pela Europa e talvez nas melhores partes da África. Quando voltassem, eles se acomodariam no clássico apartamento na Park Avenue que seus pais teriam lhes comprado como presente de casamento, decorado segundo especificações de Blair em veludos e peles enquanto eles estavam fora. Nate trabalharia para uma empresa de capital de risco, fazendo alguma coisa fácil que desse muito dinheiro mas permitisse que ele estivesse em casa às sete, para os dois transarem e depois saírem para jantar. Blair seria advogada, como o pai, mas seus clientes seriam muito poucos e seletos e ela teria uma equipe imensa de assistentes supereficientes com cara de rato para fazer absolutamente tudo para ela, exceto ir ao banheiro e transar com Nate.

Por falar em transar com Nate, por que ela estava sentada aqui vendo sua mãe triste e desesperada tentando se dar bem com Sting, justo ele, com a música que mais dava dor de cabeça do mundo, quando ela podia estar em casa com Nate, transando *agora*?

Sem comentários.

Coitado do Nate - ela nem acreditava que o abandonara por esse show de palhaços. Ela sacou o celular da ridícula bolsa bufante lilás que veio com o horroroso vestido lilás bufante e procurou o agente de viagens da mãe em sua lista de contatos. Certamente havia um voo partindo desse buraco esquecido da Escócia nas próximas 24 horas. Ela não ligava que o avião estivesse lotado. Ela mesma ia pilotar, se fosse necessário. Ela

sabia que Nate estava em Nova York, porque a empregada no Maine lhe disse isso esta manhã depois de ela ligar sete vezes para o celular dele e ele não atender. Coitado do Nate, totalmente sozinho na casa sufocante de Nova York, ansiando por ela enquanto se arruinava numa dieta de maconha e água tônica. Ela estava louca para contar tudo sobre o casamento que planejava e a vida maravilhosa que eles teriam juntos. Sem comentários.

o amor de verão aconteceu tão rápido

Nate carregou Serena dois lances de escada até o quarto dos pais. O vestido dela ficou na fonte, numa bola encharcada de seda azul. O mesmo aconteceu com a calça e o cinto dele. Não restava muita coisa para tirar. Ele a deitou delicadamente na colcha de algodão italiano amarelo dourado e se deitou ao lado dela, admirando o brilho de sua pele macia nos raios de sol do final de verão que entravam pela claraboia. Serena virou a cabeça e colocou a testa na dele.

- Eu podia te beijar para sempre - murmurou ela, os lábios roçando nos dele. - Mas não quero só fazer isso.

Eles se olharam nos olhos com uma intensidade excitada que só os excitou ainda mais. Era isso: o que nenhum dos dois tinha feito estava prestes a acontecer, e da forma mais perfeita - um com o outro.

Nate puxou Serena para perto.

- Eu amo você - disse ele alto, porque queria que toda a cidade ouvisse.

- Eu amo você - respondeu ela, ainda mais alto. Depois ela explodiu em risos excitados e começou a tirar a cueca de algodão branco dele com os dedos longos, graciosos e superansiosos, seguida por sua própria calcinha branca ensopada pela fonte. Ela atirou pelo quarto a roupa íntima molhada, que caiu no chão perto da porta.

Dá-dááá!

Peraí, a camisinha. Nate correu para pegar uma em seu quarto. Aquela necessidade complicada, viscosa e que parecia boba. Os dois já haviam brincado com elas - soprando como balões e enchendo de água - mas nunca usaram uma. Colocar era como um experimento científico na aula de laboratório na escola e eles queriam que o experimento fosse absolutamente perfeito. Serena atirou a embalagem vazia no chão.

Preparar, apontar, *vai!*

Como era divertido, como era certo fazer com o melhor amigo, o cara que ela amava desde sempre, a coisa que mais apavorava uma menina na primeira vez. O Nate dela. Não havia nada de assustador nisso. Era exatamente como devia ser.

Ele roçou o nariz no dela.

- Tem certeza? - perguntou ele em voz baixa, embora tivesse certeza absoluta de que sabia da resposta.

- Tenho - Serena assentiu, apertando o corpo no dele. Ela nunca teve mais certeza de nada na vida. - Por favor? - acrescentou ela com uma risadinha, porque era evidente que ele também queria.

E então eles fizeram. E a parte divertida era ver a cara um do outro, porque os dois pareciam tão assustados, felizes e surpresos. Serena não conseguia parar de rir. Doe, sim, mas não como Serena pensou que fosse. Ainda era muito divertido, porque Nate era tão doce. Ele não queria machucar e, sempre que ela se encolhia, ele beijava para passar a dor. Ela o amava tanto, que *doer* era a palavra errada. Não havia palavras para

o que ela sentia. Era como receber o presente que queria há muito, muito tempo e descobrir que era ainda melhor do que previra. Era demais. Ele era demais.

Nate nem acreditava que conseguira fazer isso pela primeira vez com a garota mais linda do universo. Ele ficou feliz por ter esperado, porque nada podia superar isso. Ele amava tanto Serena que achou que ia explodir. Não conseguia parar de sorrir, de rir e de olhar para ela. Era demais. Ela era demais.

E seus corpos eram demais, como se encaixavam e sabiam por instinto o que fazer. Era como se fosse preordenado. Eles foram feitos um para o outro, criados para ficar juntos, como duas peças de um modelo de barco.

Clique!

Eles não estavam mais rindo, porque não achavam mais engraçado. Só se abraçavam, tremendo da emoção de estarem mais próximos do que nunca, dividindo uma coisa que eles nem sabiam que existia, algo que eles iam guardar para sempre.

Por fim eles se soltaram dos braços um do outro. Nate acordou primeiro. Agora era noite. As estrelas saíam no alto da claraboia. Sem pensar no que estava fazendo, ele pegou o controle remoto na mesa de cabeceira do pai e ligou a TV: Estava sintonizada no History Channel e o narrador de um documentário sobre Moisés, que parecia tremendamente o pai de Isabel Coates, amiga de Serena, dizia numa voz incrivelmente alta, "*Moisés não viu alternativa a não ser separar o mar Vermelho para que ele e seu povo atravessassem*".

Meu Deus, como estava alto. Nate tinha se esquecido de que o pai era praticamente surdo. Ele apertou o botão do volume repetidas vezes para diminuir, mas os cílios longos de Serena já estavam batendo, abrindo em seu peito. Ela levantou a cabeça e sorriu para ele.

- Você separou meu mar Vermelho!

Os dois bufaram, explodindo numa gargalhada tonta até que uivavam de tanto rir. Era uma analogia meio grosseira, mas também muito engraçada. Eles se enroscaram sob as cobertas, os corpos escorregadios de suor. Logo estavam se beijando, incapazes de parar e, antes que se dessem conta, ele estava separando o mar Vermelho de Serena mais uma vez.

E lá vão eles de novo, fazendo história.

sinceridade: é só mais uma palavra

O taxista de Blair de cabelo seboso parecia pensar que ela era uma turista que queria ver os pontos turísticos ao chegar na cidade. Ele subiu pela ilha a partir da base, apontando a Prefeitura, a Bolsa de Valores, o Guggenheim SoHo e a estátua de Gandhi na Union Square. O voo de Blair que partiu de St. Andrews tinha se atrasado por causa da neblina, as comissárias de bordo se recusaram a servir sua vodca e não houve nada de decente para comer por dez horas intermináveis. Agora que finalmente estava no chão, só o que ela queria fazer era pegar um quarto de hotel com Nate em algum lugar, pedir um brunch imenso e dar torradas e mimosas um ao outro, nus.

- O World Trade Center costumava ser o mais alto, mas agora é o Empire State de novo - informou o taxista, sacudindo a cabeça sebosa com tristeza.

- Pode, por favor, dirigir a merda do carro até Park Avenue? - gritou Blair pela barreira de plástico entre eles.

Ainda bem que era à prova de balas.

O único motivo para Blair saber que Nate estava na cidade foi que a empregada dele no Maine lhe contou - depois de Blair ter desistido do celular de Nate e tentado todos os outros números. E que motivo poderia haver para ele estar aqui a não ser se preparar para a iminente chegada de Blair? Ela o imaginou comprando novos lençóis Frette, abastecendo a geladeira com Kettel One e pedindo que um Rolls a pegasse no aeroporto. Ela imaginou sua surpresa enlevada ao vê-la de volta, toda uma semana antes! Eles iam fazer um piquenique no parque e depois ele a levaria para a casa dele e fariam um amor apaixonado e doce em sua confortável cama de solteiro, exclamando o tempo todo o quanto ele sentiu falta dela o verão todo e como ele ficou deprimido sem ela.

Arrã.

Enfim o táxi parou diante da casa dos Archibald na 82 e ela saiu, pegando ela mesma a mala Louis Vuitton e atirando uma pilha de notas ao motorista. Era quase meio-dia de um sábado de sol e o resto da cidade estava movimentado e cheio de gente, mas o Upper East Side parecia abandonado. A casa de Nate estava silenciosa e tranquila. As cortinas estavam puxadas nos dois primeiros andares. Mas, no terceiro andar, as cortinas estavam abertas e a janela escancarada.

Blair apertou a campainha do interfone com o polegar, inclinando o corpo todo para ele.
- Nate? Sou eu!

A cabeça de Serena estava aninhada no peito nu de Nate enquanto ela devaneava com o próximo ano letivo. Ia passar cada momento em que estivesse acordada e não estivesse na escola com ele. Ou ela podia raptá-lo e escondê-lo embaixo da cama sob custódia. Uma coisa era certa: ela jamais se afastaria de Nate de novo.

Nate ainda dormia, sonhando com sereias. Estava à deriva num mar sem vento em seu barco, o *Charlotte*. A água vítreia se estendia interminável e ele estava de pé na proa, procurando por terra firme. Depois uma voz começou a chamar seu nome - "*Nate? Nate?*" - e bolhas subiram da água. Um peixe comprido e magro passou, a cabeça dourada cintilando no sol. Depois uma cabeça escura pulou da água; era uma menina, uma sereia. "*Nate? Nate? está me ouvindo, Nate?*"

Blair.

Nate se sentou de repente, todo o corpo coberto de um suor nervoso.

- Nate? Você está aí? - A voz de Blair ecoava pela casa.

Serena já estava fora da cama, catando alguma coisa - qualquer coisa - para vestir no chão. Havia sua calcinha, mas que porra, o vestido! Ela atirou a cueca samba-canção de Nate para ele e voou para o closet da mãe de Nate, procurando nos cabides por alguma coisa remotamente vestível. A Sra. Archibald se vestia para ópera mesmo quando não estava na ópera. Chiffon da Dior. Tafetá de la Renta. Charmeuse de seda Valentino com cauda. Socorro! Serena pegou uma calça cigarette Armani de cetim cinza no cabide e vestiu. Depois pegou um casaco de lã creme Chanel com botões de cristal. Ela ficou meio *cool*, mas a lã fazia cócegas, estava calor e nunca, nem em um milhão de anos, ela ia usar uma roupa dessas numa tarde de sábado no verão.

Sim, mas essa não era *qualquer* tarde de sábado no verão.

Ela começou a fazer a cama, com o cuidado de jogar a embalagem de camisinha na privada. Nate voltou de seu quarto, parecendo normal com short e camiseta.

- Podemos esperar ela ir embora - sugeriu ele. Seu celular começou a tocar. Depois o telefone da casa.

- Nate? Acorda, Nate. Sou eu.

- Não, deixa ela entrar - Serena disse a ele, enfiando o cabelo louro molhado do sexo atrás das orelhas, com se desse um último toque de acabamento. - Vou sair e esconder

nossas coisas. Leve a Blair para fora depois de ela entrar. Diga que era por isso que não conseguia ouvir.

Serena estava se esquecendo de um buraco imenso na história – por que ela ainda estava ali, antes de tudo – mas nenhum dos dois disse nada sobre isso.

Nate obedeceu.

- Alô? - Ele falou com cautela no interfone.

- Nate? Que merda, Nate. Estou aqui fora tipo há uma hora com a minha porra de *mala*.

- Desculpe - murmurou Nate e apertou o porteiro eletrônico.

Serena disparou escada abaixo e foi para o jardim. Havia os restos ensopados das roupas, emboladas no pé da Vênus de Milo, onde eles as deixaram. Ela as pegou, levantou a tampa da churrasqueira dos Archibald e enfiou as roupas lá dentro. Depois calçou os chinelos de borracha, que ficaram positivamente bizarros com o resto de sua roupa. A cara estava pegajosa de suor e seu coração batia tão rápido que chegava a doer. *Calma*, ela disse a si mesma. Mas de repente a fonte de seu desespero estava bem ali no jardim com ela: Blair, parecendo muito limpa e chique, com camiseta de linho preto com manguinha, sandálias de couro brancas e os óculos de sol pretos Audrey Hepburn empoleirados no alto da cabeça.

- Oi! - Serena se atirou na direção de Blair, abraçando-a com um abraço sem fôlego e desajeitado. - Como foi seu verão? O casamento de sua tia foi legal e tudo?

- Meu verão foi um saco. - Blair se soltou do abraço com os lábios franzidos. - Mas parece que vocês andaram se divertindo. - Ela pegou uma garrafa de cerveja vazia e a baixou novamente. Aonde você vai, aliás? - perguntou ela, olhando a roupa de Serena com curiosidade.

Serena olhou as roupas idiotas que vestia. Suas unhas dos pés estavam pintadas de cores diferentes, algo que ela nem se lembrava de ter feito.

- Fazer compras - despejou ela. - Na Bloomingdale's. Meus pés cresceram e nenhum de meus sapatos cabe mais. Erik vai me levar numa peça esta noite e preciso de sapatos. - Ela só foi na Bloomingdale's uma vez, quando tinha 12 anos, mas a casa de Nate ficava meio no caminho e era a única loja que agora fazia sentido. - Só passei para dar um oi - acrescentou ela, explicando sua presença na casa de Nate com a maior rapidez possível. Nate estava parado a alguns passos de Blair, atrás dela, de braços cruzados. Serena encontrou seu olhar pasmo por um segundo fugaz e depois se obrigou a desviar os olhos.

Blair não parecia nem remotamente desconfiada. Acendeu um cigarro e bafejou teatralmente.

- Você não vai acreditar no *freak show* que foi o casamento da minha tia. Eu tinha que dar o fora de lá. E a Escócia é tão medieval. O papel higiênico parecia saco de estopa. - Ela se virou e se aproximou de Nate. - Nosso casamento não vai ser nada parecido - disse-lhe ela, passando os braços por sua cintura e pousando a cabeça em seu ombro. Ela soltou um suspiro exausto e imenso. - Minha família é tão fodida. Estou tão feliz de estar em casa.

Nate afagou seu cabelo castanho, a cara se retorcendo de emoções conflitantes. Parte dele queria soltar que ele estava apaixonado por Serena, que eles agora estavam juntos e que, embora ele lamentasse por ferir os sentimentos de Blair, ela precisava lidar com isso. Mas parte dele ainda amava Blair também. Ele amava o fato de ela não desconfiar de nada agora. Como Blair era tão presa do drama de sua vida que não tinha tempo para ser mesquinha.

Blair levantou a cabeça e o beijou na boca, um longo beijo convidativo de *lembra de mim?* E ele se lembrava dela. Ele lembrava de beijá-la pela primeira vez, e se lembrava de amá-la. E ele se lembrava de que não podia terminar com ela agora porque ele ficou

com a melhor amiga dela, por quem por acaso ele também estava apaixonado. Ele segurou seus ombros confiantes e pequenos e retribuiu o beijo, desligado da dor que provocava.

Serena dilacerou a unha do polegar com os dentes. Agora podia ver que o que ela e Nate fizeram na noite passada era tão perigoso, explosivo e nocivo que era melhor fingir que não tinha acontecido. Blair e Nate ainda estavam juntos. Ele não ia dar nenhuma informação voluntariamente sobre o que aconteceu na noite anterior, e ela certamente não ia dizer nada. Parecia a Serena que seu peito tivesse sido aberto com uma faca cega e sem nenhuma anestesia, e Blair estava arrancando seu coração com as mãos nuas. Mas o que podia fazer? Como podia ficar ali, vendo-os se beijar e se amando todo o ano seguinte? A primavera já foi tortura suficiente.

Blair riu ao fechar o zíper da bermuda Crew branca de Nate, que ele negligenciou na pressa para se vestir. Serena ficou olhando, roendo furiosamente a unha do polegar. Parecia estar num acidente de carro, sangrando por dentro. Não era seguro se mexer. Depois lhe ocorreu que havia uma coisa que ela podia fazer: ela podia ir para o colégio interno. O pai dela podia mandá-la para Hanover – certamente podia. Blair e Nate nunca mais teriam de vê-la de novo e ela nunca mais os veria. Todo mundo ia ficar feliz.

Eles iam ficar mesmo.

- Estou atrasada - disse-lhes ela, virando-se. Quanto mais tempo ficasse, mais difícil seria ir embora.

- Espera! - gritou Blair. Ela se separou de Nate e correu para Serena, atirando os braços nela. - Boa sorte. - Ela deu um abraço generoso na amiga. - E divirta-se.

Serena queria ter o maior par de óculos de sol do mundo para cobrir o rosto, porque sentia que tinha se dividido em duas. Blair achava que só estava desejando que ela tivesse sorte para encontrar um par de sapatos e se divertir vendo a peça; ela não percebeu que tinha declarado o equivalente a "tenha uma boa vida".

- Obrigada - sussurrou Serena, a voz falhando enquanto uma tsunami de lágrimas enchiam seus imensos olhos azuis. Ela piscou para afugentá-las, olhou e viu Nate fitando-a, as sobrancelhas castanhas douradas franzidas de confusão. Ela queria abraçá-lo também, mas tinha medo de tocar nele e perder o controle. Em vez disso, ela engoliu o choro, abriu para ele seu famoso sorriso *você sabe que me ama* e ergueu uma linda mão que teimava em ser independente.

- *Au revoir.*

Adieu.

epílogo

O Jeep vermelho de Erik quicava pelas estradas de New Hampshire a caminho da Hanover Academy, ameaçando desalojar a mala de Serena do teto. Serena estava no banco do carona com os pés descalços empoleirados no painel preto, usando óculos de sol Gucci gigantescos de aro de tartaruga. Ela não falava com ele desde que saiu de Manhattan e continuava em silêncio agora. Erik ouvia uma compilação dos Beatles muito suavemente no som do carro.

*I don't know why you say goodbye
I say hello*

- O papai é um gênio, colocando você lá dentro, como ele fez. Você nem teve que escrever uma porra de um texto! - declarou Erik. Ele olhou a irmã. - E quando chegarmos lá, você provavelmente vai conseguir o maior quarto de todo o campus, sua pateta de sorte.

Advinha quem não está se sentindo com tanta sorte?

Serena continuou em silêncio. Repetidas vezes em sua mente, ela escrevia e-mails. Primeiro havia um para Blair em que ela confessaria tudo e pediria perdão. Depois havia um para Nate, dizendo a ele que ela não podia viver sem ele e assim, por favor, ele poderia se livrar de Blair vir a Hanover para ficar com ela? Em seguida havia um em que ela libertava Nate, dizendo-lhe que a ficada foi ótima e tudo, mas que ela tinha todo um futuro de ficadas pela frente. E depois havia o de tagarelice vazia em que ela escrevia aos dois parecendo emocionada por ter partido e cheia de detalhes divertidos sobre sua nova e incrível vida no colégio interno.

Comida boa, amigos bons, bons tempos!

Nenhum desses e-mails uma dia seria mandado. Como sua velha babá Agatha costumava dizer quando ela era pequena e chorava ao ver ervilhas no prato, "Você tem o que tem e não fique triste". Blair teria Nate para sempre e ela o teria só por uma noite perfeita.

Seu novo Treo verde metálico estava em suas mãos de nós pálidos, onde ficou durante toda a viagem. Ela o abriu e tirou uma foto de seus dedos dos pés no painel. As unhas estavam lascadas e descascavam, mas ainda estavam pintadas de cores diferentes, como estiveram na noite com Nate. Ela apertou "enviar" e mandou a foto para ele, na esperança de que isso o fizesse rir. Depois fechou o telefone e o atirou na bolsa. Duas grandes lágrimas cintilantes escorriam pelo rosto.

*Hello, hello
I don't know why you say goodbye
I say hello*

temas / anterior / próxima / faça uma pergunta / respostas

Advertência: Todos os nomes verdadeiros de lugares, pessoas e eventos foram alterados ou abreviados para proteger os inocentes. Quer dizer, eu.

oi, gente!

O verão finalmente chega ao fim e as aulas começam de novo. Mas nossa colega de turma preferida e mais fabulosa *está* ausente. Todo mundo que é alguém está falando de por que ela decidiu ir para o internato. Por que a mais popular, mais linda e mais amada menina da cidade foi embora? É claro que alguns de nós sabem a verdade – pelo menos, achamos que sabemos. E se não sabemos a verdade, temos nossas opiniões e sempre estamos dispostos a compartilhar.

seu e-mail

P: E aí, GG,

Eu estava numa peça neste verão num workshop de teatro perto de Ridgefield, Connecticut, e havia uma menina que *era*, tipo assim, uma perdida total. Como se ela fosse para casa com cada cara que estava na peça, inclusive o diretor meio velho, e tenho certeza de que ela estava drogada. Quando soube que ela ia para o colégio interno, eu fiquei tipo assim, ah, não, péssima ideia. Ela precisa dos pais!

- gdgrl

R: Cara gdgrl,

É legal de sua parte se preocupar, mas não se surpreenda. Os internatos têm código de honra e regulamentos. Eles podem ser muito rigorosos. É claro que todos nós sabemos que as regras existem para ser quebradas...

- GG

P: Cara GG,

Todas as meninas do meu internato estão falando da garota nova e basicamente todas nós concluímos que ela é má notícia. Se ela vai fazer amizade por aqui, vai ser com meninos.

- bordgrl

R: Cara bordgrl,

Tem certeza de que é essa tática que quer usar? Você realmente quer que a nova garota faça amizade com seu namorado? Peraí, isso está começando a ficar estranhamente familiar.

- GG

flagras

N carregando a bolsa de livros Balenciaga nova em folha chapeada de níquel de **B** enquanto a levava à escola - usando uma coleira. Brincadeirainha. **V**, **D** e **J** comprando

roupas para a escola em lojas de segunda mão em Williamsburg. Desejando mais um ano de solidão à mesa? Desculpe, isso foi cruel, mas na maior parte do tempo as roupas de segunda mão são... velhas. **C** exibindo sua nova cabeça reluzente diante da L'École, onde vão todas as meninas fáceis - digo, francesas. **K** e **I** chegando à Constance Billard cedo no primeiro dia e esperando do lado de fora com bagels amanteigados e cappuccinos para todas, inclusive as professoras. Imagino que elas simplesmente estão loucas para que as aulas comecem! **S** numa mesa cheia de lindos meninos bebendo cada palavra dela no salão de jantar da Hanover Academy. Ela não pode estar sofrendo muito, né?

perguntas

Será que **B** e **N** vão ficar juntos? Será que eles vão selar o acordo? E quando eles selarem, será que ela vai adivinhar que ele já esteve lá?

Será que os peitos de **J** vão parar de crescer? Ela vai conhecer um cara legal que goste dela por seu lindo sorriso? Ou o você-sabe-o-que dela vai continuar crescendo tanto que não vamos mais poder ver seu sorriso? Para o bem dela, espero que não.

V vai admitir a **D** que pensa em como ele fica sem a camiseta velha e pavorosa? Peraí, como é que ele fica sem aquela camiseta velha e pavorosa?

Será que **D** vai superar **S** e admitir que já tem namorada?

S vai superar **N**? Ela vai sobreviver ao internato? Ela vai se dar bem no internato? Será que ela vai voltar?

Alguns de vocês já sabem as respostas - pelo menos, vocês pensam que sabem. Se não souberem, sabem onde encontrá-las. Não pretendo parar de falar de nada do que mencionei aqui.

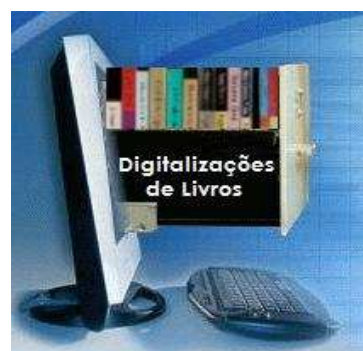
Até a próxima.

Pra você que me ama,

gossip girl

Agradecimentos

Sou grata pela oportunidade de finalmente agradecer a todos que contribuíram para o sucesso de *Gossip girl*. Nenhuma palavra de gratidão faz justiça ao que devo a minha amiga e editora da Little, Brown, Cindy Eagan - *indescritível!* Você é A garota por trás do triunfo de cada livro, jamais dizendo nada que suscitasse dúvida, sempre 2000 por cento positiva, histericamente divertida e exatamente o que eu precisava. A minha amiga e editora na Alloy Entertainment, Sara Shandler, sempre tão perceptiva, solidária, no fundo cínica, ridiculamente divertida e impossível de dispensar ao telefone. Obrigada a meu amigo Josh Bank da Alloy Entertainment por ser meu aliado, por me fazer rir quando estou rabugenta e por orientar minhas ideias para algo que faça sentido. Sempre teremos Last Dog. Obrigada a meu amigo Lês Morgenstein da Alloy Entertainment por não me tratar como idiota mesmo quando eu ajo como idiota, e por não ter desligado quando gritei ao telefone em todas aquelas vezes. E obrigada a todos da Little, Brown e da Alloy Entertainment por todos esses anos de trabalho árduo nos bastidores. Eu não teria conseguido sem vocês. Muito obrigada a minha agente, Suzanne Gluck, por ver além da sábia idiota e me aceitar. Obrigada a Liz e a Papa, por seu amor, orgulho e por serem os profissionais definitivos de marketing de guerrilha, vocês transformaram os livros em bestsellers. Omi, eu jamais poderia ter escrito este livro ou nenhum dos outros sem seu amor, apoio e ajuda, em especial com as crianças. Nem imagino o que fiz para merecer você. Obrigada a Erasmo por levar música à vida de meus filhos. Obrigada a meus filhos por realmente entenderem que eu posso gostar do que faço e amá-los também. E obrigada a Richard, você sabe que eu te amo. Obrigada, obrigada, obrigada a todos que mencionei e a todos que esqueci. Foi uma viagem doida e perversa.



<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=34725232>